

O LOBO
DO MAR

Jack London

CAPÍTULO 1

Não sei por onde começar, embora por brincadeira eu costume atribuir a causa de tudo a Charley Furuseth. Este amigo possuía uma casa de campo em Mill Valley, onde descansava durante os meses de inverno lendo Nietzsche e Schopenhauer; já os verões passava imerso no trabalho, a suar no tumulto da cidade. Não fosse o meu costume de aparecer por lá aos sábados, ficando até a semana seguinte, e aquela manhã de janeiro não me teria encontrado a navegar na baía S. Francisco.

Meu barco, o "Martinez", oferecia toda a segurança; tratava-se dum barco recém-construído e ainda na sua quarta ou quinta viagem de carreira entre Sausalito e S. Francisco. O que não oferecia segurança era o nevoeiro circundante, apesar de que, na minha ignorância das coisas do mar, não me passasse pela cabeça a menor idéia de perigo. Soprava uma brisa fresca e eu me sentia sozinho dentro da névoa úmida, embora com a consciência de que, lá em cima, na casa de vidro, estavam o piloto e o homem que devia ser o capitão.

Lembro-me que me pus a pensar na divisão do trabalho. Graças a ela me via dispensado do estudo e conhecimento dos nevoeiros, marés e o mais relativo à navegação sempre que ia de visita a Charley Furuseth, lá do outro lado de baía. Ótimo que os homens se especializem no trabalho, ponderava eu. Os conhecimentos marítimos do capitão e do piloto, por exemplo, permitem que milhares de pessoas não pensem nisso, e permitem que uma, como eu, se dedique a estudos como aquele sobre o lugar de Poe na literatura norte-americana, que eu publicara na *Atlantic*. Ao subir a bordo eu tinha visto, numa cabina entreaberta, um homem a ler com atenção essa revista — a ler o meu ensaio. Era outra demonstração do valor da divisão do trabalho. O "conhecimento especial" do piloto e do capitão permitiam que aquele passageiro se inteirasse do meu "conhecimento especial" sobre Poe, enquanto era "navegado" com toda a segurança de S. Francisco a Sausalito.

Minhas reflexões foram interrompidas pelo aparecimento no convés dum homem de cara vermelha, que ao deixar a sua cabina bateu com violência a porta e aproximou-se de mim mancando e martelando o chão com uma perna-de-pau. Isso, aliás, não impediu que eu tomasse rápida nota mental daqueles pensamentos, para pô-los num artigo que tinha em vista escrever sobre a liberdade estética. O sujeito lançou uma olhadela para a casa do piloto e em seguida pôs-se a contemplar o nevoeiro, de pernas abertas, com visível ar de satisfação. Percebi ser homem afeito às coisas do mar.

— Tempo destes é que os põem de cabelos brancos tão cedo, murmurou, indicando com um movimento de cabeça a casa de vidro onde estavam o piloto e o capitão.

— Qual o quê! respondi na minha santa ignorância. Há a bússola para orientá-los. E há o leme que dirige o navio. E há os mapas. O negócio é simples como o *abc*. Tudo matemático.

— Qual o que, hein? rosnou o homem. Simples *abc*, hein? Certeza matemática, hein?

E veio em minha direção ao dizer isto.

— Que acha desta maré que incha todo o Golden Gate, senhor? Perguntou-me quase num rugido. Com que rapidez vasa ela? Em que rumo? Vamos lá, senhor! Está ouvindo aquele som? Bóia de campainha — e mal a ouvimos já estamos sobre ela. Veja como mudam de lugar...

Realmente, de dentro do nevoeiro brotava um som de campainha — o que fez o piloto dar a roda do leme com violência, até que o som, que vinha pela nossa frente, passasse a vir de lado. Enquanto isso a sereia de bordo apitava com a sua voz rouca, em resposta a outros apitos brotados de dentro da cerração.

— É algum *ferry-boat*, explicou o homem da perna-de-pau, referindo-se a um apito que vinha da direita. E aquele lá, está ouvindo? Buzina! Buzina de assoprar com a boca. É o que usam nas escunas. Cuidado, mestre escuneiro! O inferno está com vontade de comer gente hoje...

O invisível *ferry-boat* apitava com furor e a buzina da escuna respondia com desespero.

— Estão agora trocando cumprimentos e explicações, disse o homem logo que a fúria dos avisos cessou.

Seus olhos enchiam-se do brilho da excitação à medida que me ia traduzindo em língua de gente a fala daqueles instrumentos de fazer barulho no mar.

— Ouça! Aquilo é sinal para evolução à esquerda... E este acolá, com voz de sapo, é grito de escuna a vapor que forceja contra a maré.

Um assovio fino e esganiçado rompeu à frente. Os gongos do "Martinez" soaram, fazendo as rodas propulsoras afrouxarem o andamento, que só foi retomado quando aquele trilar de grilo entre feras rugidoras se sumiu ao longe. Olhei para o meu homem, à espera de interpretação.

— Lancha, disse ele. Dessas endemoninhadas lanchas que só mesmo a gente metendo-as a pique. Umhas pestes que vivem a causar trapalhadas. Qualquer imbecil julga-se no direito de meter-se nelas e sulcar as águas apitando com impertinência para que o mundo inteiro saiba que tais pulgas existem. E é preciso levá-las em conta. Estão

no uso dum direito — direito de caminho pela superfície das águas. Direito, ah, ah!

Diverti-me com a cólera do homem e, enquanto ele andava de cá para lá, mancando na sua pema-de-pau, pus-me a refletir no romantismo da bruma.

Romantismo, sim. É romântico o nevoeiro que tudo envolve com o seu manto cinzento, de passo que os homens — meros átomos — blasfemam nos corcéis de aço flutuantes através do Mistério, às cegas dentro do Invisível, com palavras de confiança na boca e a incerteza e o medo nos corações.

A voz do meu companheiro fez-me voltar à realidade e sorrir. Eu também havia devaneado às tontas e às cegas dentro do mistério, julgando seguir caminho seguro.

— Olá! dizia ele. Vem algo ao nosso encontro, está ouvindo? Vem, rápido e em linha reta. *Juro* que não nos percebeu ainda. Não ouve a nossa sereia. O vento está a nosso favor.

A brisa fresca soprava de frente, e pude ouvir bem nítido o silvo a que o meu homem se referia.

— *Ferry-boat?* perguntei.

O homem fez sinal que sim com a cabeça; e acrescentou: "Do contrário não viria nessa marcha". E com uma risada nervosa: "Estão assustados, lá em cima..."

Olhei para a casa do piloto. O capitão, com a cabeça e ombros de fora, cravava fixamente os olhos no nevoeiro, como tentando devassá-lo à força. Suas feições mostravam ansiedade — a mesma que vi no rosto do meu companheiro, agora de braços na amurada e também com os olhos presos no perigo invisível que se ocultava dentro da névoa.

E o que tinha de dar-se, deu-se com incrível rapidez. Rompido por uma cunha, o nevoeiro mostrou a proa dum vapor a emergir franjado de espuma na linha d' água, com os bigodes dum Leviatã. Pude ver a casa do piloto, com um homem de barbas brancas assomado a uma das janelas; trajava uniforme azul, e lembro-me da impressão de calma que me deu.

Era terrível aquela calma em tais circunstâncias. O homem aceitava o seu destino, avançava de mãos dadas com ele, a medir friamente o choque. Seu olhar inquisitivo fixava-se no "Martinez" como para determinar o ponto exato da colisão — e em nada se alterou quando o nosso piloto, branco de raiva, berrou-lhe: "Foi você o culpado!".

A observação era por demais óbvia para tomar necessária qualquer resposta.

— Agarre-se no que puder e agüente-se! gritou-me o homem da perna-de-pau. Notei que a sua arrogância se dissipara e que parecia contagiado pela calma anormal do homem de barbas brancas. "E veja como as mulheres gritam", prosseguiu ele sombriamente, quase com amargura, fazendo-me crer que já havia passado por

situações iguais àquela.

Os dois navios chocaram-se antes que eu pudesse seguir o seu conselho. O impacto devia ter sido no meio do "Martinez", que tombou violentamente por entre estrondos do madeirame. Fui lançado de bruços sobre o convés alagado, e antes que pudesse erguer-me vi-me tonto pela gritaria das mulheres. Foi isso — esse indescritível e arrepiante uivo de pânico o que mais me apavorou. Lembrei-me do salva-vidas do meu camarote. Corri para lá. Ao alcançar a porta fui varrido por uma onda selvagem de criaturas em disparada. Não me recordo do que sucedeu logo depois, a não ser o avanço no sortimento de salva-vidas, com o homem de perna-de-pau a atar os que podia à cintura dum bando histérico de mulheres. A memória dessa cena é mais nítida do que a de qualquer outra que me haja passado sob os olhos. Ainda hoje vejo o quadro: o rombo numa cabina, através do qual a névoa revolteava em turbilhão; divãs e poltronas esvaziados de súbito e com todos os sinais do "estouro" — pacotes, bolsas, guarda-chuvas, capas largados ali; o alentado sujeito da *Atlantic*, engastado num salva-vidas e ainda com a revista na mão, a perguntar-me com insistência se havia perigo; o meu companheiro da perna-de-pau a mancar por toda parte, muito seguro de si na tarefa de distribuir salva-vidas a quantos apareciam, e, finalmente, a inferneira louca do mulhério apavorado.

Era sempre isso — a gritaria das mulheres o que mais me punha em prova os nervos — e os do meu companheiro. Outra cena que jamais se me apagará da memória: o homem da *Atlantic* esforçando-se em pôr a revista no bolso e a olhar com curiosidade para a frente, enquanto o da perna-de-pau berrava de braços erguidos para o tumulto das mulheres loucas de pânico:

— Calem-se! Calem-se!

CAPÍTULO 2

Parece-me estar num imenso balanço ritmado, pela vastidão dos intermúndios. Pontos faiscantes de luz passavam por mim. Eram estrelas, vi logo, e cometas brilhantes a adornarem a minha viagem pelo espaço. Quando atingi o limite do balanço, e já ia começando a volta em contra-balanço, um terrível gongo ressoou com estrondo. E por um período incomensurável me senti tomado de gozo, a refletir sobre o meu tremendo vôo sobre o mar ondeante dos séculos.

Uma mudança, porém, sobreveio em meu sonho

pois percebi que era sonho. O vaivém do balanço encurtava-se e crescia de velocidade. Eu mal podia tomar fôlego, tão energicamente andava projetado pelo espaço. O gongo insistia em seus trovões, o que me causava um terror pânico. Pareceu-me depois estar sendo arrastado por sobre areias brancas e requeimantes, aspérrimas, sempre ao som do gongo. Pontos brilhantes perpassavam por mim em interminável carreira, como se todo o mundo sideral se estivesse engolfando no vácuo. Arquejei, tomei fôlego... e abri por fim os olhos. De joelhos e recurvos sobre mim dois homens lidavam com o meu corpo. Compreendi tudo. O ritmo do vaivém pelos intermúndios não passava do balanço dum navio; o gongo terrífico era uma frigideira pendurada à parede e que oscilava, retinindo, aos movimentos da embarcação; as areias ásperas e esfolantes eram as mãos caladas dum homem a me friccionar o peito. Retorcendo-me de dor, ergui a cabeça. Olhei. Meu peito estava em carne viva quase, com manchas de sangue pisado a se formarem sob a pele inflamada.

— Basta, Yonson, disse um dos homens. Não vê que ele está com a pele quase em sangue?

Yonson, homem de pesado tipo escandinavo, parou com as fricções e desajeitadamente pôs-se em pé. O que lhe falara era sem dúvida nenhuma um londrino de feições finas, levemente efeminado, desses que mamam o leite materno ao som dos sinos da igreja de Bow. O barrete imundo que trazia à cabeça e o avental de estopa disseram-me logo tratar-se do cozinheiro de bordo.

— E como se sente agora? perguntou-me ele com a subserviência que vem de gerações e gerações de antepassados ávidos de gorjetas.

Como resposta retorci-me e procurei sentar-me, com o seu auxílio. O retinir da frigideira continuava a exacerbar meus nervos, impedindo a concentração do pensamento. Agarrei-me a uma trave, e confesso que a sensação de gordura que ela me deu fez-me ranger os dentes; e caminhei por entre os fogões até alcançar aquele

instrumento de música martirizante; tirei-o do prego onde estava e atirei-o para dentro da caixa do carvão.

O cozinheiro sorriu àquele desabafo dos meus nervos e apresentou-me uma caneca fumegante.

— Beba isto que lhe fará bem, disse.

Era uma beberagem nauseabunda — café de navio, mas estava quente e o calor me fez bem. Enquanto bebia olhei para meu peito em sangue e depois volvi os olhos para o escandinavo.

— Muito obrigado, senhor Yonson. Mas não acha que o tratamento foi um tanto excessivo?

O homem espalmou a mão para que eu lhe visse a polpa notavelmente calejada. Corri os dedos por aquela aspereza e rangi de novo os dentes.

— Meu nome é Johnson, não Yonson, disse ele em inglês correto, embora lento e com sotaque.

Havia em seus olhos azuis um meigo protesto e uma varonilidade tímida, que o fizeram simpático para mim.

— Obrigado, senhor Johnson, corrigi, estendendo-lhe a mão.

O escandinavo hesitou, desajeitado e envergonhado; descansava o peso o corpo ora numa perna, ora noutra, e por fim apertou-me a mão cordialmente.

— Tem alguma roupa que eu possa vestir? Perguntei ao cozinheiro.

— Temos, sim, senhor, respondeu com apressada solicitude. Vou lá embaixo ver o que encontro nos meus badulaques — se não se vexa de vestir roupa minha.

E mergulhou porta afora — ou, melhor, deslizou num coleio que me deu impressão menos felina que oleosa. De fato aquela oleosidade, como vim a saber depois, era o traço mais saliente da sua pessoa.

— Onde estou eu? perguntei a Johnson. Que navio é este? Para onde vai?

— Vem de Farallones, com rota sudoeste, respondeu lenta e metodicamente, como a procurar o seu melhor inglês e a observar com atenção a ordem das minhas perguntas. Trata-se da escuna "Ghost", de viagem às costas do Japão em caça às focas.

— E quem a comanda? Preciso ver o capitão. Johnson pareceu embaraçado. Hesitou, enquanto escolhia no vocabulário as palavras necessárias para a resposta.

— O capitão é Lobo Larsen, como o chamamos. Seu verdadeiro nome não sei. O senhor tem que tratar com ele muito mansamente. Está doido, furioso, esta manhã. O contra-mestre é...

Não terminou. O cozinheiro vinha de volta, serpenteando.

— É melhor raspar-se daqui, Johnson, disse ao chegar. O velho quer você no convés.

Obedientemente Johnson dirigiu-se para a porta, não sem uma careta de advertência para que eu não me esquecesse da recomendação que fizera sobre Lobo Larsen. O cozinheiro trouxe consigo várias peças de roupa, ma1cheirosas.

— Estão úmidas e mofadas, senhor, disse-me logo, mas servirão enquanto as suas ficam a secar.

Agarrei-me à trave, ajudado pelo cozinheiro, e aos cambaleios, em virtude dos movimentos do navio, enverguei uma camisa de lã, sem impedir que minhas carnes se arrepiassem ao áspero contato.

— Espero, observou ele ao notar o meu involuntário arrepio e a careta, espero que o senhor jamais use isto, visto como tem a pele delicada como a de uma moça, que sei. Bem vi que se tratava dum *gentleman*, logo que lhe pus a vista em cima.

Eu tinha sentido uma impressão desagradável ao primeiro contato daquele homem, impressão que se acentuou enquanto ajudava-me a vestir a camisa. Havia algo repulsivo em seu toque. Encolhi-me em suas mãos; minha carne revoltava-se. E como além disso havia o cheiro. nauseabundo dos caldeirões ao fogo, senti-me ansioso por escapar dali e mergulhar-me em ar puro. Precisava ainda ver o capitão e acertar com ele o melhor meio de pôr-me em terra.

Uma reles camisa de algodão de gola esfiapada e peito com manchas suspeitas, que me pareceram de sangue, foi-me vestida a seguir, por entre desculpas e comentários do cozinheiro. Meus pés meteram-se num par de botas ressecas, e por cima de tudo lá foi um macacão azul desbotado, com uma perna mais curta que a outra. Parecia que o diabo tivesse puxado a alma do londrino por uma das pernas, ficando com um pedaço da fazenda nas mãos.

— A quem devo agradecer esta gentileza? perguntei ao ver-me completamente vestido, com uma boina à cabeça e com uma jaqueta por sobre o macacão, de mangas tão curtas que quase me ficavam nos cotovelos.

O cozinheiro aprumou-se, com um sorriso pedinção no rosto. Minha experiência com empregados de transatlânticos fez-me ver nele mais um, à espera de gorjeta. O servilismo hereditário explicava o gesto e o sorriso.

— A Mugridge, senhor! sorriu ele oleosamente. Thomas Mugridge, senhor, um seu criado.

— Muito bem, Thomas. Não esquecerei disso quando minhas roupas estiverem secas.

Uma luz suave difundiu-se-lhe pelo rosto, e seus olhos brilharam como se lá no recesso da alma os avós se remexessem, gozosos à lembrança das gorjetas apanhadas em vida.

— Muito obrigado, senhor, disse ele, realmente grato e humilde.

Thomas escorregou da frente da porta para deixar-me passar, e logo me vi no convés. Sentia-me ainda fraco da prolongada imersão. Uma lufada de vento me colheu, e lá atravessei o convés cambaleando, tendo de agarrar-me para não ir ao chão. A escuna estava a balançar-se furiosamente sobre as águas do Pacífico. Se estivesse de rumo para sudoeste, como Johnson declarara, então o vento deveria estar soprando do sul. A neblina esvaíra-se, abrindo campo para um sol vivíssimo. Voltei-me para leste, onde ficava a Califórnia, mas nada pude ver senão novelos de bruma, os mesmos, sem dúvida, que deram causa ao desastre do "Martinez", pondo-me na situação em que me achava. Para o norte, não muito longe, um grupo de rochedos nus emergia com um farol num deles. Na direção que tomávamos vi, na mesma rota que a nossa, a silhueta triangular duma vela.

Havendo completado minha inspeção do horizonte, pus-me a estudar o que me cercava. Minha primeira idéia foi que um náufrago, vítima duma colisão e que por um triz escapara da morte, fazia-se merecedor de mais cuidados. Não notava, entretanto, nenhum interesse por mim, salvo por parte do marinheiro que atentamente tinha as mãos na roda do leme.

Todos os outros estavam a observar qualquer coisa que se passava no meio do convés. Rodeavam um homem deitado de costas sobre uma prancha. Um homem vestido e de camisa aberta ao peito, no qual, entretanto, nada podia ser visto, de tão peludo que era. O rosto e o pescoço também se ocultavam dentro da barba negra já em começo de grisalha. Os olhos, fechados. O homem estava evidentemente sem sentidos, com a boca aberta numa expressão de asfiziado. Metodicamente, como seguindo velha rotina, um marinheiro descia a espaços um balde ao oceano, enchia-o d'água e despejava-o sobre o corpo imóvel.

Passeando por ali de lá para cá, a morder com ar selvagem uma ponta de charuto, vi o homem que ocasionalmente me avistara boiando sob as ondas e, pois, me salvara. Alto. Teria provavelmente cinco pés e dez polegadas de altura; mas o que nele mais impressionava era a força. Não força maciça, mas nervosa, flexível, embora numa constituição de gorila. Força como a que associamos aos animais selvagens e aos seres que temos como os nossos ancestrais protótipos — força feroz, elástica, cuja essência vital reside na própria potencialidade do movimento, o estofamento elementar em si mesmo, de que foram extraídas e moldadas todas as formas de vida; em suma, a energia que ainda vibra no corpo da cobra depois que lhe cortamos a cabeça.

Foi a impressão que tive daquele homem, plantado firme sobre as pernas, a passear pelo convés; cada movimento de músculos, desde o encolher dos ombros ao morder do

charuto, era decisivo e denunciador duma pujança esmagadora. E embora essa pujança transparecesse em todos os seus atos, parecia ser apenas um reflexo da que ele continha em si, oculta ou adormecida, capaz de rugir incoercível como a cólera do leão ou a fúria da tempestade.

Nesse momento o cozinheiro enfiou a cabeça pela porta da copa e piscou para mim, encorajando-me e ao mesmo tempo indicando com o polegar o homem que passeava. Fez-me assim compreender que se tratava do capitão, personagem com a qual eu teria de tratar. E já ia eu dar início a esse passo, que certamente redundaria em cinco minutos de tempestade, quando um estremecimento muscular acometeu o asfixiado. Entrou depois a contorcer-se convulsivamente. Quando estirava os músculos do pescoço a barba espessa recrescia e o peito inchava na ânsia instintiva de respirar. O pouco visível do seu rosto oculto pela barba principiava a adquirir cores.

Lobo Larsen, o capitão, deteve-se, e lançou os olhos sobre o moribundo. Tão terrível estava aquela luta com a morte que o marinheiro dos baldes d'água também entreparou, com a vasilha gotejante a meio caminho do despejar-se. O moribundo tamborilou na prancha com os calcanhares; depois esticou as pernas num supremo esforço, enquanto sua cabeça rolava dum lado e de outro. Em seguida seus músculos relaxaram-se, a cabeça parou de mover-se e um profundo suspiro de alívio escapou-lhe do peito. As faces cavaram-se-lhe, o lábio superior repuxou-se, deixando entrever os dentes enegrecidos pelo tabaco. E pareceu que suas feições de súbito se houvessem congelado numa careta de escárnio para o mundo que acabava de deixar.

E algo ainda mais surpreendente ocorreu. O capitão desabou sobre o morto qual um tufão. Palavrões borbotaram de sua boca, não palavrões comuns, sujos, que expressam a cólera — mas blasfêmias horríveis, que rebentavam como raios. Nunca eu vira coisa igual, nem a julgara possível. Dotado de pendor literário, e com paixão pelas expressões enérgicas, apreciei como nenhum dos presentes a vivacidade e força blasfematória daquela enxurrada de insultos. A causa de tudo, tanto quanto pude perceber, era tratar-se do contra-mestre do navio, o qual recreara no deboche antes de deixar S. Francisco e agora morria no começo da viagem, deixando o capitão em apuros.

E desnecessário frisar aos meus amigos quanto a cena me chocou. Blasfêmias e linguagem vil sempre me repugnaram e por isso me senti oprimido, com o coração apertado, realmente à beira da vertigem. Para mim a morte sempre se havia revestido de solene dignidade; havia sido uma ocorrência quase sagrada. Mas a morte sob o seu mais sórdido e terrível aspecto me era coisa desconhecida. E embora apreciando esteticamente a força de expressão da cólera de Lobo Larsen, senti-me como que esmagado. A torrente de insultos parecia capaz de fazer corar até o rosto do cadáver.

Não me teria surpreendido se aquela barba encharcada se eriçasse de súbito no eretismo da revolta: O morto, porém, não deu tento de coisa nenhuma. Continuou com o seu ríctus sardônico, onde havia mofa e desafio cínico. Ele estava senhor da situação.

CAPÍTULO 3

Lobo Larsen parou de blasfemar tão de súbito como principiara. Reacendeu a ponta do charuto e correu os olhos em torno, detendo-os no cozinheiro.

— Então, cozinheiro? começou ele com suavidade fria e cortante como o aço.

— Às ordens, capitão, apressou-se em responder o londrino, todo mesuras e servilidade.

— Não parece que já esticou muito esse pescoço de ganso? Isso é mau. O contra-mestre lá se foi e não posso perder também você. Cuidado com a saúde, cozinheiro. Compreende?

A última palavra, em frisante contraste com a maciez das anteriores, vibrou como ponta de chicote. O londrino encolheu-se.

— Perfeitamente, senhor, murmurou ele, enquanto a sua obscena cabeça desaparecia na copa.

Aquela ríspida chicotada, que o cozinheiro tão inocentemente provocara, fez o resto da tripulação mostrar-se desinteressada da cena mortuária e retomar o trabalho. Alguns dentre eles, porém, demoraram-se pelo portaló, entre a escotilha e a copa, continuando na prosa em que estavam. Vim a saber depois que eram os caçadores de focas, homens duma casta superior ao marinheiro comum.

— Johansen! chamou Lobo Larsen.

Um marujo avançou, obediente.

— Tome a agulha e costure esse estupor. Veja uns pedaços de lona velha no depósito. Ande.

— Que devo amarrar-lhe aos pés, senhor? quis saber o marinheiro.

— Veremos depois, foi a resposta do Lobo Larsen, que logo em seguida gritou pelo cozinheiro. Thomas Mugridge instantaneamente assomou à porta da copa, qual boneco de mola que salta da caixa.

— Vá lá embaixo e encha um saco de carvão, ordenou Lobo Larsen; e voltando-se para os caçadores: Algum de vocês possui uma bíblia ou livro de rezas?

Os caçadores abanaram a cabeça, sendo que um deles fez uma observação jocosa, que me escapou mas fez romper uma chuva de risos.

Lobo Larsen repetiu a pergunta aos marinheiros. Bíblias e livros de rezas pareciam coisas raras, e um que em procura saiu correndo, logo voltou sem nada.

Lobo Larsen deu de ombros.

— Nesse caso vai para a água sem palavreado, disse ele, a não ser que o nosso

náufrago, que parece padre, faça o serviço fúnebre de cor.

E, vindo postar-se diante de mim, perguntou:

— Você é padre, não é?

Os caçadores de focas — uns seis — voltaram os olhos para o meu lado. Senti a impressão penosa de estar sendo objeto de curiosidade, qual espantinho.

Uma risada geral comentou minha atitude, uma risada que a presença do morto, com aquela careta tétrica, não fazia esmorecer — risada bárbara, rude e franca como o próprio mar, brotada de sensibilidades rudimentares, das que ignoram o que seja cortesia ou elementar gentileza.

Lobo Larsen, porém, não se riu, embora seus olhos cinzentos luzissem, divertidos; e como nesse momento me aproximasse dele, recebi minha primeira impressão do homem em si do homem à parte do corpo e da torrente de blasfêmias que lhe ouvira de pouco. A cara, quadrada e maciça, deixava entrever, do mesmo modo que o corpo, algo mais que a força bruta. Deixava entrever escondida lá dentro uma força mental tremenda, excessiva mesmo. As maçãs do rosto, o queixo e as sobranceiras altas, tudo, apesar de brutal no aspecto físico, deixava transparecer um imenso vigor, uma inaudita virilidade de mente. Impossível auscultar aquele espírito, como impossível classificar aquela natureza com base em outros tipos humanos.

Os olhos eram grandes e belos, bem distanciados e abrigados por espessos cílios e negras e fortes sobranceiras. As íris tinham um tom cinzento enganador, como o de certas sedas ao sol — às vezes cinzento escuro, às vezes claro, às vezes tocado a verde, às vezes do azul límpido do fundo do mar. Olhos que mascaravam a alma com mil disfarces e a espaços se abriam, permitindo que ela saísse para lançar-se pelo mundo nalguma aventura maravilhosa. Olhos que mariscavam com a desesperadora soturnidade dos céus de chumbo; que deitavam chispas como as que brilham num voltei o de espada; que enregelavam qual a paisagem antártica; olhos que aqueciam e afagavam e eram toda uma dança de luzes de amor, intensa e máscula, fascinadora e dominadora — que fascinavam e ao mesmo dominavam as mulheres até tê-las rendidas, em assomos de alegria, alívio e sacrifício.

Respondi-lhe que, infelizmente para o caso, eu não era padre. Mal concluí minha resposta, Lobo Larsen perguntou-me de chofre:

— Que é que faz, para viver?

Confesso que nunca me haviam posto semelhante pergunta, nem eu a julgara possível. Fiquei indeciso, e foi ainda tonto que respondi:

— Eu... eu sou um *gentleman*.

Seus lábios crispavam-se sarcasticamente.

— Sempre trabalhei e trabalho, acrescentei com ímpeto, como se ele fosse um juiz a quem eu solicitasse reconhecimento dos meus direitos — e ao mesmo tempo como se eu estivesse perfeitamente certo da minha idiotice em discutir o assunto.

— Para viver? Trabalha para viver?

Havia algo tão dominador em seu aspecto que fiquei na situação dum menino de escola diante do mestre.

— Quem é que o sustenta?

— Tenho rendas, respondi com firmeza; mas... creio que isto nada tem que ver com o motivo que me traz à sua presença, se me permite falar assim.

O capitão não deu tento à réplica.

— Quem o sustenta? insistiu. Quem conquistou essa renda? Seu pai, com certeza, e você vive sobre as pernas dum homem já falecido. Nunca obtive nada pelo esforço próprio. Não sabe cavar a vida, se o largarem só. Deixe-me ver as mãos.

Sua tremenda força adormecida despertara de ímpeto — ou eu caí em coma por um instante. O que sei é que Lobo Larsen avançou para mim dois passos e, agarrando-me a mão, inspecionou-a. Tentei retirá-la, mas seus dedos apertaram-na sem visível esforço, embora eu me sentisse como que esmagado em tenaz de aço. É difícil manter-se a dignidade em ocasiões tais. Eu não podia queixar-me, nem reagir, tal qual o menino de escola diante do mestre severo. Nada mais me restava senão ficar quieto e aguardar humilde o que viesse. Entrementes notei que os bolsos do morto haviam sido despejados no chão e que o seu cadáver fora envolvido em lona velha; Johansen a estava costurando com barbante.

Com um esgar de desdém, Lobo Larsen soltou por fim minha mão.

— As mãos do morto (referia-se a meu pai) conservaram as suas macias. Você só serve para lavar pratos e ajudar na cozinha.

— Eu quero ser desembarcado, declarei com voz já firme, agora que ia voltando ao controle de mim mesmo. Pagar-lhe-ei o que me pedir pelo incômodo que estou causando.

Larsen fitou-me com olhos cheios de zombaria.

— Para bem da sua alma, tenho uma contraproposta a fazer, disse ele. Meu contra-mestre foi-se e já promovi outro marinheiro para o lugar. Você tomará o posto desse marinheiro, recebendo vinte dólares por mês. E acabou-se. Que me diz agora? Note que é para bem da sua alma. Será o início da sua reconstrução. Aprenderá a caminhar sobre as próprias pernas, embora cambaleie um pouco no começo...

Minha atenção já não estava ali. As velas do barco que aparecera a sudoeste vinham se avolumando. Uma escuna igual à "Ghost", embora de casco menor. Tinha boa aparência e voava em nossa direção. O vento recrescia e o sol, depois de queimar-nos

por mais alguns momentos, desaparecera. O mar, como de chumbo, encrespava mais e mais, projetando cristas de ondas para o céu. Vogávamos com maior velocidade e com maior jogo do navio. Em certo momento o barco adernou tanto que uma toalha d' água varreu o convés, fazendo dois caçadores de focas erguerem rápidos as pernas.

— Aquela embarcação vai passar rente de nós, disse eu depois duma pausa, e ao que vejo dirige-se para S. Francisco.

— Muito provavelmente, foi a resposta de Lobo Larsen, afastando-se de mim e gritando: — Olá, cozinheiro!

A cabeça do londrino surgiu fora da copa.

— Onde está aquele rapaz? Diga-lhe que quero vê-lo.

— Depois do "sim, senhor", Mugridge saiu a correr e sumiu-se pela escada abaixo. Momentos depois voltava seguido dum rapaz corpulento, aí de dezoito ou dezenove anos, de má aparência e que arrastava os passos.

— Aqui está ele, capitão, disse o cozinheiro.

Lobo Larsen voltou-se para o rapaz.

— Qual é o seu nome?

— George Leach, senhor, foi a resposta surda — e sua atitude bem que mostrava saber ele a razão do chamado.

— Não é nome irlandês, disse o capitão. O' Toole ou Mac Carthy ficaria melhor a esse focinho, pois que algum irlandês deve ter enganado seu pai.

Vi as mãos do rapaz se crisparem ante aquele insulto, ao mesmo tempo que o sangue lhe subia às faces.

— Mas deixemos isto, prosseguiu Larsen. Você deve ter muito boas razões para esquecer o verdadeiro nome, e eu não o estimarei menos por isso — enquanto andar direito. Telegraph Hill é, com certeza, o seu porto de matrícula, não? Estou lendo-o nessa cara indecente. Conheço a espécie. Pois muito bem, neste meu navio você perderá essas marcas. Quem foi que o embarcou, afinal de contas?

— Mac Cready e Swanson.

—"Senhor"! berrou Lobo Larsen.

— Mac Cready e Swanson, senhor, corrigiu o rapaz, com os olhos em fogo.

— Quem recebeu o dinheiro adiantado?

— Eles mesmos, senhor.

— Logo vi. E você ficou todo satisfeito deles terem feito isso... Não devia ter-se aliviado do dinheiro tão depressa, havendo, como há, uns tantos cavalheiros que andam na sua pista...

Aquela alusão transformou o rapaz num selvagem.

Seu corpo encolheu-se como para um bote de fera acuada.

— Isso é uma...

— Uma, quê? rosnou Larsen com voz suavemente cortante, em que denunciava incontrolável curiosidade de ouvir a palavra não-proferida.

O rapaz hesitou; depois, dominando-se:

— Nada, senhor. Retiro o que disse.

— E prova com isso que eu tinha razão, rosnou Larsen com um sorriso de vitória.

Depois: Que idade

tem?

— Dezesseis completos, senhor.

— Mentira! Você não verá nunca mais os dezoito. E está encorpado para essa idade, com semelhante musculatura de cavalo. Embrulhe a sua tralha e vá para o castelo de proa. Fica sendo marujo. Está promovido, compreende?

Sem esperar que o rapaz respondesse, Larsen voltou-se para o marinheiro que costurava o cadáver nas lonas velhas.

— Johansen, conhece alguma coisa de navegação?

— Nada, senhor.

— Pouco importa. Fica sendo o meu contra-mestre. Leve a sua tralha para a cabina do imediato.

Johansen grunhiu uns alegres sons de resposta e moveu-se dali, enquanto o rapaz de momentos antes permanecia no mesmo ponto do convés, como que atarraxado ao solo.

— Que está esperando? gritou-lhe Lobo Larsen.

— Eu não me engajei como marujo, senhor, disse ele. Engajei-me como servente de cabina. Não quero ser marujo.

— Arrume a trouxa e ande! berrou Larsen em voz de comando, singularmente imperiosa. O rapaz pestanejou, mas permaneceu onde estava.

Isso provocou nova explosão da impulsividade do capitão. Coisa instantânea, pois ocorreu no espaço de dois segundos. Dum salto de dois metros projetou-se contra o rebelde e afundou-lhe um tremendo murro na boca do estômago. Senti esse murro em meu peito, e hoje noto o fato para mostrar como eu era sensível naquele tempo e pouco afeito à vida bruta. O rapaz dobrou-se em dois, apesar das cento e sessenta e cinco libras que pesava, talo pano molhado que se dobra ao choque dum conto de bastão. Viu-se erguido no ar e projetado por terra, perto do cadáver, onde ficou a estorcer-se em agonia.

— Então? rosnou Lobo Larsen voltando-se para mim. Já se decidiu?

Volvi os olhos para a escuna que não estava a mais de duzentas jardas à nossa

frente. Era um barco asseado e bonito. Pude ver um número negro em uma das velas, as quais me lembraram certos desenhos de barcos-pilotos.

— Que navio é aquele? perguntei.

— O barco-piloto "Lady Mine", respondeu Larsen carrancudamente. Libertou-se dos pilotos e volta para S. Francisco. Deve chegar lá dentro de cinco horas, se o vento conservar-se como está.

— Quer fazer-me o obséquo de sinalar para ele, indagando se podem levar-me para terra?

— Lamento muito, mas perdi o código de sinais que existia a bordo — e essa resposta pilhérica fez rir vários caçadores de focas.

Reagi por uns instantes, fixando meus olhos nos do capitão. Eu tinha visto a fúria do tratamento dispensado ao rapaz e estava certo de que igual ou pior me estaria reservado, se eu resistisse. E no espasmo dessa reação heróica pratiquei o ato que considero o mais louco da minha vida. Corri à amurada e acenei para a escuna, gritando:

— "Lady Mine"! Olá! Tomem-me a bordo! Pagarei mil dólares, se me põem em terra.

Esperei a resposta, com os olhos em dois homens que estavam na roda do leme. Um deles tomou um megafone e o levou à boca. Não me movi. Não tirei os olhos do megafone, embora esperando a cada momento, pelas costas, um murro semelhante ao que levava Leach. O bruto já devia estar de bote armado. Por fim, depois de instantes que me pareceram séculos, atrevi-me a olhar para trás, uma vez que o murro demorava. Larsen não se movera do lugar. Continuava na mesma posição, gingando ao balanço do barco e acendendo novo charuto.

— Que aconteceu? Algum desarranjo? foi a resposta que obtive do megafone.

— Sim! urrei com o máximo dos meus pulmões. Questão de vida ou morte! Mil dólares, se me receberem a bordo!

— Nada! gritou Lobo Larsen; e apontando-me com o polegar: Este freguês está apavorado com serpentes do mar e macacos. Passa avante.

De bordo da "Lady Mine" o homem do megafone fez soar nele uma risada seguida destas palavras: "Afunde-o no inferno!". Depois acenaram-se de ambos os navios com gestos de adeus.

Curvei-me sobre a amurada, varrido de todas as minhas esperanças, e vi o espaço de mar que se interpunha entre as duas embarcações ir-se alargando rapidamente. E aquela escuna estaria em S. Francisco dentro de cinco horas!... Meu crânio como que estourava. Na garganta senti um aperto. Parecia-me ter ali o coração. Uma onda mais forte golpeou-nos de flanco, borrifando-me a cara de gotas. O vento recrescia e a "Ghost" singrava com firmeza.

Quando, momentos depois, olhei para trás vi o esmurrado Leach erguer-se cambaleante. Tinha o rosto horrivelmente pálido e ainda se contorcia em dores. Pareceu-me muito mal.

— Então, Leach, vai fazer agora o que mandei? murmurou Lobo Larsen.

— Sim, senhor, foi a resposta em tom de esmagado.

— E você aí? perguntou-me ele em seguida.

— Senhor, eu lhe darei mil dólares... fui começando, mas Larsen interrompeu-me.

— Pare com isso! Vá executar o que ordenei, se não quer experimentar o peso do meu punho.

— Que fazer? Deixar-me esmurrar com aquela brutalidade imensa, e talvez ser morto, não me convinha ao caso. Fitei longamente aqueles olhos cinzentos e duríssimos. Deviam ser de sílex. Dizem que a alma das criaturas bóia no olhar. No gélido olhar de Larsen, só boiava a insensibilidade crua do oceano.

— Então?

— Sim, murmurei vencido.

— Responda: "Sim, senhor!"

— Sim, senhor, respondi, corrigindo-me.

— Qual o seu nome?

— Van Weyden, senhor.

— Seu primeiro nome?

— Humphrey, senhor. Humphrey Van Weyden.

— Idade?

— Trinta e cinco.

— Está bem. Vá para a cozinha aprender a obrigação. E foi assim que me passei ao estado de servo de Lobo Larsen. Ele era o mais forte, eis tudo. Mas aquilo me parecia fantástico naquele tempo — e ainda mais me parece hoje que o recorde. É coisa que me ficará sempre como algo monstruoso, como algo inconcebível — como um horrendo pesadelo.

— Espere, não vá ainda.

Detive-me, obediente.

— Johansen, chame todos os homens. Agora que está tudo determinado, temos que concluir o funeral e fazer a limpeza.

Enquanto Johansen reunia os homens, dois marinheiros dirigidos pelo capitão depunham o cadáver sobre uma lona de toldo. Lado a lado do convés, acima da amurada, enfileiravam-se pequenos escaleres emborcados. Diversos homens agarraram a lona com o horrível cadáver no meio e levaram-no a descansar sobre um dos

escaleres, com os pés para o oceano. A esses pés foi amarrado o saco de carvão trazido pelo cozinheiro.

Sempre supus que funerais em alto-mar fossem algo solene, que inspirasse temor e respeito. Desiludi-me com aquele. Um dos caçadores de focas, homenzinho de olhos escuros que os outros chamavam Smoke, estava a contar histórias, abundantemente intercaladas de blasfêmias e obscenidades; a espaços os ouvintes estouravam em gargalhadas, que lembravam surriada de lobos ou cães do inferno. Os homens de bordo foram-se reunindo à popa; um veio a esfregar os olhos, sonolento, e todos cochilava baixinho. Era evidente que não os satisfazia tal viagem sob o comando de tal capitão e começada assim com uma morte de mau agouro. Amiúde lançavam olhadelas para Lobo Larsen, nas quais eu lia apreensão.

Lobo Larsen caminhou para o quartel da escotilha todos se descobriram. Corri os olhos: vinte homens ao todo, ou vinte e dois, contando comigo e o que ficara ao leme. Minha curiosidade por tudo era justificável, visto como ia permanecer encerrado naquele mundinho flutuante, talvez por muitas semanas. Eram os tripulantes na maioria ingleses e escandinavos, mal-encarados e bruto. Já os caçadores de focas, tinham no rosto as linhas de quem dá maior desafogo às paixões. Estranho dizer, mas notei que no semblante de Lobo Larsen nada denunciava maldade. Seus traços, de absoluta decisão e firmeza, denunciavam apenas uma índole aberta, com a franqueza realçada pelo glabro das faces. Dificilmente poder-se-ia crer que fosse ele o homem que tão ferozmente brutaliza o servente de cabina.

No momento em que Larsen abriu a boca para falar rajadas de vento golpeavam os flancos da escuna, silvam sinistramente por entre as enxárcias. Um dos caçador olhou ansioso para certo ponto. A escuna mergulhara proa numa vaga enorme, permitindo que um lençol líquido viesse lavar o defunto; e logo que o barco se reaprumou tivemos essa água a escorrer pelo convés e a molhar-nos os sapatos. Um chuveiro de gotas nos refrescou como saraivada. Assim que o equilíbrio se refez, Lobo Larsen começou a falar, enquanto os homens, de cabeça descoberta, balançavam-se sincrônicos aos movimentos da escuna.

— Apenas me lembro duma parte do serviço fúnebre, disse ele, e essa parte é: "E o corpo deve ser lançado mar". Faça-se isso.

Calou-se. Os homens que sustinham as pontas toldo funerário arregalaram os olhos, perplexos ante aquela brutal supressão dum velho rito. Larsen avançou para eles, colérico.

— Suspendam essa ponta aí! berrou. Que diabo do inferno têm vocês hoje?

Os homens ergueram a extremidade da lona com precipitada solicitude e, como a

carcaça dum cão que vai para o monturo, o defunto deslizou para o túmulo marinho, de pés à frente. O saco de carvão fê-lo mergulhar. Foi-se...

— Johansen, ordenou Lobo Larsen com voz ríspida, aproveite a estada dos homens aqui. Meta a bujarrona e serviço limpo, veja lá. Vamos para sudoeste. E já que estão de mão na massa, metam a vela mestra também.

Num ápice o convés entrou em viva azáfama; Johansen dava ordens sucessivas para a série de manobras — todas muito confusas para um homem de terra firme, como eu. Mas a falta de coração que eu notara ali impressionava-me fundo. O contra-mestre morto era um episódio já liquidado, um incidente que fora lançado ao mar envolto em lona suja e com um saco de carvão aos pés — e a vida de bordo recomeçara como se nada houvesse acontecido. Ninguém parecia impressionado com aquilo. Os caçadores de foca prosseguiam na prosa, com as mesmas estrepitosas gargalhadas de sempre às histórias sujas de Smoke. Homens estiravam cordas. Outros trepavam nas vergas. Lobo Larsen tinha os olhos no céu, estudando pelas nuvens o movimento do ar. E o contra-mestre, que morrerá tão horrorosamente e fora metido no seio do oceano de maneira tão sumária e brutal, lá se ia para o fundo, mais, mais, mais...

Foi então que a crueldade do mar, a sua terrível inexorabilidade se tornou patente para mim. A vida humana tornava-se ali coisa de menos — simples vibração da matéria, inarticulada e sem alma. Agarrei-me à amurada de barlavento, perto do ovem, e esgazei os olhos por sobre o estirão de ondas encrostadas a perder-se nos bancos de nevoeiro que escondiam S. Francisco e toda a costa da Califórnia. Rajadas de chuva batiam-me o rosto, encurtando-me a visão, como a névoa. E aquele estranho barco que me aprisionara lá se ia para a frente, na sua rota sudoeste, dançando qual ave bêbeda sobre a imensidade deserta do Pacífico.

CAPÍTULO 4

O que sucedeu durante a minha estada na "Ghost" é uma história de dores e humilhação. O cozinheiro, chamado "o doutor" Tommy pelos caçadores de focas e "Cooky" por Lobo Larsen, mudara muito. A degradação de estado social que sofri fê-lo mudar o modo de tratar-me. De bajulador e servil que fora, passou a autoritário. Na verdade eu já não era o afidalgado *gentleman* de pele de moça, mas um simples e comuníssimo serviçal de copa.

Começou insistindo para que eu o tratasse de senhor Mugridge e mostrando-se intolerável no apontar e estatuir as minhas obrigações. Além do meu trabalho de servente, determinou que o ajudasse na despesa — e minha profunda ignorância de coisas tais como pelar batatas e lavar panelas gordurentas tomou-se uma fonte de piadas irônicas. Mugridge recusava-se a levar em conta o que eu havia sido antes de cair naquela triste situação. Isso me levou a odiá-lo como jamais odiei a ninguém na vida.

O primeiro dia foi um dos mais difíceis. Às cinco e meia fui mandado pôr a mesa da cabina, com as bandejas de segurança tiradas do armário e o chá e o resto trazidos da cozinha.

Vou contar a minha primeira experiência em matéria copeira.

— Cuidado! Do contrário leva uns bofetões, era a advertência usual de Mugridge, ou do senhor Mugridge, sempre que eu deixava a cozinha sobraçando pães assados de fresco ou levando o bule de chá. Naquele dia advertiu-me por essa forma, à vista dum dos caçadores, de nome Henderson, que ia passando, e perto de Lobo Larsen, que à popa fumava o seu eterno charuto. Em seguida, e de súbito, gritou-me:

— Ela aí vem! Afaste-se!

Entreparei, pois não sabia o que estava sobreindo; ouvi a porta da cozinha bater com violência, enquanto Henderson saltava como um louco e em lugar alto punha-se a salvo do que quer que fosse, trepando com agilidade de macaco. Vi simultaneamente uma grande onda erguer-se em voluta espumante muito acima da linha da amurada, bem de frente de onde eu estava. Meu cérebro não agia com celeridade, como que tonteado pela rapidez e estranheza de tudo aquilo. Eu não compreendia. Sentia estar em perigo, mas era tudo. E permaneci imóvel, estarecido. Foi quando Lobo Larsen gritou da popa:

— Agarre-se, imbecil!

Era tarde. Atirei-me contra o maçame, mas fui detido a meio caminho por uma vaga invasora. O que sucedeu em seguida está confuso em minha memória. Lembro-me que fiquei debaixo d'água, sufocado, a afogar-me. Meus pés soltaram-se do chão. Fui erguido

e revirado e levado para não sei onde. Por várias vezes choquei-me de encontro a objetos duros, um dos quais me deu uma terrível pancada nos joelhos. Mas a vaga entrou rápida a escorrer e vi-me por fim com a cabeça livre, respirando ar, ar, ar. Eu havia sido envolto pela enorme massa líquida e arremessado contra a cozinha — e depois arrastado para fora até ser jogado por terra a muitos metros do ponto onde me achava. O joelho doía-me horrivelmente e eu não podia equilibrar-me de pé, como se tivesse a perna quebrada. E ainda não havia dado conta da situação, quando o cozinheiro surgiu à porta da cozinha, gritando:

— Olá! Não fique a vida inteira assim! Onde está o bule? Deixou-o levar pela onda? Antes tivesse ela levado você duma vez...

Procurei pôr-me de pé. O bule ainda estava na minha mão. Dirigi-me mancando para a cozinha e entreguei-lhe. Mugridge, entretanto, estourava de indignação, real ou fingida.

— Deus me mande para o inferno se você não é o estupor dos estupores! Para que presta, homem, diga-me por favor? Nem levar um bule de chá da cozinha à mesa — e tenho agora de fazer outro chá...

E depois:

— E que está vendo em mim para fazer tais caretas? gritou com renovada fúria. Já sei. É porque feriu essa perna, o queridinho da mamãe...

Eu não estava fazendo careta nenhuma para aquele homem, embora em meu rosto devesse estar estampada a dor que eu sentia. Fiz das tripas coração, cerrei os dentes e retomei o serviço, da copa à cozinha e da cabina à copa, sem mais acidentes. Duas coisas me advieram daquele desastre — um ferimento na rótula, que levou meses a sarar e me fez padecer muito e o sobrenome de Hump (imbecil), que Lobo Larsen me presenteara com a sua advertência. Dali por diante, de popa a proa, ninguém me trataria de outra maneira, e por tal forma que lá por dentro, em meu cérebro, me fui identificando com o qualificativo e me convencendo de que realmente era e sempre fora um imbecil.

Não constituía tarefa simples servir de criado numa cabina freqüentada por Lobo Larsen, Johansen e os seis caçadores de focas. Era pequena essa cabina; para mover-me em redor daqueles homens eu tinha de fazer prodígios de equilíbrio por causa do jogo da escuna. Mas o que mais me chocava era a absoluta ausência de simpatia de tal gente. Meu joelho inchado e em carne viva quase me fazia desmaiar de dor. Meu rosto, pelo que vi de relance no espelho da cabina, parecia o de um fantasma, de tão pálido e dorido. Todos deviam perceber muito bem a minha triste situação, mas nenhum deu sinal disso, - nem me veio com uma palavra de conforto, de modo que até cheguei a sentir gratidão por Lobo Larsen quando, mais tarde (eu estava lavando pratos na cozinha), chegou-se a mim e disse:

— Não se deixe abater por uma ninharia dessas. Logo estará acostumado. Mancará um pouco mas acabará aprendendo a andar.

E acrescentou:

— Acho que é isto o que você chama um paradoxo, não é?

Mostrou-se satisfeito com meu forçado "Sim, senhor," e disse ainda:

— Suponho que entende alguma coisa de literatura. Havemos de conversar sobre o assunto, quando for tempo.

Naquela noite, ao terminar a minha tarefa do dia, mandaram-me dormir na proa, onde armei minha enxerga e deitei-me, feliz de encontrar-me por algum tempo livre da detestável presença do cozinheiro. Com grande surpresa vi que minhas roupas já se haviam secado no corpo sem que o terrível banho me deixasse qualquer sintoma de resfriado. Em circunstâncias normais, o que eu havia passado teria sido mais que o bastante para ir para a cama com uma boa enfermeira ao pé.

O joelho ferido, entretanto, causava-me muito sofrimento. Ao que parecia, a rótula deslocara-se e estava no centro da inchação. Sentei-me na enxerga e pus-me a examinar a ferida, a certa distância dos caçadores que também ali dormiam e estavam a fumar e a conversar em voz baixa. Henderson lançou-me um olhar.

— Está ferido, hein? disse ele. Amarre um trapo, que não acontecerá nada.

Foi tudo quanto fiz; em terra eu teria ficado na cama, imóvel, com cirurgião à cabeceira e mil coisas. Mas devo fazer justiça àqueles homens. Impermeáveis como pareciam ser, insensíveis aos meus sofrimentos, mostravam-se igualmente insensíveis aos sofrimentos próprios quando lhes chegava a vez. Devia ser por força do hábito e ainda por terem a sensibilidade mais embotada que a minha. Um homem de compleição delicada, estou certo, deveria sofrer duas ou três vezes mais em consequência dum mesmo ferimento.

Eu me sentia cansado, na verdade, exausto, e a dor no joelho não me deixava dormir. Tive de operar prodígios para não gemer alto. Em casa teria gemido à larga; ali tudo me forçava ao recalque. A atitude daqueles homens selvagens era sempre estóica nos grandes casos, e infantil nos pequenos.

Recordo-me dum tarde em que vi Kerfoot, um dos caçadores, perder um dedo por esmagamento sem sequer emitir um gemido, ou mostrar no rosto a menor expressão de dor. Não obstante, esse homem entrava-se de terríveis acessos de cólera por coisinhas mínimas.

Era o que lhe sucedia agora. Por motivo dum divergência com outro caçador, Kerfoot vociferava e sacudia os braços no ar para maior relevo dos berros e pragas que lhe saíam da boca. Kerfoot afirmava que os filhotes de foca nascem sabendo nadar e outro

caçador, Latimer, um esbelto moço de olhos apertados, visivelmente norte-americano, sustentava que não, que se as focas dão cria em terra é justamente porque seus filhotes têm que aprender a nadar, como os pássaros têm que aprender a voar.

Os demais caçadores, debruçados sobre a mesa, ou espichados em suas enxergas, mostravam-se sumamente entretidos pelo assunto, entrando com apartes em apoio dum ou doutro e às vezes falando todos a um tempo, com muito berreiro e mímica. O assunto era pueril e a argumentação, mais ainda,

Nem era argumentação. O método de prova consistia em afirmar, negar, impor. Provavam que um filhote de foca nasce ou não nasce sabendo nadar pela afirmação ou negação com belicosa violência, ou com ataques contra o oponente, negando-lhe cabeça e bom senso, ou insultando-lhe a nacionalidade. Também o passado dum homem vinha à tona, para ajudar a prova da habilidade ou inabilidade natatória das foquinhas. Recordo isto para mostrar o calibre mental dos homens com as quais eu estava em contato. Perfeitas crianças em corpos adultos.

Fumavam constantemente o mais fedorento e ordinário tabaco que já vi. O ar em torno deles enchia-se de uma nuvem espessa de fumo. Isto, junto ao perpétuo balouço da escuna, seria mais que bastante para provocar em mim o enjôo, se eu fosse sujeito a esse mal. Não o era, e o enjôo que naquele momento senti deve ser levado à conta do estado do meu joelho e do cansaço.

Deitei-me e pus-me a refletir sobre a situação. Era na verdade absurda. Eu, Humphrey Van Weyden, estudioso e diletante da vida, amigo da arte e da literatura, ali jogado ali como um fardo, naquela terrível escuna de caça e pesca! Criado de bordo, eu que jamais soube o que fosse serviço braçal! Sempre vivi ávida calma e sedentária do estudioso, sob a garantia duma renda apreciável; nunca me atraíram os esportes atléticos, nem a vida violenta e aventureira. Fui sempre um caruncho dos livros, como meu pai e minhas irmãs diziam. Uma única vez fiz uma excursão pelo campo, e logo larguei os companheiros para voltar ao aconchego da casa. E estava agora com medonhas perspectivas pela frente — copeiro, criado de bordo, descascador de batatas, arrumador de mesa, lavador de pratos... Eu não era de constituição robusta. Os médicos sempre acharam boa a minha constituição, mas pouco desenvolvida por falta de treino. Meus músculos poderiam equiparar-se aos duma mulher sadia. Mas sempre me recusei ao uso sistemático da ginástica, preferindo desenvolver o cérebro a engrossar os músculos.

Tudo isto me passava pela cabeça, ao rever a situação e ao considerar o papel que o destino me pusera a representar na vida. Também pensei nos meus — em minha mãe e minhas irmãs, certas da minha morte no naufrágio do "Martinez" e imaginei as angústias por que estariam passando. Cheguei a ver o meu necrológio nos jornais, e os colegas do

Clube Universitário meneando a cabeça e dizendo: "Pobre Humphrey"! E quase que pude "ver" Furuseth, como no momento em que nos separamos pela última vez, metido no seu pijama, sentado no amplo divã que também lhe servia de cama, a lançar contra si mesmo epigramas pessimistas.

E, agora, aquela escuna de lúgubre nome, corcoveando sobre a imensidão das águas comigo em seu bojo! O vento silvava nas cordas. De quando em quando ouviam-se passos no convés. Estalidos contínuos de todos os lados — o madeirame gemendo ao esforço das torções. Os caçadores sempre a fumar e a discutir, agindo como verdadeiros anfíbios semi-humanos. O ar, cheio de blasfêmias e palavras chocantes. Que caras! As expressões terríveis daqueles rostos eram agravadas pelo jogo de luz da lâmpada fumarenta que balouçava ao ritmo do barco. Pareciam feras em jaulas sem grades. Roupas de oleado e botas grosseiras pendiam do tapume e, aqui e acolá, carabinas e revólveres entremos travam-se nas prateleiras.

Perfeito arsenal de bucaneiros e piratas dos tempos idos. Minha imaginação exaltava-se de modo a impedir-me o sono. Que horas intermináveis e sinistras!

Aquela noite passada na proa entre os caçadores de foca foi a primeira e a última. No dia seguinte Johansen, o novo contra-mestre, veio dormir ali e eu tive ordem de tomar a sua pequena cabina, que no começo da viagem tivera dois ocupantes. A razão desta contradição estava na barulheira que Johansen fazia ao sonhar, dando ordens, berrando, insultando, reproduzindo, em suma, o que se passava de dia. Lobo Larsen, incomodado com aquilo, resolveu transferir o inconsciente perturbador do sossego noturno para a proa; os caçadores que o aturassem.

Mas daquela noite não me esquecerei nunca. Noite de insônia e agonia. Levantei-me fraquíssimo, para dar começo ao meu segundo dia de trabalho na "Ghost". Mugridge fez-me sair da cama às cinco e meia, com a mesma brutalidade com que Bill Sykes fazia levantar o seu cão; mas essa brutalidade custou-lhe caro. O barulho inútil que fez para "acordar-me", a mim que não pregara olho a noite inteira, irritou um dos caçadores, que, mesmo na semi-escuridão envolvente, lhe atirou com uma bota à cara. Mugridge, depois dum gemido de dor, passou a pedir desculpas a todos com a maior humildade. Mais tarde, na cozinha, notei que sua orelha fora rasgada pelo calcanhar da bota e estava pendente. E assim ficou toda a vida, sendo crismado pelos marinheiros de orelha de couve-flor.

O dia começou sem promessas de nada bom. Verificando que minhas roupas já estavam enxutas, a primeira coisa que fiz foi desfazer-me das do cozinheiro. Examinei a carteira, que ficara na roupa a secar e onde havia cento e oitenta e tantos dólares. Encontrei-a inteiramente vazia. Falei disso ao cozinheiro e tive uma resposta inesperada.

— Olhe aqui, imbecil, começou ele com os olhos brilhantes de malícia, você quer então ter o nariz esborrachado? Se pensa que sou ladrão, guarde consigo essa idéia, do contrário verá o que lhe acontece. Bah! Se isso não é ingratidão das boas! Vem para cá um pobre trapo humano trazido pelas ondas que eu recebo em minha cozinha e trato como gente — e eis a paga recebida! Da próxima vez, que vá para o inferno. Terei muito gosto em ajudá-lo a cair lá.

Disse isso e cresceu para mim de punhos cerrados. Confesso que me acovardei diante da ameaça e fugi. Que poderia fazer, digam-me? Apenas a força bruta dominava naquele navio. Direito ou qualquer forma de persuasão moral de nada valia. Ponham o caso em si: um homem de estatura mediana, delgado de corpo e de músculos mal desenvolvidos, que sempre viveu vida pacata e sempre fugiu a qualquer espécie de violência — que poderia fazer esse homem? Tão inútil lhe seria enfrentar a cólera de tais brutos como enfrentar o arremesso dum touro enfurecido.

Foi como raciocinei naquele passo, pondo-me em paz com a consciência, embora a arder no desejo de vingança. Mas até hoje não posso recordar-me do lance sem revolta. A situação era brutal e da minha parte não comportava outra saída; não obstante, a vergonha põe-me fogo às faces sempre que me recordo da horrível humilhação sofrida.

A rapidez com que fugi da cozinha agravou-me seriamente a dor do joelho, e deixei-me cair angustiado em certo ponto da popa. O cozinheiro, entretanto, não me perseguiu.

— Vejam como foge! pude ouvi-lo dizer. Parece um veado! Volte, imbecil, eu não vou matá-lo...

Voltei e retomei o serviço — e o caso terminou aí, embora tivesse mais tarde novos desenvolvimentos. Pus a mesa para o almoço dos caçadores e servi-os. A tempestade havia amenizado durante a noite; todavia o mar estava grosso e ainda ventava rijo. A "Ghost" singrava com todas as velas armadas, exceto a do traquete, a bujarrona e o velacho, que, como ouvi falar durante o almoço, iam ser içados também. Lobo Larsen queria aproveitar o vento, esperando fazer com ele o máximo da sua rota rumo ao Japão.

CAPÍTULO 5

Depois do almoço sofri mais alguma coisa. Logo que acabei de lavar os pratos fui fazer a limpeza da cabina, e de lá saí com uma lata de cinzas retiradas da chaminé para deitá-las fora. Lobo Larsen e Henderson estavam juntos à roda do leme em conversa com Johnson, o timoneiro. Ao ver-me passar com a lata para despejá-la do lado do vento, Johnson fez-me um sinal, que confundi com saudação de bom dia. Na realidade era um aviso para que não lançasse as cinzas daquele lado e sim do oposto. Mas nada percebi e, passando por Lobo Larsen e Henderson, joguei as cinzas do lado errado, de modo que o vento as devolveu, fazendo-as espalharem-se pelo tombadilho, com polvilhamento dos dois homens. Imediatamente senti-me tratado a pontapés, como um cão — e nunca imaginei que pontapé pudesse ser golpe tão terrível. Tudo começou a girar em torno de mim. Vieram-me náuseas incoercíveis e fui obrigado a agarrar-me a uma porta da cabina para não desfalecer. Mas Lobo Larsen não me seguiu. Depois de sacudir-se das cinzas retomou a conversa com Henderson. O contramestre Johansen viu o desastre e mandou que três marinheiros lavassem o tombadilho.

À noite tive outra surpresa, mas de diferente tipo. Indo a mandado do cozinheiro fazer a arrumação da cabina de Lobo Larsen, vi lá uma estante cheia de livros. Olhei-os com espanto. Obras de Shakespeare, Poe, Tennyson e De Quince. A astronomia e a física também estavam representadas. Vi ainda a *Idade da Fábula*, de Bulfinch, a *História da Literatura Inglesa e Americana*, de Shaw e a *História Natural*, de Johnson. Havia ainda gramáticas e um exemplar do *Dean's English*, que me fez sorrir.

Era-me impossível compreender a existência daqueles livros na cabina dum bruto como Larsen, a não ser que ali estivessem por acaso, não para serem lidos. Ao arrumar a cama, entretanto, descobri um volume de Browning aberto na poesia "In the Balcony", e com passagens marcadas a lápis. Um papel assinalava uma página — um papel com diagramas geométricos e cálculos.

Evidentemente Larsen não era apenas a brutíssima fera que suas violências me haviam mostrado — e tornou-se-me logo um enigma para o espírito. Ou era o homem daqueles livros ou era o Larsen daquelas brutalidades. Que coexistissem os dois num mesmo ser, parecia-me absurdo. Já havia eu notado que ele manejava excelentemente a língua, embora incorrendo em leves deslizes. No tratar os marujos falava como eles, mas nas poucas palavras que me dirigiu notei logo a correção.

O encontro dos livros deu-me coragem para abordá-lo a respeito do dinheiro que me desaparecera do bolso.

— Fui roubado, disse-lhe logo depois, quando o vi só na popa.

— Senhor, corrigiu ele, sem brutalidade, mas severo.

— Fui roubado, senhor! repeti.

— Como aconteceu isso?

Contei-lhe tudo — minhas roupas deixadas a secar na cozinha e as ameaças do cozinheiro quando reclamei contra o abuso.

— Limpeza, disse ele. Limpeza do cozinheiro. Mas, diga-me, não acha que a sua miserável vida vale o que perdeu? Considere-o como lição e aproveite-a. Saiba cuidar melhor do que é seu. Com certeza, lá fora, quem cuidava do seu dinheiro era algum procurador, não?

Notei que um calmo sorriso irônico pairava em seus lábios, mas mesmo assim atrevi-me a perguntar como poderia reaver o dinheiro.

— Isso é lá consigo. Não tem aqui advogado ou procurador de quem socorrer-se e portanto há que solucionar o caso por si mesmo. Quando apanhar um dólar, enforque-o. Quem deixa o dinheiro largado ao alcance dos outros, merece perdê-lo. Além do mais, você pecou. Não tem o direito de tentar os homens. Você tentou Cooky — e ele caiu na tentação. Você, com a tentação, pôs-lhe a alma em perigo. Diga-me cá, *crê* na imortalidade da alma?

Suas pálpebras ergueram-se lentamente a esta pergunta, e pareceu-me que o interior daquele homem estava a abrir-se diante de mim. Ilusão pura. Creio que ninguém na vida jamais viu abrir-se a alma de Lobo Larsen. Era uma alma solitária, das que não se mostram. Uma alma que nunca se mostrou, embora em certos momentos brincasse de abrir-se.

— Leio a imortalidade da alma em seus olhos, respondi, deixando de lado o "senhor", a título de experiência.

Ele não prestou atenção a esse detalhe e disse:

— Nos meus olhos lê algo que vive, mas não que deva necessariamente viver sempre.

— Leio mais que isso, continuei intrepidamente.

— Lê então dominação sobre mim mesmo. Lê vida consciente disso, mas não lê a perpetuidade dessa vida.

Como pensava com dureza e com clareza expunha o que pensava! Depois de encarar-me com curiosidade, volveu o olhos para o mar plúmbeo. Leve sombra enevoou-lhe os olhos enquanto as linhas da boca lhe endureciam. Estava evidentemente pessimista.

— E para quê? continuou, voltando de novo a olhar-me. Por que e para que seria eu imortal?

Entreparei. Como poderia explicar o meu idealismo para tal homem? Como poderia reduzir a palavras o que eu sentia — essa intraduzível consciência, mais convincente que os argumentos lógicos, inatingível à expressão, como certas músicas ouvidas em estado de semivigília?

— E o senhor, que pensa? contra-perguntei.

— Penso que a vida é uma confusão, respondeu ele

de pronto. A vida é como o fermento, uma levedura que se move por um minuto, uma hora, um ano, um século, um milênio, mas que por fim terá paralisados os movimentos. Para manter-se em movimento, o grande come o pequeno. Para manter-se forte o forte come o fraco. O que tem sorte prolonga o seu movimento por mais tempo — eis tudo.

E apontando para os marinheiros na labuta do serviço de bordo:

— Eles movem-se, tal qual a água-viva. Movem-se para que possam comer, e comem para manterem-se em movimento. Eis tudo. Vivem por amor do estômago e o estômago neles funciona para mantê-los em vida. É um círculo vicioso. Não conduz a nada. Ao cabo de certo tempo, paralisam-se. Cessam de mover-se. Morrem.

— Mas também sonham, disse eu. Sonham maravilhosos sonhos...

— Sonhos de vermes, concluiu Larsen sentenciosamente.

— E além disso...

— Vermes. Vermes de apetites mais fortes e capazes de os satisfazer. Reflita. Sonham com viagens bem-sucedidas, que lhes dão de dar mais dinheiro. Sonham tomarem-se contramestre de navios, descobrirem tesouros — fiquem em melhor situação, em suma, para melhor depredar seus companheiros, gozar-se de repouso e forçar outros a fazer para eles os trabalhos pesados. Também eu e você somos a mesma coisa. Não vejo diferença, a não ser que temos comido mais e melhor. Eu estou a devorá-los agora — e a você também. Mas no passado você devorou mais e melhor do que eu. Dormiu em macias camas, usou roupas finas e regalou-se de manjares. Quem fez essas camas, essas roupas e esses manjares? Não foi você. Você nada fez, nunca, com o suor do seu rosto. Sempre viveu duma renda conseguida por seu pai. Tal qual uma fragata, das que atacam outras aves marinhas para lhes roubar o peixe. Você faz parte do bando que organizou o que se chama governo e que depreda o que os outros conseguem para si. Você usa roupas agradáveis. Outros teceram e coseram essas roupas — mas lá estão andrajosos, a tiritar de frio, implorando de você, ou do seu advogado, ou do seu procurador, um miserável emprego. — Mas isto está fora do nosso caso, exclamei.

— Absolutamente não, respondeu Larsen com os olhos fulgurantes. É a sordidez da vida. É a vida. E que senso pode ter a imortalidade para tal porcaria? Qual a finalidade? Que é ela, em suma? Você jamais produziu alimentos. Entretanto o alimento que comeu,

ou desperdiçou, poderia ter salvo a vida de milhares de criaturas que o produziram mas dele não puderam utilizar-se. Que finalidade imortal pode ter você ou têm eles? Considere o nosso caso — o caso de nós dois. Que vale essa sua tão vangloriada imortalidade, se sua vida estrebucha, louca, nas minhas mãos? Você quer retomar à terra, que é o ambiente favorável para a espécie de porcaria em que você se deleita. Já eu o conservo aqui, que é onde a minha porcaria floresce. E mantenho-o aqui por capricho. Eu posso fazer ou desfazer você. Você pode morrer hoje, esta semana ou no próximo mês. Eu posso matar você com um murro, já que não passa dum miserável fraco. Mas se somos imortais, qual a razão disto? Sermos os porcos que temos sido não me parece coisa de criaturas imortais. Diga-me: por que é que o retenho aqui?

— Porque é o mais forte, procurei insinuar.

— E por que mais forte? Por ser um pedaço de fermento maior que o pedaço de fermento que você é?

— Oh, isso é horrivelmente desesperante! protestei. — Concordo. Mas então para que mover-nos, se viver é apenas mover-se? Nada de desesperante, se não nos movêssemos e não fôssemos partículas de fermento. Mas — e aqui está tudo — nós ansiamos por viver ou por mover-nos. Se não fosse assim não haveria vida, tudo seria morte. É por causa dessa vida que referve dentro de você que você pensa em imortalidade. A vida que tem consigo está alerta e quer e anseia por viver eternamente. Bah! Imortalidade! Eternidade da porcaria...

Larsen virou-se abruptamente nos calcanhares e afastou-se. Logo depois deteve-se e chamou-me.

— Quanto foi que Cooky furtou? inquiriu.

— Cento e oitenta e cinco dólares, senhor.

Larsen fez um sinal de cabeça. Momentos depois quando desci para cuidar da mesa, ouvi-o a gritar com os homens no convés.

CAPÍTULO 6

Na manhã seguinte o mar acalmou e a "Ghost" entrou a vogar serenamente. Alguns relâmpagos, entretanto, fulguravam a espaços, o que fazia Lobo Larsen vigiar na popa, sondando o horizonte a nordeste, donde o vento que precisávamos devia vir.

Numerosos homens no convés preparavam os botes de caça. Eram sete ao todo, contando com a guiga do chefe. A tripulação de cada um compunha-se dum caçador, um remador e um piloto. Pilotos e remadores eram tirados da tripulação da escuna, mas os caçadores também estavam sujeitos às ordens de Lobo Larsen.

Vim logo a saber que a "Ghost" era considerada a mais rápida escuna de quantas circulavam entre S. Francisco e Vitória. De fato, ela já havia sido um iate particular, construído com muita atenção à rapidez. Suas linhas características diziam-no com eloquência. Johnson contou-me coisas dessa escuna, numa conversa rápida que tivemos durante algumas horas da noite. Falou com entusiasmo, como os homens do turfe falam dos cavalos. Já de Lobo Larsen disse mal, contando da péssima fama que gozava na roda dos capitães fogueiros. Foram as qualidades da escuna que levaram os marinheiros a engajar-se nela, mas estavam arrependi dos e prevendo horrores.

Por ele eu soube que a "Ghost" deslocava oitenta toneladas e media vinte e três pés de largo por noventa de comprido.

Um lastro pesadíssimo, não pude saber de quanto, tornava-a muito estável, mesmo levando em conta a imensa superfície das velas. O mastro-mestre media mais de cem pés e o do traquete apenas uns oito ou dez menos. Estou dando estes detalhes para que o leitor possa avaliar as dimensões daquele mundinho flutuante que carregava no bojo vinte e duas vidas. Mundinho na realidade microscópico, uma pinta, um cisco no oceano, e era espantoso que homens ousassem aventurar-se por sobre as águas dentro de algo tão minúsculo e frágil.

Lobo Larsen também possuía reputação de navegador negligente, como me contou Henderson e ainda um dos caçadores. Dois anos antes fora a "Ghost" desarvorada numa borrasca no mar de Bering, donde os mastros novos que trazia agora, mais pesados que os primitivos. Larsen declarara preferir que a escuna adernasse ao peso dos mastros a vê-los arrebatados por outro temporal.

Todos os homens de bordo, salvo Johansen, pareciam arrependidos do engajamento na "Ghost". Metade deles eram homens de alto-mar, e declaravam não terem tido nenhum conhecimento da escuna e do seu capitão no momento do embarque. E os que para ali vieram conscientemente se queixavam de que os caçadores eram rixentos e de

mau nome e por isso recusados em todas as outras escunas.

Fiz conhecimento com outro membro da tripulação, de nome Louis, um irlandês da Nova Escócia, de cara redonda e jovial, rapagão sociável e bastante tagarela. À tarde, quando o cozinheiro dormia o seu sono se sesta e eu descascava as minhas eternas batatas, Louis aparecia na cozinha para filar alguma gulodice. Sua explicação de estar na escuna era que se engajara num momento de bebedeira, pois seria a última coisa capaz de fazer quando não bêbedo. Vivia na caça às focas já de uma dúzia de anos, sendo considerado habilíssimo piloto.

— Ah, meu caro, disse-me ele, esta é a pior escuna que você podia ter escolhido, embora agisse em estado normal e não bêbedo, como eu. Navegar é o encanto do marinheiro, mas nunca num barco destes. O imediato já lá se foi — e não será o último. Lobo Larsen é um demônio e a "Ghost" virou um inferno desde que lhe caiu nas unhas. Ah, não sabe? Não sabe que há dois anos atrás Lobo Larsen, a bordo da "Ema I", teve de enfrentar um motim, no qual atirou cinco dos seus homens? Eu estava trezentas jardas distante. Nesse mesmo ano matou mais um homem a socos. Sim, matou-o. Esmagou-lhe a cabeça como quem esmaga um ovo. E estavam a bordo da "Ghost" o governador da Ilha de Kura e mais o chefe de polícia, um cavalheiro japonês, como hóspedes, e acompanhados de suas mulheres, umas figurinhas mimosas como as que vemos pintadas nos leques. E quando a "Ghost" largou, foram eles soltos nas suas sampanas, para que lá se arrumassem como pudessem. Só uma semana depois as pobres figurinhas conseguiram alcançar terra do outro lado da ilha, tendo de galgar as montanhas com aqueles pezinhos delicados que mal suportam uma milha de caminhada. Ah, não sabia? Este monstro do Lobo Larsen é uma besta do Apocalipse. Mas — faz de conta que eu não disse nada, ouviu? Não espirre uma só palavra, está entendendo? Estou vivo e não pretendo morrer ainda.

— Lobo Larsen! rosnou ele alguns instantes depois. Lobo é, na realidade. E não de coração de pedra, como certos homens, mas em absoluto sem coração. Vazio. É Lobo, apenas lobo. Não acha que tem um nome certo?

— Mas se ele é assim, como encontra quem o acompanhe em suas viagens?

— Oh, há os jeitos... Eu, por exemplo, por que estou cá? Bebedeira. Esses caçadores são gente não aceita em nenhum outro barco. Há os que embarcaram por ignorância, como os pobres-diabos da proa. Mas todos estão aprendendo à custa própria e hão de amaldiçoar o dia em que nasceram. Mas — eu não disse nada, nada, nada, está ouvindo?

Em seguida:

— Esses caçadores são gente má. Mas Larsen os vai endireitar. Que esperem. Vai

meter o medo de Deus em seus corações podres e negros. Veja o tal Horner. Chama-se James Horner e parece coisa boa, delicado como moça, todo maciezas e manteigas derretidas. Pois matou o seu piloto o ano passado. A coisa foi dada como acidente, mas eu estive num rebocador em Yokohama e soube de tudo. E o tal Smoke, o demônio negro? Não passou três anos na Sibéria por ter cometido roubos na ilha do Cobre, que é uma possessão russa? Lá na mina de sal onde estive presidiado virou corda e caçamba com um companheiro. Depois brigaram e Smoke o fez vir à superfície aos pedaços, num balde — hoje uma perna, amanhã outra, depois os braços, a cabeça e o resto.

— Impossível! exclamei horrorizado. Será verdade isso?

— Mas não está aqui quem falou, lembre-se. Eu não disse nada, nada, entende? Sou surdo e mudo, como você também deve ser — por amor à sua mãe. Faça como eu, que jamais abri a boca para falar do que quer que seja.

Johnson, o homem que me friccionou o peito quando foi recolhido a bordo, parecia-me o menos dissimulado da escuna. Realmente nada percebi nele de duvidoso ou suspeito. Chamava a atenção pela franqueza e varonilidade, temperadas duma modéstia que nada tinha de tímida. Ao contrário, Johnson tinha a coragem das suas idéias e a convicção da sua força. Foi por isso que protestou no começo das nossas relações contra chamar-lhe eu Yonson. Também Louis o julgava assim.

— É um belo companheiro esse Johnson de cabeça quadrada, disse ele. O melhor marinheiro de proa. É o meu remador, quero dizer, o melhor remador do meu bote. Mas a qualquer momento, vai ter embaraços com Lobo Larsen. Sei disso. Estou vendo as coisas fermentarem e irem crescendo como nuvem de borrasca no céu. Falei-lhe como a um irmão, mas Johnson não quer saber de fingir. Resmunga quando vê coisas tortas — e tudo chega aos ouvidos de Larsen. O capitão é forte, e os lobos detestam os que também são fortes, e força será o que ele vai ver em Johnson, força, não zumbaias e "Sim, senhor; obrigado, senhor". Insultos também e golpes, isso sim, terá ele de Johnson. O choque não tardará, e não sei onde encontrar outro remador que o valha. Quando Lobo o trata de Yonson, e ele replica: "Meu nome é Johnson, senhor", e soletra a palavra, com os dentes cerrados. Queria que nesses momentos você lhe visse a cara! Parece gato que vai dar bote. Não o fez ainda, mas fará. Conheço esta gente do mar.

Thomas Mugridge estava se tomando insuportável. Obrigava-me a dar-lhe de Senhor a cada frase. Uma das razões disto pareceu-me ser a familiaridade que Lobo Larsen entrou a mostrar com ele. Coisa sem precedentes, um capitão a tratar assim um cozinheiro de bordo. Duas ou três vezes meteu a cabeça na janela da cozinha e caçoou com Mugridge, de bom humor. Doutra feita ficou de conversa com ele na popa por uns quinze minutos. Quando Mugridge reapareceu na cozinha estava radiante e pôs-se a

cantar as modinhas em voga, numa horrível voz de falsete.

— Eu sempre me arranjo com os oficiais, observou-me em tom confidente. Sei como fazer-me estimado. Foi assim com o meu último chefe, que me recebia em sua cabina para entortar comigo o gargalo. "Mugridge", dizia ele, "sabe que errou a vocação? Você devia ter nascido nobre para nunca precisar de trabalho". Deus me carregue ao inferno se não foi assim que ele falou, enquanto bebia comigo em sua cabina!

Essa tagarelice distraía-me, apesar do odioso daquela voz. Seu tom gordurosamente insinuante, seus sorrisos hipócritas e aquela imensa presunção agiam sobre meus meus - nervos de modo a me fazer tremer. Positivamente era a criatura mais desprezível e asquerosa que eu já encontrara na vida. A sujeira da sua cozinha não conhecia limites, e como ele preparasse toda a comida de bordo, eu era forçado a escolher com grandes cautelas o que menos sujo me parecesse.

Minhas mãos muito sofreram, desabitadas do trabalho grosseiro como eram. As unhas tornaram-se-me negras e ásperas, e a pele encardiu a ponto de nem esfregação de escova lhe melhorar o aspecto. Mais tarde vieram-me bolhas em quantidade, e ainda apanhei uma queimadura no antebraço, em consequência dum escorregão sobre uma chapa quente. Também meu joelho continuava a magoar-me. A inchação não cedera; a rótula continuava deslocada. Só poderia sarar com repouso mas não havia repouso para mim.

Repouso! Antes daquele período de provações jamais prestei atenção ao significado dessa palavra. Eu passara a vida repousando sem o saber. Mas agora, se pudesse vadiar tranqüilo sem nada fazer, sem nada pensar, oh, isso seria para mim paraíso na terra! A lição valeu num ponto. Saberei daqui por diante avaliar a vida dos que trabalham. Nunca, nem por sombras, havia eu sonhado que o trabalho fosse coisa tão penosa. Das cinco da manhã às dez na noite vivo como escravo de todos, sem um instante de folga a não serem os minutos que consigo furtar no fim da manhã. Se me detenho um momento para apreciar o aspecto das ondas faiscantes de sol, ou espiar um marinheiro que trepa ao mastro grande, uma voz odiosa faz-se ouvir incontinentemente:

— Olá, Hump! Nada de sonhos. Tenho-te os olhos em cima.

Vejo sinais de mau humor na tripulação. Correm boatos de que Smoke e Henderson tiveram uma rusga séria. Henderson parece o melhor dos caçadores, e é além disso rapaz moroso, difícil de irritar-se; mas deve ter-se exaltado bastante, visto como Smoke apresentava uma grande mancha negra num dos olhos e parecia grandemente alterado quando entrou na cabina para a ceia.

Pouco antes sucedera algo de muito cruel, indicativo da brutalidade e covardia daquela gente. Há um noviço na escuna de nome Harrison, camponês desajeitado que o

espírito de aventura (penso eu) empolgou e fez engajar. Está na sua primeira viagem. Harrison fora mandado subir pelas adriças para arrumar uma vela. Mostrou medo, pois não tinha prática e é sempre arriscado marinhar cordas acima a oitenta pés de altura. Se o mar estivesse bom e a escuna mais estável, não seria nada. Mas havia mar grosso, de modo que as velas bojavam irregularmente e a um sacão do vento poderia deitar abaixo um homem inexperto que estivesse nas adriças.

Harrison recebeu a ordem e hesitou. Johansen, o contramestre, que já havia adquirido os hábitos brutais do capitão, irrompeu numa rajada de insultos.

— Basta, interveio Lobo Larsen bruscamente. Quem injuria neste barco sou eu só. Retire-se.

— Sim, senhor, foi a resposta humilde do imediato.

Entrementes Harrison começou a sua ascensão pelas adriças. Da porta da cozinha pude vê-lo, a tremer, como que atacado de maleita. Subia lenta e prudentemente, polegada a polegada. Sobre a imprimadura do céu claro lembrava uma aranha enorme a marinhar pelos fios da teia.

Era como uma ascensão de montanha, mas com o percalço de que o vento não estava bastante forte para enfunar a vela; assim frouxa o rapaz nada podia prever. A meio caminho a "Ghost" deu uma guinada violenta. Harrison deteve-se e segurou-se firme. De oitenta pés abaixo eu notava o tremendo esforço dos seus músculos, crispados no desespero de salvar a vida. Súbito, a vela esvaziou-se, as adriças bambearam e pude vê-las ceder ao peso do seu corpo. Em seguida a vela enfunou de brusco e chicoteou o rapaz. Uma das suas mãos perdeu o apoio. A outra agitou-se no ar por um instante. Harrison caiu, mas com a felicidade de ficar preso pelas pernas. E, assim dependurado, pôs-se a gritar.

— Aposto que não está com apetite para a ceia, ouvi Lobo Larsen dizer. Saia daí de baixo, Johansen! Cuidado! Vem coisa!

De fato, Harrison estava em ânsias de vômito, sempre dependurado, sem tentar safar-se. O contramestre, entretanto, continuava a gritar-lhe que fizesse o serviço.

— É uma vergonha! murmurou Johnson perto de mim. O rapaz tem boa vontade e aprenderia, se lhe dessem oportunidades. Mas isto é um...

A palavra "crime" não saiu de sua boca porque Louis o interrompeu dizendo:

— Cale-se! Pelo amor que tem em sua mãe, cale-se, Johnson!

— Johnson continuou a resmungar.

— Olhe, disse o caçador Standish a Lobo Larsen, esse rapaz é remador do meu bote e não posso perdê-lo.

— É seu remador no bote; aqui na escuna é meu marinheiro e farei dele o que entender, foi a resposta.

— Mas isso não é razão, insistiu Standish.

— É, declarou Lobo Larsen constantemente. O homem é meu e farei dele sopa, se quiser.

Um raio de cólera afuzilou nos olhos do caçador mas teve de retirar-se dali e ficar acompanhando a cena de longe. Toda a tripulação estava no convés, de olhos para o ar, fixos naquela vida a debater-se contra a morte. A insensibilidade daqueles homens, aos quais a organização industrial entregava a vida de outros homens, era espantosa. Eu, que sempre vivera com os meus livros e meio no mundo da lua, jamais supus que as coisas deste mundo fossem assim. A vida, que sempre me parecera sagrada, ali na escuna não entrava em linha de conta, valia zero. Devo entretanto notar que entre os marinheiros ainda existia um pouco de simpatia humana, como no caso de Johnson; mas entre os mais graduados, os caçadores e o capitão, absolutamente nenhuma. O próprio protesto de Standish apenas teve por causa o medo de perder um remador do seu bote de pesca. Não fosse isso, e divertir-se-ia com a cena tanto quanto os demais.

Mas voltemos a Harrison. Ao cabo de dez minutos de insultos e repisamento de ordens violentas por parte de Johansen, o rapaz conseguiu o controle de si próprio, e então ganhou a ponta da carangueja, onde tinha mais jeito de manter-se. Lá desembarçou a vela, como havia ordenado Johansen, e portanto já podia descer, mas perdera o governo dos nervos de modo a não animar-se a isso. Apesar da pouca segurança da sua posição, não tinha coragem de abandoná-la.

O pobre rapaz correu os olhos pelo caminho aéreo que tinha de percorrer para alcançar o convés — e seus olhos arregalaram-se, e todo o seu corpo tremeu. Nunca, em minha vida, pude ver o pavor mais fortemente estampado em rosto humano. Inutilmente Johansen lhe gritava que descesse, e embora dum momento para outro pudesse escorregar donde estava, o rapaz não se movia, como que paralisado pelo terror. Lobo Larsen passeava pelo convés conversando com Smoke, sem dar atenção ao caso; apenas gritou com aspereza para o homem do leme, que se distraíra:

— Está desviando a rota, meu caro. Cuidado, senão já sabe o que acontece.

O timoneiro corrigiu o desliz. De fato deixara que a "Ghost" virasse de jeito que o vento desse em cheio na vela do traquete, mantendo-a enfunada e firme. Fê-lo para ajudar a Harrison e com risco de incorrer na cólera de Larsen.

O tempo ia correndo e a angústia daquela situação tornava-se-me horrível. Mugridge, entretanto, a achava de uma graça imensa; volta e meia aparecia à janela da cozinha para ver se o rapaz ainda não se esborrachara, e fazia observações jocosas. Como o

execrei nesses momentos! Pela primeira vez na vida tive ímpetos de matar. Comecei a "ver vermelho". A vida humana era para mim sagrada, mas a vida de Mugridge eu a esmagaria sem vacilação. Cheguei a assustar-me, quando tive a consciência de que estava vendo vermelho. Seria então que a brutalidade do ambiente já me tinha contaminado? A mim, que nem sequer admitia a pena de morte, ainda para os piores crimes?

Boa meia hora passou-se assim. Ao cabo, vi Louis e Johnson altercando. Louis agarrara Johnson, que por fim se desembaraçou e avançou para o mastro grande. Colheu a corda e pôs-se a trepar. Lobo Larsen interveio imediatamente.

— Que é lá isso? Que pretende fazer?

A subida de Johnson foi sustada, e com os olhos fixos nos do capitão o generoso marinheiro respondeu com vagar:

— Vou ajudar o menino a descer.

— Quem vai descer dessa corda é você, e já, ouviu? Johnson hesitou; mas dominado pelo treino de longos anos de obediência cega aos capitães de navio, abandonou a empresa e dirigiu-se para a proa, longe dali.

Às cinco e meia desci para pôr a mesa da cabina; desci sem saber o que estava fazendo, tão cheio tinha os olhos e o cérebro da visão terrível do pobre rapaz que, como um besouro inerme, se agarrava a uma trave lá em cima. Quando servi a ceia, às seis horas, e passei pelo convés com os pratos trazidos da cozinha, vi que Harrison ainda se conservava na mesma posição. A conversa na mesa versou sobre vários assuntos, sem de leve tocar no drama a processar-se no topo do mastro. Ninguém parecia ter interesse no caso. Afinal respirei. Voltando de novo à cozinha vi que Harrison descera e, exausto, arrastava-se para o castelo de proa.

Antes de fechar a história deste incidente reproduzirei a minha conversa com o capitão, na cabina, enquanto tirava os pratos.

— Pareceu-me estranho esta tarde, Hump, disse ele. Que houve?

Larsen notara que eu sofrera tanto quanto Harrison e queria sondar-me. Respondi:

— Doeu-me o mau tratamento que teve aquele pobre rapaz.

Larsen riu curto.

— É uma espécie de enjôo, como o enjôo do mar. Algumas criaturas são sujeitas a esse enjôo; outras, não.

— Não é isso, contestei.

— É isso, sim, reafirmou Larsen. A terra é toda brutalidades, como o mar é todo movimentos. Uns homens enjoam com os movimentos do mar; outros enjoam com as brutalidade da terra. Nada mais.

— Será então que o senhor não dá nenhum valor à vida humana?

— Valor? Que valor? indagou Larsen fitando-me com os olhos parados. Que espécie de valor? Como se mede esse valor? Quem julga ou avalia esse valor?

— Eu, por exemplo.

— E que vale ela, a vida de um homem, para você?

Diga-me, que vale ela?

Embarcei-me na réplica. Embora eu possuía a expressão fácil, diante de Lobo Larsen sempre me via atrapalhado por falta das palavras convenientes, parte devido ao vigor da sua personalidade, parte por ser ele uma criatura totalmente diversa de quantas até então eu conhecera. Ao contrário de outros materialistas meus conhecidos, com os quais sempre me encontrava num ponto ou noutro, com aquele não me sentia afim em coisa nenhuma. Também a simplicidade elementar do seu gênio me desnorteava. Larsen ia diretamente ao âmago da questão, despojando-a de todas as vestes acessórias, e com tal precisão que me sentia como a lutar em águas profundas, sem ponto de apoio para o pés. O valor da vida? Como poderia responder a essa pergunta, ali, na excitação do momento? Para mim era axiomático o valor sagrado da vida. Sempre considerei assim e nunca meu. espírito examinou o caso. Era-me dogma, que jamais vi negado ou discutido. E quando Larsen abriu a questão, vi-me sem argumento, desarmado, incapaz de réplica.

— Já ontem conversamos sobre esse ponto, continuou ele. Afirmei que a vida é fermento, qualquer coisa levedada que devora outros lêvedos para manter-se em movimento; e também afirmei que viver não passa duma sordidez bem-sucedida. Não vê que em matéria de oferta e procura a vida é a mercadoria mais barata que existe? Tudo tem limitações, menos a vida. Existe tanto de ar, I tanto de água, tanto de terra. Quantidades limitadas. Mas! a vida que procura brotar não tem limites. A natureza é infinitamente pródiga de vida. Veja o peixe e seus milhões I e milhões de ovos. Em nós dois, por exemplo. Há em nós dois, em nossas glândulas, possibilidades para milhões de vidas. Tivéssemos tempo, e meios de utilizar o que há de vida em nós dois, e seríamos progenitores de continentes inteiros. Vida! Bah! Não tem valor. Entre as coisas baratas é a mais barata. Por toda parte vejo-a mendigando. A natureza derrama vida com mão larga. Onde há lugar para uma vida a natureza faz brotar mil. E a vida devora a vida, vive de vida para que sobreviva a mais forte — isto é, a mais esterçada, a mais porca.

— O senhor evidentemente leu Darwin, disse eu, mas tem das teorias de Darwin compreensão errônea, visto como deduz que a luta pela vida sanciona o desprezo pela vida.

Larsen encolheu os ombros.

— Você restringe a questão pensando na vida só em termos de vida humana.

Esquece que a vida manifestada no boi, na galinha ou no peixe você mesmo a destrói tanto quanto eu ou outro qualquer. E no entanto a vida é sempre a mesma, seja num homem ou num peixe. Por que hei de dar valor à vida humana, se a tenho ainda mais barata que a dos peixes? Há no mundo mais marinheiros do que navios que os comportem, e mais operários do que fábricas que os abriguem. Você, que é um bicho da terra, sabe como se amontoa gente pobre nas espeluncas das cidades, a morrer de fome e a empestar o ambiente e como ainda sobram criaturas de todos os lados a estorcerem-se na miséria — gente que você não sabe o que fazer dela. Já viu o enxame de vida das docas de Londres, batendo-se com ferocidade para conseguir um bocado de trabalho?

Larsen tomou rumo da escada, mas entreparou para lançar um golpe final.

— O único valor que a vida tem é o que ela atribui a si mesma. E esse valor é duvidoso por ser valorização em causa própria. Tome, por exemplo, o rapaz que subiu ao mastro. Agarrava-se lá como se sua pessoa fosse algo precioso, um tesouro mais rico que uma arca de diamantes. Precioso para você? Não. Para mim? Não. Para ele apenas. Mas eu não concordo com a avaliação ou com o apreçamento que ele faz de si próprio. Acho que exagera. Há muita vida ansiosa por brotar. Se o rapaz houvesse caído e espalhado os miolos pelo convés, como o mel que se derrama da colméia, não haveria nenhuma perda para o mundo. Um indivíduo nada vale para o mundo. O suprimento é grande demais. Só para si próprio tem valor — e para que você veja como esse valor é fictício, considere que, uma vez morto, cessaria nele a consciência do que perdeu. Somente ele é que se avaliou por preço mais alto que o da arca de diamantes. A arca de diamantes que ele supõe ser ter-se-ia derramado sob forma de miolos pelo convés; uns baldes d'água e umas vassouradas lançariam tudo no mar — e, já com a consciência morta, nem ele próprio viria a saber que os seus diamantes estavam indo para o bucho dos peixes. Nada perderia o rapaz com o desaparecimento de si próprio, porque não teria consciência disso. Não estou certo? Tem alguma coisa a objetar?

— Não há dúvida que o senhor é coerente, foi tudo quanto consegui dizer — e voltei à lavagem dos pratos.

CAPÍTULO 7

Depois de três dias de ventos irregulares, alcançamos afinal a zona dos alísios. Subi ao convés após uma boa noite de descanso, a despeito do meu pobre joelho, e vi a "Ghost" espumando de ambos os lados, com brisa fresca à popa. Oh, a maravilha dos ventos alísios! Durante todo o dia navegamos com perfeita regularidade. A escuna vogava como por si mesma. Nenhuma necessidade de manobrar velas, nenhum trabalho para a tripulação, exceto no leme. À noitinha, depois do sol deitar-se, as lonas eram colhidas; de manhã ficavam a esgotar-se do orvalho noturno antes de serem novamente abertas. E nada mais.

Dez nós, doze, onze — a velocidade variava. E com o bom vento noroeste sempre a soprar, fazíamos, no intervalo de dois crepúsculos, duzentas e cinqüenta milhas em média. Entristecia-me e também me alegrava a rapidez com que S. Francisco ia ficando para longe e a escuna se aproximava dos trópicos. Os dias tomavam-se mais quentes. No entardecer, antes de cair a noite, os marinheiros vinham para o convés inundá-lo d'água trazida em baldes. Peixes voadores principiavam a aparecer, e durante a noite o guarda corria pelo convés a fim de apanhar os que ali tombavam. Pela manhã Mugridge deixava-se subornar e fazia a cozinha recender com o cheiro do peixe frito; enquanto isso, de popa à proa era servida a carne dos golfinhos que Johnson costumava pescar.

Johnson consumia suas horas de folga a regalar-se com o espetáculo da "Ghost" rompendo as vagas sob a pressão das velas. Havia paixão, adoração em seus olhos. Numa espécie de loucura eufórica, quedava-se a olhar estaticamente para as velas pandas, para a esteira de espuma, para as vagas em eterna palpitação.

Dias e noites eram-me uma pura "maravilha de selvagem deleite", e conquanto possuísse poucos momentos de lazer empregava-os todos, e ainda furtava do trabalho o que podia, em observar-me na glória daquele mar puro sonho que jamais suspeitei pudesse existir no mundo. Em cima, o céu imaculadamente azul — azul como o mar que em baixo palpitava num cetim rebrilhante. Em redor do horizonte, nuvens pálidas, de algodão, imóveis como embrechados de praia fosca sobre a imprimidura celeste de turquesa translúcida.

Não posso esquecer a noite em que me deixei ficar no castelo de proa a olhar o V da espuma que a quilha do barco rasgava na massa líquida. O rumor vinha-me aos ouvidos qual marulho de córrego a deslizar sobre pedras verdes de musgo nalgum suave recanto de floresta. Aquele murmúrio dormente fez-me alheio a mim mesmo. Eu não era mais Hump, nem o servente de cabina, nem o Van Weyden que durante trinta e cinco anos

sonhara entre livros. Súbito, uma voz atrás de mim — a inconfundível voz de Lobo Larsen — firme, segura de si, despertou-me. Recitava uns versos que traduziam em absoluto o vago que ia dentro de mim.

— Olá! Que impressão lhe causou estes versos? Perguntou-me após uma pausa.

Fitei-o nos olhos. Tinha-os inundados de luz, como estrelas.

— O que me impressiona é que haja entusiasmo em seu coração, respondi friamente.

— Por que, homem? É a vida! Apenas a vida! foi a sua resposta.

— Coisa aliás baratíssima ou sem nenhum valor, acrescentei como a completar-lhe o pensamento.

Larsen riu-se e pela primeira vez notei alegria sã em sua voz.

— Ah, não posso fazer-me compreendido! Não posso fazer entrar na sua cabeça o que é a vida. De fato, a vida é sem valor, exceto para si mesma. A minha, por exemplo, me é imensamente valiosa neste momento — "para mim". Não tem preço — e você há de pensar que incorro num terrível exagero de avaliação. Que posso fazer? É a vida em mim que se avalia a si própria.

Pareceu procurar palavras para expressar um certo pensamento. Depois:

— Sinto-me cheio duma estranha exaltação, como se os séculos estivessem a ecoar dentro de mim ou como se todo o Poder do mundo fosse meu só. Eu sei! Eu me sinto senhor da verdade, do bem e do mal. Minha vida está infinitamente clara. Posso até, quase, crer em Deus. Mas...

O som de sua voz demudou e o brilho dos seus olhos esmoreceu.

— ... mas que significa este estado em que me encontro? Esta alegria de viver, esta exaltação, esta inspiração? Apenas o que nos sobrevem quando nada perturba o nosso processo digestivo. Se o estômago anda a funcionar bem e o apetite é ótimo, tudo está perfeito. É o solerte suborno da vida — a champanha, a efervescência da levedura — e só ela nos faz, ou faz que certos homens pensem com o que se chama elevação moral, e que outros vejam Deus, ou nele creiam quando não podem vê-lo. A bebedeira da vida, a ebriedade da vida, o frenesi do fermento, o borbulhar da vida que endoidece com a consciência de que está viva! E que sucede? Sucedem que no dia seguinte temos de pagar o preço da exaltação, como o bêbado paga a sua momentânea ebriedade com o mal-estar da ressaca. Eu, por exemplo, voltarei amanhã à consciência de que um dia hei de morrer — e no mar, provavelmente. De que cessarei de arrastar-me a mim próprio para ser arrastado pela podridão oceânica. De que cessarei de alimentar-me para passar a alimento. A força dos meus músculos desaparecerá para que se acrescente à força dos músculos dos tubarões. Bah! Bah! Já lá se foi a espuma da champanha. Sinto-a morta, choca. O gás das bolhas perdeu-se no ar, Bah! ...

E Lobo Larsen deixou-me tão repentinamente como havia vindo, saltando para o convés com a elasticidade macia do tigre. A "Ghost" continuava na sua rota. O rumor da quilha a romper as águas não me soara mais qual murmúrio de regato — era agora ronco surdo. O efeito da rápida passagem de Lobo Larsen da extrema exaltação ao desespero foi-se lentamente apagando em mim. Nisto chegou-me aos ouvidos a voz de tenor dum marinheiro. Entoava o "Canto dos Ventos Alísios".

"Oh, sou o vento que os marujos amam... Firme, forte, leal, verdadeiro. Pelas nuvens lá em cima eles acompanham o meu curso, pelas nuvens lá em cima do azul dos trópicos. Com a luz do dia ou a treva da noite sigo o barco, sigo seu rasto como o cão segue a caça. Sou bem forte ao meio-dia, mas também à noite sei enfunar uma boa vela desfraldada..."

CAPÍTULO 8

As venetas de Lobo Larsen e suas fugas à realidade fazem-me às vezes pensar que é um louco, ou pelo menos um semilouco. Outras vezes parece-me um grande homem, verdadeiro gênio que não realizou o seu destino. Também me corre a idéia de que é um avatar do homem primitivo — ser de milhares de anos atrás nascido neste século por mera aberração. Um individualista do mais ferrenho tipo, certo que é. E ainda um solitário. Nenhuma congenialidade entre Larsen e os demais homens da escuna. Sua tremenda varonilidade, bem como sua força mental o afastam da tripulação. Perto dele ficam todos como crianças, inclusive os caçadores de focas, e como crianças ele os trata, "descendo" até eles e com eles brincando como as crianças brincam com cachorrinhos novos. Ou então Larsen os experimenta com a mão cruel dum vivisseccionista, penetrando-lhes os processos mentais como que a estudar o mecanismo de suas almas.

Vi-o inúmeras vezes à mesa insultar este ou aquele caçador, com o olhar frio, embora denunciativo de certo interesse pelas reações mentais do insultado. Atentava-lhes nas respostas e nas pequeninas cóleras com uma curiosidade que me divertia, a mim que de lado observava e tudo compreendia. E mesmo no que diz respeito aos seus próprios acessos de cólera estou convencido de que não eram reais e sim experiências, quando não atitude advinda do hábito — a sua natural atitude diante do resto da humanidade. Fora o incidente já narrado da morte do contramestre, creio que nunca o vi realmente colérico — nem é coisa que eu queira ver...

Quanto a venetas, contarei o sucedido a Mugridge, certa ocasião. O lanche do meio-dia terminara e eu acabava de pôr a cabina em ordem quando Larsen e Mugridge apareceram descendo a escada. Embora o cozinheiro tivesse como toca um desvão que abria para a cabina, ele nunca permanecia nesta, atravessando-a raras vezes e sempre qual tímido e esgueirante espectro. .

— Com que então sabe jogar o *nap*, vinha dizendo o capitão com voz prazenteira. Eu devia ter imaginado isso, já que você é inglês. Aprendi esse jogo em navios ingleses.

Mugridge tinha no rosto uma auréola de deslumbramento idiotizado, tamanho era o seu gosto diante da honra de uma prosa com o capitão. Seus modos e seu esquerdo esforço para assumir ares de homem superior à posição que tinha na vida davam-me enjôo de estômago. Não me viu por ali. Os olhos pálidos de Mugridge, como que descorados, boiavam num mar manso de visões que eu não podia imaginar quais fossem.

— Traga o baralho, Hump, ordenou Larsen sentando-se à mesa. E também charutos e

whiskey — lá do meu camarote.

Voltei com as coisas pedidas a tempo de alcançar o londrino a dizer que havia um mistério em tomo dele, pois que devia ser no mínimo um filho de fidalgo que errara; também que recebia uma renda para manter-se longe da Inglaterra. "Pagam-me generosamente, senhor, para que me mantenha nesta vida e para lá não volte".

Eu trouxera copos pequenos; Larsen enrugou a testa e pediu copos grandes. Ao tê-los diante de si encheu-os por dois terços com whiskey puro — bebida de *gentleman*, dizia Mugridge — e ambos brindaram o glorioso *nap*. Em seguida acenderam os charutos e tomaram as cartas. Puseram-se a jogar a dinheiro, aumentando sempre as apostas e a ingestão do whiskey. Não foi suficiente a garrafa trazida; tive de ir em busca de outra. Lobo Larsen ganhava sempre, não sei se com honestidade. O cozinheiro teve de entrar diversas vezes na sua toca para trazer mais dinheiro, e de cada vez o fazia com maior dificuldade, de bêbedo que ia ficando. Trazia o dinheiro em dólares e aos poucos. Mugridge tomara-se confiado e íntimo, chegando a ponto de segurar Lobo Larsen pelo casaco e dizer-lhe cara a cara: "Tenho dinheiro! Recebi-o, pois sou filho dum fidalgo!".

Larsen, apesar de muito ter bebido, não mostrava sinal nenhum de embriaguez. Também nem se mostrava divertido com as macaquices do outro.

Finalmente, com protestos em voz alta de que podia e sabia perder como um *gentleman*, os últimos dólares de Mugridge foram lançados à mesa e perdidos. Nesse momento veio a reação. Mugridge levou as mãos à cara e abriu-se em choro, enquanto Larsen o esfuracava com os olhos numa análise de vivisseccão; depois como que mudou de idéia, por não achar nada de interessante a estudar no paciente.

— Hump, disse-me com requintada cortesia, faça o obséquio de levar o senhor Mugridge para o convés. Creio que não está se sentindo bem. E diga a Johansen que lhe despeje em cima uns baldes d'água salgada, concluiu em voz mais baixa, como para mim só.

Obedeci. Deixei Mugridge na coberta, entregue a dois marinheiros chamados para esse serviço. O londrino continuava com a história de ser filho de nobres. Isso não impediu que levasse o banho salgado; de volta à cabina ouvi-lhe os berros.

Encontrei Larsen contando o dinheiro.

— Exatamente cento e oitenta e cinco dólares, disse ele em voz alta. Tudo saiu como eu supus. Esse mendigo veio para bordo sem vintém de seu.

— o senhor ganhou exatamente o meu dinheiro, atrevi-me a dizer.

Larsen sorriu.

— Hump, disse ele com ironia, no meu tempo de moço estudei um pouco de gramática e acho que você acaba de errar no tempo do verbo. Empregou o presente em

vez do passado. "Que foi meu", era o que devia ter dito.

— A matéria não é gramatical e sim de ética, foi a minha resposta.

Larsen guardou silêncio durante um minuto.

— Sabe, Hump, disse depois, com calma serenidade na qual percebi leve tristeza, que é a primeira vez que ouço a palavra ética na boca dum homem? Neste navio somos os dois os únicos que poderão definir o que é ética.

Guardou novo silêncio e prosseguiu:

— Em certo tempo da minha vida esperei poder tratar com homens que falassem em coisas como "ética" e outras, mas confesso que só agora ouço pronunciar semelhante palavra. O que aliás nada adianta. O caso não é nem de gramática, nem de ética, e sim de matéria de fato.

— Compreendo. O fato é que o senhor detém o dinheiro.

Seu rosto iluminou-se. Larsen pareceu contente com a minha perspicácia.

— Estamos errados. A questão é apenas de direito.

— Oh, exclamou ele fazendo um muchocho. Vejo que ainda crê em coisas tais como o direito. Magnífico!

— E o senhor não?

— Absolutamente não. O direito decorre da força. A fraqueza não tem direitos. Isto é um modo indireto de dizer que o bem para nós consiste na força, e o mal, na fraqueza. Ou, melhor ainda, que é agradável ser forte, em vista das vantagens que disso decorrem, e desagradável ser fraco, pela razão inversa. Neste momento a posse deste dinheiro me é agradável. Faz-me bem possuí-lo. E sendo eu capaz de possuir este dinheiro, e dando-me ele prazer, farei mal à vida que existe em mim, se me privar do prazer de tê-lo comigo.

— Não fará mal à vida que existe em si mas fará mal à vida que existe em mim, objetei.

— Engano. Um homem não pode fazer mal a outro homem. Pode apenas fazer mal a si próprio. Do modo como vejo as coisas, erro sempre que atendo aos interesses dos outros. Compreende? Como podem duas partículas de fermento fazer mal uma a outra, se cada uma delas luta apenas para dois fins: devorar e não ser devorada? Quando se afastam disto, erram.

— Então não crê em absoluto no altruísmo? perguntei.

Larsen recebeu a palavra como a um som familiar, ponderando lentamente: "Altruísmo no sentido de cooperação, não é?"

— Em parte; uma espécie de conexão, respondi, sem surpresa pelas lacunas do seu vocabulário, o qual, do mesmo modo que a sua instrução, fora adquirido por

autodidatismo, em leituras ao acaso. Ninguém lhe havia orientado os estudos, nem nunca havia ele debatido tais temas com ninguém.

— Ato altruístico, expliquei, é um que atende ao interesse alheio sem prejuízo do nosso. Um ato não egoísta, não realizado em exclusivo benefício nosso.

Larsen fez um gesto de cabeça.

— Sim, lembro-me agora. Li-o em Spencer.

— Spencer! exclamei. Leu Spencer?

— Não muito. Compreendi um pouco dos *Primeiros Princípios*, mas a sua *Biologia* desviou o vento das minha velas. Também a sua *Psicologia* fez-me matutar alguma coisa. Sinceramente não pude compreender onde Spencer quer chegar. Atribuí a incompreensão à minha deficiência de espírito, e depois admiti que seria por falta de preparo básico. Unicamente Spencer e eu sabemos como nos martelamos mutuamente. Já da sua *Ética* apanhei alguns elementos. Foi onde encontrei o altruísmo, lembro-me agora.

Fiquei interessado em saber o que tal homem poderia ter aprendido em Spencer quanto à ética. Esse filósofo põe o altruísmo como cúpula suprema da moral. Larsen evidentemente havia tomado do filósofo inglês o que lhe convinha aos interesses e desejos.

— Que mais encontrou lá? perguntei.

Suas sobrancelhas contraíram-se ao esforço mental de reunir as palavras que bem lhe expressassem as idéias. Senti-me na pista daquela alma. Lobo Larsen estava procurando entremostrá-la. Uma estranha região ia se abrindo diante dos meus olhos.

— Resumindo, disse ele, Spencer quer isto: primeiro, que um homem atue sempre em seu próprio benefício; Fazer isto é ser moral. Em segundo, que atue em benefício dos filhos. Em terceiro, que atue em benefício da raça.

— Logo, intervim eu, a conduta mais alta, mais nobre, mais reta é a que beneficia ao mesmo tempo o indivíduo, a família e os filhos, ou a espécie.

— Não chegarei até lá, replicou ele. Não vejo necessidade de tanto. Corto dois terços. Ponho de lado filhos e espécie. Nada sacrificarei por amor deles. É sentimentalismo, como você compreenderá em se tratando de quem não admite vida eterna. Com a imortalidade da alma admitida, sim, seria negócio fazer como quer Spencer. Aí caberia altruísmo — meio de elevar a alma a toda sorte de altitudes. Mas nada vendo de eterno na minha frente, salvo a morte, acho imoral fazer qualquer coisa que importe em diminuição. Qualquer sacrifício que me faça perder qualquer coisa, seria tolo — e, além de tolo, nocivo à minha pessoa. Não devo perder um só impulso do meu fermento, se quero tirar dele tudo quanto me pode dar. Nem a imortalidade eterna que me espera se

tornará mais fácil, ou mais penosa, em conseqüência dos sacrifícios altruísticos, ou do egoísmo cru, que eu agora pratique na minha fase de fermento.

— Então é o senhor um puro individualista, um materialista — e logicamente um hedonista. — Palavras. Hedonista, que vem a ser?

Larsen concordou de cabeça com a minha

— E o senhor, continuei, é também um qual ninguém pode esperar nada que de leve sua compreensão egoística de tudo.

— Isso. Está começando a compreende Larsen com calor.

— Um homem amoral.

— Isso.

— Um homem sempre de temer-se...

— Isso. Exatamente isso.

— Tal qual a cobra, o tigre, o tubarão... — Agora acertou. Daí o nome de Lobo que me deram os homens.

— Um monstro, em suma, continuei intrepidamente. Um Caliban que age por capricho e fantasia como no poema de Browning.

Essa alusão fê-lo enrugar a testa, dando-me a entender que desconhecia o poema de Browning. Mas errei

— Estou justamente a ler Browning, disse ele, acho-o obscuro. Ando pelo meio e já perdi o pé.

Para não alongar a história, resumirei dizendo que Larsen foi à sua cabina buscar o poema de "Caliban under Setebos", que li em voz alta. Larsen deleitou-se ante aquele modo primitivo de raciocinar e ver as coisas. Interrompeu-me várias vezes. Depois discutimos ciência, evolução e religião. Larsen traía a sua cultura imperfeita, autodidática, mas afirmava-se sempre com a solidez dum espírito primitivo. A simplicidade do seu raciocínio tinha grande força, e o seu materialismo era mais convincente que o complicado e complexo materialismo de Charley Furuseth. Não que eu — um idealista por temperamento, corno Furuseth me classificara pudesse ser convencido; mas Larsen arrombava os mais firmes redutos da minha fé com um vigor que merecia respeito, embora não me reduzisse de opinião.

O tempo correu. O jantar já estava pronto sem que a mesa estivesse posta, de modo que quando Mugridge mostrou a cara colérica, chamando-me à obrigação, fiquei ansioso. Mas Larsen gritou logo:

— Cooky, arrume-se lá corno puder. Hump está ocupado.

E tudo mudou a partir daí. Nessa noite sentei-me à mesa do capitão e dos caçadores e fui servido por Mugridge, que depois teve também de lavar os pratos urna perversidade

de Caliban transfeito em Lobo Larsen que me iria trazer aborrecimentos. Entrementes, conversamos o tempo todo, com grande desagrado dos caçadores, incapazes de compreender uma só palavra.

CAPÍTULO 9

Três abençoados dias de descanso foram os que tive com Lobo Larsen, comendo na sua cabina e não fazendo outra coisa senão discutir a vida e o universo, enquanto Mugridge bufava de ódio, a desempenhar sozinho o seu serviço e mais o meu.

— Aguarde temporal é só o que digo! avisou-me Louis, num momento em que Larsen estava no convés a apaziguar uma briga entre os caçadores. E como eu lhe pedisse maiores esclarecimentos: — Ninguém pode saber o que vai suceder, respondeu ele. O nosso homem é tão variável como o vento, ou as correntes marinhas. Impossível prever o que tem na cabeça. Quanto tudo parece correr pelo melhor, ele muda de bordo e vira fera.

Esse aviso preparou-me para o temporal previsto, o qual ocorreu assim. Tínhamos tido, eu e Larsen, uma viva discussão, a propósito da vida, está claro, e eu, cada vez mais audacioso, fui tirando todas às conclusões lógicas a respeito da sua pessoa. De fato vivisquei, microscopei a substância de sua alma tão agudamente como ele fazia à dos outros. Fui positivo demais, sarjei, fustiguei-o a ponto de fazê-lo fremir de fúria. O bronzeado da sua face entenebreceu; seus olhos despediram chispas. Não mais vi neles nenhum equilíbrio e sim a raiva incoercível do louco. Surgira o lobo e, o que era pior, um Lobo louco.

Larsen atirou-se contra mim, agarrando-me pelo braço. Recuei, procurei desviar-me; mas a sua superioridade física era enorme. Segurou-me pelo bíceps e de tal modo esmagou-me as carnes que não contive um grito de dor. Senti meus pés fugirem de sob mim. O sofrimento era excessivo; sensação de esmagado entre tenazes de aço.

Súbito, como que voltou a si, já com brilho mais humano nos olhos. A mão que me torturava relaxou-se e uma gargalhada ainda de fera soou. Vim ao chão, como morto, e ele sentou-se-me ao lado, de charuto aceso, a contemplar-me como o gato contempla o rato. Quando me ergui pude ver em seus olhos aquela curiosidade que já notara, e aquela perplexidade, aquela interrogação, aquela sua eterna dúvida a respeito da significação de tudo.

Por fim consegui mover-me e encaminhar-me para o portaló. Cessara o meu período de folga e só me restava regressar à cozinha. Senti o braço adormecido e paralisado, e assim me ficou ele durante dias e dias. E Larsen nada mais me havia feito senão segurar-me o braço e apertá-lo! Nem torção, nem sacudidela. Tinha apenas fechado os dedos sobre os meus músculos, num aperto prolongado. Aquilo que me poderia ter feito, se quisesse, é coisa que só compreendi no dia seguinte, quando o vi meter a cabeça pela

janela da cozinha para indagar como ia eu passando.

— Podia ter sido muito pior, disse ele sorrindo, depois da minha resposta.

Eu estava a descascar batatas. Larsen tomou uma das maiores e apertou-a. A batata desfez-se em filetes de purê escorridos por entre os seus dedos. Em seguida lançou a massa remanescente na vasilha e afastou-se. Compreendi o que teria sucedido se tal monstro houvesse aplicado toda a sua força contra mim.

Os três dias de favoritismo, entretanto, fizeram-me bem, pois que meu joelho pôde sarar. Senti-me muito melhor, com a inchação bastante diminuída e a rótula quase no lugar. Mas tiveram um reverso. Mugridge mostrou logo a sua tenção de vingar-se. Não só redobrou de insultos como me pôs no lombo todo o trabalho que lhe cabia. Chegou até a erguer contra mim o punho; eu, porém, já me estava animalizando e rosnei-lhe na cara com ferocidade que o fez recolher o bote. Não é quadro agradável à vista o que eu formava naquela cozinha, eu, Humphrey Van Weyden, metido num canto, encurralado e a arreganhar os dentes como cão perseguido, no ímpeto de desespero que dá o medo aliado à impotência. Repugna-me lembrar isto. Cena de rato a defender-se dentro da ratoeira. Mas, apesar de tudo, o efeito visado foi conseguido, pois Mugridge se conteve.

Conteve-se e recuou, olhando-me também com profundo ódio e maldade. Éramos duas feras que se entre-ameaçavam. Mugridge acovardou-se e procurou outra maneira de intimidar-me, que não com rosnados e arreganhos. Achou uma faca, que como faca nada valia; com o muito uso na cozinha emagrecera, perdendo quase toda a largura; além disso, fina demais, também pelo uso. Mugridge pediu emprestada a Johansen uma pedra de amolar e pôs-se a dar fio àquele fantasma de faca. Fê-lo com grande ostentação, lançando-me olhares a espaços. Passou naquilo todos os momentos de lazer que teve durante o dia. O aço acabou finalmente adquirindo corte de navalha. Mugridge experimentou o na unha do polegar e nos pêlos da mão, detendo-se a observar atentamente microscópicos defeitos que ainda existiam na lâmina que existiam ou que ele fingia encontrar. E voltou a passá-la e repassá-la na pedra.

O caso não deixava de ser sério, porque eu o sabia capaz de usar a arma contra mim; debaixo da sua poltronice alapava-se uma certa coragem — a coragem da covardia (como a minha) suficiente para impeli-lo a coisas contra a sua natureza, a coisas que ele tinha medo de fazer. "O cozinheiro está afiando a faca para Hump", foi o sussurro que se tornou corrente a bordo. Mugridge ouvia-o com agrado, meneando a cabeça afirmativamente, até que Leach, o rapaz de cabina, aventurou-se a uma pilhéria a respeito.

Acontecia que Leach fora justamente um dos que lhe haviam dado aquele banho a baldes d'água salgada, no dia da jogatina com o capitão, e parece que Leach carregara na dose; o cozinheiro não lhe perdoara nunca, e haviam mesmo trocado toda sorte de

insultos, extensivos às respectivas famílias. Ao ouvir a pilhéria, Mugridge ameaçou Leach e, como este gargalhasse, agrediu-o, ferindo-o no braço, do cotovelo ao punho. Foi golpe rapidíssimo, em seguida ao qual o cozinheiro recuou com os olhos afuzilantes de ódio e caiu em guarda. Mas Leach tomou aquilo com estranha filosofia, embora o sangue lhe jorrasse como de bica.

— Não te pego agora, meu caro, disse ele, apenas. Há de chegar a vez de apanhar-te sem faca na mão.

Disse e tranqüilamente retirou-se para a proa. Mugridge estava branco de pavor, tanto do que havia feito como pelo que podia esperar do revide. Pois apesar disso a sua conduta para comigo cresceu de ferocidade. Dera-me aquela lição, aquela demonstração de força, que, se o apavorava pelas conseqüências possíveis, no momento o punha exultante qual um vencedor. Havia ainda nele a exaltação próxima da loucura, provocada pela vista do sangue. Percebi que começava a "ver vermelho" para onde quer que olhasse.

Passaram-se mais alguns dias. A "Ghost" continuava na sua marcha, ao impulso regular dos ventos alísios. E com o andar do navio recrescia a loucura do cozinheiro. Seus olhares tinham qualquer coisa do olhar das feras carnívoras. Isso fez-me tomar todas as cautelas, e nunca mais sair da cozinha senão de frente para ele, em guarda, com grande regalo dos marinheiros e caçadores, sempre aos bandos pelas redondezas para gozar o espetáculo.

Aquela tensão nervosa exauria-me. Cheguei a julgar-me incapaz de resistir-lhe por muito tempo, naquele navio de brutos e loucos. Minha vida corria permanente risco, e da proa à popa nenhum ser humano mostrava o menor interesse em vir em meu apoio. Em certos momentos acudia-me a idéia de recorrer a Lobo Larsen; mas a visão da sua diabólica ironia, manifestada nos olhos em perpétuo estudo da vida, refreava-me esses ímpetos. Cheguei a pensar no suicídio — e houve uma grande luta dentro de mim para não precipitar-me por cima da amurada, na escuridão da noite.

Entrementes Larsen procurou por várias vezes chamar-me à discussão, o que evitei à custa de respostas cortantes. Por fim mandou-me que voltasse à cabina, deixando o cozinheiro a fazer todo o trabalho. Falei-lhe então com toda a franqueza; contei-lhe o que vinha sofrendo da parte de Mugridge em conseqüência dos três dias de favoritismo.

Lobo Larsen olhou-me com olhos sorridentes.

— Tem medo, hein? gracejou.

— Sim, confessei com sinceridade. Tenho medo.

— É o que sucede com quem sentimentaliza a respeito da imortalidade da alma. À vista duma simples faca afiada, em mãos dum covardíssimo cozinheiro — choque duma

vida contra outra — desnorteia toda essa ridícula teoria. Porque, meu caro, você viverá sempre! É Deus, e Deus não perece! O cozinheiro nada pode contra quem é Deus imortal. Você está certo da sua própria ressurreição; logo, o que receia? Tem a vida eterna diante de si. É um milionário da imortalidade, um Cresco cuja fortuna de nenhum modo pode ser perdida, pois é menos perecível que as estrelas e tão duradoura como o Espaço e o Tempo. Impossível, em alguma hipótese, diminuir-se esse capital. Imortalidade é coisa sem começo, nem fim. Eternidade é eternidade, e embora você morra aqui neste mundo, continuará vivendo em outro, para todo o sempre. E que há de mais belo que o espírito imortal, a destacar-se da sua terrena prisão de carne? Mugridge não poderá nunca ofender a um imortal. Poderá apenas empurrá-lo para um novo caminho. Mas se você não quer entrar já em novo caminho, por que não empurra para ele Mugridge, antes que ele o faça a você? De acordo com as suas idéias, também Mugridge é imortal — um milionário da imortalidade. Impossível a você destruir-lhe a riqueza. O capital de Mugridge circulará sempre ao par. Você não pode encurtar a vida dele, matando-o, porque a vida não tem começo, nem fim. Mugridge continuará vivendo em outros mundos. Se é assim, por que não o empurra fora deste? Meta-lhe a faca e liberte-lhe a alma. Como o coitado está a viver numa suja prisão, será grande serviço afastá-lo daqui. E quem lá sabe? Talvez ele seja um formoso espírito, que irá voando pelos espaços afora, exaltante de ver-se livre da feia carcaça terrena. Liberte-o da alma, Hump, e será promovido para o seu lugar na cozinha, com quarenta e cinco dólares por mês.

Era claro que de Lobo Larsen eu nada poderia esperar. Se algo tinha de ser feito, a mim só cabia fazê-lo — e meu terror evoluiu para a desesperada coragem de enfrentar Mugridge com armas iguais. Consegui de Johansen uma pedra de amolar. Louis, o timoneiro, havia-me pedido que lhe arranjasse umas latas de leite condensado, e como a despensa me ficasse a jeito, pude abafar cinco e negociá-las em troca dum punhal. Estava, porém, enferrujado; eu tinha de pô-lo cortante como navalha. Nessa noite dormi mais sossegado.

No dia seguinte ao almoço, Mugridge recomeçou a sua afiação da lâmina. Olhei-o de soslaio, enquanto, de joelhos, tirava do fogão as cinzas da véspera. Mugridge conversava com Harrison, em cuja face eu lia admiração e espanto.

— Sim, dizia o cozinheiro, e "isso" não me deu mais que dois anos de prisão em Reading. Coisa de nada. Mas o dito-cujo foi-se. Queria que você o visse! Uma faca - justamente como esta. Enfiei-lha nas tripas como quem enfia agulha em queijo. Nem gemeu! Nem sentiu!

Mugridge olhou-me de revés, a ver se eu estava atendendo à conversa, e continuou:

— "Não tive intenção de nada, Tomy", implorava ele, "perdoe-me, não tive intenção!" Eu te curo, meu caro, respondi, e agarrei-o bem agarrado. E cortei-o em fitas, fazendo-o urrar todo o tempo. Chegou a pegar na faca; arranquei-lha de golpe e a carne abriu-se até o osso. Oh, foi bonito de ver-se, garanto!

Veio interromper a lúgubre narrativa um grito do imediato, e Harrison lá se foi para a popa. Mugridge sentou-se à porta na cozinha e retomou o afiamento da faca. Eu larguei da pá que tinha na mão e calmamente me sentei numa caixa em sua frente. O olhar de ódio que me lançou! Sempre calmo, embora meu coração desse pulos, saquei do enferrujado punhal de Louis e pus-me também a afiá-lo, esperando uma explosão do meu inimigo. Com espanto meu, Mugridge parecia não dar conta de nada. Continuava no seu trabalho, — e por duas horas ficamos assim os dois, face a face, *chin, chin, chin*, até que a notícia se espalhasse e metade da tripulação se reunisse à porta da cozinha para gozar o espetáculo.

Atiçamentos e conselhos amiudaram-se, e Jack Horner, o sorumbático e sempre mudo caçador que parecia incapaz de maltratar um camundongo, aconselhou-me a não esfaquear nas costelas, sim na barriga, ferindo de baixo para cima e dando à lâmina o que ele chamava "a torcida espanhola". Leach, com o braço enfaixado bem à mostra, pediu-me que lhe deixasse um pedaço do cozinheiro. Também Lobo Larsen deteve-se por ali duas vezes, curioso do entreechoque daquelas duas partículas de fermento que se desafiavam.

Devo declarar que por aquele tempo a vida já perdera para mim todo o valor. Considerava-a com o mesmo desprezo de Larsen. Nada via nela de nobre, nem de divino. Éramos portanto, naquele momento, duas coisas vivas grandemente covardes, que afiavam facas à vista dum grupo de outras coisas vivas igualmente covardes. Metade da assistência, estou seguro, ardia por ver um de nós derramar o sangue do outro. Mera ânsia de divertimento. E creio que não haveria ninguém capaz de interferir para que fosse evitada uma luta de morte.

Por outro lado tudo aquilo era infantilmente risível. *Chiu, chiu, chiu*, Humphrey Van Weyden amolando uma faca na cozinha dum barco e provando o fio na unha! A mais inconcebível das situações.

Mas nada aconteceu. Ao cabo de duas horas Mugridge guardou a faca e estendeu-me a mão.

— Para que darmos este espetáculo a estes bandidos? disse ele. Detestam-nos e regalar-se-iam de nos verem mutuamente esfaqueados. Você não é má bisca, Hump. Tem nervo, como dizem os ianques e eu gosto disso. Venha de lá um aperto de mão.

Por acovardado que eu andasse, senti-me menos acovardado que o cozinheiro. Havia

ganho uma vitória e recusei desfazer-me dum pedacinho dela, apertando aquela mão odiosa.

— Está bem, murmurou ele sem orgulho; aperte-a ou não, isso em nada mudará meu parecer.

E para salvar as aparências voltou-se contra os marinheiros:

— Sumam-se daqui, patifes!

A intimação foi reforçada com um jato d'água quente, que fez os marinheiros pularem céleres. Isso valeu por uma vitoriazinha que lhe veio facilitar a aceitação da derrota por mim infligida. Mas não teve ânimo de fazer o mesmo aos caçadores de focas.

— É o fim do cozinheiro, ouvi Smoke dizer a Horner. — Sim, concordou este. Hump vai governar a cozinha daqui por diante.

Mugridge ouviu a observação e olhou-me de revés.

Fingi não ter percebido nada. De nenhum modo imaginava que a minha vitória fosse tão completa, embora estivesse resolvido a mantê-la intacta. Com o correr dos dias a previsão de Smoke verificou-se. Mugridge foi-se humilhando diante de mim, como se humilhara diante de Lobo Larsen. Não mais lhe dei de senhor, nem lavei panelas, nem descasquei batatas. Limitei-me exclusivamente ao meu serviço, que executava quando e como entendida. Passei a trazer o punhal à cinta, à moda dos marinheiros; mantendo para com ele uma atitude onde se misturavam a dominação, a insolência e o desprezo.

CAPÍTULO 10

Cresce minha intimidade com Lobo Larsen, se é possível dizer assim das relações entre senhor e servo, ou melhor, entre rei e bufão. Não sou para ele mais que um brinquedo; Larsen me dá o valor que as crianças dão a certos brinquedos. Minha função é diverti-lo; mas se por acaso se aborrece e lhe sobrevêm uma onda de humor negro, imediatamente me relega para a cozinha dando eu graças, muitas vezes, de sair intacto da sua presença.

A solidão desse homem recai sobre mim. A bordo não existe uma só criatura que o não odeie e que ele não despreze. Larsen parece consumir-se com a tremenda força existente em si, a qual não encontra emprego que valha como derivativo. Um Lúcifer condenado a viver em sociedade de fantasmas.

Além disso, Larsen é vítima da melancolia da raça. Estudando-o, compreendi melhor os mitos escandinavos. Os deuses do norte seriam loucos selvagens da mesma fibra que ele. Nada sabe da frivolidade risonha dos latinos. Quando Larsen ri, é ainda dando outra forma de expansão à ferocidade. Mas raramente ri. Vive triste, numa tristeza profunda como as raízes da sua estirpe. Tristeza herdada, que tomou a raça retraída, amiga do viver limpo e fanaticamente moral. Sob este último aspecto tal tristeza culminou entre os ingleses com a igreja reformada e Mrs. Grundy. A religião tomou-se o canal da melancolia. Mas Larsen não se beneficia das compensações religiosas. Seu brutal materialismo não lhe permite o recurso a essa válvula. Por isso, quando o humor negro o empolga, nada mais lhe resta senão fazer-se diabólico. Não fosse Larsen uma tão terrível criatura e eu poderia compadecer-me dele em certas ocasiões, como, por exemplo, três dias atrás, quando entrei em sua cabina para mudar a água da garrafa. Larsen não me viu. Tinha a cabeça enterrada nas mãos, com os ombros a agitarem-se pelos soluços. Alguma dor profunda o lacerava, pois que o ouvi murmurar "Deus! Deus! Deus!". Não se tratava de nenhum apelo a Deus, entidade que ele não admitia; mas de mero desabafo, ainda assim brotado da alma.

Ao jantar pediu aos caçadores um remédio para a dor de cabeça e à noitinha observei-o cambaleante em seu camarote.

— Nunca adoeci em toda minha vida, Hump, disse-me ele. Nunca senti dores de cabeça, exceto quando a tive rompida por uma barra do cabrestante.

Essa tenebrante dor de cabeça durou setenta e duas horas e fê-lo sofrer à moda dos animais selvagens, que era a moda naquele navio — sem queixas, sem despertar simpatias, só.

Esta manhã, finalmente, ao entrar em sua cabina para a arrumação, encontrei-o bom, trabalhando ativo. Pela mesa e sobre a cama vi vários desenhos e folhas de papel com cálculos. Larsen estava de esquadro e compasso na mão, desenhando uma planta qualquer.

— Alô, Hump! foi como me recebeu. Estou concluindo. Quer ver como isto funciona?

— Que é?

— Um aparelho para economia de trabalho no mar; a navegação reduzida a brinquedo de criança, respondeu alegremente. Não mais cálculos fastidiosos. Basta apanhar uma estrada no céu, em noite de mau tempo, para que se possa determinar o ponto onde está o navio. Olhe. Ponha esta escala transparente sobre este mapa celeste e gire-a na direção do Pólo Norte. Tracei na escala círculos de altitude e linhas de orientação. Nada mais a fazer senão colocar a escala numa estrela e ler os algarismos em baixo. Teremos desse modo a posição exata do navio.

Havia um acento de triunfo na sua voz, enquanto os seus olhos, tão azuis como o mar daquela manhã, faiscavam.

— O senhor deve conhecer matemática a fundo. Que escola frequentou? perguntei.

— Nunca abri um livro de cálculo. Tive de tirar tudo da minha cabeça. E por que motivo supõe que me dediquei a este trabalho? interpelou-me de brusco. Por amor à glória? Para deixar um rasto meu na areia do tempo? Ah! ah! ah! Nada disso. Apenas para tirar patente e ganhar dinheiro, muito dinheiro, com o qual eu possa viver na orgia enquanto outros homens ficam no trabalho. Foi esse o meu único objetivo. Também me deu prazer a obra em si.

— O prazer de criar, murmurei.

— Acho que deve ser dito assim. É outra forma da alegria da vida expressar-se; triunfo do movimento sobre a inércia da matéria; orgulho do fermento em ser fermento e mover-se.

Levantei as mãos em gesto contrário ao seu renitente materialismo e pus-me a arrumar a cama. Larsen continuou no trabalho. Sendo obra exigidora de extremo cuidado e precisão, admirei como dominava a sua força física para pô-la assim ao serviço da delicadeza.

Depois de finda a arrumação, surpreendi-me a olhar para ele com uma espécie de fascínio. Era fora de qualquer dúvida um belo homem — belo no sentido másculo da palavra. Mais uma vez observei com espanto absoluta falta de maldade ou perversidade em seus traços. Tinha o rosto duma criatura que fosse o paradigma da retidão. Mas, entendamo-nos. Quero dizer que tinha cara dum homem que nada houvesse feito contra a sua consciência — ou que não tivesse consciência. Inc1ino.:me para esta última

hipótese. Um avatar. Um remanescente. Um homem primitivo, da era em que o senso moral ainda não se havia formado. De nenhum modo imoral; apenas amoral.

Belo, sim. Bem barbeado, cada linha do seu rosto tinha a nitidez dos camafeus. Embora o ar marinho lhe houvesse alterado a alvura da tez, essa pátina ainda acrescentava o selvagem da sua beleza. Lábios fortes, cheios, e apesar disso com a firmeza característica dos lábios finos. Firmeza também no mento, nas maxilas, denunciando, juntamente com o nariz, a vontade indomável do macho. Que nariz! Delatava imediatamente a criatura nata para a conquista e o comando. Nariz como bico de águia. Grego ou romano — talvez um tanto maciço para grego e um tanto delicado para romano. Em conjunto sua fisionomia transbordava ferocidade e força, tendo a melancolia racial a ampliar-lhe as linhas da boca, dos olhos e da testa. Essa melancolia completava-lhe a beleza com um tom de alma.

Foi o que pensei no momento em que me vi absorto na contemplação de Larsen. Como me interessava aquela criatura! Quem era? Como viera ao mundo? Todas as forças pareciam superconcentradas nele, e todas as potencialidades. Por que, então, não passava dum obscuro dono de escuna foqueira, de mau nome entre os caçadores profissionais?

Minha curiosidade explodiu numa torrente de palavras.

— Por que não fez grandes coisas neste mundo? Com a força que vejo em si poderia ascender a todas as alturas.

Sem consciência e liberto do instinto moral, poderia ter senhoreado o mundo. E, entretanto, está aqui, já no apogeu da vida, já a descer o morro, vivendo uma sórdida existência, a caçar focas para alimento da vaidade das damas que lhes vestem a pele, a rebolear-se na porcaria da vida, como o senhor mesmo diz, pode ser tudo, menos esplêndida. Por que, com toda a espantosa força que possuí, nunca fez nada grande? Que há de errado na sua natureza? Falta de ambição? Explique-me o grande segredo.

Larsen erguera para mim os olhos no começo do meu arroubo e atendeu-me até o fim sem outro movimento. Quando terminei, conservou-se calado ainda uns instantes, como em procura de por onde começar. Por fim disse:

— Hump, conhece a parábola do semeador que saiu a semear? Muitas sementes caíram em terreno pedregoso e mesmo aí brotaram; mas veio o sol e, como não tivessem raízes mergulhadas no seio da terra, as plantinhas morreram. Outras caíram entre espinheiros e os espinheiros abafaram as plantinhas vindas dessas sementes.

— E então?

— Fui uma dessas sementes.

Disse e dobrou-se sobre a carta que desenhava, retomando o trabalho. Eu também

concluía o meu, e já ia retirar-me quando Larsen me deteve.

— Hump, se examinar a costa leste da Noruega encontrará um fiorde de nome Romsdal. Eu nasci a cem milhas desse ponto. Mas não nasci norueguês. Sou dinamarquês por parte de pai e mãe. Ignoro como foram eles dar em tão horrível pedaço de terra. Fora esse ponto, nada mais há misterioso. Eram meus pais gente sem cultura e sem haveres. Vinham duma longa ascendência de pobres e incultos. Camponeses do mar, que semeiam seus filhos sobre as ondas. Eis tudo.

— Continuo na mesma, objetei. Nada está esclarecido.

— Que poderei dizer mais? acrescentou Larsen. Falar da insignificância da minha vida infantil? da alimentação a peixe e da vida rude? do meter-me em botes logo que pude engatinhar? dos meus irmãos que se saíram um a um pelo oceano adentro e jamais voltaram? de mim próprio, analfabeto, transfeito aos dez anos em menino de cabina em velhos navios costeiros? do passado rude e da vida mais rude ainda, na qual pontapés e bofetadas substituíam almoço e cama, e medo, ódio e dor constituíam a única experiência de minha alma? Não me interessa recordar isso. Sobe-me uma loucura à cabeça sempre que o faço. Há capitães de navios costeiros que eu teria matado quando me tomei adulto, se o destino os pusesse em meu caminho. Quando os procurei era tarde; todos falecidos com exceção dum contramestre que deixei aleijado pelo resto da vida.

— Mas hoje lê Spencer e Darwin. Se nunca estive em escola, como aprendeu?

— Na marinha mercante inglesa. Moço de cabina aos doze anos, grumete aos quatorze, marinheiro aos dezesseis, marinheiro de primeira classe aos dezessete, galo do castelo de proa em seguida, com ambição infinita e infinitamente solitário, sem ajuda de ninguém, nem simpatia, tudo fiz sozinho, tudo estudei — navegação; matemática, ciências, literatura e mais coisas. De que me serviu isso? Para pôr-me dono duma escuna no apogeu da vida, ou, como diz você, quando já começo a descer o morro. Estupidez, não? Quando o sol estava a prumo, crestei-me; e como fora semeado em mau terreno e não tinha raízes profundas, murchei — ou sequei.

— Mas a história conta de escravos que chegaram à púrpura, disse eu quase com ironia.

— A história também aponta as oportunidades que permitiram a esses escravos chegarem à púrpura, respondeu ele com tristeza. Nenhum homem cria a sua oportunidade. O mais que os grandes homens podem fazer é percebê-las, quando as oportunidades chegam. O Corso percebeu a sua. Eu tenho sonhado em ponto tão grande quanto o Corso. E eu saberia agarrar a oportunidade se ela se me apresentasse. Mas não me veio nunca. O espinheiro envolvente enleou-me, sufocou-me. E digo que você,

Hump, conhece mais de mim do que qualquer outra criatura viva, exceto meu irmão.

— Quem é ele e onde está?

— Capitão do "Macedônia", outro barco de caça às focas. Provavelmente iremos encontrá-lo nas costas do Japão. Seu nome é "Morte" Larsen.

— Morte Larsen! exclamei involuntariamente. É igual ao senhor?

— Em nada. Um pedaço de animal sem nenhuma cabeça. Tem apenas a minha... a minha...

— Brutalidade, sugeri.

— Sim, obrigado pela palavra. Tem toda a minha brutalidade, mas lê mal e ainda pior escreve.

— E nunca filosofa sobre a vida, aposto!

— Nunca, disse Lobo Larsen num tom de indescritível tristeza. É mais feliz do que eu porque deixa a vida em paz. Vive muito ocupado em viver para que pense na vida. Meu erro foi ter aberto uns livro...

CAPÍTULO 11

A "Ghost" atingiu o extremo sul do arco que anda a descrever através do Pacífico, e já está rumando para alguma ilha deserta onde, segundo dizem, refrescará antes de tomar rumo ao sítio das focas, nas costas do Japão. Os caçadores têm feito exercícios de tiro e mostram-se satisfeitos; seus pilotos preparam os botes e revestem de couro ensebado os remos para que não façam barulho na água. Tudo em ordem feminina, como diz Leach.

O braço deste marinheiro já cicatrizou da ferida aberta por Mugridge, o qual vive em pânico mortal, sem coragem de aventurar-se fora da cozinha. No castelo de proa rompem rixas constantemente. Louis informa-me que todos os mexericos entre os marinheiros acabam explodindo na popa — e que já houve espancamento sério — dois. Ele receia pelo futuro de Johnson, que é remador no seu bote de caça. Johnson fala com muita liberdade e já se chocou duas vezes contra Lobo Larsen por causa da verdadeira pronúncia do seu nome. Também por causa disso se atracou com o contramestre a noite passada. Mas o grande pega esperado é com o capitão.

Louis ainda informou-me a respeito de Morte Larsen, que esperam encontrar na costa japonesa. "Vai haver turumbamba", diz o rapaz profeticamente, "porque eles se detestam como bons lobos que são".

Morte Larsen está no comando do único barco foqueiro a vapor, o "Macedônia", o qual leva quatorze botes de caça. As demais escunas trazem seis. Louis fala de canhões a bordo, de raides que o "Macedônia" fez no contrabando do ópio, e outras piratarías. E sou forçado a acreditar, porque nunca pilhei Louis em mentira e sei do conhecimento enciclopédico que possui da vida dos caçadores de focas e respectivos barcos.

O que se dá na proa e na cozinha, dá-se também no resto desta infernal escuna. Os homens vivem a bater-se ferozmente. Entre os caçadores espera-se a todo o momento um pega mortal entre Smoke e Henderson, cuja velha rixa está sempre acesa, embora Lobo Larsen diga que matará o sobrevivente, se isso se der. Mas Larsen francamente declarou que não assume essa atitude movido de razões morais, mas sim porque necessita deles; não fosse isso, e os caçadores poderiam devorar-se uns aos outros. Quer que se conservem bem comportados até o fim da estação de caça; depois, oh! ele mesmo lhes proporcionará uma festa régia, onde possam liquidar a faca as velhas dúvidas, com liberdade aos sobreviventes para lançar ao mar os vencidos e inventar histórias que tudo justifiquem. Os próprios caçadores ficam atônitos diante de tamanha frieza. Facinorosos como são, todas temem Lobo Larsen.

Mugridge anda abjeto de servilismo para comigo; mas continuo receoso e a manter-

me em guarda. Existe a coragem do medo — uma estranha coisa que conheço muito bem — e dum momento para outro essa coragem pode predominar sobre o seu servilismo e fazê-lo atirar-se contra viver. Meu joelho está quase bom, embora a espaços ainda me doa, e o mal que Larsen me fez ao braço também vai passando. Sinto-me, portanto, em ótimas condições. Meus músculos desenvolvem-se e ganham rijeza. Já minhas mãos fazem dó. Parecem fervidas. Tenho as unhas rotas, com excrescências pela cutícula. Também sofro qualquer coisa no estômago, devido, creio, à má alimentação.

Noites atrás muito me diverti ver Larsen com a Bíblia, um exemplar encontrado no fundo da canastra do contramestre morto. Interessei-me por aquilo — e Larsen leu-me um trecho do Eclesiastes. Parecia estar emitindo os próprios pensamentos; sua voz, ecoando profunda na cabina estreita, encantou-me e prendeu-me. Larsen não será um homem educado, mas sabe dar a expressão exata do que lê. Ouço-o ainda hoje — e ouvirei sempre aquela estranha voz vibrante.

"Também acumulei ouro e prata, e os tesouros dos reis e das províncias; e reuni cantores e cantoras, e orquestras de toda sorte.

E assim me tornei grande, mais que quantos viviam em Jerusalém, e também me tornei alto em sabedoria.

Mas a contemplação de toda aquela minha obra fez-me ver que tudo era vaidade e estéril inquietação de espírito.

Tudo acontece a todos e da mesma forma; para o justo e para o mau, para o virtuoso e para o pecador; para o que se sacrifica e para o que não se sacrifica; para o que blasfema e para o que teme blasfemar.

Há um mal em todas as coisas que se fazem debaixo do sol; até o coração do homem está cheio de mal e loucos são os homens desde que nascem até a morte.

Todos os vivos esperam, porque um cão vivo vale mais que um leão morto. E os vivos sabem que terão de morrer, enquanto os mortos nada sabem, nem se gozarão de nenhuma recompensa porque até a lembrança deles desaparece.

Amor, ódio, inveja — tudo no homem perece — e nada subsiste de quanto se faz debaixo do sol".

— Aí está, Hump, disse Larsen fechando o livro e erguendo para mim os olhos. O Pregador, que era rei de Israel, pensava como eu. Chamam-me pessimista... Não é este pessimismo ainda mais negro? "Tudo é vaidade e mortificação de espírito. Nada de bom sob o sol. Só há uma coisa certa para o louco e para o sábio, para o corrupto e para o virtuoso, para o pecador e para o santo, e essa certeza é a morte".

O Pregador, entretanto, amava a vida, pois que diz: "Um cão vivo é melhor que um

leão morto". Ele preferia a vaidade e a mortificação de espírito ao silêncio eterno do túmulo. E eu também. Mover-se, como o homem se move neste mundo, é sórdido; mas não mover-se, ser como as rochas impassíveis na sua imobilidade, é pior. É repugnante para a vida que existe em mim, e cuja essência consiste no movimento, no poder do movimento e na consciência do poder do movimento. A vida em si é má, mas a morte é pior.

— O senhor vence Omar em pessimismo, observei eu. Ele, pelo menos depois de passada a mocidade, aquietou-se, satisfeito, e fez do materialismo algo alegre.

— Quem é Omar? perguntou Larsen — e eu não voltei ao trabalho nesse dia, nem no outro, nem no outro.

Em suas leituras ao acaso Larsen nunca se havia posto em contato com Omar Rubaiyat, e, quando lhe revelei, recebeu-o como a um tesouro.

Eu sabia quase dois terços do livro de cor, e ao resto com algum esforço pude recompor. Durante horas conversávamos às vezes sobre um só verso. Larsen encontrava neles um fundo de amargor e rebeldia que me era imperceptível. Eu recitava com certa vivacidade contente, que é natural em mim — ele retinha os versos e repetia-os depois, mas com que acento de inquietude e apaixonada revolta.

Seria curioso saber de que estância mais gostara, e não me surpreendeu quando acentuou uma, nascida num momento de irritabilidade do poeta, muito ao revés da complacente filosofia desse código de vida dos persas.

— Magnífico! gritou Larsen. Está aqui o tom certo. Insolência! Ele não podia usar melhores palavras.

Em vão o objetei e deneguei; Larsen esmagou-me com os seus argumentos.

— Não é da natureza da vida ser de outra maneira. A vida sempre se rebela diante da morte. Não pode evitá-lo. O Pregador diz que tudo na vida é vaidade e mortificação de espírito — um mal, portanto; mas a morte, a interrupção desta vaidade e mortificação de espírito ele achou que era mal ainda maior. Através de todos os capítulos ele mostra-se amargo contra a única coisa que nos vem a todos nós, os vivos. Também amar Rubaiyat, também eu, também você — sim, também você rebelou-se contra a morte quando a viu no fio da faca do cozinheiro. Você tem medo de morrer; a vida que reside em você, que compõe você, não quer morrer. Falou-me já por vezes no instinto da imortalidade. Eu falo no instinto da vida, que é viver, e que quando a morte se aproxima sufoca o tal instinto da imortalidade. O instinto da vida dominou em você o instinto da imortalidade (não pode negar), só porque um cozinheiro estourado afiava e reafiava uma faca. E continua com medo dele. E tem medo de mim — não pode negar! Eu posso agarrar você pela garganta, assim — e sua mão avançou, fazendo-me arregalar os olhos e posso esguichar

fora a vida que há dentro de você, assim e assim, e o seu instinto da imortalidade meterá o rabo entre as pernas e fugirá, para que fique só em campo o instinto da vida — e você lutará para defender a vida. Hein? Vejo o medo da morte em seus olhos, amigo. Você esperneia, agita os braços. Põe em ação todos os recursos para salvar a vida. Sua mão agarra-se ao meu braço — e para mim é como se uma borboleta houvesse pousado nele. Seu peito arqueja, a língua pula fora; a pele fica violácea; os olhos exorbitam "Viver! Viver!" é o que todo você grita — e gritará, para viver agora e depois e sempre. Está duvidando da sua imortalidade, amigo? Ah, ah!... Não está mais seguro dela. Não arrisca... Só tem certeza duma coisa — da vida, não é? Ah, e tudo começa a escurecer. É a escuridão da morte, da cessação da vida, da cessação do sentir e do mover-se que começa a envolvê-lo de todos os lados. Os olhos entram a fechar se. Estão desvairados. Minha voz já soa distante. Você já não pode distinguir meu rosto. E ainda luta contra as minhas garras. Bate-me com os pés. O corpo retorce-se, qual cobra. O peito ofega. Viver! Viver! Viver! Viver!...

Nada mais ouvi. A minha consciência apagara-se em trevas à simples pintura da cena, e quando retomei a mim vi-me no chão, com Larsen ao lado a fumar o seu charuto, olhando-me pensativamente com aquela sua eterna curiosidade dos olhos.

— Está convencido? perguntou ele. Vamos, beba isto. Quero ainda propor uma pergunta.

Ainda no chão, sacudi a cabeça negativamente.

— Os seus argumentos são excessivos, murmurei com dificuldade, tal a dor que sentia na garganta.

— Estará bom dentro duma hora, assegurou-me ele. E prometo que não farei mais nenhuma demonstração física. Levante-se, sente-se nesta cadeira.

E, brinquedo que me tomei daquele monstro, a discussão sobre Omar e o Pregador retomou o seu curso e lá se prolongou por toda uma metade da noite...

CAPÍTULO 12

As últimas vinte e quatro horas foram consagradas a um verdadeiro carnaval de brutalidade. De popa à proa parece que o contágio empolgara a escuna. Não sei como começou, mas foi Larsen o causador de tudo. As relações entre os homens de bordo, tensas à força de rixas, rivalidades e picuinhas, andavam em tal estado de equilíbrio instável que sobre elas o fogo irrompeu como em palha seca.

Mugridge é um espião que não cessa de tentar recair nas graças de Larsen à custa de delações de toda ordem. Foi quem lhe levou a notícia dos resmungos de Johnson. Johnson havia comprado um oleado dos que estão à venda no *slop-chest* e achou-o de inferior qualidade. O *slop-chest* é uma espécie de armarinho que as escunas de caça possuem, onde se encontram todos os artigos indispensáveis à equipagem; o que os marinheiros adquirem é descontado no ajuste de contas do fim da estação. Em vez de ordenados cada um recebe então um tanto por pele obtida pelo bote em que trabalhou.

Mas eu ignorava as queixas de Johnson, de modo que o que sucedeu me causou grande surpresa. Depois de terminada a limpeza da cabina, havia eu travado uma discussão com Larsen a propósito de Hamlet, quando Johansen desceu pela escada seguido de Johnson, o qual tirou o barrete e veio postar-se respeitosamente no meio da cabina, ginchando o corpo ao modo dos marinheiros.

— Feche as portas e desça os estores, ordenou-me o capitão.

Enquanto cumpria a ordem pude observar uma expressão ansiosa nos olhos de Johnson, sem de longe poder adivinhar o motivo. Mas Johnson sabia o que estava para sobrevir e esperava-o corajosamente. Na sua atitude notei uma completa refutação do materialismo de Larsen. Johnson movia-se por idéias, por princípios, pela verdade e pela sinceridade. Tinha razão — sabia que a tinha e tudo enfrentava sem medo. Morreria pelo direito, se necessário fosse, mas seria sincero para consigo próprio. E isto retratava a vitória do espírito sobre a carne, o indomável e a grandeza moral da alma que não conhece restrições e se ergue acima do tempo, do espaço e da matéria, com a segurança e firmeza que só a imortalidade pode dar.

Mas voltemos ao caso. Notei aquela ansiedade refletida nos olhos de Johnson e tomei-a como a natural esquerdice ou embaraço do marujo em face do capitão. O contramestre ficou a alguma distância. Larsen estava sentado numa cadeira de cabina, a uns três metros de distância. Fez-se uma pausa, depois que fechei as janelas e baixei os estores, pausa de um minuto. Larsen rompeu-a, por fim.

— Yonson, começou ele.

— Meu nome é Johnson, senhor, corrigiu intrepidamente o marinheiro.

— Seja Johnson, com todos os diabos. Sabe por que mandei chamá-lo?

— Sim e não, senhor, foi a lenta resposta do marinheiro. Meu trabalho está sendo feito na regra. O contramestre sabe disso e o senhor também. Não pode haver queixa contra mim.

— É tudo? ciciou Larsen maciamente.

— Sei que existe algo contra mim, continuou Johnson com a mesma lentidão. Sei que o senhor não gosta de mim. O senhor...

— Continue, ordenou Larsen. Não se intimide com os meus sentimentos.

— Não estou intimidado, retorquiu o marinheiro num leve tom de cólera represa. O senhor não gosta de mim porque sou homem demais. Só isso.

— É homem demais para a disciplina dum navio; complete a frase e terá a minha aprovação, replicou Lobo Larsen.

— Sei inglês, senhor, e sei o que o senhor quer significar com isso, observou Johnson contendo-se.

Mas Larsen assumiu. um ar de quem apaga todos os ressentimentos.

— Johnson, disse ele num tom de ponto final àquela introdução que nada tinha que ver com a matéria da dúvida, é verdade que não está satisfeito com os oleados que adquiriu?

— Não, não estou. Não prestam, senhor.

— E deu a língua a respeito, não é?

— Eu digo o que penso, senhor, respondeu o marinheiro corajosamente, embora não esquecendo a cortesia do "senhor".

Nesse momento, ao voltar o rosto, vi que Johansen abria e fechava os punhos, enquanto seus olhos denunciavam diabólica maldade. Notei ainda os restos da mancha negra que um murro de Johnson lhe pintara no rosto dias antes. E comecei a adivinhar que algo terrível estava próximo de explosão.

— Sabe o que acontece aos homens que dizem o que você disse do meu *slop-chest* e de mim? interpelou Larsen.

— Sei, senhor, respondeu Johnson.

— E que é? indagou Larsen, aguda e imperativamente.

— Olhe, Hump, disse Lobo Larsen, voltando-se para mim, veja só este pó animado, este agregado de matéria que se move, respira e me desafia — e realmente se crê composto dalguma coisa nobre. Está convicto de certas ficções humanas, como direito e honestidade, e quer sustentá-las em qualquer terreno. Que pensa dele, Hump?

— Penso que vale mais que o senhor, respondi impelido pelo desejo de chamar sobre

mim parte da ira prestes a rebentar sobre a cabeça de Johnson. Suas ficções humanas fazem-no nobre e varonil. Já o senhor não passa dum ente vazio de ficções, de sonhos, de idéias. É um pobre.

Larsen sacudiu a cabeça num movimento de prazer selvagem.

— Pura verdade, Hump, pura verdade. Não tenho ficções que me façam nobre e varonil. Mas um cão vivo vale mais que um leão morto, digo eu com o Pregador. Minha única doutrina é a da eficiência que me faz sobreviver. Esta parcela de fermento a que chamamos "Johnson", quando não for mais fermento e sim pó e cinza, não possuirá mais nobreza do que qualquer outro montículo de pó ou cinza — e eu estarei ainda vivo e a urrar. Sabe o que vou fazer?

Fiz que não com a cabeça.

— Exercer a minha prerrogativa de urrar, mostrando como se comporta a nobreza. Olhe.

Larsen estava a três metros de Johnson e sentado. Três metros! E mesmo assim deu o bote, sem para isso pôr-se de pé. Deixou a cadeira do mesmo modo como nela se sentara — dum jato, num arremesso de animal selvagem, como o tigre — e como um tigre atravessou o espaço que o separava da vítima. Fez-se avalanche de fúria, à qual Johnson inutilmente procurou escapar. O marinheiro ergueu um braço para proteger o estômago e outro para defender a cabeça; mas o punho de Lobo Larsen apanhou-o entre a cabeça e o estômago, num golpe que ressoou cavo. O ar contido nos pulmões de Johnson saiu de jato pela boca, e de jato foi cortado pela expiração incoercível, como dum homem a manejar machado. Johnson quase veio ao chão; cambaleou no esforço de manter-se em equilíbrio.

Não posso dar pormenores da horrível cena que se seguiu. Muito revoltante. Ainda agora fico doente se a recordo. Johnson lutou corajosamente, mas não era homem para enfrentar Lobo Larsen — e muito menos Lobo Larsen e o contramestre juntos. Horrível, horrível... Jamais eu imaginara que um ser humano pudesse agüentar tanto e conservar a vida, e lutar. E Johnson lutou. Não havia — e ele o sabia — não havia para ele um resquício de esperança, mas a sua rija varonilidade não cessava de lutar na defesa.

Era muito para mim o espetáculo. Senti que perderia a razão se não corresse rumo as escadas e escapasse para o tombadilho. Mas Larsen largou por um instante a vítima e num daqueles seus saltos de tigre veio sobre mim, arremessando-me a um canto da cabina.

— O fenômeno da vida, Hump! gritou-me ele. Fique e veja. Poderá obter alguns argumentos para a sua teoria da imortalidade da alma. Além disso, bem sabe que eu não posso ferir a alma de Johnson. Apenas estou demolindo a prisão material que a encerra.

Parecem séculos, os dez minutos que durou a cruel demolição. Lobo Larsen e Johansen esmagavam o marinheiro com os punhos, furavam-no a pontapés, arrastavam-no por terra e apisoavam-no sem misericórdia. A vítima estava cega, com os ouvidos e o nariz a esguicharem sangue, mas ainda movia-se. E quando não pôde mais erguer-se, os pontapés e amassamentos ainda continuaram.

— Devagar, Johansen, devagar! disse por fim Larsen. Mas a fera dentro do contramestre estava no apogeu da ira, de modo que foi necessário Larsen arrancá-lo de cima do marinheiro com um safanão que o fez ir dar de cabeça contra à parede. Caiu o contramestre por terra, aturdido, respirando com esforço e a piscar dum modo estúpido.

— Abra as portas, Hump, foi-me ordenado. Obedeci — e os dois brutos levantaram a vítima já sem sentidos e arrastaram-na como se fosse um saco de lixo para o portaló. Depois lançaram-na para fora no convés. O sangue a jorrar de Johnson escorreu em filetes para os pés do timoneiro, que era Louis, seu piloto de bote de caça. Louis continuou impassível no governo da roda do leme, com os olhos firmes na bitácula.

Diversa foi a conduta de George Leach, o ex-moço da cabina — e nada nos poderia surpreender mais do que o procedimento que teve. Subiu à popa e, sem haver recebido ordens para isso, arrastou Johnson para a proa, onde começou a pensar as suas feridas o melhor que pôde, por entre mansas palavras de conforto. Johnson já não estava reconhecível. Perdera as feições humanas, naqueles poucos minutos de manipulação.

Mas a conduta de Leach... Enquanto eu punha em ordem a cabina, cuidou ele do espancado. Findo o meu serviço, subi ao convés para respirar um pouco de ar puro e relaxar os nervos superexcitados. Encontrei Larsen com o seu charuto na boca, a examinar a barqueta que a "Ghost" rebocava à popa e que por qualquer motivo havia sido içada. Súbito a voz de Leach chofrou-me os ouvidos, tensíssima, fremente de cólera incoercível. Voltei-me e vi-o de pé a bombordo da cozinha. O rosto contorcido; muito pálido; olhos chamejantes; pulsos cerrados, erguidos acima da cabeça.

— Deus mande tua alma para o inferno, Lobo Larsen! começou ele. Somente no inferno cabe um covarde, um assassino da tua laia, porco! .

Fiquei assombrado. Vi iminente uma outra destruição, mas errei. Larsen não tinha na cabeça esse intento. Caminhou devagar para o castelo de proa e, com um cotovelo firmado a uma trave, quedou-se a olhar curiosamente para o excitadíssimo rapaz.

Leach insultou-o como jamais alguém o fizera. A marinhagem reuniu-se num grupo apavorado lá pela escotilha da proa. Todos olhavam e ouviam, atônitos. Os caçadores também acorreram e, como o desabafo do moço continuasse, vi que seus rostos mostravam inquietação. Também eles estavam apavorados, não com o que dizia o rapaz, mas com a sua inconcebível audácia.

Parecia impossível, absurdo, que uma criatura humana pudesse assim enfrentar Larsen de cara. Senti-lhe empolgado de admiração pelo herói; vi nele a invencibilidade da alma imortal pairando sobre a carne e seus terrores talos antigos profetas quando condenavam a iniquidade dos grandes.

E que condenação! Leach punha a nu a alma de Lobo Larsen, para o desprezo dos homens. Fazia chover sobre ele maldições de Deus — dum Deus medieval de excomunhão e ira. Vazou a escala inteira das denúncias, alçando-se a cimos que pareciam privilégio dos deuses — e cansado do esforço desceu de tom, insultando por fim sujamente, à maneira humana.

Sua ira era já loucura. Seus lábios espumavam e por várias vezes o borbotão que lhe vinha à boca não conseguiu articular-se em palavras. E diante daquela explosão sublime Lobo Larsen, sempre de cotovelo apoiado à madeira, não mostrava senão curiosidade. Aquele furibundo levante de fermento, aquela inconcebível revolta da matéria movente, interessava-o como objeto de estudo.

A cada momento eu esperava — e todos os mais esperávamos vê-lo saltar de jato sobre o moço e destruí-lo. Não era essa, entretanto, a sua intenção. Não estava com veneta para isso. Seu charuto apagara-se e ele continuou no mesmo ponto, a olhar com a mesma impassibilidade, vencido pela curiosidade.

Leach chegara ao apogeu da cólera impotente.

— Porco! Porco! Porco! repetiu a plenos pulmões. Por que não corres a matar-me, assassino? Vem! Nada receio! Ninguém aqui o impedirá! Mil vezes preferível morrer e ficar fora do teu alcance a permanecer vivo em tuas mãos! Vem, covarde, vem matar-me! Mata-me! Mata-me! Mata-me!...

Foi nesse ponto que a alma louca de Mugridge fê-lo entrar em cena. Tinha estado a ouvir o sublime desabafo da porta da sua baiuca e agora vinha com partes de lançar algo ao mar, mas na realidade para assistir de perto à chacina que adivinhara iminente. Olhou com hipocrisia para a cara de Lobo Larsen, que não deu por ele. Depois dirigiu-se para Leach.

— Que linguagem! Está nojento isso, gritou.

A sanha impotente de Leach fez-se potente. Estava ali algo sobre que descarregar-se, e pela primeira vez desde a cena da cozinha Mugridge aparecia diante dele sem a faca. Um violentíssimo soco lançou o cozinheiro por terra. Por três vezes tentou o mísero pôr-se de pé e por três vezes o punho de Leach o achatou miseravelmente.

— Socorro! Socorro! Berrava o desgraçado. Tirem-me este homem daqui! Acudam-me!...

Os caçadores riram-se com alívio — a tragédia degenerava em farsa. Os marinheiros

aproximaram-se em tumulto, cheios de exclamações, para assistir de mais perto ao castigo do odiado cozinheiro. Até eu me tomei de grande alegria. Confesso o meu prazer, o gosto que senti diante daquela surra quase tão terrível como a que Mugridge conseguira para Johnson.

Mas a expressão do rosto de Lobo Larsen não variava. Nem sequer mudou de posição. Continuava a olhar, cheio de curiosidade. Em conseqüência da sua certeza pragmática, parecia estar a assistir a um jogo da vida e do movimento dos lêvedos, com esperança de descobrir alguma coisa nova. Talvez naquela explosão de desespero e loucura apanhasse um traço que lhe fugira até então, e que lhe esclarecesse muita coisa.

Que surra! Lembrava a que eu havia assistido momentos antes. O cozinheiro esforçou-se em vão para livrar-se do moço enfuriado. Também esforçou-se em vão para ganhar abrigo na cabina. Rolou na direção dela; tentou arrastar-se para dentro. Os murros e pontapés de Leach, porém, não lhe permitiam a fuga — e ali ficou, massa gemente sobre a qual golpes incessantes choviam sem piedade. Ninguém interveio. Ninguém acudiu. Leach poderia tê-lo morto se quisesse, mas, já havendo dado vazão à onda de ira que o empolgara, largou por fim da vítima e retirou-se para a proa.

Estas duas tragédias, entretanto, foram simples números do programa do dia. À tarde Smoke e Henderson atracaram-se a tiros — e houve um "estouro" de caçadores no convés. Lobo Larsen projetou-se para lá de arremesso. O estrépito da luta nos atordoava os ouvidos pávidos. Estavam feridos os dois contendores e Larsen os castigava furiosamente por terem desobedecido às suas ordens estraçalhando-se antes de concluída a estação de caça. Findo o castigo, passou o capitão a cuidar dos ferimentos de ambos. Servi de ajudante. Larsen examinava e limpava com brutalidade os buracos de bala, e as vítimas tudo suportavam, sem outro alívio fora o reconforto dum bom copo de whiskey.

A desordem desse dia chegou ao apogeu na primeira metade da noite, no castelo de proa. Deram origem a nova pega os comentários a propósito do espancamento de Johnson — e a julgar pela barulheira que ouvi e pelo número de feridos que contei no dia seguinte, metade da tripulação havia derrancado muito seriamente a outra metade".

Na segunda metade ocorreu outro pega entre Johansen e o esbelto caçador americano Latimer. A coisa veio de uma observação de Latimer a respeito dos roncos do contra-mestre durante o sono, e embora Johansen houvesse apanhado, conservou o pessoal acordado pelo resto da noite, pois entre dois cochilos retomava a luta, isso numa longa série de vezes.

Quanto a mim, vi-me oprimido de horríveis pesadelos. Já o dia não passará de sonho horrível. Brutalidade sucedera a brutalidade, e o acesso das paixões junto à crueldade

fria haviam levado aqueles homens a se engalfinharem num furor de mútua destruição. Meus nervos ficaram em carne viva. Meu cérebro abalou-se. Toda a minha vida antes do naufrágio eu a passara na ignorância da animalidade bruta. Conhecia da vida apenas os seus aspectos nobres. Se alguma vez tive contato com a brutalidade foi com a intelectual — o agudo sarcasmo de Charley Furuseth, os epigramas cruéis dos meus companheiros em Bibelot e as duras observações de certos professores durante a minha época de estudos.

Apenas isso. Mas que homens pudessem dar largas à ira assaltando outros, rasgando-lhes a carne e fazendo o sangue esguichar, constituía completa novidade para mim. Não fora à toa que me apelidaram o "Sissy" Van Weyden, murmurava eu comigo mesmo de noite, ao despertar dum pesadelo para cair noutro. Realmente, parecia que a minha inocência quanto às realidades da vida havia sido completa. E com amargor ri-me de mim próprio, concordando que a filosofia da vida de Lobo Larsen era algo bem mais consentâneo com as realidades do que a minha.

Quando me dei conta desta conclusão, apavorei-me. A contínua brutalidade envolvente estava a perder-me. Estava a destruir-me a sedução da vida. Minha razão insistia em fazer-me crer que o espancamento de Mugridge não se justificava, mas minha alma regozijava-se com ele. E mesmo quando me sentia oprimido pela enormidade do meu pecado — pois que pecado era — alguma coisa gargalhava dentro de mim, de louco deleite. Ia desaparecendo o Humprey Van Weyden. Começava a nascer Hump, moço de cabina da escuna "Ghost", com Lobo Larsen por chefe. Thomas Mugridge e o resto por companheiros. Aquela malta brutal estava a recunhar-me a personalidade.

CAPÍTULO 13

Durante três dias fiz o meu serviço e mais o de ali Mugridge — e posso gabar-me de ter feito muito bem o serviço dele. Sei que mereci a aprovação de Lobo Larsen e vi contentes a todos os mais da escuna.

— A primeira comida limpa que tivemos a bordo, disse-me Harrison na porta da cozinha, ao voltar do castelo de proa com os pratos servidos. A bóia de Tommy cheira a sebo rançoso — e sei que ele nunca mudou de camisa desde o embarque em Frisco.

— Também sei disso, concordei.

— Dorme com ela, aposto, acrescentou Harrison. — E não perderá a aposta. Nunca tirou do corpo aquela imundície.

Mas Larsen havia concedido a Mugridge apenas três dias para convalescer da surra, e no quarto, dolorido e capenga, ainda meio cego com o inchaço dos olhos, foi ele arrancado à cama para retomar o serviço. Bem que chorou e pediu misericórdia, mas Larsen permaneceu inflexível.

— E trate de não mais nos servir porcarias, foi a recomendação. Nada de gordurosidades e sujeiras — e sempre de camisa limpa, se não quer dar um mergulho por cima da amurada.

Mugridge arrastou-se qual um trapo para a cozinha. Um balanço mais forte da escuna fê-lo cambalear. Tentou apoiar-se à barra protetora que circunda o fogão e errou...

— pousou a mão na chapa quente. Um grito de dor — e após o chiado da carne queimada senti no ar um cheiro a assado.

— Meu Deus, meu Deus, que fiz para merecer isto? chorava o mísero, sentado na caixa de carvão, sacudindo no ar e as soprando a queimadura. Por que vem tudo contra mim? Doente, escangalhado, martirizado, eu, que passo a vida sem maltratar ninguém...

Lágrimas lhe escorriam pelas faces inchadas, torcidas pela dor. Súbito, uma expressão selvagem brilhou em seus olhos.

— Odeio-o! Oh, como o odeio!...

— De quem fala? perguntei; mas o pobre diabo voltara a chorar os seus infortúnios. Menos difícil saber a quem Mugridge odiava do que a quem não odiava. Eu fora levado a admitir dentro dele um demônio que o impelia a odiar o mundo inteiro. Parecia até que odiava a si próprio — tão grotesca e monstruosamente a vida o afeiçoara. E nesses momentos vinham-me a simpatia e o remorso de me haver rejubilado com as suas desgraças. A vida fora cruel com ele. Pregara-lhe uma horrível peça, quando o fez daquela forma — e foi-lhe pregando outras pelo caminho. Que chances possuía o coitado

de ser outra coisa diversa da que era? E, como em resposta a esse pensamento, ouvi-o murmurar:

— Nunca tive uma isca de chance. Ninguém que me mandasse à escola, que me enchesse o estômago faminto, ou me limpasse o nariz sangrento quando não passava duma criança. Ninguém nunca fez nada, nada por mim...

— Paciência, Mugridge, disse eu pondo-lhe a mão sobre o ombro. Console-se. Tudo melhorará para o diante.

Você ainda tem muitos anos de vida pela frente e ainda há de viver como quer.

— Mentira! gritou o mísero afastando de si minha mão. Mentira, você bem sabe. Não tenho futuro, sou feito de trapo e lixo. Tudo está bem para você, Hump, isso sim. Nasceu *gentleman*. Jamais conheceu a fome. Nunca soube o que é, em criança, deitar-se de estômago vazio, a retorcer-se como se tivesse um rato dentro. Eu não posso melhorar. Ainda que amanhã me visse presidente dos Estados Unidos, como poderia isso encher meu estômago por todo o tempo para trás em que ele esteve vazio? Como? Diga! Nasci para padecer. Tenho padecido mais que qualquer outro homem. Tenho passado nos hospitais metade da porca desta vida. Com febres em Aspinwall, em Havana, em New Orleans. O escorbuto quase me matou, e apodreci seis meses num hospital de Barbados. Varíola em Honolulu, duas pernas quebradas em Shangai, pneumonia em Unalaska, três costelas afundadas e tudo.

lá por dentro retorcido, em Frisco. E aqui estou agora. Olhe para mim! Minhas costelas arrebatadas a pontapés. Breve estarei a vomitar sangue. Por que tudo isto me acontece? Deus! Deus! Que mais? Como deve Deus odiar-me, para deixar que me metesse nesta escuna...

O seu desabafo contra o destino levou uma hora ou mais; ao cabo, o desgraçado pôs-se a trabalhar, resmungando e rosnando, sempre com a expressão de ódio a tudo e a todos no olhar. O seu diagnóstico saíra exato; vieram-lhe enjôos e vômitos de sangue — e grandes dores. Como ele dizia, Deus como que o detestava, pois que foi melhorando e com as melhoras tomando-se ainda mais mau do que nunca.

Mais alguns dias se passaram antes que Johnson reaparecesse no convés e, com grande desânimo, reentrasse em serviço. Estava ainda doente. Por mais duma vez vi-o trepar com esforço pelo cordame, ou cochilar de canseira ao leme. Pior ainda — Johnson tinha a alma quebrada. Tornara-se duma humildade abjeta diante de Larsen e Johansen.

Já Leach mantinha-se indomável. Andava pela escuna qual jovem tigre solto, chispando abertamente fagulhas de ódio contra Larsen e o contra-mestre.

— Eu ainda te curo, sueco de pé espalhado! ouvi-o dizer uma noite a Johansen, no convés.

O contra-mestre praguejou contra ele no escuro, e um projétil arremessado foi bater na janela da cozinha.. Mais injúrias e gargalhadas sarcásticas. Quando tudo se acalmou, vim para fora e pude ver na janela da cozinha uma pesada faca metida dois centímetros na madeira. Instantes depois veio o contra-mestre em busca da lâmina que não achou, pois eu a havia arrancado para entregá-la ao dono no dia seguinte. Leach a recebeu com uma careta onde li mais agradecimento do que em todo um lindo discurso, como o sabe fazer a gente da minha classe social.

Exceção única a bordo, eu andava sem rixa à vista e de bem com todos. Os caçadores talvez apenas me tolerassem, embora nenhum mostrasse antipatia ativa. Já Smoke e Henderson, a convalescerem sob o toldo no convés, em redes, asseguravam que eu valia mais que uma enfermeira de hospital, e que jamais se esqueceriam de mim, quando a viagem chegasse a termo e recebessem o seu dinheiro (como se eu necessitasse do seu pobre dinheiro, eu que podia comprá-los a todos, e mais a escuna vinte vezes). Coubera-me a tarefa de cuidar deles, o que fiz sempre do melhor modo.

Lobo Larsen teve outro violento ataque de cefalalgia que durou quarenta e oito horas. Deve ter sofrido muito, pois me chamou à cabina e obedeceu às minhas prescrições tal qual criança doente. Nada do que fiz, entretanto, conseguiu aliviá-lo. Por sugestão minha deixou de beber e fumar. Impressionava-me o fato de tão perfeita e poderosa criatura padecer daquele achaque.

— É o dedo de Deus, garanto, assegurava-me Louis. Começa o castigo e — ele tem que esperar por muito mais ainda, até o fim da viagem. Ou então...

— Ou então...

— Ou então Deus não está fazendo o que deve, embora eu não possa dizer isto.

Enganei-me quando observei que estava nas boas graças de todos de bordo. Mugridge continua a odiar-me — e descobriu para isso uma nova razão. Custou-me descobri-la, mas descobri-a; porque nasci em melhor cama, porque sou nobre de nascimento, como ele diz.

— Dois mortos a menos, sussurrei para Louiz, quando vi Smoke e Henderson passeando em exercício de convalescença pelo convés, lado a lado, muito camaradas.

Louis varou-me com os seus olhos perspicazes e meneou a cabeça.

— A morte ronda por aqui sempre, asseguro-lhe. Estou sentindo-lhe a catinga, e tão claramente agora como percebo a vinda da noite escura. Bem perto, bem perto:..

— E quem vai primeiro?

— Não serei eu, garanto! explodiu numa risada. Sinto lá por dentro que no ano que vem estarei diante dos olhos de minha mãe — olhos cansados de olhar para o mar à espera dos cinco filhos que ele lhe levou.

— Que esteve Louis dizendo a você Hump? perguntou-me Mugridge momentos depois.

— Que espera retomar para sua casa e rever sua velha mãe, respondi diplomaticamente.

— Eu nunca tive mãe, foi o comentário do cozinheiro, pondo nos meus os seus olhos vazios da luz da esperança.

CAPÍTULO 14

Jamais eu dera tento ao valor da mulher na vida do homem. Embora pouco mulherengo, nunca vivi longe do ambiente feminino. Minha mãe e minhas irmãs sempre moraram comigo — e eu vivia procurando escapar-me delas. Incomodavam-me com os seus excessos de carinho, com as suas invasões periódicas aos meus aposentos, onde a minha especial desordem era transformada em ordem à moda delas — linda para os olhos, mas de terrível confusão para mim. Nunca eu podia encontrar as minhas coisas depois que elas deixavam tudo arrumadinho. Mas agora — mas agora, como não ardia eu por tê-las em redor de mim, e por ouvir-lhes o fru-fru das saias que tanto me aborrecia! Estou certo de que se retomar para casa jamais me irritarei com a solicitude feminina.

Poderão amimar-me da manhã à noite, e arrumar-me o antro cem vezes por dia, que nunca deixarei de dar graças aos céus de possuir mãe e irmãs.

Isto me levou a pensar nos meus companheiros. Onde as mães daqueles vinte e tantos homens da "Ghost"? Parece-me antinatural que vivam separados da mulher, e postos assim, como um rebanho de machos, a correr mundo sozinhos. Brutalidade e selvageria são as conseqüências inevitáveis. Eles deveriam ter esposas, mães ou irmãs e serem assim suscetíveis de simpatia e ternura. Mas nenhum é casado. Por anos e anos nenhum teve contato com uma mulher decente, e pois não sentiram a ação redentora que emana de tais criaturas. Vidas desequilibradas. A masculinidade bruta hipertrofiou-se. O lado espiritual da vida não pôde desenvolver-se.

Constituem uma ordem de celibatários que rosnam e arreganham os dentes um para o outro e dia a dia mais calejados se fazem, nessa vida de arreganhos. Parece até impossível que tenham tido mães. Dão-me a idéia de semibrutos — duma espécie de animais semi-humanos, raça à parte em que o sexo não existe. Como que chocados de ovos expostos ao sol, ao modo das tartarugas. Por isso requintam-se mais e mais em brutalidade e maldade, para ao cabo desaparecerem, tão vazios de amor como viveram.

Tomado por esta ordem de idéias, conversei com Johansen noite passada — e foi a primeira vez que o fiz.

Soube que havia deixado a Suécia aos dezoito anos. Tem agora trinta e durante todo esse tempo nunca mais apareceu em casa. Certa vez no Chile encontrou numa taverna um conterrâneo, do qual ouviu que sua mãe, ainda vivia.

— Deve andar bem velhinha hoje, disse ele pensativamente, com os olhos na bitácula e dando aviso com um olhar a Harrison, então no leme, de que estava governando um ponto fora da rota.

— Quando lhe escreveu pela última vez? Johansen fez o cálculo em voz alta.

— Oitenta e um — não! Oitenta e dois? Não. Parece que em oitenta e três. Sim, oitenta e três. Faz dez anos. Escrevi-lhe dum porto de Madagascar. Eu estava no comércio, nesse tempo. — Você sabe, continuou ele. Cada ano estou para voltar — e para que escrever, pois? Mas cada ano acontece qualquer coisa que me atrapalha. Mas agora sou contra-mestre e quando regressar a Frisco com uns quinhentos dólares no bolso tomarei um veleiro que dobre o cabo Horn rumo a Liverpool, o que me dará ainda mais algum dinheiro — e de lá seguirei para casa. E então a velhinha não trabalhará mais.

— Trabalha ainda, então? Que idade tem?

— Uns setenta, respondeu. E depois, com orgulho: Em nossa terra trabalhamos a vida inteira. E por isso vivemos vida longa. Eu hei de chegar aos cem.

Jamais me esquecerei desta conversa — a única que com ele tive. Talvez fossem essas palavras as últimas que pronunciou na terra. Desci dali para a cabina e verifiquei que estava muito abafada. Noite de calma. A "Ghost", já sem vento alísio nas velas, mal dava um nó por hora. Tomei o travesseiro e o lençol e subi ao convés.

Ao passar por entre Harrison e a bitácula notei que a escuna seguia três pontos fora da rota. Está dormindo o rapaz, pensei — e para livrá-lo das possíveis más conseqüências dirigi-me a ele. Não estava adormecido, não. Tinha até os olhos bem arregalados. Perturbou-se quando lhe adverti do erro e mal pôde responder.

— Que tem você, rapaz? perguntei. Doente? Harrison meneou a cabeça, com um fundo suspiro. — Conserte a rota, é o melhor, adverti-o então.

Harrison moveu a roda e pude ver que a agulha oscilava na direção NNE: até firmar-se nela. E eu ia retomar meu caminho, quando um rumor logo adiante chamou-me a atenção. Uma mão humana a pingar agarrava-se à barra da amurada. Uma segunda mão fez-se visível logo em seguida. Pus-me a olhar, fascinado. Que visitante viria assim emergindo das trevas? Quem quer que fosse, percebi que subira pela corda da barqueta. Vi aparecer uma cabeça com os cabelos escorridos de água e logo reconheci os olhos e o rosto de Lobo Larsen. Tinha a face direita sangrenta dalguma ferida mais acima.

O fantasma içou-se para dentro com esforço, apumou-se e olhou ansioso para o timoneiro, como a certificar-se da sua identidade e de que nada tinha a recear dele. Larsen pingava da cabeça aos pés. Grugulejava a espaços. Ao dirigir-se para o meu lado instintivamente recuei — porque em seus olhos eu lia Morte.

— Onde está o contra-mestre, Hump? interpelou-me em voz baixa. Fiz com a cabeça que não sabia.

— Johansen! chamou ele baixo. Johansen! E depois, para Harrison: Onde está ele? O rapaz parecia ter recobrado o espírito, pois respondeu com firmeza:

— Não sei, senhor. Vi-o ainda há pouco passar, em direção à proa.

— O mesmo fiz eu, mas note que não reapareço pelo mesmo caminho. Pode explicar isto?

— É que caiu na água, então, senhor.

— Quer que o procure? perguntei ao capitão. Larsen sacudiu a cabeça

— Não o achará, Hump, mas procure. Ande. Não se preocupe com o travesseiro. Deixe-o aí mesmo.

Acompanhei-o rente aos calcanhares. Nada de anormal no convés.

— Esses malditos caçadores, disse Larsen. Preguiçosos demais para um quarto de guarda.

No extremo da proa encontramos três marinheiros adormecidos. Larsen revirou-os para lhes ver as caras. Faziam parte da guarda do convés e era de praxe deixá-los todos dormir, menos o oficial, o timoneiro e o gajeiro.

— Quem é o gajeiro? perguntou Larsen.

— Eu, senhor, respondeu com tremura na voz Holyoak, um dos marinheiros de alto-mar. Cochilei um pouco, senhor, mas não cochilarei mais.

— Notou alguma coisa no convés?

— Nada, senhor. Eu...

Larsen já estava adiante, rosnando de raiva, e o marinheiro ficou a esfregar os olhos, surpreso de sair-se do embrulho com tão pouco.

— Quietos, quietos agora, advertiu-me Larsen num sopro de voz, enquanto se dirigia ao castelo de proa para descer.

Segui-o com o coração aos pulos. Imaginava tanto o que ia suceder como sabia o que tinha sucedido. Mas sangue havia sido derramado — e não era por veneta própria que Larsen caíra na água e trazia um rasgão no couro cabeludo. Além disso, Johansen desaparecera.

Pela primeira vez eu descia a escada do castelo de proa e jamais me esquecerei da impressão recebida quando me encontrei em baixo. Vi dupla fileira de leitos, onde doze homens se acomodavam para comer, dormir e o mais da vida. Meu quarto em minha casa não era muito grande, mas mesmo assim poderia conter meia dúzia de cômodos como aquele.

Cheirava a azedo e a mofo, e à luz vacilante duma lâmpada pude ver de todos os lados botas de marujos, capotes de oleado, roupas de toda a classe. Os balanços da escuna faziam aquilo mover-se incessantemente. Um par de botas dependuradas batia com regularidade contra a parede — e embora fosse tempo de mar calmo havia um ruído contínuo de madeirame a ranger, janelas a bater e a voz cava do abismo sob o casco da

escuna.

Os homens lá acomodados não se mexeram. Eram oito — com os dois de guarda embaixo — e o ar confinado tomara-se espesso de odores orgânicos, vapor de expiração, roncos e mais emanções sônicas do animal humano. Mas estariam dormindo? Todos? Era o que preocupava Larsen. Queria descobrir quais estavam dormindo e quais simulavam dormir, e ainda quais estiveram acordados pouco antes. E para certificar-se do que queria Larsen agiu dum modo que me lembrou certo conto do Boccacio.

Tomou a lâmpada de onde estava e passou-ma. E iniciou a revista. Começou pelos primeiros leitos de bombordo. Num deles estava Oofy-Oofy, um esplêndido marinheiro canaca. Dormia de costas e respirava plácido qual mulher, um braço sob a cabeça e outro estendido sobre o lençol. Larsen tomou-lhe o pulso e contou-lhe as pulsações. Súbito o canaca despertou — e despertou tão serenamente como dormia. Não fez movimentos. Apenas os olhos foram-se abrindo. Arregalaram-se e enfitaram-se em nossas caras. Larsen levou o dedo aos lábios em sinal de silêncio e aqueles olhos fecharam-se de novo.

No leito imediato jazia Louis, roliço na sua gordura suada, a dormir de fato — a dormir laboriosamente. Enquanto Larsen lhe tomava o pulso ele recurvou-se de modo a ficar por um momento apoiado apenas sobre os ombros e os calcanhares. Seus lábios moveram-se, deixando escapar palavras enigmáticas.

— Um shelim vale vinte e cinco centavos; mas olho vivo com as moedas de três pence, pois que os publicanos sabem impingi-las como de seis.

Em seguida virou-se de lado e com um suspiro fundo murmurou:

— Seis pence são seis pence, um shelim é um shelim, mas um penny não sei...

Satisfeito com a honestidade daquele sono e o do canaca, Larsen passou a outro leito, ou aos dois seguintes, onde dormiam George Leach e Johnson.

Mal o capitão curvou-se para tomar o pulso a Johnson, comigo ao lado sustendo a lâmpada, vi aparecer à beira do leito superior a cabeça de Leach, que espiou o que se passava no debaixo. Certo que adivinhou a traça de Larsen, pois arrancou-me a lâmpada das mãos e apagou-a, deixando-nos na mais completa escuridão. Em seguida saltou de um bote para cima de Larsen.

Os primeiros rumores que ouvi foram de luta entre touro e lobo. De Larsen brotavam mugidos e de Leach, uivos de cólera. Johnson deve ter vindo em auxílio deste logo a seguir — a sua abjeta humildade depois do espancamento não passava de atitude.

O terror empolgou-me, ante aquela luta mortal nas trevas. Apoiei-me na escada, trêmulo, incapaz dum movimento. Senti o velho enjôo de estômago que o espetáculo de brutalidade nua sempre me causava. Nada podia ver, mas ouvia. Ouvia o choque, o

impacto dos golpes sons balofos de carne contra carne. Os ofegos. Curtos gritos de dor súbita...

Mais homens devem ter tomado parte na conjura para destruir o capitão e o imediato. Pelo estrépito percebi isso.

— Uma faca! gritou Leach. Dêem-me uma faca!

— Na cabeça! gritou Johnson. Esmague-lhe a cabeça! Depois do seu mugido de touro, Larsen não emitiu nenhum outro som. Lutava em silêncio pela vida, como fera já baleada. Desde o início da luta perdera o pé, e apesar da tremenda força parecia sentir-se sem esperanças.

A violência com que lutavam chegava até mim. Vi-me lançado de um tranco de encontro à parede, e machuquei-me. Na confusão, meu esforço era para pôr-me a salvo sobre um leito superior.

— Todos aqui! uivou Leach. Agarrei-o!

— A quem? perguntaram várias vozes — dos que estiveram realmente a dormir e despertaram sem saber do que se tratava.

— O raio do contra-mestre, foi a hábil resposta de Leach.

Houve um espasmo de alegria — e imediatamente Larsen teve sete homens contra si. Louis, creio, não fazia parte do bando. A arena tornou-se como a vespeira enfurecida pelo assalto dum ladrão.

— Que é isso aí? gritou lá de cima Latimer, muito cauto para descer àquele inferno de horrores que bramira na escuridão.

— Não há uma faca? Ninguém tem uma faca? gritava Leach a espaços.

O número dos assaltantes só trazia confusão. Atrapalhavam-se e assim favoreciam a Larsen, o qual não perdia golpe. E conseguia ir varando a massa inimiga, de rumo à escada. Embora imerso em escuridão absoluta, pude perceber o seu avanço pelos sons. Homem nenhum, salvo um gigante, poderia ter feito o que Larsen fez. Passo a passo, à força de músculo, foi-se arrancando da massa que procurava retê-lo e firmando-se de pé. E pôde afinal alcançar a escada.

A última parte observei bem. Latimer aparecera em cima com uma lanterna, cuja luz inundou o antro. Logo Larsen conseguiu subir, embora eu não o visse individualmente. Eu só via a massa, o cacho de homens agarrado a ele. Era como uma enorme aranha negra de inúmeras pernas e braços, que ondeava aos movimentos da escuna. E aos sacões, aos vaivéns, foi essa aranha galgando os degraus da escada.

— Que é lá isso? repetiu Latimer.

Pude ver ao clarão da lanterna o seu rosto perplexo espiando para baixo.

— Larsen! murmurou alguém dentro da massa de corpos.

Latimer estendeu a mão livre. Uma outra agarrou-a com frenesi. Latimer puxou-a e os dois últimos degraus foram vencidos.

A outra mão de Larsen apareceu então e agarrou-se ao rebordo da escotilha. A massa humana vacilou, foi-se despegando e caindo aos pedaços, à força de pontapés. O último a destacar-se foi Leach, que rolou do topo da escada, indo dar com a cabeça de encontro aos seus companheiros de aventura.

Lobo Larsen e a lanterna desapareceram — e a escuridão nos envolveu de novo.

CAPÍTULO 15

Um jorro de blasfêmias e injúrias brotou de sob a escada, quando aqueles homens perceberam que a presa havia escapado.

— Façam luz! Tenho um dedo destroncado, disse um deles, Parson, tipo forte e saturnino, timoneiro do bote de Standish do qual Harrison era remador.

— Há fósforo debaixo das abitas, disse Leach sentando-se à beira da cama na qual eu me ocultara.

Apareceram fósforos, afinal, e a lâmpada foi acesa. À sua incerta luz fumegante moveram-se aqueles homens de pernas nuas, cada qual cuidando da sua machucadura. Oofy-Oofy estirou o polegar destroncado de Parson para repô-lo no lugar. Pude ver que os nós dos dedos do canaca estavam rasgados até o osso. Ele mostrava-os, explicando com uma careta de belos dentes alvíssimos, que fora dum murro dado na boca de Larsen.

— Então foi você, miserável negro? gritou furioso um tal Kelly, americano de ascendência irlandesa que fazia a sua primeira viagem como remador do bote de Kerfoot.

E a cuspir sangue e pedaços de dentes, Kelly avançou para Oofy-Oofy.

— Eh lá! Acalmem-se! interveio Leach, evidentemente o galo do castelo de proa. Vamos lá, Kelly, deixe Oofy em paz. Como poderia saber, no escuro, que estava esmurrando a você?

Kelly acomodou-se, a resmungar, enquanto o canaca mostrava a brancura dos dentes num sorriso agradecido. Era um belo animal, quase feminino pelo bem feito do rosto e a macieza sonhadora da voz; embora não passasse duma fera.

— Como conseguiu escapar? indagou Johnson, sentado à beira do leito, indicando em tudo desesperança e desânimo. Respirava ainda aos arquejos, do tremendo esforço que fizera. Camisa completamente arrancada do corpo e um rasgão na face, donde o sangue fluía para o peito nu, descendo até o assoalho.

— Porque é um diabo, como vivo dizendo, foi a resposta de Leach, que tinha lágrimas de desapontamento nos olhos.

— E ninguém me passou uma faca! Tanto, tanto que pedi! era o seu estribilho.

Mas, receosos das conseqüências, nenhum daqueles homens lhe dava atenção.

— Como irá ele saber quem foi e quem não foi? Disse Kelly, correndo os olhos em tomo. Só se um de nós trair.

— Saberá logo que nos encarar nos olhos, tomou

Parson. Um olhar cravado em você será o bastante.

— Diga-lhe que um tranco do barco te arrancou fora os dentes, propôs Louis numa risada. Era Louis o único que não saíra da sua cama e pois não apresentava nenhum sinal de haver tomado parte no pega noturno.

— Diremos que julgávamos tratar-se do contra-mestre, sugeriu um.

E Oofy:

— Eu sei o que devo dizer — direi que ouvi um tumulto e pulei da cama e apanhei um grande murro nos queixos, dado por não posso saber quem, e que retribui às cegas. Também não sei quem o levou.

— Levei-o eu, disse Kelly mostrando no rosto as conseqüências do murro.

Leach e Johnson mal tomavam parte na discussão e seus companheiros já os olhavam como criaturas perdidas sem remédio. O primeiro suportou por algum tempo aqueles agouros, depois explodiu:

— Vocês enojam-me! Gazabas, um bando de gazabas é o que são. Se falassem menos e agissem mais, o bruto já estaria liquidado. Por que um de vocês, um só que fosse, não me passou a faca que tanto e tanto pedi? Enojam-me, sabem? Ficaram a dançar em tomo de Larsen, como se ele fosse matá-los a todos. Jamais o faria, ainda que pudesse. Não lhe conviria. Não tem por aqui onde reabastecer-se de homens e precisa de nós para o seu negócio. Quem iria à caça, digam-me? Só eu e Johnson é que temos de agüentar as conseqüências — e, portanto, todos para a cama! Quero dormir.

— Muito, muito bem! disse Parson. Talvez nada aconteça, mas ouça o que digo: o inferno será um sorvete em comparação do que vai virar esta escuna daqui por diante.

Todo o tempo eu havia estado receoso pela minha própria sorte. Que poderia acontecer-me se aqueles homens me descobrissem ali? Impossível safar-me das suas garras, como Larsen. Súbito, Latimer gritou meu nome lá de cima:

— Hump! O capitão está chamando.

— Não está cá, respondeu Parson.

— Estou sim, respondi pulando da cama e fazendo o que podia para conservar firmeza na voz.

Os marinheiros olharam-me consternados. Li medo em suas caras — medo e a maldade diabólica que o medo gera.

— Já vou! gritei para Latimer.

— Não vai! interveio Kelly interpondo-se entre mim e a escada. Miserável espião! Hei de fechar essa boca...

— Deixem-no ir, ordenou Leach.

— Nunca! foi a resposta irada de Kelly.

Leach, que não mudara de posição à beira da cama onde estava, repetiu:

— Deixem-no ir, estou dizendo, e sua voz ressoou metálica.

O irlandês vacilou e afastou-se da minha frente. Quando alcancei a escada volvi os olhos para o círculo de faces brutais que me encaravam na semi-escuridão. Súbita simpatia ganhou-me. Lembrei-me das palavras do cozinheiro. Como devia Deus odiá-los para torturá-los assim?

— Nada vi e nada sei, creiam-me, disse-lhes eu com firmeza — e ouvi Leach afirmar:

— Responsabilizo-me por ele. Não gosta do bruto, é dos nossos.

Encontrei Larsen na sua cabina, rasgado e sangrento. Recebeu-me com um dos seus sorrisos enigmáticos.

— Chegue-se, doutor. Tudo nesta viagem está a favorecer uma extensa prática cirúrgica. Não sei o que teria sido a "Ghost" sem você — e se eu pudesse alimentar tão nobre sentimento, diria que me sinto profundamente grato.

Eu sabia lidar com a modesta botica de bordo, e enquanto a água fervia no fogareiro da cabina, Larsen andava de cá para lá, rindo-se, caçoando e examinando as suas feridas e contusões com olho experiente. Eu jamais lhe havia visto o corpo nu e fiquei em suspenso. Nunca fora meu fraco exaltar a carne — longe disso; mas o meu senso estético não podia deixar de enlevar-se com a maravilha.

Confesso que me deixei fascinar pelas linhas perfeitas do corpo de Larsen e pelo que posso chamar a sua terrível beleza. Eu havia contemplado aqueles homens seminus do castelo de proa. Poderosos de musculatura, mas sempre com um ou outro defeito. Este, demasiadamente desenvolvido num ponto; aquele, com pernas compridas ou curtas demais; outros, de musculatura excessiva ou ossatura *muito* à mostra. Só Oofy-Oofy apresentava linhas em conjunto perfeito, embora tocadas de certa feminilidade.

Mas Lobo Larsen era o homem-tipo, o Homem, quase um deus de perfeição. Quando se movia ou erguia os braços, os poderosos músculos ondeavam sob a pele cetínea. Esqueceu-me dizer que era de bronze só do pescoço acima. O resto, graças ao sangue escandinavo, tinha a alvura dum corpo de mulher. Lembro-me que levantou o braço para apalpar um ferimento da cabeça — e que me extasiei diante de seus bíceps, vivo dentro da pele — o mesmo que por pouco não me expeliu a vida desta sua carcaça terrena. Mas não pude tirar deles os meus olhos. Fiquei extático, parado, com um rolo de atadura a desenrolar-se para o chão.

Larsen percebeu meu enlevo.

— Deus o fez maravilhoso, murmurei.

— Já pensei nisso, respondeu ele. Mas nunca descobri porque.

— Propósito... sugeri.

— Utilidade, corrigiu Larsen. Este corpo foi feito para uso. Estes músculos foram feitos para agarrar, rasgar, destruir coisas vivas que se interpõem entre mim e a vida. Mas já pensou nas outras coisas vivas? Também elas possuem músculos feitos para agarrar, destruir, rasgar — mas quando se interpõem entre mim e a vida eu agarro mais, rasgo mais, destruo mais. Propósito nada explica. Utilidade, sim.

— Não vejo beleza nisso, protestei.

— A vida é que não é bela, disse ele sorrindo — e no entanto fui feito belo. Olhe para isto, e contraiu as pernas e os dedos dos pés, como que agarrando o assoalho da cabina. Nós, protuberâncias e massas de músculos moveram-se como serpentes sob a pele alva.

— Apalpa-me, ordenou.

Massas rijas como o ferro. Também observei que todo o meu corpo se retesara instintivamente; que os músculos como que se remodelavam, descendo para as ancas e costas e que seus dedos se engrifavam como garras. Até os olhos mudaram de expressão — tensos, de guarda, em prontidão para a luta.

— Estabilidade, equilíbrio, disse ele relaxando-se de toda aquela tensão muscular e caindo em repouso. Pés que possam agarrar-se ao chão, pernas que sustentem firme o arcabouço e braços e mãos e unhas e dentes prontos para matar e lutar pela vida. Propósito? Utilidade diz muito mais.

Não contestei. Eu havia visto o mecanismo da fera primitiva e impressionei-me como se houvesse travado conhecimento com as máquinas dum poderoso navio de guerra.

Atendendo à luta violentíssima desenvolvida no castelo de proa, fiquei assombrado de verificar o leve dos seus ferimentos — e orgulho-me de os haver pensado com mestria. Com poucas exceções, não vi em seu corpo senão arranhaduras sem importância. O golpe que levava ao cair na água rompera-lhe o couro cabeludo por algumas polegadas. Pensei esse ferimento; lavei o rasgão e costurei os bordos. Também tinha a barriga de ambas as pernas bastante lacerada, como se mordidas por terrível buldogue. Alguém o havia agarrado ali com os dentes, no começo da luta, disse-me ele, e ficara agarrado o tempo todo, até que no alto da escada pode sacudi-lo fora com um pontapé.

— Você não deixa de ser uma criatura preciosa, Hump, disse-me ele quando terminei meu serviço médico. Como sabe, estou sem contra-mestre. D'ora em diante você fará os quartos, receberá setenta dólares por mês e será chamado, de popa a proa, o senhor Van Weyden.

— Eu... eu nada conheço de navegação, o senhor bem sabe, murmurei atônito.

— E nem é necessário.

— Em absoluto não procuro subir, protestei ainda.

Acho a vida muito precária em minha presente situação. Não possuo experiência. A

mediocridade deve ter as suas compensações.

Larsen sorriu como se tudo estivesse definitivamente acertado.

— Não, não! Não quero ser contra-mestre deste navio infernal! gritei desafiadoramente.

O rosto de Larsen endureceu; o fulgor impiedoso brilhou-lhe nos olhos — e, dirigindo-se para o seu aposento, limitou-se a dizer:

— Boa noite, senhor Van Weyden!

— Boa noite, senhor Lobo Larsen, murmurei resignadamente.

CAPÍTULO 16

O posto de contra-mestre trouxe-me a libertação da cozinha. Não mais pratos a lavar, panelas... Isso valia alguma coisa. Mas eu ignorava os mais simples deveres dum imediato de navio e ter-me-ia saído mal, se os marinheiros não me houvesse recebido com simpatia. Ignorava todo aquele jogo de cordame e velas, que é tudo num barco, mas fui ensinado — todos procuravam ensinar-me, especialmente Louis, ótimo professor. Isso fez que eu tivesse poucos incômodos com os meus subordinados.

Já com os caçadores de focas era diferente. Familiares a fundo com o oceano, tomaram-me como brincadeira. E na realidade para mim mesmo era uma brincadeira, uma pilhéria, que um pobre homem a fazer a sua primeira viagem — e à força — pudesse desempenhar essa função técnica; mas ser tomado como brincadeira pelos outros era outra coisa. Todavia, não me queixei e Larsen exigiu a mais estrita etiqueta para comigo, mais do que a havida com o pobre Johansen, e à força de ameaças, rajadas de insultos e mesmo pegadas físicas, conseguiu meter os caçadores em linha. De popa a proa eu era o senhor Van Weyden, e só familiarmente Larsen me tratava de Hump.

Não deixava de ser divertido. Às vezes o vento mudava durante uma refeição; ao sairmos da mesa Larsen me dizia: "Senhor Van Weyden, queira ter a bondade de virar de bordo". Eu sabia, acenava para Louis e indagava dele o que fazer. Minutos depois, com a lição bem aprendida, dava minhas ordens. Lembro-me que em certa ocasião Lobo Larsen apareceu justamente quando eu começava a dar uma ordem dessas. Fumando o seu charuto, acompanhou muito a sério a manobra, e depois ficou a passear pela popa.

— Hump, disse-me em dado momento. Perdão! Senhor Van Weyden, meus parabéns. Creio que agora pode devolver para o túmulo as pernas do senhor seu pai. Já possui pernas próprias e sabe equilibrar-se nelas. Mais um pouco de perícia no trabalho das cordas e no manejo de velas, mais um pouco de prática com o mau tempo, e ao fim da viagem poderá dirigir uma escuna costeira.

Foi durante esse período — da morte de Johansen à chegada aos campos de caça — que tive meus melhores momentos a bordo da "Ghost".

Lobo Larsen tratava-me gentilmente, os marinheiros ajudavam-me e eu me via liberto do contato desagradável de Mugridge. E não devo ocultar que no correr do tempo comecei a sentir um certo orgulho de mim próprio. Era fantástica a minha situação — eu, um bicho de terra, transfeito em imediato duma escuna! Não obstante, tudo corria bem. Cheguei a gostar dos balanços da "Ghost", que singrava de rumo para leste, pelos

trópicos adentro, em busca da ilha onde iria refrescar.

Minha felicidade, entretanto, era relativa. Tratava-se apenas duma fase de menos miséria, interposta entre um passado de grandes misérias e um futuro de outras não menores. Porque a "Ghost", no que diz respeito à tripulação, era na realidade um barco do inferno.

Nunca a paz, senão por bem curtos momentos. Lobo Larsen não perdoava a tentativa de destruição da sua vida, e da manhã à noite, e ainda durante a noite, caprichava em tomar intolerável o viver daquela gente.

Conhecia bem a psicologia do suplício pequenino, e à força de coisinhas mínimas mantinha a tripulação sobressaltada e na beira da loucura. Vi Harrison acordado do seu sono à noite para repor no devido lugar uma brocha de pintor — e dois guardas tirados do sono cansado para fiscalizar-lhe o serviço. Coisas mínimas, sim, mas que, multiplicadas ao infinito pela terrível engenhosidade daquele cérebro, degeneravam em perfeito suplício para os homens do castelo de proa.

Um murmúrio constante de queixas chegava-me aos ouvidos, e pequenas explosões se repetiam. Sobrevinham espancamentos, e havia sempre dois ou três homens postos como enfermeiros dos que caíam vítimas da pesada mão de Larsen. Nova ação de conjunto tomara-se impossível, porque a cabina e a timoneira haviam sido transformadas em arsenal de guerra. As duas vítimas prediletas eram Leach e Johnson; a profunda melancolia que boiava nos olhos deste último cortava-me o coração.

Com Leach tudo mudava. Era muito mais pugnaz e, dominado pela fúria do ódio, não tinha tempo para sofrer. Em seus lábios havia se fixado uma expressão permanente de arreganho, e à simples vista de Larsen explodiam em horríveis ameaças, creio que inconscientemente. Vio-o seguir Larsen com olhos de fera para com o domador, a rugir e a trincar os dentes.

Certa vez, no convés, dia claro, toquei-lhe no ombro antes de dar-lhe uma ordem. O salto que deu, o rosnado e as feições decompostas que lhe vi quando se voltou para mim. É que me havia contundido com Lobo Larsen.

Ambos, ele e Johnson, teriam matado o seu cruel senhor se uma boa oportunidade se apresentasse — mas não se apresentava nenhuma. Larsen era precavido e eles estavam desarmados. Corpo a corpo, sem armas, nada poderiam contra o búfalo humano. Por vezes Larsen atracou-se com Leach, que se defendia à moda do gato selvagem, a unhas e dentadas, e aos saltos, até cair inconsciente sobre as tábuas do convés. Mas mesmo assim jamais rejeitava novo pega. O demônio que morava dentro dele declarara guerra de morte ao demônio que habitava o corpo de Lobo Larsen. Bastava que se cruzassem no tombadilho para que nova luta fosse travada. Cheguei a ver Leach lançar-

se contra Larsen sem aviso, nem provocação. Doutra feita atirou-lhe de longe a sua pesada faca de marinheiro, errando-lhe a garganta por polegadas. E de outra ainda, estando a remendar cabos na verga da mezena, deixou cair a faca de serviço de setenta pés de altura. O alvo era Larsen, que vinha subindo a escada; errou, e a faca entrou por duas polegadas na madeira dura. Também um dia conseguiu apossar-se dum fuzil na timoneira e ia voar com ele para o convés quando foi detido e desarmado por Kerfoot.

Perguntei a Larsen por que não acabava com aquilo numa vez. Ele riu-se, alegre. Gozava um demoníaco encanto em manter escravo aquele animal feroz.

— Uma sensação estranha, isto de ter uma vida rebelde nas mãos, explicou-me ele. O homem é por natureza jogador, e a vida é a máxima parada que pode jogar. Maior o azar, maior a sensação. Por que havia de privar-me do prazer de excitar a alma de Leach até ao furor do desespero? E assim fazendo dou-lhe uma compensação. O prazer é mútuo. Leach a viver mais intensamente do que nenhum homem antes dele — embora não saiba disso. Vivendo vida de rei. Porque tem o que os outros não têm — um objetivo, algo a fazer e que tem de ser feito, uma finalidade absorvente que lhe é necessário atingir: o seu desejo de matar-me. A sua esperança de matar-me, quanto não vale isso? Realmente ele vive com uma intensidade que poucos conhecem. Certas vezes chego a ter-lhe inveja, quando o sinto no ápice da paixão. — Oh, mas isso é covardia! exclamei. O senhor tem

superioridade em armas.

— De nós dois, você e eu, qual o mais covarde? interpelou-me ele a sério. Se a situação é desagradável, pactuando com ela você constrange a sua consciência. Se fosse realmente, sincero consigo próprio teria de juntar-se a Leach e a Johnson. Mas tem medo, tem medo! Quer viver! A vida que há em você quer viver a todo o transe, e você vive ignominiosamente, mentindo a si próprio, traindo os seus ideais, pecando contra os pequeninos códigos que respeita e, se houvesse inferno, preparando-se para lá meter um dia a alma. Bah! Eu desempenho a parte mais nobre. Não peço, porque reajo de pronto de acordo com a vida que se defende dentro de mim. Sou sincero com minha alma — e você não.

Havia agulhões naquelas palavras. Talvez, realmente, eu estivesse representando a parte da covardia, e quanto mais penso nisso mais me convenço de que o meu dever no caso era aliar-me a Johnson e Leach na luta contra Larsen. Eu sentia ressurgir em mim a consciência terrível de meus antepassados puritanos, a impelir-me para ações trágicas e sancionando até homicídio como a reta moral no caso. A humanidade ganharia com esse crime, a vida tomar-se-ia mais bela e suave.

Ponderei isso por longo tempo e nas minhas insônias passei em revista a procissão

dos fatos e hipóteses. Cheguei a conversar com Leach e Johnson durante as horas de guarda, quando Larsen estava embaixo. Ambos já haviam perdido toda a esperança — Johnson por motivo do seu natural melancólico e descoroçoado, e Leach porque fora batido na luta e sentia-se exausto. Certa vez segurou-me a mão apaixonadamente e disse:

— Sinto que é leal, senhor Van Weyden. Mas fique onde está e feche bem a boca. Nada, nada diga. Somos, eu e Johnson, dois homens mortos — o senhor, não obstante, nos poder valer algo num mau momento.

No dia seguinte a ilha de Wainwrigth apontou a sotavento e Lobo Larsen abriu a boca para uma profecia, isso depois de haver tido um pega muito sério com Leach e Johnson. .

— Leach, disse ele, sabe você que dum momento para outro vou matá-lo, não sabe?

Um rosnado de lobo foi a resposta.

— E você, Johnson, vai ficar tão cansado da vida antes que eu me dê por satisfeito, que acabará lançando-se ao mar. Receba o aviso. Isto é uma sugestão, acrescentou Larsen num aparte dirigido a mim. Aposto um mês de salário que ele vai lançar-se ao mar.

Eu alimentava a esperança de que as duas vítimas aproveitariam a primeira oportunidade para fugir, enquanto a escuna tomasse água naquela ilha; mas Larsen escolhera muito bem o lugar adequado para a sua profecia. A "Ghost" fundeara meia milha além da linha de arrebentação duma praia solitária, onde desembocava uma garganta de rochas a pique, impossíveis de serem escaladas. E ali, sob a sua direta fiscalização — Larsen desembarcara para por si mesmo dirigir o serviço — Leach e Johnson tiveram de encher os barris d'água e rolá-los pela praia. Impossível a fuga.

Harrison e Kelly, todavia, fizeram uma tentativa. Equipavam um bote encarregado de ir da escuna à praia e vice-versa, carregando de cada vez um barril d'água. Pouco antes do jantar, ao partirem da escuna com o barril vazio, esses dois marinheiros modificaram a rota e tomaram para a esquerda, com a idéia de circundarem o promontório próximo, interposto entre eles e a liberdade. Além ficavam graciosas aldeias dos colonos japoneses e risonhos vales de cultura. Uma vez afastados da escuna poderiam desafiar Lobo Larsen.

Pouco antes havia eu notado que Smoke e Henderson estavam postados no convés, como de prontidão para qualquer coisa, e só agora percebi o porque. Logo que o bote se afastou, correram aos fuzis e abriram fogo contra os desertores. Foi uma impiedosa exibição de boa pontaria. Os primeiros tiros picaram a água lado a lado do bote; mas foram consertando a mira, e mais e mais próximos do alvo iam caindo os projéteis.

— Agora veja como acerto no remo de Kelly, disse Smoke dormindo na pontaria.

Eu estava com o binóculo apontado, e pude ver a pá do remo espatifar-se. Henderson fez o mesmo com o remo de Harrison. O bote balançou sem governo. Seus tripulantes experimentaram remar com os destroços, e breve tiveram também esses destroços arrancados das mãos à bala. Kelly destacou uma tábua do fundo do bote e tentou remar. Nada conseguiu. Renderam-se, então, deixando que o bote flutuasse ao sabor das ondas até ser rebocado para bordo da escuna.

À tarde levantamos ferro e seguimos viagem. Nada tínhamos pela frente senão três ou quatro meses de caça às focas. As perspectivas eram realmente trágicas, e de coração constrangido retomei meu serviço. Uma sombra funérea como que envolvera a escuna. Larsen fora para a cama com um dos seus terríveis ataques de cefalalgia. Harrison voltou silenciosamente para o leme, desfeito e exausto; como se mal suportasse o peso da sua carne. O resto da tripulação mostrava-se triste e calada. Vi Kelly sentado na escotilha de proa, com a cabeça entre os joelhos, numa inenarrável atitude de desespero. Johnson, deitado no extremo do castelo de proa, tinha os olhos sobre a espuma fervilhante da quilha. Acudiu-me à mente a profecia de Lobo Larsen. A sugestão já estava a atuar. Procurei arrancá-lo daquele estado de ânimo e chamei-o; mas com um sorriso Johnson recusou-se a obedecer-me. Em certo momento Leach achegou-se a mim.

— Quero pedir-lhe um favor, senhor Van Weyden, disse ele. Se tiver a sorte de regressar a S. Francisco, poderá procurar Matt Mac Carthy? É meu pai. Reside no Morro, atrás da padaria Mayfar, onde dirige uma oficina de concertos que toda a gente conhece. Diga-lhe que vivi só para arrependê-lo dos desgostos que lhe dei — e diga-lhe ainda, por mim: "Deus o abençoe".

Procurei consolá-lo.

— Todos nós havemos de regressar a S. Francisco, Leach, e você me acompanhará na visita a Matt Mc Carthy.

— Gostaria de acreditar em suas palavras, senhor Van Weyden, respondeu o mísero, apertando minha mão. Mas Lobo Larsen dará cabo de mim, estou certo. Tudo quanto espero é que o faça o mais depressa possível.

Quando Leach me deixou fiquei a pensar e a sentir do mesmo modo. Se aquilo tinha de acontecer, que acontecesse quanto antes. O desespero geral havia-me ganho a mim também. Novos horrores, e os piores, pareciam inevitáveis; e enquanto eu passeava pelo convés refletindo naquilo, me veio com toda a nitidez um grande horror pelas repulsivas idéias de Lobo Larsen. Que pretendia? Onde a grandeza da vida que permite tal destruição de almas? Coisa sórdida afinal, a tal vida, e quanto mais depressa terminasse, melhor. E também me debrucei na amurada, com os olhos alongados para o mar, certo de que, mais cedo ou mais tarde, tudo estaria imerso, fundo, fundo, na fria imensidão

verde — no esquecimento...

CAPÍTULO 17

Parece estranho, mas apesar de todas as previsões nada de extraordinário aconteceu na "Ghost" até este momento. Bem a noroeste, nas costas do Japão, alcançamos o ponto de ajuntamento das focas. Vindas ninguém sabe de que ponto daquele Pacífico sem fim, migram anualmente para o norte, rumo às pedrancelas do mar de Bering. E também para o norte seguimos, destruindo-as, lançando as carcaças aos tubarões e salgando as peles que iriam mais tarde abrigar os ombros alvos das nossas damas.

Era matança desenfreada, e tudo para regalo da mulher. Nenhum homem se utilizava da carne ou gordura das focas. Após um bom dia de matança, o convés enchia-se de peles sangrentas e carcaças, tomando-se escorregadio de gordura e sangue, com os esgotos a verterem constantemente enxurro vermelho. Mastros, cordame, corrimãos, tudo avermelhava. Os homens encarregados da tarefa, quais açougueiros nus borrados de sangue, trabalhavam sem descanso com as suas facas de abrir e escorchar as lindas criaturas brutalmente mortas.

O meu serviço consistia em conferir as peles logo que entravam a bordo, trazidas pelos botes, e fiscalizar em seguida a limpeza do barco. Não era trabalho agradável. Meu estômago e minha alma sentiam-se tomados de engulho e revolta; não obstante, aquela ocupação me fazia bem. Desenvolvia a pequena capacidade de mando com que eu nascera, determinando um enrijamento de nervos muito precioso para o "Sissy" Van Weyden.

Uma coisa eu começava a perceber — que nunca mais poderia voltar a ser o mesmo homem de outrora. Conquanto a minha esperança e fé na vida humana sobrevivessem ao horrível criticismo de Lobo Larsen, era inegável que ele me fizera mudar em muitas coisas menores. Abrira-me às escancaradas o mundo das realidades do qual eu realmente nada conhecia e sempre me afastara. Aprendi a encarar a vida de perto, tal como é, nua e crua; aprendi a reconhecer, por exemplo, que há no mundo uma coisa chamada "fato"; aprendi a destacar-me do mundo das idéias e a dar valor ao concreto da existência.

Nesses campos de caça conheci Lobo Larsen melhor do que nunca. Quando o tempo estava bom e nós chegávamos ao meio dum bando de focas, todos os homens saíam em seus botes e eu ficava só com ele — e com Mugridge, que não entrava em conta. Mas não era para folga. Os seis botes deixavam a escuna, abrindo-se em forma de leque, com vinte milhas de distância a separar os dois das extremidades. Vogavam em linha reta até que o mau tempo sobreviesse ou a noite os forçasse a retomar. Tínhamos, então, nós que ficávamos na escuna, de levá-la a sotavento rumo do bote da extrema, de modo que

os demais pudessem alcançá-la com facilidade em caso de borrasca.

Não é tarefa leve para dois homens apenas, sobretudo quando o vento enrija, manejar uma escuna como a "Ghost", deitando ou recolhendo velas para atender aos botes afastados; isso obrigou-me a aprender depressa. Também com relativa facilidade aprendi a governar. Já não foi tão fácil adquirir a prática de trepar pelo cordame acima para certas manobras indispensáveis. Isso custou-me seu pouco, mas aprendi-o também e depressa — porque andava tomado da ânsia de reabilitar-me aos olhos de Lobo Larsen e de provar o meu direito à vida. E tempo veio em que até prazer eu sentia em marinhar pelos mastaréis e lá do alto inspecionar com a luneta o trabalho dos botes distantes.

Relembro um belo dia em que os botes saíram cedo.

Os sinais e tiros dos caçadores foram-se apagando com a distância até de todo se perderem ao longe. Soprava uma fraca brisa do leste, que morreu quando manobrávamos para meter a escuna a sotavento do bote da extrema. Um por um — eu estava no topo do mastro e vi — lá desapareceram os seis botes, na curvatura da terra, em perseguição às focas distantes. A "Ghost" ficou parada, a balançar-se na água calma, e Lobo Larsen entrou-se de apreensões. Não lhe agradava o barômetro baixo e o aspecto do céu a leste. Seus olhos não se despregavam do horizonte.

— Se o temporal vem deste lado e nos leva a barlavento, haverá esta noite leitões vagos no castelo de proa, disse ele.

Pelas onze horas o mar tomou-se como de vidro, e ao meio-dia já o calor se fizera insuportável. Nenhuma frescura no ar parado. Calor abafadiço, opressivo, que me lembrava o que os velhos da Califórnia chamam "ar de terremoto". Sentíamos-nos como envoltos num ambiente de presságios fúnebres, com pressentimentos de algo terrível. Lentamente o céu a leste foi-se cobrindo de nuvens, que vieram pairar sobre nossas cabeças como montanhas das regiões infernais. Tão claramente víamos no céu barrocas, gargantas e precipícios, com grandes sombras projetadas, que inconscientemente olhávamos para a linha de arrebentação onde o mar se esmóia contra a terra. Mas ainda não havia vento.

— Não é furacão, disse Lobo Larsen, mas a velha Mãe Natureza vai erguer-se nas patas e uivar a sua fúria imensa — e teremos de pular, Hump, para recolher metade dos nossos botes. Vamos, toca a abrir as velas da mezena.

— Como, se a tempestade está a cair e somos cá dois só? disse eu com surpresa.

— Sim, temos de aproveitar o começo da tempestade para nos aproximarmos dos botes antes que as velas sejam estraçalhadas. Depois disso ninguém pode prever o que acontecerá. Os mastros agüentarão — e haja o que houver, nós dois teremos que fazer o mesmo.

Mas a calma continuava. Engolimos o jantar depressa, inquietos pela sorte daqueles dezoito homens espalhados pelo mar — para além da linha do horizonte, com toda aquela massa de nuvens negras prestes a lhes desabar em cima. Lobo Larsen não parecia impressionado, embora eu lhe notasse um tique nervoso nas narinas e uma anormal brusqueza de movimentos. Seu rosto estava severo, com as linhas endurecidas, mas nos olhos — dum azul muito claro naquele dia — brilhava uma estranha luz cintilante. Surpreendeu-me vê-lo tão alerta, e alegre dum modo feroz — a alegria duma luta titânica a desencadear-se, que o punha exaltado como se a maré da vida o viesse tomar de roldão num lance supremo.

Em certo momento gargalhou com sarcasmo e desafiou a borrasca em avanço. Vejo-o ainda e vê-lo-ei sempre, qual o pigmeu das *Mil e Uma Noites* a enfrentar um monstruoso gênio. Sem sombra de medo, Lobo Larsen desafiava o destino.

Depois dirigiu-se para a cozinha.

— Quando acabar o seu serviço preciso de você no convés. Esteja alerta ao primeiro chamado, disse a Mugridge. E voltando-se para mim, que o olhava fascinado: — Hump, isto vale mais do que o whiskey — e é onde o seu Ornar Kaiyan falha. Creio que ele só viveu meia vida.

O céu a leste escurecia cada vez mais. Do outro lado o sol breve nos desapareceu da vista. Era pelas duas horas da tarde, e um crepúsculo funéreo, coado através de luzes de púrpura, havia descido sobre nós. O vulto de Lobo Larsen brilhava dentro daquela morte da luz. Seu rosto aparecia-me num halo. Estávamos imersos numa quietude extraterrena, enquanto em redor de nós se amontoavam prenúncios da tormenta a sobrevir. Senti-me como se fosse desmaiar e tive de agarrar-me à amurada.

Precisamente nesse instante perpassou um sopro quase imperceptível. Vinha de leste e, como um fraco murmúrio, sumiu-se. A lona bamba das velas nem sequer estremeceu — mas senti um leve frescor nas faces.

— Cooky! gritou Lobo Larsen. Mugridge apareceu com a sua triste cara lanhada e o capitão ordenou-lhe uma manobra, concluindo: E se não fizer tudo muito direito, será a última da sua vida, entende? E para mim: Senhor Van Weyden, trate de correr aquela vela grande. Depois corra à mezena e desdobre-a o mais rápido que puder — quanto mais ligeiro andar mais fácil será a manobra. E se o cozinheiro molhar o corpo, esmurre-o na cara.

Compreendi que era um cumprimento de Lobo Larsen dar-me essa ordem sem nenhuma ameaça. Estávamos de proa para noroeste e sua intenção devia ser virar de bordo ao primeiro sopro do vento que já dera aviso.

— Vamos ter brisa à ilharga, explicou-me ele, e a avaliar pelos últimos tiros os botes

devem estar a sul, e foi ter ao leme, enquanto eu me atirava à manobra com a bujarrona. Outro sopro de ar frio perpassou, que fez a lona bamba bolear fracamente.

— Graças a Deus não vem ela de golpe, senhor Van Weyden, murmurou Mugridge.

Também me rejubilei com isso, porque já havia aprendido o bastante para saber que horrível desastre nos esperaria se a borrasca nos pegasse com todas as velas soltas. Breve aqueles sopros de ar amiudaram-se e fizeram-se contínuos — brisas; as velas bojaram e a "Ghost" moveu-se; Lobo Larsen deu à roda do leme e começamos a sair dali. Às brisas afinal fizeram-se vento e esse vento começou a dar de rijo pela popa. As bujarronas estremeciam esticadas. Eu nada via do que se passava longe de mim, apesar de perceber o movimento da escuna logo que a pressão do vento passou para a bujarrona e a vela grande. Achava-me ainda ocupado na manobra quando a

"Ghost" saltou para sudoeste num ímpeto brusco. Sem tomar fôlego, e com o coração a bater como martelo de forja, tal havia sido o meu esforço, pulei para a vela do mastaréu e, antes que o vento enrijecesse, completei, ajudado de Mugridge, a manobra. Fui então para a popa receber ordens.

Lobo Larsen aprovou de cabeça o meu trabalho e passou-me a roda do leme. O vento recrescia rápido, fazendo cada vez mais crespo o mar. Por toda uma hora governei com dificuldades crescentes. Eu não tinha prática de governar numa situação daquelas.

— Suba agora à verga e espie pela luneta onde estão os botes. Fizemos já pelo menos dez nós, e estamos neste momento singrando a doze ou treze. Esta velha amiga sabe correr.

Trepei às vergas de proa, cerca de setenta pés acima da coberta, e com a luneta explorei o mar que se abria ante meus olhos. Compreendi a necessidade da rapidez. De fato, se queríamos salvar alguns dos nossos homens não havia tempo a perder. Não vi sinal deles. Naquela imensidão de mar já furiosamente revoltado parecia impossível que tão frágeis botes ainda pudessem estar flutuando.

Era-me impossível calcular a força do vento, visto estarmos correndo com ele a favor, mas ali da verga alta olhei para a "Ghost" como se estivesse fora dela — e vi sua forma nitidamente desenhada no mar espumante a abrir caminho como um ser vivo. Às vezes a escuna erguia-se sobre uma grande onda, mergulhando na água a amurada de estibordo, com o convés inundado até às escotilhas. Nesses momentos eu me sentia arrastado no ar como na ponta dum pêndulo invertido, cuja amplitude de oscilação alcançasse setenta pés ou mais. Numa das vezes deixei-me empolgar pelo terror e agarrei-me de pés e mãos como quem se agarra à vida, não podendo atentar em outra coisa senão no trecho de mar furioso sobre que dançava a escuna.

Mas voltei logo a mim — e dei-me todo à procura daqueles homens perdidos no mar

congesto. Durante uma hora não consegui ver um bote sequer. Por fim, em certo ponto onde ocasional reflexo de sol fez rebrilhar a água, percebi um pontinho negro que uma onda ergueu e logo a seguir tragou de novo. Esperei com paciência que voltasse — e de novo vi emergir aquele pontinho negro. Era inútil gritar, e pois comuniquei a notícia a Lobo Larsen por meio dum gesto. Ele mudou de rumo, e breve pude confirmar com outro gesto a minha primeira indicação.

O pontinho negro foi crescendo — e seu crescimento me deu conta da rapidez da nossa corrida. Lobo Larsen fez-me sinal para que descesse, e quando me viu ao seu lado passou-me a roda do leme com instruções sobre o que fazer.

— Deixe que o inferno inteiro arrebente em torno de nós; não faça caso. Olhe o seu serviço. Não largue o leme e conserve o cozinheiro ao pé da mezena.

Procurei alcançar a proa sem escolher lado, porque tanto de barlavento como de sotavento as amuradas mergulhavam na água com a mesma freqüência. Depois de explicar a Mugridge como agir, pude alcançar a proa e ver um bote já bem perto. Vinha de quilha ao vento, arrastando o mastro e a vela pela água, como a servir de âncora. Seus três tripulantes estavam a esvaziá-lo com baldes. A cada vagalhão desaparecia da minha vista — e eu ficava ansiosamente aguardando-lhe o retorno. E o bote de súbito reaparecia na crista de nova onda, com a proa apontando para o céu e toda a quilha à mostra, molhada e negra. Mal eu recebia a rápida impressão visual dos três homens baldeando freneticamente a água invasora e já o bote virava e caía na abertura hiante, de proa para baixo, quase em vertical. Era um verdadeiro milagre cada um daqueles rápidos reaparecimentos.

A "Ghost" de súbito mudou de rota — e veio-me, como um choque, a idéia de que Lobo Larsen estava desistindo do salvamento por tê-lo como impossível. Depois percebi que era manobra para receber o bote e pus-me de prontidão no convés. Houve como um relaxar dos músculos da escuna, uma momentânea perda da tensão mas com aceleração da velocidade.

A "Ghost" virava, e quando ficou em ângulo reto com a fúria do mar, a força toda do vento, que até ali viera sobre nós, fez-se sentir contra — com toda a minha ignorância recebi-o de cara. Senti o mar erguer-se diante de mim qual muralha, e meus pulmões ficaram cheios de ar que eu não podia expelir. E enquanto eu sufocava e a "Ghost" ademava por um instante, batida pela rajada, vi enorme vagalhão erguer-se bem acima da minha cabeça. Retive o fôlego. A onda passou por sobre a escuna de modo que pude vê-la de baixo. Um raio de sol coou-se na lâmina em voluta, fazendo-me guardar nos olhos uma visão de verde translúcido, com brancuras de espuma atrás.

Depois toda aquela abobada desceu, desmoronou num pandemônio às soltas. Senti-

me esmagado por um choque estonteante, que me apanhava de todos os lados. Minhas mãos escaparam-se do apoio a que estava agarradas e vi-me solto dentro da massa líquida. Pelo cérebro me passou o pensamento de que era aquilo a horrível coisa chamada — homem varrido para o mar. Meu corpo vogou aos boléus dum ponto para outro, subindo e descendo, e quando não pude mais reter o fôlego, respirei, em vez de ar, água marinha. Apesar de tudo, uma idéia não me largava: "Tenho de manter a bujarrona a barlavento". Eu não sentia medo da morte. Não duvidava que me sairia daquilo de qualquer forma. E enquanto a idéia de obedecer às ordens de Lobo Larsen me retesava assim as últimas forças vitais, parecia-me vê-lo ao leme, também imerso dentro da massa líquida, contrapondo a sua vontade invencível, num desafio, à vontade dos elementos em fúria.

Fui arrastado com violência para o que me pareceu a amurada; respirei — era ar, de novo ar! Procurei erguer-me, mas dei com a cabeça num obstáculo e fui lançado ao chão. Por um capricho das águas eu fora levado ao extremo da proa, e no trajeto passara sobre o corpo de Mugridge, que rosnava enrodilhado sobre si mesmo. Mas — mas eu precisava manter-me na manobra da bujarrona!

Quando emergi no convés pareceu-me chegado o fim de tudo. De todos os lados um estraçalhar de velas e um horrível espedaçar-se de madeira e ferro. A "Ghost" estava sendo feita em cacos. A vela grande e a mezena, vazias de vento pela manobra e sem ninguém para as colher, iam rebentando em tiras. Pontas de cordas, como serpentes loucas, e fitas de lona rasgada sacudiam-se furiosamente no ar, aos assobios, e no meio daquele horror estalavam, espedaçavam-se, uivavam a carangueja e o traquete.

A percha caiu quase sobre mim, e isso instigou-me à ação. Talvez nem tudo estivesse perdido. Lembrei-me da advertência de Larsen. Ele avisara-me que não me impressionasse de ver o inferno solto — e eu estava a ver isso. Mas onde estaria Larsen? Lá — estava lá, a lidar com a vela grande, estirando-a com os seus poderosos músculos. A popa da escuna erguia-se nesse momento para o céu e o seu corpo de gigante recortava-se em silhueta contra uma onda branca que se erguia ao longe. Tudo isso, e mais — todo um mundo caótico de destroços — em quinze segundos eu vi, ouvi e considerei.

Sem deter-me para verificar onde andava o bote, corri para o meu posto na bujarrona. A pobre vela afiava louca, chicoteando o mastro, a encher-se e esvaziar-se parcialmente com estouros secos. Mas apesar disso, à força de músculos fui pondo-a em ordem. Fiz o que me foi possível. Estirei as cordas até ter as mãos em sangue — e enquanto as estirava a vela abria-se ao meio, num uivo como de gargalhada demoníaca.

Continuei na luta, e cada avanço que conquistava era mantido. Súbito, um sacão de vento veio ajudar-me — e avancei largo na tarefa. Lobo Larsen, ao meu lado, também pôs a mão à corda.

— Amarre! gritou-me. E depois disso feito: Siga-me. Ao acompanhá-lo fui notando que apesar do desastre uma certa recomposição era possível. A "Ghost" havia virado de bordo e estava ainda firme. Embora as outras velas já não existissem, a bujarrona de barlavento e a vela grande, a penderem desenfundadas, ainda se sustentavam.

Olhei na direção onde devia estar o bote, enquanto Lobo Larsen desembaraçava os turcos para recebê-lo. Vi-o logo sobre o dorso de enorme vaga, a uns vinte pés de distância. Nada mais restava senão dar-lhe cabo, e içá-lo. Mas isto não foi fácil como o estou dizendo.

Estavam nesse bote Kerfoot, Oofy-Oofy e Kelly. Depois dalgumas tentativas falhas, porque o movimento de subida e descida do bote não concordava com os balanços da escuna, pude passar ao canaca o moitão, enquanto Larsen fazia o mesmo a Kerfoot, um na popa, outro na proa.

Os cabos foram presos ao bote, e sem demora os três homens marinharam para dentro da escuna. Depois foi o bote içado e posto de borco na coberta. Vi o sangue correr da mão de Kerfoot, que tinha um dedo reduzido a papa; mesmo assim não demonstrou sofrimento e com a mão sã nos ajudou a amarrar o bote em seu lugar.

— Prepare-se para manobrar com essa bujarrona, você, Oofy! ordenou Larsen logo que concluímos a lida com o bote. Kelly vá cuidar da vela grande e Kerfoot veja o que é feito do cozinheiro. Senhor Van Weyden, suba de novo à verga e corte o que o atrapalhar, e foi para a popa aos saltos, como um tigre, tomar conta do governo.

Enquanto eu marinava pelas adriças a "Ghost" virou vagarosamente a sotavento. Agora, quando descíamos a um abismo cavado entre duas vagas e a água nos varria, nenhuma vela a ser arrancada. E a meio caminho das vergas, de tal forma achatado contra o cordame pela força do vento que até o cair se me tornava impossível, e com a "Ghost" quase deitada de flanco, olhei não mais para baixo, mas horizontalmente — que era como estava em relação a mim o convés da escuna. Mas só vi o ponto onde devia estar o convés, pois que o convés fora inundado por um turbilhão d'água. Fora dessa água emergiam os mastros — e era tudo. A "Ghost" estava submersa. Quando de novo emergiu e libertou-se da excessiva pressão lateral, repôs-se no prumo, como um dorso de baleia que aparece à superfície.

E então sulcou furiosamente através daquele mar selvagem, enquanto lá na verga, pendurado qual um inseto, eu continuava a minha busca dos outros botes. Meia hora depois avistei o segundo, voltado de borco, com a quilha para o ar; a ele agarravam-se

com desespero Jack Horner, o gordo Louis e Johhson. Desta vez fiquei onde estava, e Larsen conseguiu virar de bordo sem ser varrido pela água. E corremos na direção dos naufragos. Os cabos foram lançados e os três homens içaram-se para bordo como macacos. O bote bateu de encontro à escuna e escangalhou-se; mesmo assim foi salvo, porque poderia ser recomposto.

Mais uma vez a "Ghost" rompeu seu caminho dentro da tempestade, ou furou seu caminho, pois que se submergiu por tanto tempo que não esperei vê-la emergir. A própria roda do leme, situada em ponto muito mais alto que o meio do navio, foi coberta por sucessivos vagalhões. Nesses momentos eu me sentia estranhamente só com Deus, a olhar com ele aquele caos provocado pela sua ira. Depois a roda aparecia de novo, juntamente com os ombros largos do terrível timoneiro, de mãos aferradas às malaguetas, a manter a escuna na rota prescrita pela sua vontade de aço. Lobo Larsen emergiu como um deus terrestre, inatingível pela tormenta; sacudia a água que o empapava, sempre firme no governo do seu barco para o destino que ele mesmo escolhera. Oh, a maravilha que era aquilo! A maravilha que é o homem! Como tão débeis criaturas podem viver e respirar e agir, e meter para a frente tão frágeis engenhos de madeira e lona, contra todas as fúrias dos elementos desencadeados!

Como das outras vezes, a "Ghost" veio à tona depois da longa imersão no abismo, ergueu-se e arremessou-se contra o furor envolvente.

Eram cinco horas e meia; logo depois, quando o dia se apagava em pálido crepúsculo, avistei o terceiro bote. Estava também emborcado e sem sinal dos tripulantes. Larsen repetiu a manobra, parando, virando de bordo e avançando de rumo a ele. Desta feita errou o alvo por uns quarenta pés, e passou, deixando o bote ao largo.

— Número quatro! gritou Oofy-Oofy, cujos olhos vivos leram-lhe o número num fugaz momento em que as letras se tomaram visíveis.

Era o bote de Henderson, no qual se haviam perdido Holyoak, e Williams, dois marinheiros de alto-mar. Mas salvara-se o bote, e Larsen fez mais um violento esforço para reavê-lo. Horner e Kerfoot em vão protestaram contra aquilo.

— Por Deus, nunca hei de ser roubado dum bote por nenhuma tempestade que sopra do inferno! berrou Larsen — e sua voz soou-nos flébil como se viesse duma distância imensa. — Senhor Van Weyden! gritou-me ele — e dentro do tumulto caótico ouvi-o como se ouve a um murmúrio. Fique na bujarrona com Johnson e Oofy. Os outros que passem a lidar na vela grande. E alerta, todos, ou os levarei em bloco para o inferno. Entenderam?

E quando ele deu à roda para virar novamente a "Ghost", nada mais nos restava a fazer senão obedecer-lhe e trabalhar do melhor modo para escapar ao novo perigo em

que seu capricho nos metera. Compreendi a extensão desse perigo quando me achei novamente dentro dos vagalhões acavalados, lutando furiosamente pela vida debaixo do mastro de mezena, a cujas cordas me agarrara. Mas meus dedos soltaram-se e fui arremessado para a amurada, rumo ao mar. Algo me deteve no caminho. Mão poderosa agarrara-me, e depois que a "Ghost" se equilibrou vim a saber que havia sido a mão de Johnson. Salvava-me a vida, Johnson. Vi-o ansioso, a relancear os olhos em torno, e notei que Kelly, que pouco antes do mergulho tinha vindo para a proa, não era mais encontrado. Sumira-se.

Daquela vez, tendo perdido o salto e não se achando a escuna na mesma posição das outras, Larsen foi obrigado a fazer manobra diversa. Correndo adiante do vento com tudo a estibordo, ele virou de brusco.

— Grande! exclamou Johnson quando vencemos o passo crítico — e vi que se referia não a Lobo Larsen, mas sim à escuna.

Estava já tão escuro que não havia como distinguir sinal do bote; mas dentro do infernal turbilhão Larsen deixou-se guiar pelo instinto infalível — e a "Ghost" caiu certa sobre ele. Foi içado afinal.

Seguiram-se mais duas horas de trabalho duríssimo durante as quais todos nós — dois caçadores, três marinheiros, Lobo Larsen e eu — rizamos primeiro uma, depois a outra bujarrona, e por fim a vela grande.

Trabalhando com tão pouco pano o convés ficou relativamente livre de água, e a "Ghost" brincou sobre as ondas qual fragmento de cortiça.

Eu estava com os dedos em carne viva; e durante a manobra de rizar trabalhei chorando lágrimas de dor. Finda a tarefa atirei-me ao chão, exausto.

Entrementes Mugridge, como um rato entanguido, foi arrastado de dentro do castelo de proa onde se havia ocultado. Ao chegar à cozinha viu com espanto que não havia mais cozinha. Tinha sido arrancada e varrida para o mar.

Na cabina encontrei toda a tripulação reunida, inclusive os marinheiros, e enquanto preparávamos o café no pequeno fogão lá existente, bebemos whiskey e roemos bolachas. Nunca, em toda a minha vida, tive refeição mais agradável. Nunca o café quente me caiu tão bem. A "Ghost" balançava tanto, para a frente, para trás e lados, que era impossível manter-nos de pé, e os próprios marinheiros de alto-mar tinham de agarrar-se aos corrimãos. Por várias vezes fomos arremessados em monte contra as paredes.

— Para o inferno, agora! ouvi Lobo Larsen exclamar depois que bebemos e comemos. Nada a fazer na cobertura. Se qualquer coisa avançasse para nos esmagar, não poderíamos sequer fugir com o corpo. Recolham-se todos e toca a dormir.

Os marinheiros deslizaram para a proa, arrumando as luzes pelo caminho, e os dois caçadores deitaram-se ali mesmo na cabina. Lobo Larsen e eu fomos pensar o dedo esmagado de Kerfoot, que teve de ser amputado. Mugridge, que todo o tempo estivera a fazer café e a manter fogo aceso, queixou-se de que tinha pelo menos duas costelas quebradas, tal a dor que sentia no corpo. O nosso exame mostrou que de fato quebrara três, mas o seu caso foi deixado para o dia seguinte. Eu nada sabia de costelas e tinha de estudar o assunto nos livros.

— Acho que não valeu a pena salvar um bote quebrado em troca da vida de Kelly, disse eu a Lobo Larsen.

— Que valia Kelly? foi a sua resposta — e deu-me boa noite.

Depois de tudo quanto havia passado, e a sofrer como estava com os meus dedos feridos, julguei que me fosse impossível dormir. Mas meus olhos fecharam-se logo que minha cabeça se ajeitou ao travesseiro; vencido pela exaustão, dormi a noite toda, enquanto a "Ghost" lá seguia, boiando sem direção ao sabor da tempestade.

CAPÍTULO 18

No dia seguinte, enquanto a tempestade rolava em seu curso, eu e Larsen aplicamos a nossa cirurgia nas costelas de Mugridge. Mas a borrasca passou e Larsen fez a escuna cruzar a zona por ela castigada, ao mesmo tempo em que eram reparados os botes e consertadas as velas. Encontramos várias escunas foqueiras também vítimas do temporal. Andavam em procura de botes perdidos, acontecendo recolherem uns naufragos pertencentes a outras. O grosso dessa frota de caça bordejava a oeste da "Ghost", de modo que para lá se haviam dirigido alguns dos nossos botes como ao refúgio mais próximo.

Duma escuna de nome "Cisco" recolhemos dois, com toda a tripulação salva — e para regalo de Lobo Larsen e tristeza minha, Smoke, Wilson e George Leach foram encontrados na "San Diego". Ao cabo de cinco dias estávamos com toda a tripulação reunida, exceção feita de quatro homens apenas — Henderson, Holyoak, Williams e Kelly — e de novo nos pusemos à caça das focas.

Íamos perseguindo-as a norte e breve tivemos de enfrentar perigosos nevoeiros. Durante dias seguidos os botes eram arriados e logo depois suspensos, ficando nós a bordo a fazer soar as buzinas de aviso e a troar com intervalos de quinze minutos o canhão. Outras vezes os botes perdiam-se no nevoeiro e eram recolhidos por outras escunas, para as quais ficavam a trabalhar até serem reclamados. Mas Lobo Larsen, como era de prever, não fazia assim. Estando com falta de um bote, recolheu o primeiro que encontrou e compeliu os homens a ficarem trabalhando para ele, apesar de haver cruzado com a escuna à qual esse bote pertencia. Lembro-me como forçou os prisioneiros a calarem-se, quando a escuna se achegou e pediu informação.

Mugridge, tão estranha e pertinazmente agarrado à vida, breve retomou ao serviço habitual da cozinha e cabina. Johnson e Leach eram provocados e maltratados como sempre, e continuavam certos de ser mortos logo que a estação de caça chegasse ao fim. Os demais viviam vida miserável, sempre tratados como cachorros pelo desapiadado senhor. Quanto a Lobo Larsen e a mim, íamos bem, embora eu não pudesse libertar-me da idéia de que a minha boa conduta no caso seria matar o tirano. Mas Larsen fascinava-me fora de conta e medida, além de que eu o temia imensamente. Impossível imaginá-lo morto. Havia nele, ou emanava dele uma perpétua mocidade que não pode ser descrita. Eu somente podia imaginá-lo vivo, sempre dominador, a lutar e a destruir, sobrevivendo a todos e a tudo.

Um divertimento seu, quando estávamos em meio dum rebanho de focas e o mar se

mostrava muito agitado para permitir a descida dos botes, era sair à caça com dois remadores e um piloto. Bom atirador que era, trazia sempre muitas peles, com espanto dos caçadores que julgavam a coisa impossível. Trazer a vida nas mãos e lutar por ela contra todos os azares parecia a Larsen tão simples como respirar pelas narinas.

Eu ia progredindo na arte de marinheiro, e por um belo dia — coisa rara em tal atitude — tive a satisfação de dirigir sozinho a "Ghost" e içar os botes. Como Lobo Larsen estivesse recolhido com uma das suas tremendas dores de cabeça, fiquei no leme da manhã à tarde, fazendo todas as manobras sem nenhuma sugestão sua.

Temporais ainda tivemos alguns de longe em longe, pois estávamos em má zona, e pelo meio de junho assaltou-nos um tufão que muito veio influenciar o meu destino. Fomos apanhados em cheio, pois estávamos bem no centro dessa tempestade circular; . Larsen procurou escapar rumando para sul, primeiro com as bujarronas e depois com os mastros nus. Jamais imaginei mar mais bravio. O que eu havia visto até aquela época não passava de lago em comparação; a amplitude entre as vagas devia ser de meia milha de crista a crista, as quais se soerguiam acima do topo dos nossos mastros. Tão formidável que o próprio Lobo Larsen não se atreveu a tomar rumo, embora soubesse estar sendo levado para o sul, fora da querença das focas.

Devíamos estar já na rota dos vapores que cortam o Pacífico quando o furacão amainou — e com surpresa geral dos caçadores nos encontramos de novo entre as focas. Era outro bando, espécie de retaguarda do primeiro, um fato dos mais raros. A ordem "Botes ao mar" foi dada, o bumbum das carabinas ressoou e a chacina prosseguiu sem tréguas.

Foi por essas alturas que Leach veio ter comigo, num momento em que eu terminava a conferência das peles do último bote recolhido.

— Pode dizer-me, senhor Van Weyden, a que distância estamos da costa e qual a posição de Yokohama?

Meu coração pulou contente, pois adivinhei o que ele tinha em mira. Dei-lhe os informes pedidos — oeste-nordeste, quinhentas milhas adiante.

— Obrigado, senhor, agradeceu-me singelamente e retirou-se, remergulhando na escuridão.

Na manhã seguinte demos por falta do bote número 3, bem como de Johnson e Leach. Também encontramos sabotados todos os botes restantes.

Logo Larsen explodiu em cólera. Abriu velas e rumou para oeste-nordeste com dois caçadores permanentemente nas gáveas, a devassarem o oceano com as lunetas enquanto no convés ele media passos nervosamente. Larsen conhecia os meus sentimentos para com os fugitivos e por isso não me mandou inspecionar a imensidão,

como de costume.

O vento estava bom, embora veneteiro, de modo que procurar aquele pequeno bote na imensidade oceânica valia por procurar agulha em paiol. Mas a "Ghost" foi posta a voar, de jeito a interpor-se entre os fugitivos e a terra. Feito isso, ficou a cruzar pela zona por onde devia passar o bote.

Na manhã do terceiro dia, pouco antes das oito, um grito da gávea informou-nos de bote à vista. Todos os marinheiros correram para a amurada. Soprava brisa fresca de leste, com promessa de mais vento para breve; e ao longe aparecia e desaparecia, na prata movediça das chapadas de sol, um ponto negro — o bote...

Dirigimo-nos para ele à toda. Meu coração fez-se como de chumbo. Eu sentia-me mal por antecipação, ao ver a luz do triunfo nos olhos de Lobo Larsen. Tive ímpetos de lançar-me contra ele. Foi talo enervamento que me tomou à idéia das violências que iam desencadear-se contra Leach e Johnson, que a minha razão esteve a pique de soçobrar.

Lembro-me de ter voado ao porão e de ter voltado de carabina em punho. Nisto ouvi um grito do gajeiro:

— Há cinco homens no bote!

Apoiei-me ao rebordo da amurada, trêmulo de nervoso, enquanto a observação da gávea era verificada pelos demais. Meus joelhos cederam ao peso do corpo, e caí, atordoado, quando me dei conta do que estivera a pique de fazer. Foi um alívio quando guardei a arma e retomei ao convés.

Ninguém havia notado a minha ausência. O bote mostrava-se bastante perto para que pudéssemos ver que era maior que os usuais botes foqueiros e de estilo diverso. Ao aproximar-nos arriou a vela e deitou o mastro; os remos foram recolhidos e os ocupantes ficaram à espera de que os tomássemos.

Smoke, que havia descido para o convés e estava ao meu lado, esboçou um sorriso intencional. Mirei-o interrogativamente.

— Vamos ter embrulhada, disse ele. Não está vendo qualquer coisa rente à maçaroca da vela, à proa? Que eu nunca mais acerte bala em foca se não é uma mulher!

Olhei atentamente e convenci-me do que ele dizia. Exclamações de outros marinheiros acentuavam o fato. O bote continha cinco criaturas, uma das quais era realmente mulher. Ficamos todos grandemente curiosos, com exceção de Lobo Larsen, que desapontara de não ser aquele o bote que a sua maldade tanto desejava apanhar.

Arriamos a bujarrona, demos ao vento pano adequado e a escuna parou. O bote pôde, com algumas remadas, chegar-se ao nosso costado — e tive nesse momento a visão clara da mulher. Estava envolvida num impermeável que a defendia do frio fino da manhã; nada mais pude ver senão um pedaço do seu rosto emoldurado pela massa de

cabelos castanhos, escapos duma gorra de marinheiro. Olhos grandes, escuros, cheios de brilho; a boca, suave, o rosto oval, avermelhado pelo sol e pelo áspero vento salino.

Pareceu-me uma criatura do outro mundo, e senti por ela o fascínio do viandante a morrer de fome que defronta um pedaço de pão. Já se passara muito tempo sem que eu visse vulto de mulher. Mulher! Uma mulher! murmurava dentro de mim o meu espanto — e com isso esqueci-me das minhas funções de contra-mestre e pus-me a ajudar o içamento daquele punhado de criaturas. Quando um dos marinheiros a ergueu no ar para os braços estendidos de Larsen, ela correu os olhos por sobre nós e sorriu, divertida e meiga, como só a mulher sabe sorrir.

Tanto tempo fazia do último sorriso feminino por mim visto que já me esquecera da existência de tal coisa no mundo.

— Senhor Van Weyden!

A voz de Lobo Larsen chamou-me à realidade.

— Faça o obséquio de conduzir esta senhora e providenciar para que nada lhe falte. Leve-a à cabina de estibordo e ponha o cozinheiro às suas ordens. Também cuide do seu rosto. Está bastante queimado. E voltou-se bruscamente para os demais recém-chegados, aos quais passou a interrogar. O bote tinha sido arrastado fora da sua rota — o que fora "uma pouca vergonha" com Yokohama tão perto, disse um.

Senti-me estranhamente tímido ao lado daquela mulher que eu ia levando para a popa. E desajeitado. Era como se pela primeira vez estivesse compreendendo que delicada e frágil criatura é a companheira do homem. Quando lhe tomei o braço para sustê-la na descida da escada fiquei surpreso da sua pequenez e macieza. Era de fato uma mulher delicadamente esguia, com algo de etéreo — e tive medo que o seu braço se partisse ao contato da minha mão rude. Conto isso para que todos conheçam as minhas sensações ao primeiro encontro feminino depois da longa privação — e em especial para que saibam do meu encontro com Maud Brewster.

— Não se incomode por minha causa, protestou ela quando a fiz sentar-se na poltrona de Lobo Larsen, que arrastei para a sua cabina. Os homens do bote estavam esperando encontrar terra a cada momento, hoje de manhã. Creio que esta escuna estará no porto à noite, não é?

A sua tão singela confiança no futuro espantou-me. Como poderia explicar-lhe a verdadeira situação, e tudo contar do homem terrível que sulcava os mares qual o Destino, e o mais que eu levava meses para aprender? Informe-i-a, entretanto, com sinceridade.

— Se tivéssemos outro capitão eu lhe responderia que sim, que estaríamos em Yokohama amanhã. Mas o nosso chefe é um homem especial, diferente de todos os

mais. Por isso prepare-se para tudo, compreende? Para tudo...

— Eu... eu confesso que não o entendo, disse ela hesitante e com mais perturbação nos olhos do que medo. Não é praxe do mar que os náufragos sempre recebam consideração? Tão pouco o de que precisamos, a terra está tão perto...

— Sinceramente não sei o que dizer, comecei, esforçando-me por tranquilizá-la e ao mesmo tempo pondo-a de sobreaviso. Minha idéia é prepará-la para o pior, caso o pior venha a suceder. Esse homem — esse nosso capitão é um demônio, uma besta-fera toda caprichos. Ninguém pode prever o que irá fazer numa dada situação. E como me fosse exaltando, ela interrompeu-me:

— Oh, percebo, sim — e sua voz denotou quebreira e de espírito, como se o pensar a cansasse.

Nada mais quis saber, nem eu fiz novas observações, limitando-me a cumprir as ordens de Lobo Larsen no sentido de lhe proporcionar conforto físico. Agi qual boa dona de casa e preparei um leniente para a sua pele queimada. Também invadi os domínios privados de Larsen em busca duma garrafa de vinho do Porto, que sabia lá existir, e ordenei a Mugridge que fosse arrumar a cabina vaga.

O vento ia refrescando e a "Ghost" aumentava de balanço; quando a cabina ficou pronta senti que a escuna ia a voar sobre a superfície das águas. Eu já me havia esquecido completamente do caso de Leach e Johnson. Súbito, como um raio, um grito da gávea fez-me estremecer: "Bote à vista!". Era a voz de Smoke. Ergui os olhos para a mulher. Permanecia largada sobre a poltrona, de olhos fechados, exausta. Como não ouvira o grito da gávea deliberei impedir que ela presenciasse a cena de brutalidade que se seguiria à captura dos desertores. Estava exausta. Muito bem. Dormiria durante a tragédia.

Ordens vivas no convés. Um tropel. Estalejar de rizes — e a escuna mudou de rumo com todo o vento nas velas. Essa manobra fez que a poltrona escorregasse do lugar onde estava; pulei ainda a tempo de impedir que a recolhida viesse ao chão.

Seus olhos estavam em excesso pesados de sono para mostrar mais que um vislumbre de surpresa inconsciente, quando os entreabriu e olhou-me; cambaleou e tartamudeou quando a levei para a sua cabina. Lá Mugridge maliciosamente riu-me na cara ao receber ordem para retirar-se — e vingou-se espalhando entre os caçadores que eu estava me revelando uma excelente camareira.

A mulher apoiou-se em mim pesadamente e quase adormeceu no trajeto entre a poltrona e a sua cama na cabina. Nela caiu com alívio. Sorriu vagamente e adormeceu de pronto, com a cabeça apoiada no travesseiro que eu tomara da cama de Lobo Larsen.

CAPÍTULO 19

Ao voltar ao convés vi a escuna a todo o pano, com a tripulação inteira reunida para assistir à tragédia iminente. Soaram quatro badaladas. Louis veio à popa render o timoneiro. Havia umidade no ar e notei que ele vinha de impermeável.

— Que iremos ter? perguntei-lhe.

— Estou cheirando a temporal próximo, coisa de nada, com uma chuvinha para nos molhar as velas. Não tem importância.

— Que pena terem sido avistados! exclamei quando, a um corcovo da "Ghost", o bote se fez bem visível. Louis deu uma volta na roda e disse:

— Eles jamais poderiam alcançar terra, senhor.

— Acha isso?

— Sim. Não vê este vento?

Nesse instante uma rajada curta colheu a escuna, obrigando o timoneiro a dar à roda de brusco.

— Não há bote que agüente o mar com o tempo que vai vir e é uma felicidade que aqueles dois sejam recolhidos.

Lobo Larsen chegou até a popa, vindo de onde estivera a interrogar os recém-salvados. A vivacidade felina dos seus passos acentuara-se, e seus olhos luziam de alerta.

— Três graxeiros e um maquinista, foi o que me disseram, mas nós os transformaremos em marinheiros ou remadores. E a mulher?

Não sei por que, mas senti como um golpe de faca ante aquele seu referir-se à mulher. Limitei-me a encolher os ombros à guisa de resposta.

Larsen deu aos lábios uma expressão indizível.

— Qual o seu nome? perguntou.

— Não sei. Ela está a dormir. Muito cansada. De que navio era o bote?

— "Cidade de Tóquio", da carreira de São Francisco e Yokohama. Desarvorado pelo temporal. Um caco velho, que se abriu de alto a baixo. Estiveram quatro dias à mercê das ondas. Mas quem ela é, afinal? Solteira, casada ou viúva? E Larsen encarou-me com ar de dúvida, como se eu tudo soubesse.

— E vai o senhor... comecei, querendo perguntar-lhe se iria levá-los para Yokohama.

— Vai, quê?

— Pergunto que vai fazer de Leach e Johnson. Larsen meneou a cabeça.

— Ainda não sei, Hump. Com o acréscimo de tripulação que hoje tivemos estou com

mais gente do que preciso.

— E eles estão com todas as possibilidades de fuga cortadas, atrevi-me a dizer. Por que não os recebe a bordo com bondade? Bem sabe que se fizeram o que fizeram é que foram obrigados a isso.

— Por mim?

— Está claro, respondi com firmeza. Previno-o, senhor, de que crescerá grandemente em mim o desejo de o matar, caso se exceda na tortura desses homens.

— Bravos! exclamou Lobo Larsen. Você me enche de orgulho, Hump! Encontrou afinal as próprias pernas. Já virou homem. Era um fraco porque passava a vida no fofo e no mole; mas vai se desenvolvendo lindamente. Gosto disso.

Sua voz e expressão haviam mudado. Tornaram-se graves.

— Acredita em promessas? perguntou-me de chofre.

Acha que são coisas sagradas?

— Sem dúvida, respondi.

— Pois façamos um acordo, continuou ele com mestria dum ator consumado. Se eu prometer não tocar em Leach e Johnson, promete-me em troca não procurar matar-me? Não que tenha medo de alguma coisa, você bem sabe, apressou-se em acrescentar.

Eu mal podia crer no que os meus ouvidos estavam ouvindo.

— Está fechado o negócio? perguntou ele com impaciência.

— Está fechado, respondi.

A sua mão estendeu-se para a minha — e ao apertá-la lealmente pareceu-me ver em seus olhos o brilho duma ironia diabólica.

Depois atravessamos a popa, rumo a sotavento. O bote estava perto e em desesperada situação. Johnson pilotava e Leach baldeava água. Passamos a um metro dele e Larsen mandou que Louis desviasse a rota levemente. Com o movimento das águas provocado pela manobra o bote perdeu o equilíbrio, e logo depois, ao sermos erguidos por uma onda enorme, precipitou-se para o abismo aberto, como que caindo.

Nesse instante Leach e Johnson olharam para os seus antigos companheiros alinhados a meia nau pela amurada. Não houve nenhuma saudação. Estavam já considerados como mortos, e entre esses mortos e os vivos interpunha-se o mundo que separa os mortos dos vivos.

Logo depois o bote foi erguido pela onda e a escuna desceu na depressão aberta. Johnson olhou para mim, que me achava ao lado de Lobo Larsen, e notei que tinha as feições convulsas pelo esforço tremendo. Acenei-lhe com a mão e o mísero correspondeu, mas com perceptível desânimo. Era como se despedisse de mim. Não fiz o mesmo para Leach porque o vi com os olhos presos em Larsen, sempre a mostrar a

sua eterna expressão de ódio incoercível.

Mas o jogo das ondas continuava e o bote foi arremessado contra a escuna. Sua vela enchera-se de vento e impelira-o com violência que parecia o fim de tudo. Uma crista branca espumou por sobre ele, como um borrifo de neve. Mas o bote sobrenadou — e vi de novo Leach baldeando a água e Johnson firme no leme, sempre com a mesma expressão de angústia.

Lobo Larsen soltou uma risada cortante e foi para o outro lado da popa. Esperei vê-lo dar ordem para virar a escuna, mas a "Ghost" prosseguiu na sua rota anterior. Louis ao leme permanecia imperturbável. Um grupo de marinheiros à proa voltava para nós o rosto. Estavam também ansiosos. A "Ghost" afastou-se. O bote foi diminuindo de tamanho e breve tomou-se um ponto negro na imensidão. Em todo aquele mar não havia para os dois desgraçados outro refúgio senão a escuna cada vez mais distante. Súbito, ressoou a voz de Larsen em comando, e a escuna mudou de rumo.

Fez-se de volta umas duas milhas, contra o vento. O vulto do bote começou a crescer. Esses botes foqueiros não são feitos para navegar contra o vento e sim a favor; limitam-se a manter-se em posição favorável para uma corrida até à escuna quando se faz necessário. E Leach e Johnson, sem outro refúgio naquela imensidão além da "Ghost", vinham vindo para ela a todo o pano. Era trabalho duro no muito mar que havia. Dum momento para outro poderiam ser tragados pelas ondas furiosas. Inúmeras vezes vimos o bote mergulhar nos vales formados entre duas vagas, para ser novamente erguido numa crista.

Johnson era um magnífico marinheiro, tanto de navio como de bote. Ao cabo de hora e meia colocou-se de novo junto à escuna.

— Mudaram então de idéia? ouvi Larsen dizer, meio para si próprio, meio para os que estavam próximos. Querem voltar para a escuna? Muito bem. Havemos de ver isso. Firme aí com o leme! ordenou a Oofy, o canaca, que naquele momento substitua Louis no governo.

Outras ordens se sucederam. Quando a escuna virou de bordo duas velas foram ajeitadas para receber o bom vento. E estávamos já de frente a ele, ganhando ímpeto, quando Johnson manobrou para evitar o perigo. Larsen riu-se de novo, fazendo sinal ao bote para que seguisse a escuna. Estava clara a sua intenção de brincar com os dois homens. Vi que a idéia era dar-lhes uma lição, embora perigosa, porque a manobra da "Ghost" punha o bote em eminente perigo de ser emborcado.

Johnson rapidamente virou de bordo e correu na esteira da escuna. Não havia outra coisa a fazer. A morte o rodeava de todos os lados e, mais minuto, menos minuto uma daquelas vagas engoliria a frágil embarcação.

— O medo da morte está no coração deles, murmurou Louis ao meu ouvido, quando me dirigi à proa para ordenar manobra.

— Oh, ele virará de bordo daqui a pouco e os recolherá, respondi com a alegria da certeza.

Louis encarou-me com incredulidade. — Calcula isso? perguntou.

— Certamente. Não pensa também assim?

— Não penso nada. Só penso na minha pele, foi a sua resposta. Vivo assombrado. O raio daquele whiskey que tomei em São Francisco meteu-me numa bela embaralhada — e mais bela ainda é a que a mulher que recolhemos vai criar aqui. Oh, eu conheço o capitão...

— Que quer dizer isso?

— Que quero dizer? Quem pergunta! Não conhece

Lobo Larsen, então?

— Se houver encrenca grossa quer você ajudar-me? perguntei impulsivamente, visto como Louis acabava de dar forma aos meus receios íntimos.

— Ajudar? Eu só ajudo a este gordo Louis seu criado. Nada, nada. Mas digo-lhe que as coisas estão apenas no começo.

— Nunca o julguei tão covarde, Louis! exclamei com sarcasmo.

Ele retribuiu à observação com um sorriso de piedade irônica e respondeu: Se nunca levantei um dedo a favor daqueles pobres idiotas — e apontou para o bote pensa que vou arriscar ter a cabeça quebrada por causa duma mulher que vi hoje pela primeira vez?

Voltei-lhe as costas e fui para a popa.

— Melhor arriar aquela vela, senhor Van Weyden, ordenou-me logo depois o capitão.

Senti-me aliviado, pelo menos no referente aos dois desertores. Era evidente que Larsen não queria levar a escuna para muito longe do bote. Cheio de esperança fiz executar a manobra — e nenhuma foi executada de modo tão vivo e alegre. Esse ardor dos marinheiros foi notado por Lobo Larsen, que sorriu enigmaticamente.

O bote flutuava a duas milhas da escuna quando paramos e ficamos à espera. Todos os olhos acompanhavam a sua aproximação, inclusive os de Larsen, sendo este o único a mostrar calma no momento. Os olhos fixos de Louis denunciavam perturbação. O bote aproximou-se mais e mais, esforçando-se por irromper através do imenso verde movediço, erguendo-se e descaindo por sobre os montes e vales formados pelos vagalhões, aparecendo e desaparecendo a espaços. Parecia impossível que ainda permanecesse em flutuação. Uma batega d'água caiu das nuvens e em breve no-lo tirou do campo de visão.

— Firme! gritou Larsen pulando para a roda do leme, à qual deu uma guinada. E de

novo a "Ghost" saltou na feição do vento, velocíssima. E por mais duas horas Johnson e Leach nos seguiram ao longe.

Ao cabo desse tempo viramos e paramos, e tomamos a virar e a correr, tendo sempre na esteira aquela mancha branca de vela a lutar contra os elementos e a maldade humana; arrancos levavam-na para o céu, e correspondentes empuxões a chamavam para os abismos. Estava o bote a quarto de milha quando o perdemos de vista, escondido por pesada nuvem. E não mais emergiu. Logo depois o vento varreu a nuvem e nenhum sinal do bote veio reanimar-nos as esperanças. Num dado momento julguei, de relance, ver na crista dum vagalhão a sua quilha — e foi só. Johnson e Leach já não faziam parte dos vivos.

A marinagem permaneceu agrupada a meia nau. Nenhum homem desceu, nenhum falou — nem sequer olhares foram trocados. Pareciam aturdidos, aqueles homens tão duros — como se estivessem pela primeira vez a refletir sobre o significado da tragédia ocorrida. Lobo Larsen, entretanto, não lhes deu tempo de pensar muito. Meteu a "Ghost" na sua rota rumo à zona das focas, do lado oposto a Yokohama. Os homens, porém, não mostravam nenhuma vivacidade nas manobras. De má vontade, proferiam blasfêmias, e suas feições endurecidas deixavam ver claro a morte que lhes ia na alma.

Já com os caçadores a reação foi diferente. O terrível Smoke contava uma história — e todos desceram do convés rindo às gargalhadas.

Quando passei a sotavento da cozinha, a caminho da ré, achegou-se a mim o maquinista que fora salvo com a mulher. Tinha as faces lívidas e os lábios trêmulos.

— Senhor, diga-me, por Deus, que espécie de escuna é esta?

— Julgue por si mesmo pelo que viu, respondi quase com brutalidade, tanto a dor e o medo me amarfanhavam o coração.

Logo depois cruzei-me com Lobo Larsen.

— E a sua promessa? perguntei-lhe.

— Minha idéia nunca foi tomá-los a bordo quando prometi aquilo, disse ele. E cumpri-a. Não pus minha mão neles. — Longe disso... acrescentou sorrindo.

Nada repliquei. Estava incapaz de falar, com o cérebro atordoado pela tragédia. Precisava dalgum tempo para tê-la de novo a funcionar normalmente. Aquela mulher que ainda dormia na cabina era uma responsabilidade que eu tinha de considerar — e o único pensamento que me veio foi de que nada devia fazer às tontas, se é que desejava ser-lhe útil dalgum modo.

CAPÍTULO 20

O resto do dia passou-se sem novidades. O aguaceiro que nos ameaçou abortara. O maquinista e os três graxeiros recolhidos tiveram uma acalorada discussão com Lobo Larsen, recebendo em seguida roupas de marinheiro e ordem de ocuparem-se de tais e tais serviços. Bem que protestaram, mas não em tom exaltado. O que já haviam visto naquela escuna pusera-lhes o medo na alma, tirando-lhes todas as veleidades de resistência.

Miss Brewster — soubemos do seu nome pelo maquinista — continuava a dormir. Durante a ceia pedi aos caçadores que baixassem o tom de voz afim de não incomodá-la, e só na manhã seguinte vimo-la reaparecer. Quis que o almoço lhe fosse servido à parte, mas o capitão opôs-se. Quem era ela para merecer tal? disse ele.

Mas a presença da moça à mesa teve o seu quê de divertido. Os caçadores quedaram-se silenciosos como ostras. Unicamente Smoke e Horner não se intimidaram e, além de lhe lançarem olhares furtivos, metiam-se na conversa. Os outros náufragos ferraram os olhos nos pratos e mastigaram com regularidade e precisão, apreensivos todos e com movimentos de orelhas em ritmo com o movimento das mandíbulas.

Lobo Larsen pouco disse no começo, limitando-se a responder às perguntas da moça. Não por timidez. Longe disso. Aquela mulher representava para ele um tipo novo, diferente de quantas conhecera até então e isso espicaçava-lhe a curiosidade. Ele a estudava com tal atenção que os seus olhos raro se despegavam dela, e quando o faziam era apenas para seguir-lhe o movimento das mãos.

Também eu a estudava, apesar de estar a meu cargo a conversação — e sentia-me levemente confuso. Sua atitude não podia ser mais perfeita, ressumando inabalável confiança em si. Mas Larsen não se intimidava diante da mulher, como não se intimidava diante das tempestades ou da luta.

— E quando chegaremos a Yokohama? perguntou-lhe a moça, encarando firme nos olhos.

Estava afinal proposta a grande pergunta. As mandíbulas dos quatro homens pararam de mover-se, com todos os olhos presos aos pratos à espera da resposta sentença.

— Daqui a quatro meses, talvez três, se a estação de caça terminar mais cedo, respondeu Larsen.

Miss Brewster reteve a respiração e balbuciou:

— Julguei que... Deram-me a entender que Yokohama ficava a apenas um dia de viagem. Acho que isto... e interrompeu a frase para correr os olhos pela assistência. Acho

que isto não é direito, concluiu.

— É uma questão que a senhora liquidará aqui com o senhor Van Weyden, respondeu Larsen apontando-me com a cabeça de modo malicioso. O senhor Van Weyden é o que podemos chamar uma autoridade em matéria de coisas como o direito, a justiça etc. Eu não passo dum marinheiro que vê tudo por prismas diferentes. É possível que seja azar seu ter de ficar retida aqui na "Ghost"; mas para nós é sorte.

Larsen olhou-me sorridente. Os olhos da moça baixaram-se por um momento, para logo se erguerem firmíssimos — e enfitaram-me com ar de desafio. Li neles uma interpelação muda: "É então justo isso?". Mas eu havia deliberado tomar posição de neutro e nada respondi. — Que pensa, senhor? insistiu ela.

— Que é um caso difícil, sobretudo se a senhora tem necessidade de estar em certo ponto nestes próximos meses. Mas já me disse que viajava para o Japão a benefício da saúde, e nesse caso posso assegurar-lhe que estará muito bem nesta escuna.

Seus olhos faiscaram de indignação e desta vez tive de baixar os meus, sentindo o sangue da vergonha queimar-me as faces. Era covardia da minha parte, mas que fazer?

— O senhor Van Weyden fala com muita autoridade, observou Lobo Larsen sempre a sorrir.

A moça, já dona de si, esperou o seguimento.

Não que ele já seja o que pode vir a ser, mas tem melhorado muito, continuou Larsen. A senhora devia tê-lo visto quando aqui chegou. O mais lamentável ser humano que se possa conceber, não é verdade, Kerfoot?

Interpelado assim de chofre, o caçador espantou-se a ponto de deixar cair no chão a faca — mas respondeu que sim num grunhido.

— Desenvolveu-se descascando batatas na cozinha, e lavando pratos, não é, Kerfoot?

Novo grunhido comprobatório do caçador.

— Repare nele agora. Não está ainda o que se pode chamar um homem, mas já possui músculos, coisa que desconhecia ao entrar na "Ghost". Também possui pernas sobre as quais pode equilibrar-se. No começo era incapaz de sustentar-se sobre as próprias pernas.

Os caçadores exprimiram risadas gozadas, mas a moça olhou-me com tanta simpatia que me senti mais do que recompensado das perversidades de Lobo Larsen. Tanto tempo já que não sentia no coração um bafejo de simpatia humana que me tornei naquele momento o escravo daquela mulher. Apesar disso irritei-me com Lobo Larsen. Estava a desafiar a minha varonilidade, e ainda as pernas que se gabava de ter criado.

— Aprendi, sim, a equilibrar-me sobre as minhas próprias pernas, repliquei, e tenho

agora de aprender a pisar sobre os outros.

Larsen olhou-me com insolência.

— Quer dizer que a sua educação ainda não está completa, observou ele secamente; e voltando-se para a moça: Somos muito hospitaleiros na "Ghost". Tudo fazemos para que os hóspedes se sintam em casa — o senhor Van Weyden sabe disso.

— Tudo, inclusive descascar batatas e lavar pratos, não falando em torcimentos de pescoço, por mera camaradagem, já se sabe, retorqui.

— Por favor, não se impressione com o que diz o senhor Van Weyden, suplicou Larsen com cara cômica de ansiedade. Note, Miss Brewster, que ele traz punhal à cinta, coisa um tanto fora de propósito para um oficial de marinha. Embora muito cavalheiro, o senhor Van Weyden é às vezes — como direi? um tanto brigão, sim, brigão, e tenho de tomar as minhas medidas. Muito razoável e leal nos momentos de calma — e como está calmo agora, não negará que me ameaçou ontem de morte.

Senti-me sufocado de indignação e meus olhos revelaram isso. Larsen estava chamando sobre mim a curiosidade de todos.

— Reparem nele, continuou. Mal pode dominar-se. É que não está acostumado à presença de damas. Vejo que terei de armar-me antes de subir com ele à coberta.

E sacudindo tristemente a cabeça:

— Mau, muito mau isso! e os caçadores romperam na gargalhada.

Essas manifestações de entusiasmo daqueles homens rudes, ressoando no espaço confinado, produziram um efeito bárbaro. Um ambiente selvagem, e pela primeira vez, olhando para a moça estranha, compreendi quão incongruente era a sua presença ali — e a minha também. Eu conhecia aqueles homens e sua mentalidade — e era um deles, vivendo a mesma vida de caçador, comendo o que comiam, pensando o que pensavam. Nada de estranho para mim em tudo aquilo — naquelas roupas grosseiras, nas faces rudes, no riso selvagem, nas paredes oscilantes da cabina, nas lâmpadas a balouçarem-se.

Ao passar manteiga no pão aconteceu-me dar tento aos meus dedos. Tinha-os grosseiros, inchados, com as unhas debruadas de graxa negra. A barba crescia-me grossa nas faces e no pescoço; a manga do meu casaco estava rasgada, e a camisa, sem o botão de cima. O punhal referido por Lobo Larsen pendia da minha cinta. Era natural que essa arma estivesse onde estava, mas refleti que deveria parecer muito chocante para os olhos daquela moça — a arma e tudo mais.

Mas Miss Brewster havia adivinhado toda a perversidade contida nas observações de Larsen e continuou a favorecer-me com os seus olhares de simpatia. Todavia notei em seus olhos um certo espanto. O tom pilhérico de Larsen tornava a situação ainda mais

embaraçosa para ela.

— Eu poderei ser transportada para algum navio que cruze com este, sugeriu a moça num dado momento.

— Não cruzaremos com barco nenhum, exceto escunas de focas, advertiu Larsen.

— Estou sem roupas, sem nada, objetou ela. O senhor talvez possa compreender que não sou homem nem estou afeita à vida errante que todos levam neste barco.

— Quanto antes acostumar-se a esta vida, melhor, respondeu Larsen. Arranjar-lhe-ei fazenda, agulha e linha. Não lhe será difícil fazer um ou dois vestidos.

A expressão da moça mostrou que não entendia de costura.

— Suponho, ajuntou Larsen, que está acostumada, como acontecia ao senhor Van Weyden, a ter quem lhe faça tudo. Mas acredito que se fizer qualquer coisa com as suas próprias mãos não as quebrará. A propósito, qual o seu meio de vida, Miss?

A moça olhou-me com espanto.

— Não quero ofendê-la, creia. As criaturas comem, e portanto devem ter um meio de vida — isto é, de comer. Estes homens cá matam focas. Vivem disso. Também para isso navego eu nesta escuna. O senhor Van Weyden ganha a sua ração auxiliando-me. E a senhora, que faz?

Miss Brewster encolheu os ombros.

— Suponho que alguém me sustentou até agora, disse ela rindo-se e procurando corajosamente entrar no espírito da pergunta de Larsen; mas vi que o seu terror crescia ao pôr o olhos no capitão.

— Alguém arruma a sua cama?

— Eu mesma tenho feito isso, respondeu a moça. — Muitas vezes?

A moça calou-se, confusa.

— Sabe o que nos Estados Unidos fazem aos homens que como a senhora não trabalham para viver?

— Sou muito ignorante, respondeu ela. Que é que fazem a esses homens?

— Metem-nos na cadeia. O crime, no caso, chama-se vagabundagem. Se eu fosse Van Weyden, que gosta de instruir-se em questões sociais e de direito, me animaria a perguntar à senhora por que razão vive, quando nada faz para merecer a vida.

— Mas como o capitão não é o senhor Van Weyden, creio que não precisarei responder, não é assim?

A perturbação da moça doeu-me n'alma. Era preciso mudar o rumo à conversa.

— Já ganhou algum dólar com o seu próprio esforço? perguntou Larsen, insistindo no assunto.

— Sim, respondeu a moça vagorosamente. Lembro-me que meu pai me deu um dólar

certo dia, quando menina, em paga de ficar quietinha durante cinco minutos.

Larsen sorriu com indulgência.

— Mas isso faz muito tempo, continuou a moça, e seria absurdo pedir a uma menina de nove anos que ganhasse a sua vida. Agora, porém, ganho mil e oitocentos dólares por ano.

Todos os olhares voltaram-se para ela. Uma mulher ganhar tanto dinheiro causava assombro. O próprio Larsen não disfarçou a sua admiração.

— Salário ou serviço de tarefa?

— Tarefa, respondeu Miss Brewster prontamente.

— Mil e oitocentos, calculou ele. Cento e cinqüenta por mês. Muito bem, Miss. Na "Ghost" tudo é grande. Considere-se ganhando este ordenado enquanto permanecer aqui. Esqueci-me de perguntar qual a natureza do serviço. Que ferramentas usa e que materiais?

— Papel e tinta, sorriu ela. Sou datilógrafa.

Um clarão passou pelo meu cérebro.

— A senhora é Maud Brewster! disse eu lentamente como se estivesse a acusá-la de um crime.

Seus olhos ergueram-se curiosos para os meus.

— Como sabe?

Foi a vez de Larsen mostrar-se surpreso. Para ele nada significava tal nome e senti-me orgulhoso de que para mim significasse algo. Era uma superioridade sobre Larsen, a primeira.

— Lembro-me de haver feito a crítica duma pequena obra sua... comecei a dizer negligentemente — e ela interrompeu-me:

— O senhor! O senhor é... e seus olhos arregalaram-se. É Humphrey Van Weyden! concluiu com um suspiro de alívio. Oh, tenho tanto prazer... Lembro-me desse trabalho. excelente trabalho!

— Nada disso, protestei com modéstia, mas todos os meu confrades em crítica deram-me razão. Não é certo que Lang incluiu o seu *Kiss Endured* entre os quatro maiores soneto femininos da língua inglesa?

— Mas o senhor chamou-me a Mrs. Meynell da América...

— E não é verdade?

— Não, nunca. Isso chocou-me.

— Só podemos medir o desconhecido por meio do conhecido, repliquei no meu mais fino estilo acadêmico. Como crítico eu tinha de classificar Miss Brewster. Mas já ela agora está dando medida a si própria. Sete dos seus pequenos volumes eu os tenho na

estante; e há ainda dois maiores, de ensaios, que em nada desmerecem os versos. Não se passará muito tempo sem que apareça uma grande desconhecida na Inglaterra à qual os críticos chamem a Miss Maud Brewster inglesa.

— Está sendo muito generoso comigo, murmurou ela — e o convencional do seu tom e das suas palavras lembrou-me e fez-me saudades do outro lado do mundo onde eu vivera.

— E estou diante de Miss Maud Brewster! observei com solenidade enfática.

— E o senhor é Humphrey Van Weyden! replicou a moça no mesmo tom. Que estranho tudo isto! Mal chego a admiti-lo. Iremos ter talvez da sua pena alguma novela marítima selvaticamente romântica?

— Não; não estou reunindo material artístico, fique certa, foi a minha resposta. Não tenho aptidão para o romance.

— Diga-me: por que motivo sempre viveu enterrado na Califórnia? perguntou-me ela depois. Não foi nada amável da sua parte. Nós, do leste, conhecemos muito pouco da sua pessoa.

Agradei com a cabeça o elogio.

— Quase me encontrei consigo certa vez em Filadélfia, por ocasião da sua conferência sobre Browning, creio. Mas meu trem atrasou-se e perdi-a. E a conversa foi por aí além, fazendo-nos esquecer por completo o lugar onde estávamos. Lobo Larsen, posto de lado, guardou silêncio. Os caçadores deixaram a mesa e dirigiram-se para o convés, enquanto eu e Maud prosseguíamos na conversa. Larsen ficou. Quando dei pela sua presença vi que escutava atentamente aquela troca de impressões sobre um mundo que lhe era estranho.

Detive-me. O presente com todos os seus perigos e ânsias fez-se vivo em meu espírito — e esmagou-me. O mesmo sucedeu a Miss Maud Brewster, a avaliar pelo fulgor que lhe vi nos olhos quando atentou no capitão.

Larsen ergueu-se, rindo-se esquerdamente. Riso metálico.

— Oh, não se incomodem por minha causa, disse, fazendo com a mão um gesto depreciatório de si próprio. Não sou nada. Continuem...

Mas o gosto de conversar morrera em nós ambos também nos erguemos da mesa, a sorrir constrangidos.

CAPÍTULO 21

O desapontamento de Lobo Larsen, de ver-se ignorado por Maud Brewster e por mim na palestra à mesa, devia externar-se de qualquer modo — e calhou ser Mugridge a vítima. Mugridge não havia mudado de sistema, nem de camisa, apesar da promessa feita. Mas sua camisa desmentia suas palavras, do mesmo modo que a sujeira da cozinha.

— Eu o avisei, senhor Cooky, disse-lhe Lobo Larsen, e agora tem que levar uma lição.

Ao ouvir essa ameaça a cara encardida do londrino empalideceu debaixo da camada de fuligem que a recobria, e quando Larsen gritou por uma corda e dois homens, o miserável fugiu da cozinha, como um louco, para correr pelo convés com a tripulação toda no seu encalço. Pouca coisa lhe seria tão desagradável como um banho de mar à força e justamente no ponto em que vinha de despejar a sórdida água suja e o lixo do seu chiqueiro. A "Ghost" estava bordejando a três milhas por hora e, pois, quase parada num mar grandemente calmo. Mas Mugridge não queria saber daquele banho *sui generis*, em que seria rebocado na ponta duma corda; a água estava gelada e ele não tinha constituição para suportar o frio.

Como de regra, caçadores e marinheiros acudiram pressurosos para gozar o espetáculo — e Mugridge debateu-se furiosamente, resistindo. Sua agilidade redobrou. Corria, pulava e saltava qual um gato. Cercado na fuga para a popa, galgou o teto das cabinas e correu para ré.

Mas os perseguidores foram-lhe ao calço — e ele enganou-nos com uma volta súbita, passou sobre a cozinha e saltou de novo para o convés. E correu, com o caçador Harrinson nos calcanhares. Súbito, Mugridge atracou-se à bujarrona, a uma de cujas cordas trepou, ficando suspenso no ar; de lá recebeu Harrinson com um pontapé no estômago, que o fez cair no convés, a gemer.

Palmas e gritaria dos caçadores saudaram a façanha, enquanto o cozinheiro, driblando os perseguidores mais próximos, corria veloz para ré. E depois, diretamente para a popa até ao extremo da amurada. Tamanho era o ímpeto de sua força que ao passar junto à roda do leme escorregou e projetou-se de encontro a Nilsen, que estava governando. O timoneiro rolou por terra e lá ficou caído.

Parson tomou o leme e a perseguição prosseguiu. O convés virou pista de corrida, muitas vezes volteada, com Mugridge doente de medo e os marinheiros cada vez mais empenhados no pega. Em dado momento Mugridge precipitou-se para o porão da proa, onde esbarrou em um grupo de três homens; emergiu do bolo qual enguia e, com a boca

em sangue e a suja camisa em tiras, subiu de novo ao convés e correu para o mastro-mestre, trepando por ele acima até o topo.

Seis homens marinharam às vergas, onde ficaram à espera da caça, enquanto dois, Oofy-Oofy e Black (piloto do bote de Latimer) continuavam a trepar pelos estais à força de braços.

Era grande o perigo, pois na altura de cem pés e, seguros apenas pelas mãos, não ficaram de bom jeito para resistir aos coices de Mugridge. E este os atirava ferozes — até que o canaca, a sustentar-se com uma das mãos, conseguiu segurar-lhe a perna com a outra. Black fez o mesmo e lá em cima formaram os três um curioso bolo movediço, que lutava, que escorregava, quase caía e que acabou caindo; nos braços dos que haviam ficado na verga, à espera.

Estava terminada a batalha aérea, e a debater-se, com a boca sangüenta, foi o mísero baixado ao convés. Lobo Larsen deu uma laçada na ponta da corda e passou-lhe pelas axilas — e depois, água! Quarenta... cinqüenta... sessenta pés de corda foram corridos, até que Larsen deu ordem de alto; Oofy, então, fixou a corda com três voltas numa abita. E lá ficou n'água o cozinheiro, na ponta do cabo esticado...

Espetáculo triste. Embora ele não pudesse afogar-se por ser gato de nove fôlegos, sofria entretanto todas as agonias da morte. A "Ghost" singrava mui lentamente; quando a popa se erguia sobre uma vaga, o pobre diabo era também erguido à tona, tendo ensejo de respirar; mas quando a popa afundava e a proa subia, a corda bambeava e lá mergulhava ele de novo.

O espetáculo fez-me esquecer Miss Maud, e foi com sobressalto que a vi passar de leve ao meu lado, pela primeira vez surgindo na coberta. Um silêncio mortal se fez à sua chegada. — Que alegria é esta? indagou a moça.

— Pergunte-o ao capitão, respondi com simulada frieza, embora por dentro eu estivesse a ferver ao pensamento de que ela iria presenciar tamanha brutalidade. Miss Maud seguiu meu conselho, e ia se voltando em procura de Larsen quando deu com Oofy-Oofy a segurar a ponta da corda.

— Está pescando? perguntou-lhe, curiosa.

O canaca não respondeu; tinha os olhos atentamente fixos num ponto do mar. Súbito, arregalou-os.

— Tubarão, senhor! gritou para Lobo Larsen.

— Icem-no, depressa! Todos à corda! ordenou este, vindo também dum pulo ao cabo.

Mugridge ouvira o grito do canaca e pusera-se a urrar dentro d'água. Vi nesse instante um lombo negro de peixe cortando o mar rumo ao mísero, com mais velocidade que o içamento. Havia tantas probabilidades de que o tubarão o apanhasse como de que nós o

içássemos primeiro; tudo dependia de instantes. Quando Mugridge ficou quase a prumo em relação a nós, a popa da escuna mergulhou na rampa duma vaga e a corda afrouxou, favorecendo assim ao esqualo. O seu lombo negro desapareceu — e apareceu uma barriga branca. É que num movimento rápido voltara-se para atacar. Com presteza equivalente Larsen agiu. Deu um sacão violento à corda e o corpo de Mugridge destacou-se da água. Vimos acontecer o mesmo a uma parte do corpo do tubarão. O pobre Mugridge encolheu as pernas. O tubarão dera o bote, parecendo apenas lhe esfolar os pés. Um grito lancinante soou — e Mugridge, veio até nós como um peixe apanhado à linha. Foi transbordado por sobre a amurada e achatou-se no chão qual gemente posta de carne.

Um riacho de sangue esguichava dele. Faltava-lhe o pé direito. Fora amputado pelo tornozelo. Olhei para Miss Brewster. Tinha o rosto lívido e os olhos arregalados de terror. Mas olhava não para Mugridge, e sim para Lobo Larsen. Ele o percebeu e disse com um dos seus sorrisos cortantes:

— Comédia humana, Miss Brewster. Um pouco mais rude do que a que está acostumada a ver — mas comédia. O tubarão não entrava no programa...

Larsen interrompeu-se. Mugridge, que erguera a cabeça e ouvira tudo, arrastou-se pelo chão e veio cravar-lhe os dentes na perna. Larsen abaixou-se friamente e apertou com a tenaz dos dedos as maxilas do desgraçado, fazendo-as abrirem-se.

— Como ia dizendo, continuou como se nada houvesse acontecido, o tubarão não entrava no programa. Foi uma intervenção da... poderei dizer da Providência?

Miss Brewster não deu sinal de ter ouvido, apesar da expressão do seu rosto mudar-se para a de supremo horror — e fez movimento para recolher-se. Nisto cambaleou e instintivamente estendeu-me a mão. Segurei-a a tempo e levei-a apoiada ao meu braço até sua cabina. Previ que fosse perder os sentidos; mas não; conseguira dominar-se.

— Queira preparar o torniquete, senhor Van Weyden, ordenou Larsen, de longe.

Hesitei. Os lábios da moça moveram-se, e sem palavras ela me disse que fosse em socorro do desgraçado. Súbito, a voz lhe voltou e pôde murmurar: Vá! e eu não pude negar-me a obedecer-lhe.

Eu já me tomara um hábil cirurgião, de modo que após duas ou três recomendações Larsen deixou-me só com o mutilado. Ia ele agora vingar-se do esqualo.

Um forte anzol iscado com um naco de carne salgada foi descido ao mar, e no momento em que eu fechava aquelas veias e artérias rotas, o causador da mutilação era içado a bordo. Não o vi, mas os dois ajudantes que Larsen me dera não resistiram à curiosidade; primeiro um, depois o outro, ambos foram espiar o monstro já pendurado ao maçame. Tinha dezoito pés de comprimento. Suas mandíbulas estavam escancaradas,

ou foram escancaradas à força de cunhas; depois meteram-lhe de través dentro da boca um pau com ambas as pontas afiadas — e tiraram as cunhas e o anzol. Por fim foi lançado ao mar, para que morresse de fome e dor morte menos adequada àquele bruto do que ao verdugo de Mugridge.

CAPÍTULO 22

Eu já sabia do que se tratava quando Miss Brewster se veio a mim. Por dez minutos eu tinha estado a observá-la na sua conversa com o maquinista, e agora, com gesto que pedia silêncio, levei-a para onde ninguém nos pudesse ouvir. Miss Maud tinha o rosto pálido e grave; seus olhos grandes pareciam-me ainda maiores e olhavam-me com grande penetração. Senti-me tímido e apreensivo, porque ela vinha auscultar a alma de Humphrey Van Weyden e Humphrey Van Weyden não tinha muito de que orgulhar-se quanto à sua alma, desde que pusera pé na "Ghost".

Fomos até ao extremo da popa e lá, voltando-se, Miss Maud encarou-me. Olhei em torno, a ver se alguém nos seguia.

— Que há? perguntei-lhe com brandura que não fez mudar a expressão determinada do seu rosto.

— Posso admitir, começou ela, que a tragédia desta manhã veio em parte por acidente; mas conversei com o senhor Haskins e por ele soube que no dia em que fomos salvos, e ao tempo em que eu descansava na cabina, dois homens foram forçados a perecer... Foram assassinados. É verdade?

Ela enfrentava-me acusadoramente, como se fosse eu culpado, ou pelo menos um cúmplice.

— É verdade, sim, respondi. Dois homens foram assassinados nesse dia.

— E permitiu o senhor isso? uivou ela.

— Não tinha meios de o impedir, por mais que me revoltasse o crime.

— Mas procurou impedir? e ela punha especial ênfase no "procurou" — ênfase de súplica. Oh, não procurou! disse com decepção, adivinhando a minha resposta. Por quê? Por que não procurou?

— Lembre-se, Miss Brewster, que é ainda muito novata neste barco para saber que leis nele imperam. A senhora traz consigo belas concepções de humanidade, de hombridade, de conduta e mais coisas — que aqui nada valem. Meros preconceitos. É esta a conclusão a que cheguei, creia-me.

Miss Brewster meneou a cabeça, incrédula.

— Que me aconselharia a fazer? perguntei. Tomar uma faca, um revólver e matar esse homem?

— Oh, isso não! disse ela recuando.

— Então, quê? Matar-me?

— O senhor está falando em termos puramente materialísticos, objetou a moça. Há

uma coisa chamada coragem moral, ou força moral, que nunca deixa de produzir efeito.

— Ah! exclamei sorrindo. Aconselha-me então a não matá-lo ou a não matar-me e sim a deixar que ele me matasse? E tomando-lhe as mãos antes que ela respondesse: Coragem moral de nada vale neste inferno flutuante. George Leach, uma das vítimas, possuía coragem moral em grau altíssimo. O mesmo com o outro Johnson. Mas essa coragem moral não só não lhes valeu de nada, como ainda os destruiu. Dar-se-ia o mesmo comigo, se eu pusesse em ação a pouca que possuo. Deve compreender, Miss, e compreender claramente e a fundo, que esse homem é um puro monstro. Não tem consciência. Nada lhe é sagrado, e nada o horroriza. Foi devido a isso, e ao seu capricho, que aqui fiquei detido, e é graças a um capricho que ainda não me matou. Nada posso fazer porque sou um seu escravo — como a senhora é hoje sua escrava. E somos escravos porque ambos queremos viver e nenhum de nós pode lutar contra o monstro.

Miss Brewster esperou que eu continuasse.

— Que me resta fazer? Represento o lado fraco, e silenciosamente sofro a minha ignomínia — como a senhora sofrerá a sua. E é o que temos a fazer, se quisermos viver. Mas a luta nem sempre é ganha pelo forte. Já que não temos força para lutar contra esse homem, havemos que dissimular para vencer pela astúcia. Se quiser aceitar o meu conselho, faça isso. Sei que a minha posição é falsa e perigosa — e a sua, pior ainda. Temos que nos unir sem dar a entender essa aliança. Não poderei manifestar-me abertamente ao seu lado, e seja quais forem as indignidades que chovam sobre mim, a senhora deve mostrar-se indiferente. Nada de provocar esse homem, nem opor obstáculos à sua vontade. Caras sorridentes, gestos amistosos — é a nossa política, por mais que nos custe.

Miss Brewster correu a mão pela testa, dizendo: — Ainda não percebo...

— Mas precisa fazer o que estou indicando, repliquei com energia, pois vi que o olhar de Larsen, a meia nau, onde estava a passear com Latimer, se voltara para nós. Faça o que digo e breve compreenderá que tenho razão.

— Como proceder então? perguntou-me ela, vendo minha expressão ansiosa.

— Não use da sua coragem moral, respondi rapidamente. Não desperte a animosidade do monstro. Seja-lhe agradável, discuta literatura e arte... ele gosta disso. Encontrará um ouvinte interessado e nada ignorante. E por amor de si própria evite assistir às brutalidades que ocorrerem nesta escuna. Desse modo poderá representar melhor o seu papel.

— Quer dizer que devo mentir por palavras e atos... disse ela ainda rebelde o capitão largara Latimer e vinha a nosso encontro. — Por favor, compreenda-me, concluí depressa. Todo o seu conhecimento da natureza humana de nada vale aqui. Tem que

aprender mais. Eu já aprendi e já sei que com a sua coragem moral manifestada apenas com os olhos poderá influir nestes homens. Mas não procure fazê-lo com Lobo Larsen. É indomável. Ele... Sempre me sinto orgulhoso de o ter descoberto — continuei, já disfarçando, porque Larsen estava perto. Os editores tinham medo dele. Mas eu adivinhei e vi meu juízo vencedor quando ocorreu o sucesso magnífico da sua "Forge".

— E era um poema ligeiro, feito para jornal, replicou Miss Brewster espertamente.

— Sim; foi de fato publicado em jornal pela primeira vez, respondi no mesmo tom, mas não porque os editores de magazines se recusassem a dá-lo.

— Estamos a falar de Harris, disse eu a Lobo Larsen quando o vimos diante de nós.

— Oh, sim, exclamou ele. Lembro-me de "Forge". Rico de sentimento e de fé nas ilusões humanas. Por falar nisso, senhor Van Weyden, acho bom dar uma olhadela no cozinheiro. Está agitado.

Foi como ele me despediu dali, pois que Mugridge estava a dormir profundamente sob a ação da morfina.

Não me apressei a tornar ao convés; quando o fiz tive o prazer de ver Miss Brewster em animada conversa com Larsen. Estava a seguir o meu conselho, finalmente.

CAPÍTULO 23

Bons ventos, muito regulares, levaram com rapidez a escuna para o norte, onde estavam as focas. Encontramo-las no paralelo quarenta e quatro, em mar batido de temporais e sempre neblinoso. Durante dias foi impossível ver o sol e fazer observações; só quando a espaços o vento varria a névoa é que conseguíamos assinalar a nova posição.

A caça tomara-se perigosa; os botes logo que arriados perdiam-se na bruma gris, e às vezes só muito tarde surgiam junto à escuna de brusco, como algas que emergem. Wainwright, o caçador que Larsen havia tomado à força juntamente com os demais tripulantes do bote perdido, aproveitou-se do nevoeiro para escapar. Sumiu-se para sempre com os seus companheiros, e mais tarde viemos a saber que de escuna em escuna haviam conseguido alcançar a sua.

Era também isso o que eu estava decidido a fazer; mas nunca se me calhava a oportunidade. Na tarefa de imediato de navio era-me impossível sair em botes e, a despeito de quanto astuciosamente fiz nesse sentido, Larsen jamais mo permitiu. Se eu o houvesse conseguido, certo que levaria também Miss Maud. Mas como iam as coisas a situação se tomava dia a dia mais séria. Eu procurava não pensar nisso — e não podia pensar noutro assunto.

No meu tempo eu havia lido muitos romances de mar, onde aparecem mulheres solitárias a bordo, lançadas ao meio de matilhas de machos. Mas só agora compreendia o verdadeiro significado dessa situação, tão explorada pelos escritores. E eu estava a enfrentar uma. E para mais avivá-la acontecia ser essa mulher Maud Brewster, que já me encantara com as suas obras e agora me encantava com a sua pessoa.

Era Miss Brewster um ser etéreo, ondulante como ramo de salgueiro, leve, de movimentos harmoniosos. Não me parecia que andasse — antes deslizava bem diversamente do comum das mortais. Sua extrema leveza fazia-a mover-se com a graça da pluma, ou como certas aves de asas silenciosas.

Lembrava uma porcelana de Dresde, de fragilidade infinita. Quando no dia da chegada lhe tomei o braço para conduzi-la à cabina, tive a impressão de vê-la fazer-se em pedaços a um simples choque. Jamais conheci espírito em mais perfeita consonância com o corpo. Falar dos seus versos como faziam os críticos era falar do seu corpo. Corpo emanação da alma, com os mesmos atributos, e ligados à vida pelas mais finas cadeias. Miss Brewster parecia imaterial.

Que contraste com Lobo Larsen! O que havia num, não havia noutro. Um era o que o

outro não era. Observando-os a passear pelo convés, certa manhã, refleti que significavam extremos da escala humana. Ele, a selvageria no apogeu; ela, um requinte de civilização. É verdade que Larsen possuía inteligência altíssima, mas aplicada exclusivamente no desenvolver os instintos selvagens o que o fazia ainda mais perigoso. Possuía musculatura maravilhosa; robustíssimo, e entretanto leve no passo. A jangal e a solidão desértica denunciava-se no seu andar de felino, firme, sereno, seguríssimo. Perfeito tigre, perfeito animal de presa e de guerra. A luz penetrante dos seus olhos era a mesma que eu havia observado nas panteras de jaula e nas aves de rapina.

Mas naquele dia vi que fora ela quem havia posto termo ao passeio pelo convés. Chegaram juntos até onde eu estava, à entrada do portaló, e imediatamente percebi que, embora disfarçasse, Maud estava bastante perturbada. Fez-me uma observação qualquer, insignificante, olhando para mim e rindo-se de leve; depois vi seus olhos voltarem-se para Larsen, como que fascinados -, e baixarem-se rápidos, de novo assaltados pelo terror.

A causa do terror residia nos olhos de Larsen. De ordinário cinzentos, frios e duros, estavam agora quentes, macios e dourados — e cheios de brilhos que dançavam, dando uma estranha irradiação ao seu rosto. Olhos que dominavam, que arrastavam, que não enganariam mulher nenhuma e muito menos àquela. O terror de Miss Brewster invadiu-me, e naquele momento de medo — o mais terrível que um homem possa experimentar — compreendi até que extensão me era ela cara. A revelação de que eu a amava veio agravar o meu terror, e com ambas essas emoções n'alma o sangue borbulhou-me no corpo em saltos de revolta. Foi assim que, dominado por um poder acima do meu controle, vi-me a encarar Larsen com inaudita firmeza nos olhos. Ele, entretanto, recompôs-se. Álgido e duro, despediu-se de chofre e afastou-se.

— Estou com medo, murmurou a moça num arrepio.

Estou com tanto medo...

Também eu estava empolgado pelo medo, e como descobrira o que Miss Maud já significava para mim, senti um turbilhão na cabeça; não obstante, pude responder com calma:

— Tudo acabará bem, Miss Brewster. Tenha confiança e fé.

Ela respondeu-me com um sorriso grato, que me fez pular coração, e desceu para a cabina.

Por largo tempo ali fiquei onde ela me deixou. Tinha necessidade de ajustar-me por dentro, de refletir no que se operara em mim e considerar os novos rumos que se me abriam. Minha filosofia de vida sempre admitira a vinda do amor, mais cedo ou mais tarde; mas nunca me havia preparado para recebê-lo.

E o amor viera! Maud... Minha memória recordava aquele volume com o seu nome sobre a minha mesa de trabalho; e revi um por um os outros livros seus que tinha na estante. Maud Brewster! Humphrey Van Weyden, o "peixe de sangue frio", o "monstro sem emoção", o demônio analítico, como lhe chamara Furuseth, apaixonado, afinal! E minha memória relembrou então uma curta nota biográfica do meu *Who's Who*: "Nascida em Cambridge, vinte e sete anos". E murmurei comigo: "Vinte e sete anos e ainda livre?" Mas como poderia eu saber se Maud estava ainda livre? E a garra do ciúme empolgou-me.

Ciúme, sim — e isso mostrava o meu amor. Eu amava Maud Brewster...

Eu, Humphrey Van Weyden, amava uma mulher! E de novo a dúvida assaltou-me. Não que eu tivesse medo do amor, ou fugisse dele. Ao contrário. Idealista em alto grau, minha filosofia sempre reconhecera o amor como o máximo deste mundo, o alvo, a mira, o vértice de tudo, o apogeu da euforia a que a vida pode alçar-se. Mas agora que o amor vinha eu mal podia crer. Parecia-me impossível que eu fosse tão afortunado. Muito grande aquilo, para ser verdade. Os versos de Symons vieram-me ao pensamento:

Errei todos estes anos a tua procura num mar de mulheres.

Depois cessei de interrogar-me. Decidi que aquela coisa máxima que a vida dá me viera a mim. Furuseth tinha razão; eu havia sido um anormal, um monstro sem emoções, uma criatura livresca, só capaz de descobrir encanto nas emoções do espírito. Apesar de conviver sempre entre mulheres, unicamente pelo lado estético eu as encarava. Chegara a considerar-me um condenado a jamais ter o que via em redor de mim.

E agora tinha tudo! Sem aviso, imprevisto, o amor chegara!

Num estado d' alma perfeitamente de êxtase, pus-me a andar pelo convés redizendo os belos versos de Mrs. Browning:

Vivi entre visões em vez de viver entre criaturas; entre visões de homens e mulheres vivi, não entre homens e mulheres — e achei-os gentis companheiros, e nunca imaginei que houvesse música mais suave que a que deles me vinha.

Entretanto, música infinitamente mais suave agora me envolvia, e eu me fazia cego para tudo mais que me rodeava. A voz áspera de Lobo Larsen veio tirar-me daquele sonho.

— Que diabo está fazendo aí? gritara ele.

Eu me havia perdido na proa, onde os marinheiros se ocupavam com a pintura da

escuna — e quando dei por mim estava quase a derrubar uma lata de tinta.

— Sonambulismo? Insolação? latiu Larsen.

— Indigestão, respondi — e continuei o meu passeio como se nada houvesse.

CAPÍTULO 24

Entre as mais vivas lembranças da minha vida estão os acontecimentos sucedidos na "Ghost" durante as quarenta horas que se sucederam à descoberta do meu amor. Eu, que vivera toda a vida em lugares calmos, e que aos trinta e cinco anos me vi metido na mais irracional aventura imaginável, nunca passei um período de quarenta horas tão agitado. E com certo orgulho reconheço que não me comportei mal.

Começou o movimento ao meio-dia. Larsen declarou aos caçadores que dali por diante teriam as refeições no porão, coisa inconcebível nas escunas de caça, onde os caçadores se equiparam a oficiais. Larsen não deu razões, mas o motivo era bastante claro. Homer e Smoke haviam se mostrado galantes para com Miss Brewster — galanteria grotesca em si e inofensiva, mas desagradável para o capitão.

A ordem foi recebida em silêncio, apesar dos homens olharem significativamente para os dois causadores da medida. Homer, sempre calmo, não deu sinal de protesto; mas a Smoke o sangue subiu à cara e foi logo abrindo a boca para falar. Larsen, que o observava, fulminou-o com o olhar de aço — e Smoke engoliu o que ia dizer.

— Tem algo a alegar? interpelou Larsen agressivamente.

Smoke não aceitou o desafio.

— A propósito do quê? replicou ele, com tanta inocência que o capitão desmontou, ao passo que os outros sornam.

— Nada, contraveio Larsen. Julguei que estivesse com vontade de registrar no lombo mais um pontapé.

— Por quê? disse ainda o imperturbável Smoke.

Os seus companheiros riram-se então à larga. Naquele momento Larsen poderia tê-lo matado, e não duvido que corresse sangue, se Miss Maud não estivesse presente. E foi ainda a sua presença que levou Smoke a agir daquele modo, pois era muito esperto para incorrer na ira de Lobo Larsen. Todavia eu ainda receava que uma luta ocorresse, quando o grito do timoneiro veio salvar a situação.

— Fumaça ao longe!

— Em que direção? quis saber Larsen.

— À ré, senhor.

— Há de ser algum navio russo, sugeriu Latimer.

Essas palavras causaram ansiedade entre os caçadores.

Navio russo só podia significar uma coisa — cruzador. Embora os caçadores não estivessem bem ao par da posição da escuna, sabiam que ela já andava em zona proi-

bida. Todos os olhos concentraram-se no capitão, que era um impenitente invasor de zonas.

— Estamos a seguro, garantiu ele numa risada. Você não vai desta vez para as minas de sal, Smoke. Aposto dez contra um que é o "Macedônia".

Ninguém topou a aposta e ele prosseguiu:

— E também aposto vinte contra um como vamos ter encrenca.

— Muito obrigado, disse Latimer. Sei muito bem que nunca houve encontro entre o senhor e o seu irmão sem brigaria grossa. Nisso também jogo vinte contra um.

Uma risada geral recebeu as palavras do caçador, e Larsen também riu-se. O jantar correu sem incidentes, mas fui tratado de maneira abominável o tempo todo; Larsen ridicularizou-me ao extremo, enchendo meu coração de cólera represa.

Contive-me, entretanto, sobretudo por amor a Miss Brewster, da qual recebi como recompensa um olhar com estas palavras mudas: "Coragem, amigo!".

Deixamos a mesa para subir ao convés, porque um navio à vista era sempre bem recebido na monotonia do mar sobre que flutuávamos; o fato de ser o "Macedônia", isto é, o navio de Morte Larsen, recrescia o nosso interesse. A brisa áspera da véspera já não soprava, de modo que foi possível arriarem-se os botes para a caçada habitual. Tínhamos navegado o dia todo dentro dum bando sem fim de focas. Estávamos bem no meio dele agora.

A fumaça do "Macedônia" aparecera longe, muitas léguas a ré, mas já se mostrava bem mais perto quando descemos os botes, os quais se espalharam a rumo norte. De vez em quando víamos uma vela baixar, ouvíamos o rebô dos tiros e em seguida a vela aprumava-se outra vez. As focas eram inúmeras e o vento amainara; tudo favorecia a caçada. Quando a escuna largou a fim de tomar posição perto do último bote a sotavento, atravessamos um trecho de mar forrado de focas adormecidas. Espalhavam-se ao redor da escuna, mais gordas que as encontradas antes, às duas, às três, aos grupos, estiradas à tona em soneira profunda, como cães preguiçosos. Sob a fumaça que se aproximava o vulto do navio assumia formas definidas. Era de fato o "Macedônia". Li-lhe o nome através do binóculo, quando passou a uma milha de estibordo da "Ghost". Lobo Larsen acompanhava-o com o olhar selvagem e Maud mostrava-se curiosa.

— Onde a encrenca que o senhor previu, capitão? perguntou-lhe ela alegremente.

Larsen volveu para a moça um olhar e teve um breve sorriso.

— Que espera a senhora? Que eles nos ataquem e nos cortem a garganta?

— Qualquer coisa semelhante, confessou Maud. Navios foqueiros constituem algo tão estranho para mim que espero tudo.

Larsen fez com a cabeça um gesto de assentimento. — Tem razão, tem razão. O seu

erro, Miss, é não ter esperado pelo pior.

— Quê? inquiriu a moça com ingênua surpresa. Poderá haver coisa pior do que garganta cortada?

— Há. Ter a bolsa cortada, respondeu Larsen. O mundo está organizado de maneira que a capacidade de vida do homem se mede pelo dinheiro que ele possui.

— Quem rouba minha bolsa rouba lixo, citou Maud.

— Quem rouba minha bolsa rouba meu direito à vida, contraveio Larsen, porque rouba ao mesmo tempo meu pão, meu teto, minha cama e desse modo me põe a vida em perigo. Não há muita distribuição gratuita de sopa pelo mundo, a senhora sabe, e quando um homem nada tem dentro da bolsa, em regra morre miseravelmente. — Mas não vejo que aquele navio tenha qualquer pretensão a respeito da sua bolsa, capitão.

— Há de ver isso no momento próprio, observou

Larsen fatidicamente.

Não tivemos muito que esperar. Num dado momento o "Macedônia" começou a descer os seus botes, bem dentro da zona dos nossos, os quais ficaram assim separados das focas. Eram quatorze botes contra cinco (faltava-nos o sexto, no qual fugira Wainwright) e o "Macedônia" soltou-os a partir de sotavento do nosso último, atravessando-os em linha até ao nosso derradeiro de barlavento. Estava perdida a caçada; as focas acumulavam-se adiante da linha dos botes inimigos, que as ia varrendo para longe.

Os nossos botes prosseguiram na caçada, mas restritos à zona que a linha inimiga limitava; depois fizeram-se de velas para a "Ghost". O vento caíra completamente; o mar mostrava-se cada vez mais calmo, o que, ligado à grande abundância de focas, criara um momento excepcional para uma excelente colheita.

Em toda uma estação nunca surgem mais de uma ou duas oportunidades como aquela. E estava perdida... Foram chegando os nossos botes. Remadores e pilotos reentravam na escuna espumejantes de ira, com a sensação de terem sido roubados. Os botes foram içados por entre blasfêmias e maldições que, se tivessem efeito, meteriam Morte Larsen no inferno por toda a eternidade. "Morte e danação por uma dúzia de eternidades", rosnou Louis piscando os olhos para mim, ao sentar-se para um descanso, depois de içado o seu bote.

— Ouça-os, disse-me Larsen, e veja que não é difícil conhecer o que há de supremo em suas almas. Fé? Amor? Altos ideais? O Bem, o Belo, a Verdade?

— O inato sentimento de direito foi neles violado, advertiu Maud Brewster entrando na conversa.

Estava ela de pé a pouca distância de nós, com uma das mãos apoiada às adriças

mestras e com o corpo a ondular suavemente ao balanço do barco. Maud não erguera o tom de voz e no entanto sua voz me soou como um toque de sino. Como me era doce aos ouvidos! Eu quase não ousava volver para ela os olhos, com medo de denunciar os meus sentimentos. Maud trazia na cabeça uma boina de rapaz, e o cabelo batido de sol punha-lhe uma auréola no rosto. Positivamente enfeitiçadora e, apesar disso, suavemente espiritual. Todo o meu antigo maravilhamento pela vida voltou-me à vista daquela esplêndida encarnação da vida — e senti que grosseira e errada era a gélida concepção de Lobo Larsen.

— Sentimentalistas, continuou Larsen, sentimentalistas, como o senhor Van Weyden. Esses homens estão vomitando blasfêmias porque foram frustrados em alguma coisa. Só por isso. Em que coisa? No desejo de boa mesa em terra, boa cama, comodidades que o salário lhes dá e mulheres, e bebida e a orgia das bestialidades que tão fielmente exprime o que há de melhor dentro deles, suas mais altas aspirações, seus ideais. Eis tudo. A exibição que fazem dos seus sentimentos não é espetáculo edificante; apenas mostra quão fundo foram feridos no bolso, porque meter-lhes a mão no bolso é meter-lhes a mão na alma.

— Mas o senhor não está agindo como quem foi lesado no bolso, observou Miss Brewster a sorrir.

— Então é que meu bolso e minha alma foram igualmente atingidos. Ao preço corrente das peles no mercado de Londres, o "Macedônia" deu à "Ghost" um prejuízo de uns mil e quinhentos dólares.

— Faz os cálculos tão calmamente, capitão...

— Mas não estou calmo; pareço. Seria capaz de torcer o pescoço ao homem que me roubou. Sim, sim, conheço-o, e esse homem é meu irmão. Mais sentimento! Bah!

Sua expressão demudou-se, e sua voz fez-se menos áspera e mais sincera quando disse:

— Devem ser felizes os sentimentalistas, no sonhar e achar coisas boas na vida. E porque acham as coisas boas, sentem-se bons. E vocês, digam-me lá, acham-me bom?

— Bom para ser visto com os olhos dum certo modo, declarei eu.

— Há no capitão todo o poder para realizar o bem, acrescentou Maud.

— Ora aí está! volveu ele para a moça, já com acento colérico. As suas palavras são para mim vazias de sentido. Não há nada claro, nítido, definido no pensamento que expressam. Vocês não podem tomar esse pensamento nas mãos e pesá-lo. Mero sentimento, algo baseado na ilusão e nunca um real produto da inteligência.

Sua voz foi-se abrandando e assumindo tom confidencial.

— Às vezes apanho-me a desejar ser também cego quanto às realidades ásperas da

vida e só conhecedor das suas ilusões. São falsas essas ilusões; falsíssimas e contrárias à razão; mas diante delas a razão me cochicha — enganadoramente — que sonhar e viver na ilusão dá maiores deleites. E o deleite, afinal de contas, é a recompensa da vida. Sem deleites nada vale a vida. Trabalhar e viver sem recompensa, sem paga, é pior que a morte. Quem se deleita pela vida adentro vive mais — e seus sonhos e irrealidades perturbam-nos menos do que a mim me perturbam os fatos.

E Larsen meneava a cabeça, ponderando.

— Freqüentemente duvido do valor da razão. Sonhos devem ser mais substanciais, mais gratos ao nosso imo. Os deleites emotivos superam os deleites intelectuais; além disso a gente paga o deleite intelectual com o tédio, a tristeza azul. Já o deleite da emoção traz apenas o cansaço dos sentidos, que o descanso cura. Eu os invejo, sim.

Larsen deteve-se bruscamente e seus lábios moveram-se num sorriso irônico ao acrescentar:

— É o meu cérebro que os inveja, notem bem nunca o meu coração. Minha razão produz essa inveja. Vem do intelecto. Vivo qual um homem que não bebe e tem em tomo de si bêbedos felizes. Ele não pode fazer o mesmo.

— Ou como um homem cheio de sabedoria que olha para ignorantes e anseia por ser um deles, sugeri sorrindo.

— Exatamente, concordou Larsen. Vocês são dois abençoados ignorantes. Não jogam com fatos, fatos, fatos, como eu. Não possuem fatos na carteira.

— E no entanto é rica a nossa carteira; gastamos dela mais que o senhor, replicou Maud.

— E mais livremente, porque nada lhes custa.

— É que sacamos sobre o futuro — sobre a eternidade, lembrou a moça.

— Se realmente o fazem ou julgam fazê-lo, é tudo um. Vocês despendem o que não possuem, e recebem mais em troca do que despendem sem o possuir, do que eu despendendo o que ganhei com tanto esforço.

— Por que então não muda de sistema monetário? perguntou Maud inquisitivamente.

Larsen olhou para ela de relance, com um fulgor de esperança nos olhos; depois concluiu, pesaroso:

— Muito tarde. Queria fazer, mas já não posso. Minha carteira está muito recheada com a moeda dos fatos e eu muito afeito a esse dinheiro. Não poderia nunca trocá-lo por outro qualquer. . . .

Parou de falar. Seus olhos afastaram-se de Maud e perderam-se na imensidão do mar plácido. A velha melancolia de sua alma empolgara-o mais uma vez. Pelo esforço do raciocínio Lobo Larsen se tinha alçado ao azul do tédio, e dentro dalgumas horas o diabo

que morava dentro dele o agitaria de novo. Lembrei-me de Charley Furseeth, e vi que a tristeza daquele homem era o castigo que todo materialista impenitente paga na terra.

CAPÍTULO 25

Esteve no convés, senhor Van Weyden? perguntou-me Lobo Larsen ao almoço da manhã seguinte.

Como vai o tempo?

— Ótimo, respondi voltando os olhos para o sol que entrava pela porta. Boa brisa de oeste, com promessa de aumento — se é que a predição de Louis vale alguma coisa.

Larsen mostrou-se satisfeito. — Algum sinal de nevoeiro?

— Ao norte alguns, e a noroeste.

Seu rosto exprimiu satisfação ainda maior.

— E o "Macedônia?"

— Perdido de vista, respondi — e juraria que sua face enublou-se com a nova, o que não pude compreender.

Logo depois tive a explicação, ao ressoar lá na gávea novo grito de "Fumaça!". O rosto de Larsen iluminou-se.

— Ótimo! exclamou ele, erguendo-se da mesa e dirigindo-se ao convés — e de lá à timoneira onde os caçadores estavam comendo o primeiro almoço do exílio — do exílio da cabina.

Maud e eu mal tocamos nos pratos. Olhávamos um para o outro em silenciosa ansiedade, de ouvidos atentos à voz de Lobo Larsen, a qual chegava até nós através das tábuas. Falava ele à tripulação, e falou longamente, sendo no fim saudado com estrepitosos vivas. As paredes da cabina, entretanto, não nos deixavam distinguir o que dizia. Apenas percebemos que eram palavras de calar fundo no ânimo dos caçadores, tais as manifestações de entusiasmo.

Pelo movimento no convés vi que começara a manobra do arriamento dos botes. Maud foi comigo para lá. Deixei-a num ponto da popa donde pudesse tudo observar sem incômodo. O entusiasmo dos marinheiros dizia de como tinham recebido os projetos de Larsen. Os caçadores atropelavam-se no convés com as suas espingardas de caça e caixas de munição e ainda carabinas, o que não era usual. Não se caçam focas com rifles de muito alcance, pois que as atingidas submergem-se antes que o bote as possa colher. Naquele dia, entretanto, cada caçador levava um rifle e muitos cartuchos. E arreganhavam risos de satisfação olhando para a fumaça que vinha de oeste — o "Macedônia" ainda.

Os cinco botes desceram ao mar, onde se abriram em leque, rumo norte, tal qual no dia anterior. Pus-me a observar o espetáculo sem que nele visse nada de anormal. Os

botes arriavam as velas, tiroteavam as focas e de velas novamente erguidas iam-se à apanha dos corpos. Tática de sempre. Mas o "Macedônia" repetiu a manobra da véspera, fechando o mar, interpondo os seus quatorze botes entre os nossos cinco e as focas. Quando ficamos completamente encurralados, o "Macedônia" seguiu para noroeste, que era a sua rota.

— Que há? perguntei a Lobo Larsen, sentindo-me incapaz de por mais tempo conter a minha curiosidade.

— Não se preocupe com o que há, respondeu-me bruscamente; não levará mil anos para sabê-lo — e enquanto isso reze para termos bom vento. E depois duns segundos: Vou dar a esse meu irmão uma dose do remédio que ele costuma dar aos outros. Vou fazer a barragem dos seus botes, não por um dia, mas por toda a estação se tivermos sorte.

— E em caso inverso? perguntei.

— Não pense nisso. Precisamos ter sorte; do contrário estará tudo acabado.

Larsen tinha as mãos na roda do leme e governava com extrema atenção. Deixei-o e fui ter à enfermaria; dois doentes lá — Nilsen e Mugridge. Nilsen estava contente porque ia indo bem, mas Mugridge não saía do seu mortal acabrunhamento. Senti-me tocado pela sua desgraça. Como se agarrava à vida! Aqueles anos de brutalidade tinham-lhe reduzido o corpo a um molambo e no entanto a centelha da vida fulgurava como sempre.

— Com um pé artificial— e hoje os fazem excelentes — você poderá conservar-se numa cozinha de bordo por toda a vida, observei-lhe em tom confortador.

Mas a sua resposta foi solenemente séria.

— Nunca poderei ser feliz em minha vida antes de ver esse cão do inferno morto e bem morto. Ele não pode viver tanto como eu. Não tem direito de viver e, como diz a palavra de Deus, "Morrerá" e eu direi amém e ansiarei para que seja o mais breve.

Quando retomei ao convés Lobo Larsen governava com uma das mãos e com outra segurava o binóculo para estudo da posição dos botes relativa ao "Macedônia". A única mudança que observei na disposição dos nossos botes era que tiravam todo o partido do vento e haviam se posto de proa para noroeste. Não pude perceber o alcance da manobra porque o mar livre estava cortado por cinco botes do "Macedônia", também com o vento de feição, divergindo para oeste e afastando-se dos demais. Nossos botes estavam usando velas e remos. Até os caçadores remavam, e desse modo aproximavam-se rapidamente dos inimigos.

A fumaça do "Macedônia" tinha se diluído a ponto de formar apenas uma mancha clara no horizonte. Nada podíamos ver do navio. Quanto à "Ghost", que estivera bordejando preguiçosa até aquele momento, agora punha-se em marcha. Singrávamos

rumo à nossa linha de botes.

— Arreie a bujarrona, senhor Van Weyden, ordenou Larsen, e fique de prontidão para outra manobra.

Corri para a ré e fiz a manobra, enquanto deslizávamos a uns cem pés dum bote a sotavento. Os seus três tripulantes lançaram-nos olhares desconfiados. Conheciam a fama de Lobo Larsen. O caçador desse bote, um sólido escandinavo, trazia o rifle atravessado sobre os joelhos. Quando o bote ficou à frente da nossa popa, Lobo Larsen

saudou os três homens e gritou-lhes:

— Venham para bordo jogar um bocado!

"Jogar" entre os foqueiros eqüivale a conversar, contar histórias, e constitui um dos prazeres da monótona vida do mar.

A "Ghost" parou e virou, dando-me tempo de concluir a minha manobra e ir dar uma demão na que se fazia na vela grande.

— Fique no convés, Miss Brewster, disse Lobo Larsen ao dirigir-se para a proa a fim de receber os hóspedes. E o senhor também, senhor Van Weyden.

O bote do "Macedônia" arriara a vela e vogava ao longo do nosso costado. O caçador de barba loura, perfeito rei do mar, galgou a amurada e surgiu no convés. Mas incerto, com a desconfiança nos olhos. Era um gigante de rosto translúcido metido dentro duma floresta de cabelos de ouro. Seus olhos mostraram alívio quando me viu e certificou-se de que estávamos ali dois homens apenas, e então relanceou-os sobre os seus companheiros, que se aproximavam. Dominava Lobo Larsen em altura. Um Golias. Devia medir seis pés e oito ou nove polegadas, e mais tarde soube-lhe do peso — 240 libras. E nada de gordura. Ossos e músculos rijos, apenas.

O sentimento de apreensão refletiu-se de novo em seus olhos ao chegarmos ao topo da escada, quando Larsen o convidou para descer. Mas serenou logo, medindo e comparando ao seu o tamanho do capitão da "Ghost". Desceu à cabina. Os demais companheiros de bote dirigiram-se para o castelo de proa.

Passou-se algum tempo. Súbito, estrugiu na cabina o fragor duma luta entre leão e leopardo; o leão fazia o barulho; o leopardo era Larsen.

— Veja como é sagrada a hospitalidade desta gente, disse eu com amargura para Maud.

Ela meneou a cabeça, e vi em sua face a expressão daquele mesmo mal que eu sentira ante os espetáculos da brutalidade durante os meus primeiros tempos na "Ghost".

— Não será melhor que vá para a cabina e lá fique enquanto durar isto? sugeri.

Maud fez que não; não sentia medo e sim dó tristeza, horror ante a feroz animalidade do homem.

— A senhora compreende, disse eu preparando-lhe o espírito, que qualquer partido que eu neste caso tome será à força — e calculado para o nosso benefício, para o salvamento da sua vida e da minha.

— Compreendo, respondeu-me ela com voz fraca e distante, com os olhos a me dizerem que realmente compreendia.

O rumor da luta lá embaixo breve esmoreceu, e Lobo Larsen emergiu sozinho no convés. Estava afogueado, embora sem nenhum outro sinal de luta.

— Mande aqueles dois homens para aqui, ordenou-me ele.

Obedeci, e instantes depois os companheiros do gigante defrontavam Larsen.

— Icem o bote em que vieram, disse-lhes ele. O caçador resolveu ficar algum tempo a bordo e não quer que o bote se estrague a bater no casco da escuna.

Houve uma pausa. Os homens não compreendiam.

— Icem o bote, ordenou de novo Lobo Larsen, agora em tom mais seco, e acrescentou com brandura, a disfarçar a ameaça: Quem sabe se não terão de navegar comigo por algum tempo? E como os homens se movessem vagarosamente, ainda incertos e atônitos: E depressa! Morte Larsen os tange mais lépidos, não é assim?

Os dois marinheiros fizeram-se lépidos e o bote foi içado sem demora, enquanto eu era mandado abrir a bujarrona, com Larsen no leme. A "Ghost" punha-se de rumo ao segundo bote inimigo.

De passagem prestei atenção à posição dos botes no mar. O terceiro do "Macedônia" estava sendo atacado por dois dos nossos, e o quarto, pelos nossos três restantes. O quinto bote do "Macedônia" dera volta e vinha tomar parte na defesa do que lhe ficava mais próximo. A batalha ia no apogeu e os rifles pipocavam com regularidade; mas o mar muito movediço naquele momento impedia a precisão dos tiros. Víamos balas ricochetear de onda em onda. O bote que a nossa escuna perseguia havia virado em ângulo reto e rumava à frente do vento, para fugir ou ir em socorro dos companheiros.

A minha ocupação com as velas impedia-me de acompanhar a contento o que se passava; mas aconteceu-me estar na popa quando Larsen ordenou aos dois marinheiros recém-apanhados que fossem para o castelo de proa. Para lá se dirigiram eles, de má cara. Em seguida

Larsen ordenou a Miss Brewster que descesse, e sorriu. ao ver o horror que seus olhos manifestavam.

— Nada verá de horrível lá embaixo, disse ele. Apenas um homem amarrado. Podem chover balas aqui e não quero vê-la atingida, bem sabe disso.

Mal acabara de falar e uma bala passou assobiando muito perto da sua cabeça.

— Está vendo? disse Larsen para Maud; e virando-se para mim: Senhor Van Weyden,

quer fazer o favor de tomar o governo?

Maud Brewster descera uns degraus do portaló e parou, ficando com a cabeça exposta enquanto Larsen metia cartuchos num rifle. Pedi à moça com os olhos que descesse; ela sorriu-me e disse:

— Somos fracas criaturas de terra, sem pernas, como diz o capitão, mas poderemos mostrar-lhe que possuímos tanta coragem como ele.

Larsen voltou à moça um olhar de admiração.

— Gostei da palavra, Miss! gritou. Livros, cérebro e bravura. Está no ponto para esposa dum pirata; havemos de pensar nisso mais tarde — e sorriu ao ver uma bala cravar-se na rede da cabina.

Percebi o relâmpago que iluminou os olhos de Larsen e o terror que empolgava Maud. E apressei-me em dizer:

— Somos mais bravos. Eu pelo menos sinto-me mais bravo do que o próprio capitão Lobo Larsen.

Por minha vez recebi o olhar rápido de Larsen, interrogativo, como se eu estivesse a ironizar com ele. Dei uma volta à roda do leme para contrabalanço duma inclinação da "Ghost" enquanto Larsen ficava à espera de que eu concluísse o meu pensamento.

— O senhor poderá observar aqui um leve tremor, disse eu apontando para os meus joelhos. A carne em si é medrosa e no íntimo tenho medo porque não quero morrer. Mas o meu espírito domina a carne medrosa. Sinto-me e sou mais do que bravo. Sou corajoso. Já a sua carne não tem medo, capitão, e por isso o senhor não tem medo. Nada lhe custa enfrentar o perigo, e até sente prazer nisso. Goza com isso. Lobo Larsen não terá medo, mas há de concordar que a bravura é minha.

— Tem razão, reconheceu ele imediatamente. Jamais refleti nisso. Mas será verdadeira a recíproca? Se é mais corajoso do que eu, serei eu mais covarde que o senhor Van Weyden?

Rimo-nos em face daquele absurdo lógico, e ele desceu ao convés, onde ficou de rifle sobre a amurada. As balas que recebêramos tinham vindo de uma milha distante, e agora estávamos a meia milha dos que nos tinham atirado. Larsen fez pontaria e desfechou três tiros. O primeiro deu com a bala a cinquenta pés a barlavento do bote; o segundo, a metade dessa distância; e o terceiro apanhou o piloto.

— Aposto que isto basta, disse Larsen apurando-se. Poupo ao caçador; o remador com certeza não sabe pilotar e nesse caso o caçador não poderá pilotar e atirar ao mesmo tempo. Seu raciocínio estava certo, pois o caçador pulou à ré para tomar conta do governo — e cessaram os tiros. O caçador conseguira meter o bote em fuga rápida, mas nós corremos-lhe ao encalço, ganhando terreno com facilidade. Larsen mantinha-se

atento, de rifle em punho. Por duas vezes vi o caçador tomar a carabina e hesitar. Alcançamo-los.

— Olá, aí vocês! gritou Lobo Larsen. Alto! e lançou um rolo de cabo que caiu dentro do bote quase derrubando um dos homens.

Mas o remador não obedeceu. Olhou para o caçador à espera de ordens. Este hesitava, de carabina entre os joelhos. Se largasse do remo para atirar, o bote viraria, colidindo com a escuna. Além disso, percebia muito bem o rifle nas mãos de Larsen e já tivera prova da sua boa pontaria.

— Amarre, ordenou Larsen calmamente ao remador. O remador obedeceu e amarrou o cabo à proa.

— Agora recolha a vela, ordenou Larsen enquanto o cabo era puxado, isso sem nunca deixar o rifle, nem sequer ao jogar o rolo de cabo, o que fez com uma das mãos apenas. Depois do bote amarrado na popa e na proa, e quando os dois homens se preparavam para subir à "Ghost", o caçados estendeu a mão para a carabina, como para guardá-la.

— Largue disso! gritou-lhe Larsen — e ele largou-a como se a arma lhe fosse queimar as mãos.

Uma vez a bordo tiveram de içar o próprio bote e por ordem de Larsen conduziram o piloto baleado para dentro do castelo de proa.

— Se os nossos botes fizeram tanto como nós dois, teremos aqui em breve toda a gente do "Macedônia", disse Larsen dirigindo-se a mim.

— o homem em que o senhor atirou está apenas ferido, espero... balbuciou Maud.

— Sim, no ombro, disse Larsen. Nada de grave. O senhor Van Weyden o porá são em três ou quatro semanas. Mas não fará o mesmo àqueles lá, continuou, apontando o terceiro bote do "Macedônia", para o qual se dirigia a nossa escuna. É serviço de Horner e Smoke. Disse-lhes que queria gente viva, não cadáveres; mas o prazer de atirar e acertar é incoercível depois que a gente aprende a dar tiros. Não experimentou isso nunca, senhor Van Weyden?

Respondi de cabeça e fiquei a observar o resultado daquela luta. Havia sido na realidade sangrenta, e já os nossos atacantes tinham corrido a auxiliar os companheiros próximos. O bote inimigo, vazio, flutuava ao léu, com a vela solta a trapejar ao vento. Um caçador e um remador jaziam inertes no fundo, e o piloto, de bruços na borda, tinha os braços caídos para a água. Sua cabeça rolava, ora para um, ora para outro lado.

— Não olhe, Miss Maud! Por favor não olhe, supliquei — e tive o prazer de vê-la aceitar o meu conselho.

— Proa para o centro do grupo! foi a nova ordem de Larsen, e ao aproximar-nos os tiros cessaram. A luta chegara ao fim. Os dois botes restantes haviam sido capturados

pelos nossos cinco, e agora esperavam, todos juntos, a chegada da escuna.

— Olhem lá! gritei involuntariamente apontando para o horizonte. A mancha de fumaça crescera e o vulto do "Macedônia" começava a emergir.

— Sim, já sei, tenho estado a observar, respondeu Lobo Larsen com toda a calma. Depois mediu a distância e calculou a força do vento que lhe batia no rosto. Havemos de ver, acrescentou ele, mas pode acreditar que esse meu abençoado irmão já percebeu a nossa manha e vem em nossa direção. Olhe, olhe lá!

A mancha de fumaça crescia de vulto, e enovelava-se, negra.

— Eu ganharei a partida, haja o que houver, caro irmão! disse Larsen numa gargalhada. E feliz poderá você considerar-se, se me limitar a pôr em cacos essa velha escuna a vapor... Quando chegamos junto aos botes movimentaram-se eles numa aparente confusão. Foram içados ao mesmo tempo por ambos os bordos. Assim que os prisioneiros transpunham a amurada eram conduzidos pelos nossos caçadores ao castelo de proa, enquanto os marinheiros davam arrumação aos botes. A escuna pôs-se a vogar novamente a todo pano.

Havia necessidade de rapidez. O "Macedônia", a fumegar o fumo negro do carvão, vinha sobre nós, e abandonando os botes que ainda lhe sobravam modificou a rota a fim de nos tomar a dianteira. Não corria firme contra nós, mas em paralela para ganhar a frente. A reta dos dois barcos convergia num ângulo com o vértice do lado do nevoeiro. Só lá o "Macedônia" poderia alcançar-nos, e a esperança da "Ghost" era atingir aquele ponto antes de ser alcançada.

Lobo Larsen ia no governo, com os olhos brilhantes a piscarem conforme as ocorrências da luta. Ora estudava o mar a barlavento, ora observava o barco inimigo — e sobrevinham ordens para apertar esta vela, ou afrouxar aquela, de modo a conseguir o máximo de velocidade. Todas as divergências e rivalidades de bordo estavam esquecidas, e fiquei surpreso de ver o ardor com que homens, que há tanto vinham sofrendo todas as brutalidades de Lobo Larsen, pulavam contentes no cumprimento das suas ordens. Lembrei-me do pobre Johnson, e lamentei que não estivesse ali — ele que tanto se deliciava com as proezas, da "Ghost"...

— Tomem as carabinas, vocês aí! gritou Larsen para os caçadores — e imediatamente cinco homens alinharam-se na amurada de sotavento, de rifles em punho.

O "Macedônia" estava agora a milha apenas, com o fumo negro a borbotar da chaminé em ângulo reto, tal a fúria da carreira. Dezessete nós, devia ser a sua marcha, enquanto a "Ghost" não fazia mais de nove. Mas o banco de nevoeiro estava já perto.

Nisto um rolo de fumo branco enovelou-se na coberta do "Macedônia"; logo a seguir ouvimos uma detonação — e vimos abrir-se um rombo na lona da nossa vela mestra.

Atiravam contra nós com um dos pequenos canhões que, era sabido, o "Macedônia" costumava trazer a bordo. Os nossos homens aglomerados a meia nau agitaram no ar os gorros por entre vivas irônicos. Outro novelo de fumo branco; outra detonação mais perto. A bala caiu no mar a vinte pés da popa.

Mas não veio de lá nenhum tiro de carabina, visto como todos os caçadores estavam longe, nos botes, ou ali, prisioneiros da "Ghost". À proximidade de meia milha soou terceiro tiro, que furou novamente a nossa vela mestra. Nesse momento atingimos a zona do nevoeiro, no qual mergulhamos.

A transição foi flagrante. Momentos atrás vogávamos em pleno sol, com o céu claro sobre as nossas cabeças, com o mar a espraia-se por todo o círculo do horizonte e com um navio inimigo à vista, a despejar-nos balas. E agora, como num passe de mágica, nada de sol, nem de céu. Nenhum campo de visão aberto aos nossos olhos. Os próprios topos dos nossos mastros não os podíamos ver. Envolvera-nos de todos os lados a neblina gris. A lã das nossas roupas, bem como os nossos cabelos, ficaram agrumados de pequeninas gotas d'água. O cordame empapou-se, e gotas pingavam das enxárcias. Senti uma bem estranha sensação, e assim como os rumores do navio batiam nas ondas e voltavam devolvidos pelo nevoeiro, assim também nossos pensamentos iam e vinham sem se renovarem. A nossa mente como que se fechava sobre si, impossibilitada da contemplação dum mundo que sumira dos nossos olhos. Parecia impossível que houvesse algo para além do imenso sudário gris. Sonho, talvez, ou memória de passados sonhos.

Impressionante, estranhamente impressionante. Olhei para Maud e vi-a no mesmo estado de espírito. Só Lobo Larsen não mudara com a mudança de ambiente; continuava!. na roda, a manobrar o barco; compreendi que estava em cálculos da velocidade do "Macedônia" em relação à nossa.

— Vá para a proa e meta as velas a sotavento, mas sem barulho, ordenou-me em voz baixa. As velas do mastaréu primeiro. Ponha homens em todas as velas. Suprima todo barulho, até o das polias. Nada de falas, silêncio completo.

Depois que as manobras se fizeram, a senha de "tudo a sotavento" passou por mim e correu a marinagem inteira, de homem a homem; e a "Ghost" virou de bordo sem o menor rumor. O pouco que não pudemos evitar ressoou cavo no túmulo em que se transformara a escuna.

Logo adiante o nevoeiro esvaiu-se de brusco, e vimo-nos de novo em pleno sol, com o mar visível até à fímbria do horizonte. Mas nada do "Macedônia". Nem vestígio da sua fumaça.

Lobo Larsen imediatamente meteu a escuna pela fímbria do nevoeiro. Sua intenção

era óbvia. Ele havia penetrado no nevoeiro a barlavento do inimigo; e enquanto este, na perseguição, se metera às cegas pelo mesmo rumo, a "Ghost" saltava fora do abrigo para penetrar no nevoeiro novamente, mas a sotavento. Conseguido isso, apanhá-la lá seria o mesmo que descobrir agulha em palheiro .

A "Ghost" não correu muito; mudando de rumo, reentrou no nevoeiro — e nesse instante eu juraria ter visto um vulto negro a emergir de barlavento. Olhei para Lobo Larsen. Ele também vira esse vulto — do "Macedônia", que chegara tarde. Estávamos salvos.

— O "Macedônia" não pode continuar, disse ele. Tem que voltar para recolher o resto dos botes. Ponha um homem na roda, senhor Van Weyden, e conserve este curso por algum tempo; também é conveniente cuidar dos gajeiros, pois não vamos dormir esta noite. Ah, eu daria quinhentos dólares para estar cinco minutos no "Macedônia", a ouvir as blasfêmias do meu irmão!... E agora, senhor Van Weyden, acrescentou logo em seguida, depois que foi substituído no leme, cuidemos dos nossos hóspedes. Mande que lhes sirvam bastante whiskey, aos caçadores e aos marinheiros. Tenho a certeza de que amanhã estarão todos caçando para Lobo Larsen com tanto prazer como caçavam para Morte Larsen.

— Mas não receia que escapem, como Wainwright escapou? indaguei.

O capitão sorriu astutamente.

— Não, enquanto os meus caçadores não derem à língua. Estou pagando-lhes um dólar por pele de todas as consegui das por meio dos novos caçadores. Pelo menos hoje o entusiasmo deles foi devido a isto. Oh, não me escapará nenhum, se os meus não derem à língua. E agora vá o senhor para a enfermaria. Deve haver muita gente nova à sua espera.

CAPÍTULO 26

Larsen foi presidir à distribuição do whiskey. Nunca vi beber-se assim! Nada do comedido whiskey com soda que eu conhecia nos clubes — mas whiskey à vontade, à larga, em copazios, em malgas e canecas, ou bebidos nas próprias garrafas em quantidades que nunca imaginei possíveis.

Todos beberam, inclusive os feridos e Oofy-Oofy, que me ajudava na enfermagem. Apenas Louis guardou moderação, a despeito de acompanhar os outros em todas as mais extravagâncias.

A escuna fez-se teatro duma saturnal. Em altas vozes aqueles homens comentavam os feitos do dia, perdendo-se no infinito dos detalhes; tomavam-se afetuosos em excesso, com grandes caídos de amizade pelos adversários de horas antes. Vencidos e vencedores confraternizavam abraçados, jurando amizade eterna. Depois choravam sobre as misérias passadas, e sobre as futuras, ainda a padecerem sob o domínio de Lobo Larsen. E vieram à tona horríveis histórias da sua brutalidade.

Era um estranho e apavorante quadro, aquele. O reduzido espaço atravancado de leitos, o assoalho e as paredes em perpétua oscilação, a luz escassa, as sombras movediças a alongarem-se ou encurtarem-se, o ar pesado de fumo e odores humanos, as faces congestionadas daquelas criaturas que não eram bem homens... Semi-homens, talvez. Lembro-me de Oofy-Oofy, a segurar uma ponta de atadura e a atender à cena, com os seus olhos de veludo brilhantes como os da corça — e eu sabia que demônio morava dentro dele, e como seus atos desmentiam toda a doçura, toda a ternura quase feminina das feições e de toda a sua pessoa. Lembro-me também do rosto infantil de Harrison — outrora bondoso, agora denunciando um demônio — convulsionado pela paixão quando revelava aos forçados hóspedes que inferno flutuante era a escuna.

Lobo Larsen mantinha-se sempre o mesmo Lobo Larsen, escravizador e atormentador de homens, réplica masculina da Circe da fábula com o seu bando de porcos — pobres brutos que só se revoltavam quando sob a ação da bebida e mesmo assim em segredo. E seria eu também um dos porcos da Circe masculina? pus-me a pensar. E Maud Brewster? Nunca! A esse pensamento meus dentes rangeram de cólera, a ponto de chamar a atenção do homem que eu tratava e de Oofy-Oofy. Eu me sentia possuído de repentina força. O amor transformava-me num gigante. Nada mais temia. Havia de vencer apesar de tudo, apesar de Lobo Larsen e dos meus trinta e cinco anos livrescos. E tudo acabaria bem. Eu faria tudo acabar bem. E desse modo exaltado, renascido pelo sentimento da força nova, voltei as costas àquele inferno ululante e subi ao convés, em

busca de ar puro.

A timoneira, onde estavam dois caçadores feridos, era uma repetição do castelo de proa, com a diferença que Lobo Larsen não se fazia o foco de todas as maldições. E foi com grande alívio que me dirigi para ré, de rumo à minha cabina. Mas o jantar estava posto, com Larsen e Maud à minha espera.

No meio duma tripulação que em peso procurava embriagar-se a fundo, Larsen nada bebia. Nem uma gota sequer. Não ousava fazer isso, tendo somente a mim e ao Louis às ordens — e Louis ocupado no governo. Vogávamos dentro do nevoeiro, sem uma luz nos mastros. O fato de Larsen ter prodigalizado tanta bebida aos seus homens era coisa que me surpreendia, mas ele evidentemente conhecia a alma daquelas criaturas e o melhor método de transformar em cordialidade um contato começado com sangue.

Sua vitória sobre Morte Larsen parecia ter exercido um profundo efeito em seu espírito. No dia anterior estivera a raciocinar sobre a ação do "desespero azul", e eu esperei por uma das costumadas explosões que se seguiam a esse estado d'alma. Nada ocorreu, entretanto; Larsen achava-se em esplêndidas condições. É possível que o feliz sucesso que teve na luta com os botes do "Macedônia" impedisse aquela natural reação. Seja como for, o "blue" havia desaparecido e o demônio não se mostrara. Assim ponderei eu, mas tão pouco o conhecia ainda, que talvez naquele mesmo momento estivesse planejando uma violência pior do que quantas eu já presenciara.

Mas mostrava-se em esplêndidas condições quando penetrei na cabina. Já não tinha dores de cabeça de semanas àquela parte; os olhos estavam claros como o céu; sua tez bronzeada dizia duma saúde perfeita; a vida circulava em suas veias numa torrente magnífica. Enquanto estivera esperando por mim, empenhara-se em animada discussão com Miss Brewster. A tentação foi o tema, e pelo pedaço que alcancei percebi que Larsen sustentava que a tentação só era tentação quando o homem, seduzido por ela, caía.

— Porque veja, dizia ele, o homem cai em tentação por causa do desejo. Deseja muitas coisas. Pode desejar fugir à dor ou gozar o prazer. Mas o que quer que faça, fá-lo sempre movido do desejo.

— Mas no caso em que deseje duas coisas opostas, cada qual tomando impossível a outra? interpelou Maud.

— Precisamente o ponto a que eu estava chegando, disse Larsen.

— Entre esses dois desejos é onde a alma do homem se manifesta, continuou a moça. Se é uma alma generosa, desejará e realizará a ação boa — e o contrário se é uma alma má. É a alma que decide.

— Bobagem e contra-senso! replicou Larsen em tom impaciente. Só o desejo decide.

Aqui está, por exemplo, um homem que quer embebedar-se. E também não quer embebedar-se. Que faz ele? Como age? Toma-se um joguete, toma-se o escravo do seu desejo e entre os dois obedece ao mais forte. Eis tudo. Sua alma nada tem que ver com isso. Como pode ele ser tentado a beber e a recusar-se a beber? Se o desejo de permanecer abstinente prevalece, então é que é esse o desejo mais forte. A tentação não toma parte nisso, a não ser que... que seja tentado a conservar-se abstinente, concluiu, ganhou por um novo pensamento súbito. Depois, riu-se. Ah, ah, senhor Van Weyden, que pensa disto?

— Que os dois estão errados, respondi. A alma do homem não passa do conjunto dos seus desejos. Errados ambos, pois. O senhor apoia-se no desejo como coisa independente da alma e Miss Brewster apoia-se na alma liberta de desejos — e são uma e a mesma coisa. Não obstante Miss Brewster está certa quando sustenta que tentação só o é quando o homem cede ou é vencido. O fogo cresce com o abano do leque. Assim também o desejo. Sofre os efeitos do abano como o vento, isto é, da vista da coisa desejada ou pela descrição tentadora ou da compreensão da coisa desejada. Nisso reside a tentação. A tentação pode não abanar o suficiente para dar vulto ao desejo; mas enquanto abana, é tentação, e tanto pode tentar para o bem como para o mal.

Senti-me orgulhoso de mim próprio ao tomar assento à mesa. Minhas palavras haviam sido decisivas, pelo menos puseram termo ao debate.

Lobo Larsen, entretanto, parecia mais verboso do que nunca, como se, cheio demais de energias novas, procurasse dar-lhes expansão. Logo depois abriu um debate sobre o amor e, como era natural, defendeu o ponto de vista materialístico. Já Maud sustentava o ponto de vista contrário. Quanto a mim, quase não tomei parte na discussão.

Larsen esteve brilhante; o mesmo aconteceu com Miss Brewster, e por algum tempo perdi o fio da argumentação para estudar a fisionomia da argumentadora. Tinha o rosto naquele momento extremamente vivo. Seu espírito esgrimia com grande agudeza e com prazer igual ao de Lobo Larsen. Em certo ponto, ele citou uma réplica de Isolda a Tintagel.

Bendita sou mais que todas as mulheres que aqui se encontram, porque o meu pecado vai além do pecado de todas as mulheres e a minha transgressão é perfeita.

Como ele havia procurado pessimismo em Omar Kaiyan, procurava agora em Swinburne triunfo, exaltação. E tomando uma obra desse poeta leu maravilhosamente os versos que naquele momento expressavam o seu sentir. Foi quando a cabeça de Louis apareceu à porta, sussurrando:

— Cuidado! O nevoeiro diluiu-se e temos uma luz de vapor à vista.

Larsen foi para o convés dum salto tão rápido que quando lá chegamos — e saíramos logo atrás dele — já havia corrido o toldo da timoneira sobre os bêbedos e seguia em direção à escotilha do castelo de proa para fechá-la. O nevoeiro, ainda denso, ia se elevando, e ao fechar o céu estrelado tomava ainda mais escura a noite. Bem à nossa frente pude ver luzes — uma vermelha, outra branca, e ainda ouvi o arfar de máquinas. Era sem dúvida nenhuma o "Macedônia".

Lobo Larsen voltou à popa e ficou junto de mim, a observar em silêncio o movimento das luzes.

— Sorte nossa que esse navio não traga holofote, disse ele.

— E se eu gritasse e desse aviso? murmurei-lhe à meia voz.

— Tudo chegaria ao fim, foi sua resposta — mas pensou no que lhe aconteceria logo após ao grito?

E demonstrou-me o que faria agarrando-me a garganta com as suas terríveis mãos. Largou-me depois e ficamos ambos a acompanhar as luzes do vapor.

— E que aconteceria se eu gritasse? perguntou Maud.

— Gosto muito da senhora para magoá-la de qualquer maneira, respondeu Larsen com uma ternura que me fez estremecer. Mas não o faça, porque o senhor Van Weyden pagaria com a vida.

— Pois nesse caso ela tem minha permissão para gritar, declarei em tom de desafio.

— Duvido que a senhora se anime a sacrificar um tão alto colega em letras, disse Larsen com ironia.

Nada mais nos dissemos e quando as luzes desapareceram voltamos à cabina para terminar o jantar. Larsen continuou com citações poéticas e Maud disse a "Impenitência última" de Dowson, e disse-o com tal beleza que me pus a observar as reações de Lobo Larsen. Senti-me agitado pelo olhar fascinador que ele teve para Maud. Estava quase fora de si. Num movimento inconsciente seus lábios iam articulando as palavras que ela pronunciava.

E seus olhos seriam a minha luz quando o sol atrás de mim desaparecesse, e os trinos da sua voz seriam os últimos sons a ressoar em meus ouvidos.

— Há violinos em sua voz, murmurou Larsen de brusco, com os olhos inundados de luz dourada.

Tive ímpetos de gritar de alegria ao ver o controle de si própria que Maud demonstrava. Terminou a poesia sem vacilação e depois trouxe a conversa para sendas

menos perigosas. E durante todo aquele tempo fiquei em meio êxtase, com o rumor dos bêbedos lá fora chegando-me aos ouvidos em sons inarticulados, com o homem que tanto receava na minha frente e com a mulher que eu amava a mostrar as seduções do seu espírito. A mesa continuava posta; o sucessor de Mugridge fora evidentemente juntar-se aos demais no castelo de proa.

Se alguma vez Lobo Larsen atingiu o vértice da vida foi naquele momento. A espaços eu esquecia meus próprios pensamentos para seguir os dele — e seguia-os com enlevo, dominado pela sua grande inteligência avivada pela paixão — a paixão da revolta que ele pregava. Era inevitável que o Lúcifer de Milton viesse à baila, e a agudeza com que Lobo Larsen analisou e pintou o caráter de Lúcifer foi uma nova revelação do seu gênio.

— Lúcifer lutava por uma causa perdida e não se temia os raios de Deus, disse ele. Projetado no inferno, não se deu por vencido. Levou um terço da legião dos anjos e incitou o homem a rebelar-se contra Deus, conquistando para si próprio e para o inferno a maior parte de todas as gerações humanas. Por que foi ele arrojado do céu? Por ser menos corajoso que Deus? menos orgulhoso? menos rico de aspirações? Não! Nunca! Mil vezes não! Deus era mais poderoso, como de si mesmo dizia, mas Lúcifer era um espírito livre. Obedecer valia por sufocar-se. E preferiu o sofrimento livre a toda a felicidade da servidão. Não queria servir a Deus. Não queria servir a nada ou alguém. Não era uma figura de proa. Andava com as suas próprias pernas. Uma individualidade.

— O primeiro anarquista, disse Maud sorrindo e erguendo-se para se recolher.

— Então é grande ser anarquista! exclamou Larsen, que também se erguera e se detivera em frente à moça, a dizer os versos de Milton.

Pelo menos aqui seremos livres; o Todo Poderoso não arquitetou isto por vontade própria e poderemos reinar aqui com segurança. Reinar é coisa que justifica uma ambição; reinar, mesmo no inferno. Quero reinar no inferno antes que servir no céu.

Era o grito de desafio dum espírito forte. O camarote ressoava da sua voz e Larsen permanecia ali, oscilando o corpo ao sabor dos balanços da escuna, a face brônzea a reluzir, a cabeça ereta e dominadora, os olhos dourados e masculinos — intensamente masculinos e insistentemente meigos, a fulgirem sobre Maud, parada à porta.

De novo tomava expressão o inominável terror que eu já lhe vira nos olhos, e foi quase num sopro que ela disse:

— Lúcifer é Lobo Larsen..

A porta fechou-se e Maud desapareceu. O capitão ficou de olhar parado por todo um minuto; depois voltou a si como de um sonho e disse-me:

— Vou render Louis no governo; à meia-noite chamarei ao senhor Van Weyden para me render a mim. Recolha-se e descanse.

Lobo Larsen calçou as luvas, pôs o gorro na cabeça e subiu o portaló enquanto eu tomava rumo da minha cabina. Por qualquer misteriosa advertência, porém, não me despi; deitei-me vestido. Durante algum tempo ouvi o vozeio da maruja ébria e, ainda no enlevo que o amor pusera em mim, adormeci.

Ignoro o que me despertou; mas quando dei acordo de mim me encontrava fora da cama, de olhos arregalados, com a alma a vibrar ao pressentimento dum grande perigo, como se fora avisado por mil trombetas.

Atirei-me à porta, saí — e vi Maud, a minha Maud a debater-se nos braços possantes de Lobo Larsen. Vi-a a estorcer-se em vão, e a afundar a cabeça no seu peito pra escapar-lhe ao beijo. Ver esse quadro e arrojarme contra Larsen foi uma coisa só.

Atirei-lhe um soco à face. Golpe inútil. Larsen rugiu qual fera e bateu-me de lado com a mão. Um simples tabefe de mau jeito; mas era talo poder dos seus músculos que fui jogado para longe, como lançado por catapulta. Fui bater de encontro a uma cabina, quebrando as tábuas da porta com o impacto do meu corpo. Ergui-me com dificuldade, arranquei-me das lascas de madeira, insensível a ferimentos e contusões. Só tinha consciência da minha incoercível raiva. Creio também que gritei, ao arrancar a faca para lançar-me contra ele pela segunda vez.

Mas algo havia sucedido. Quando cheguei de faca erguida, Larsen e Maud já estavam separados. A estranheza do caso susteve-me por instantes o braço. Maud estava apoiada à parede, estarrecida, e Larsen vacilava com a mão esquerda a comprimir os olhos e a direita a tatear em redor. Vi-o bater de encontro à parede, e seu corpo exprimir alívio à sensação desse contato com um ponto sólido.

Mas o sangue já me havia subido ao cérebro. Vi tudo vermelho e todos os males que aquele homem me fizera sofrer, e todas as humilhações padecidas e ainda todo o mal que causara aos outros fulguravam dentro desse vermelho. Tive o quadro integral da monstruosa enormidade que representava a vida de Lobo Larsen. E atirei-me contra ele, e cravei-lhe a faca na espádua. Vi logo que só ferira músculos, com a ponta da faca detida pelo osso da clavícula. E arranquei-a para novo golpe em parte mais vital.

Mas Maud correrá para mim: Não! Não faça isso!

Entreparei por um momento — um momento só; de novo ergui a faca e Larsen teria certamente perdido a vida nas minhas mãos, se Maud não se interpusesse. Seus braços enlaçavam-me, seus cabelos varriam-me o rosto. E como eu lhe resistisse, olhou-me corajosamente nos olhos.

— Por mim! Por mim! suplicou.

— É por você mesma, Maud, que preciso matá-la, gritei, tentando escapar do seu enlace.

— Cale-se! exclamou ela enérgica, pondo a mão sobre os meus lábios.

Apesar da minha exaltação homicida aquele toque foi para mim inenarrável carícia. "Por mim! Por mim!" repetiu ela e desarmou-me com palavras que sempre me iriam desarmar pelo futuro afora.

Recuei, separei-me de seus braços e repus a faca na bainha.

Olhei para Lobo Larsen. Estava na mesma posição, apertando as têmporas e de olhos cerrados. Parecia um aleijado cego. Todo o seu corpo, tão poderoso, como que se quebrava, vencido.

— Van Weyden! chamou-me em voz cava e com uma nota de pavor. Onde está Van Weyden?

Olhei para Maud, que nada me disse, mas me acenou com a cabeça que falasse.

— Aqui estou, respondi, achegando-me a Lobo Larsen. Que há?

— Ajude-me a alcançar uma cadeira, disse ele no mesmo tom cava e tímido. Sou um homem perdido um doente, Hump, murmurou quando o levei a uma poltrona.

Sua cabeça descaiu sobre a mesa, mergulhada nas mãos. A espaços a agitava com desespero. Pude ver grossas bagas de suor a lhe brotarem da testa.

— Sou um homem doente, muito doente, repetia de quando em quando.

— De que se trata? perguntei, com a mão apoiada em seu ombro.

Larsen sacudiu-a num movimento irritado e por algum tempo conservou-se em silêncio. Maud olhava-o com espanto e medo. Não podíamos imaginar o que lhe sucedera.

— Hump, disse Larsen por fim. Preciso ir para a cama. Dê-me a mão. Estarei bom dentro em pouco. Uma daquelas dores de cabeça do inferno. Eu tinha medo disto. Estava com pressentimento. Não, não sei o que estou a falar. Ajude-me a ir para a cama.

Na cama voltou a mergulhar a cabeça entre as mãos e a cerrar os olhos, sempre a dizer consigo: Sou um doente, muito doente.

Maud olhou-me interrogativamente quando reapareci fora.

— Aconteceu-lhe algo; o que, não sei. Está quebrado e tomado de pavor pela primeira vez na vida, suponho. Ficou assim antes de receber o meu golpe, que o feriu muito de leve. Não percebeu você como foi?

— Nada percebi. É um mistério. Subitamente largou-me e cambaleou. Mas que havemos de fazer?

— Espere-me aqui, foi a minha resposta — voei para a timoneira. Louis estava no leme.

— Pode ir deitar-se, ordenei, tomando-lhe a roda.

Louis desceu e assim fiquei só na coberta. Fiz, então, o mais em silêncio que pude, várias manobras de velas e fui ter com Maud. Pus um dedo nos lábios em gesto de silêncio e entrei no quarto de Lobo Larsen. Encontrei-o na mesma posição, a menear a cabeça dum lado para outro.

— Posso ajudá-lo nalguma coisa? perguntei. Larsen nada respondeu. Repeti a pergunta.

— Não, não; estou bem. Deixe-me só.

Ao sair do quarto voltei-me e vi que sua cabeça retomava o vaivém de angústia. Maud esperava-me com toda a paciência, e foi com alegria que observei a nobre atitude de dignidade refletida em seus olhos calmos e gloriosos. Calmos e firmes eram os seus olhos, como calmo e firme era o seu espírito.

— Confia em mim para uma viagem de seiscentas milhas? perguntei-lhe.

— Pensa então em... e sem concluir a frase vi que adivinhara o meu pensamento.

— Sim, penso. Não há outro recurso além daquele bote. Vista-se sem demora — roupa grossa de lã, e reuna o que quiser levar. Mas depressa! disse-lhe, quando a vi já a correr para a sua cabina.

A despensa ficava perto; fui lá recolher provisões à luz duma vela. Dei preferência ao que era de lata e quando terminei o serviço as mãos de Maud receberam lá em cima o sortimento escolhido.

Trabalhamos em silêncio e com febril atividade no carregamento de toda a nossa pilhagem para o fundo do bote; Maud cansou-se depressa e teve de sentar-se para uns instantes de repouso. Não foi bastante; deitou-se de costas no convés, com os braços estirados em abandono. Por ver minha irmã fazê-lo eu sabia que era aquele o melhor meio de descansar. Armas não, seriam demais; fui ao camarote de Larsen em busca do seu revólver e da sua carabina. Falei-lhe. Não me respondeu a despeito de ter ainda a cabeça a oscilar.

— Adeus, Lúcifer! foi como em sussurro dele me despedi ao transpor a porta da cabina.

E agora tinha de obter munição, coisa fácil a despeito de ser preciso descer o portaló e tirá-la do depósito dos caçadores, em baixo.

E toca a arriar o bote. Não era tarefa simples para um homem só.

Soltei as sirgas, dei à polia de proa e depois à de popa; fiz o bote afastar-se da amurada; em seguida arriei um moitão e depois outro. O bote ficou a alguns pés acima d'água oscilando contra o costado da escuna. Verifiquei as velas e mais material e a bagagem. Água doce era ingrediente dos mais necessários e reuni a que pude, tomada

dos outros botes. Ficamos assim com bastante água, que também nos serviria de lastro.

Enquanto Maud me ia passando as provisões e eu as arrumava no bote, um marinheiro apareceu no convés. Estacou junto à amurada de barlavento (nós estávamos do lado oposto). Depois deu uns passos por ali, mas sempre daquele lado. Imobilizei-me no bote e Maud fez o mesmo na coberta. Nossos corações pulavam dentro do peito. Por fim o marinheiro espreguiçou-se e recolheu-se ao castelo de proa.

Em poucos minutos mais terminávamos os preparativos da fuga; em seguida fiz o bote tocar a água. Ao ajudar Maud a transpor a amurada, a custo retive uma louca confissão de amor. Humphrey Van Weyden estava em paroxismos de amor ao contato daquela criatura e suas forças multiplicavam-se maravilhosamente. Nada lembrava a Van Weyden que um dia embarcara no "Martinez", de volta da casa de Furuseth.

Desci até ao bote e só então a larguei. Dei folga aos moitões e pulei. Embora nunca houvesse remado, mergulhei n' água os remos e consegui que o bote se afastasse da escuna infernal.

Depois tratei de navegar à vela. Tinha visto de longe as manobras dos marinheiros, mas entre ver e fazer vai alguma distância. O que eles realizavam em dois minutos tomava-me vinte; mesmo assim consegui meter a vela e o bote largou.

— Lá fica o Japão! disse eu apontando. Bem à nossa frente.

— Humphrey Van Weyden, que homem de coragem o senhor é!

— Não. A corajosa é Maud Brewster, repliquei.

Em seguida volvemos a cabeça, movidos pelo mesmo impulso de ver a "Ghost" pela última vez. O casco raso balançava sobre as ondas; o seu velame aparecia negro dentro da noite; a roda do leme, presa, gemia quando a pá do leme guinava. Depois os sons e o vulto da escuna se foram apagando com a distância e ficamos sozinhos na imensidão negra do mar.

CAPÍTULO 27

O dia rompeu, cinzento e gélido. O bote tinha as velas cheias e a bússola indicava rumo do Japão. Embora espessamente enluvado, eu tinha os dedos já insensíveis de frio, e doloridos de horas e horas passadas a agarrar o remo do governo. Também meus pés me doíam da mordedura da geada e por isso eu esperava com ânsia o sol.

Diante de mim, no fundo do bote, estava Maud. Mas felizmente bem abrigada, no aconchego duma espessa camada de cobertores; o de cima fora corrido sobre a sua cabeça para abrigá-la do relento, só me deixando ver a forma e um pouco de cabelo cravejado de minúsculas diamantes líquidos.

Contemplei-lhe o vulto longamente, demorando o olhar no único pedacinho dela então visível — o único pedacinho visível do que me era a coisa mais preciosa do mundo. Tão insistente foi o meu olhar que Maud se mexeu sob as cobertas, descobriu o rosto e olhou-me com um sorriso ainda cheio de sono.

— Bom dia, senhor Van Weyden! Já avistou terra? — Ainda não, mas vamos caminhando para terra a seis milhas por hora.

Maud fez um muxoxo de desapontamento.

— O que eqüivale, continuei, a cento e quarenta e quatro milhas por dia.

Seu rosto fulgurou.

— E para onde caminhamos?

— Temos a Sibéria daquele lado, respondi apontando para oeste. E mais a sudoeste temos o Japão, a umas seiscentas milhas. Se este vento permanecer, faremos a caminhada em cinco dias.

— E se sobrevêm tempestades? Agüentará o bote? Maud tinha um modo de olhar que exigia a verdade plena. Foi assim que me olhou nesse momento.

— Só não agüentará em caso de temporal violentíssimo.

— E se vier temporal violentíssimo?

Fiz com a cabeça que não era provável. — E podemos ainda ser recolhidos por alguma escuna de caça. Andam muitas por estes mares.

— Oh, você está enregelado! ela gritou. Olhe, está tremendo de frio. Não negue, está sim. E eu aqui quentinha, qual uma torrada...

— Não vejo o que adiantaria se você também estivesse enregelada.

— Mas hei de ficar quando me puser também no governo, porque quero aprender a governar o bote, entende?

Maud sentou-se para fazer a sua simplificada toaleta. Sacudiu a cabeça fazendo os

cabelos caírem sobre a face e ombros. Queridos, aqueles cabelos úmidos! Vieram-me ímpetos de beijá-los, de penteá-los com os meus dedos, de afundar neles o meu rosto. E tanto me enlevaram que esqueci da minha obrigação e o bote deu uma guinada. Romântico que eu era, apesar da minha natureza analítica, não havia ainda compreendido as características físicas do amor. O amor entre homem e mulher sempre tive como coisa sublimada e toda espiritual, ligação de duas almas. A ligação da carne não entrava em linha de conta no meu cosmos do amor. Mas estava ali aprendendo que a alma se expressa através da carne; compreendi que a vista, o contato, o olor dos cabelos do objeto amado eram emanções do espírito tanto quanto o brilho dos olhos e as confissões que brotam dos lábios. Sim; porque puro espírito é categoria incognoscível, coisa a ser imaginada apenas, já que não tem meios de revelar-se.

Olhei e olhei para os cabelos de Maud, e amei-os, e com eles aprendi mais de amor do que com todos os poetas que havia lido. Ela os lançou para trás num movimento brusco, e seu rosto emergiu sorridente.

— Por que todas as mulheres não usam cabelos soltos? perguntei. Seria tão lindo!

— Porque embaraçam terrivelmente, meu caro, respondeu Maud sorrindo; e depois, mudando de tom: Oh, não é que perdi os meus preciosos grampos?

Descuidei-me do bote. Deixei que a minha vela perdesse vento, talo prazer que sentia em acompanhar a pesquisa daqueles grampos no caos de cobertas e colchas. Senti-me alegre de vê-la tão feminina, pois todos os traços da feminilidade pura sempre me enlevavam.

Eu a havia colocado muito alto, afastando-a muito longe do plano humano e, pois, muito longe de mim. Fizera de Maud um ser divino e inatingível.

Vê-la agora assim, tão mulher — com os seus movimentos bruscos de cabeça ao dar com a cabeleira para trás, verdadeira gata em procura duns grampos, enlevou-me. Era mulher, pois não; um ser da minha espécie, humaníssima — e a deliciosa intimidade da espécie tornava-se então possível entre mim e ela, tanto quanto a reverência que por ela eu já sentia.

Maud afinal encontrou os grampos, e mostrou grande alegria; pude de novo dar tento ao bote. Tratei de experimentar jeitos de fixar o remo do leme, de modo que o barco pudesse vogar sozinho quando o vento se conservasse regular. E consegui-o.

— Vamos agora ao almoço, propus, mas antes disso você deve vestir roupas mais grossas. O ar está muito gelado.

Tirei do nosso estoque de roupas uma pesada camisa de baeta tão grossa que nem chuva poderia atravessá-la, e quando Maud a vestiu troquei a boina que ela trazia à cabeça por um forte gorro de marinheiro, bastante largo para abrigar toda a sua

cabeleira. O efeito foi ótimo. Tudo ficava bem para Maud. Nada podia prejudicar o ovalado do seu rosto, nem as suas finamente desenhadas sobrancelhas, nem os seus grandes olhos luminosos e calmos — gloriosamente calmos.

Um sopro de vento mais forte apanhou o bote sobre uma crista de onda e fê-lo, na guinada, beber aí um balde de mar. Eu, que estava a abrir uma lata de língua em conserva: saltei para a vela e corrigi a tempo o deslize. O bote retomou logo a sua marcha e pude voltar ao almoço. — Apesar de não entender nada de náutica, disse

Maud, parece-me que tudo vai bem.

— O meu arranjo do leme serve só com certos ventos, expliquei-lhe. Com vento de popa, ou de quarto, terei de tomar nas mãos o governo.

— Não entendo nada destas técnicas, disse ela, mas não concordo com isso. Tenho também de ficar ao leme e espero receber depois do almoço a primeira lição. Faremos ambos o serviço aos quartos, como nos navios.

— Não sei como possa ensinar, visto que também estou aprendendo. É a primeira vez que governo um botes destes.

— Nesse caso aprenderemos juntos, e como já praticou quase uma noite inteira, tem de ensinar-me o que já sabe. Agora, almoço. Meu Deus! Que apetite o mar dá...

Findo o almoço começou a lição e, boa aluna que era, Maud tudo aprendeu depressa. Mas fingindo-se cansada devolveu-me logo o remo, vindo desdobrar a cama que eu havia dobrado. Arrumou e disse:

— Agora, meu senhor, para a cama! E tem de dormir até à hora do jantar. É do regulamento da "Ghost".

E tanto insistiu que cedi. Entreguei-lhe o leme e experimentei um prazer sensual ao deitar-me na cama feita por suas mãos. A calma e o domínio de si própria que Maud mostrava pareciam ter-se passado para as cobertas — e fiquei num estado de meio sonho, a evocar a sua face ovalada, os seus olhos castanhos e todas as finuras do seu todo — até que adormeci.

Olhei para o relógio. Uma, já. Havia dormido sete horas a fio! E Maud governara o bote todo esse tempo! Quando lhe tomei o remo das mãos tive de abrir-lhe os dedos, tão rígidos estavam. Mas a sua reserva de energias esgotara-se. Foi preciso friccionar-lhe as mãos e os braços e ainda levá-la à cama.

— Estou tão cansada!... murmurou descaindo a cabeça. Reergueu-a em seguida, numa reação. — E não ralhe comigo, não diga nada, intimou-me.

— Espero que meu rosto não denuncie zanga, respondi eu a sério, e pois asseguro que não estou zangado.

— Seu rosto me conta que está sentido.

— É então um rosto honesto que não trai o dono.

Você não foi leal consigo mesma, nem comigo. Como poderei ter confiança em si agora?

Maud pareceu arrependida.

— Muito bem; prometo daqui por diante comportar-me melhor, disse em tom de criança travessa que se desculpa. Prometo...

— Promete obedecer como o marinheiro obedece ao capitão?

— Sim. O que fiz foi imprudência, confesso.

— Vai prometer também outra coisa — não tratar-me com cerimônia, não dizer "faça o favor". Isso me destrói a autoridade.

Ela sorriu pela última vez e sua cabeça afundou no travesseiro. Deixei o leme para vir ajeitar-lhe as cobertas e puxar uma ponta sobre seu rosto. Ah, Maud não era forte e tínhamos seiscentas milhas a vencer naquele mar — isso no caso de não sobrevirem acidentes e dificuldades. Naqueles mares os temporais eram comuns e violentíssimos. Eu, entretanto, não sentia medo e para suggestionar-me repetia amiúde que tudo tinha de acabar bem.

À tarde o vento refrescou, agitando muito o mar e forçando o bote. Cansei-me no governo. Horas depois surgiu no horizonte uma fumaça — cruzador russo ou o "Macedônia" em procura ainda da "Ghost"?

Ao escurecer tivemos mar grosso, com o vento aumentado. Recolhi a vela como me pareceu melhor e

como aprendera de ver e ouvir aos caçadores. Era o meio de resistir às ondas fortes.

— E agora? indagou Maud alegremente, quando viu a manobra e eu a descalçar as luvas para o jantar.

— Agora não estamos mais navegando para o Japão, respondi. Vamos sendo arrastados para sudeste, cerca de duas milhas por hora.

— Quer dizer que só faremos vinte e quatro milhas diárias, se não houver mudança na corrente.

— E só cento e quarenta e quatro milhas em seis dias, se o mar continuar assim, conclui.

— Mas não continuará, disse ela esperançosa. Mudará logo, vai ver.

— O mar é traiçoeiro!

— E o vento? Você falou com tanta eloqüência sobre bons ventos alísios...

— Foi erro meu não ter trazido o cronômetro e o sextante de Lobo Larsen, sugeri arrependido. Navegar como estamos fazendo é perigosíssimo. Com as variações que o

curso do bote sofre, impossível fixar a posição certa. O erro pode ser imenso.

Mas logo voltei atrás do meu momentâneo desânimo, e prometi não reincidir. A seu pedido deixei-a a fazer o seu quarto no leme até meia-noite — eram nove horas mas dessa vez deixei-a bem envolvida em cobertores antes de deitar-me.

Tive um sono sobressaltado. O bote subia e descia incessantemente e a neblina espessara-se. Ainda assim não foi noite má, comparada com as que passáramos na "Ghost" e com outras que teríamos de passar no bote. As tábuas daquela casquinha de noz tinham menos duma polegada de espessura. Menos duma polegada de madeira entre nossas vidas e o abismo...

Apesar de tudo, eu não sentia medo. Não receava a morte que tanto apavorava Mugridge e também Lobo Larsen. A entrada de Maud na minha vida transformara-me. Afinal — pensei comigo — amar ainda vale mais do que ser amado, pois que nos toma tão preciosa a vida a ponto de não quisermos a morte. Esquecia-me da minha própria vida por amor de outra, e no entanto nunca desejei viver com tal ardor como naquele momento como naquele momento em que eu dava ínfimo valor ávida. É que nunca a minha vida se tomara tão preciosa, concluí comigo — e depois disso, até que o sono me levasse, fiquei a devassar no escuro o vulto de Maud, envolta em cobertas, atenta ao mar espumante e pronta para chamar-me dum momento para outro.

CAPÍTULO 28

Escuso-me de contar todos os nossos padecimentos no frágil bote da "Ghost" durante os muitos dias em que derivamos às tontas sobre o mar imenso. Aquele vento que nos desnorteou manteve-se por vinte e quatro horas; depois caiu e à noite tivemos brisa de sudoeste. Isso obrigou-me a tomar rota nessa direção. Podia também tomá-la para sul-sudoeste, mas os ares cálidos do sul me assustavam.

Em três horas — era meia-noite, lembro-me bem e fazia um escuro absoluto — o vento foi crescendo até obrigar-me a lançar a âncora de mar.

Ao romper do dia estávamos em perigo de ser tragados pelos vagalhões. Espuma e borrifos caíam no bote em tal quantidade que tive de manter-me no baldeio sem cessar. Tudo ficou encharcado, exceto Maud — isto é, o corpo de Maud, bem envolvido em impermeáveis, porque seu rosto e mãos eram constantemente lavados. Ela revezou-se comigo no baldear água e agiu corajosamente. Tudo é relativo. Não era mar realmente grosso, mas, dada a fragilidade do nosso barco, valia aquele ventinho por tremenda tempestade.

Calmos e retesos em nossas energias, com o vento a castigar-nos o rosto, lutamos o dia inteiro. A noite sobreveio, mas não houve dormir. Novo dia rompeu e o tempo não mudou. Maud mal podia consigo de exaustão. Não estava encharcada; sim anestesiada pelo frio — e receei que não agüentasse a tortura durante a noite. E o dia que se seguiu apresentou-se frio como o da véspera, de céu encoberto e com o mesmo vento. .

Eu não dormia já por quarenta e oito horas. Molhado até à medula dos ossos, sentia-me mais morto que vivo. O corpo, exausto da luta e quebrado pelo frio enregelante; os músculos, a doerem-me horrorosamente — e eu forçado a usá-los. E, pior que tudo, levados para longe do Japão. Íamos no rumo do mar de Bering.

E vivíamos ainda! E à tarde o vento aumentou ainda mais!

O bote varou uma crista de onda que nos pôs com um palmo d'água dentro. Tive de esvaziá-lo com a fúria do desespero. Mais uma onda como aquela e seria o fim. Consegui, porém, baldear toda a água, fui forçado a abrir o impermeável de Maud para com ele resguardara bote — o que nos valeu bastante.

A situação de Maud era lamentável. Agachada no fundo do bote, com os lábios violáceos e a face lívida, mostrava em tudo o seu martírio. Seus olhos, entretanto, tinham a calma energia de sempre; Maud animava-me com o olhar e ainda com palavras.

O mais agudo da tempestade ocorreu à noite, apesar de desapercibido para mim, que dormi na popa, vencido pela exaustão. Na manhã do quarto dia o vento amainou até

fazer-se brisa suave; também serenou o mar e o céu mostrou-se azul, com um lindo sol. Abençoado sol! Como nos banhamos em seus raios, sentindo-nos revivificados, qual insetos depois da chuva! Voltamos de novo a sorrir, no otimismo dos primeiros momentos. Mas na realidade a nossa situação nunca fora tão má, porque estávamos ainda mais longe do Japão do que ao deixar a "Ghost". Tínhamos sido arrastados para nordeste.

Havia focas em redor, o que nos trouxe a esperança de avistarmos alguma escuna foqueira. De fato vimos o velame de uma no horizonte remoto, breve, porém, desapareceu, e ficamos sozinhos naquele amplo círculo de águas sem fim.

Vieram dias de nevoeiro durante os quais o espírito de Maud se recolhia sem que uma palavra alegre lhe acudisse à boca. Vieram dias serenos em que flutuávamos na imensidade deserta do oceano, oprimidos pela grandiosidade ambiente; dias de nevada, em que nada podia conservar-nos aquecidos; dias de chuva insistente, em que enchíamos os nossos reservatórios com o gotejar da vela.

Meu amor crescia. Maud era tão rica em facetas que eu a classificava de protéica; mas só o dizia cá comigo. Embora a declaração do meu amor me bailasse constantemente na ponta da língua, eu senti que o momento não era oportuno. Se não houvesse outra razão, por falta de tempo. Minha situação era por muitos motivos delicada e eu tinha de agir de acordo — e soube conter-me de modo que nem por palavras, nem por sinais revelei nunca à minha amada o que me ia no coração. Éramos apenas dois camaradas ligados pelo mesmo infortúnio.

Uma coisa surpreendia-me nela: a ausência de timidez e medo. O mar terrível, o frágil do bote, as tempestades, os padecimentos, o estranho da nossa situação — tudo que teria aterrorizado uma mulher robusta não causava a menor impressão no espírito daquela débil criatura que só conhecera da vida os requintes, e era toda flama, bruma, espírito sublimado, ternura e feminilidade. Ou talvez eu esteja errado. Seria tímida e timorata — mas possuía coragem. Era de carne e herdeira de todas as sensibilidades da carne, mas também era, e acima de tudo, espírito, essa etérea essência da vida — e espírito sereno como os seus olhos.

Sobrevieram dias e noites de temporal em que o oceano nos ameaçava com a sua ululante brancura espumosa, e o vento castigava o bote com bofetadas de Titã. E prosseguíamos na nossa voga desgovernada, sempre tangidos para nordeste. Foi num desses dias de tempestade que volvi os olhos cansados para sotavento — não em procura dalguma coisa, mas em mudo apelo às furibundas potências que nos torturavam. E não pude crer no que vi. O estado da exaustão em que me achava fez-me duvidar dos meus sentidos. Quis verificar meus olhos e olhei para Maud, a ver se a via como sempre.

Sim, meus olhos não desvairavam — viam certo e justo, e olhei de novo a barlavento e vi... e vi um promontório negro e desnudo, com o mar a desfazer-se-lhe ao pé em espuma.

— Maud! exclamei.

Ela ergueu a cabeça; olhou e disse: Não pode ser o Alaska!

— Infelizmente não. Sabe nadar, Maud? Respondeu com sinal negativo.

— Nem eu tampouco, Maud. De modo que não podemos alcançar a terra a nado, e sim metendo o bote nalguma enseada onde possamos tomar pé. E temos de fazer isso já, já.

Eu falava com uma confiança que ela sabia falsa; percebi isso pelo olhar firme com que me disse:

— Ainda não agradei tudo quanto fez por mim, mas... e hesitou quanto à melhor palavra para dizer a sua gratidão.

— Que mais? gritei quase brutalmente, porque me irritava vê-la agradecer-me.

— Você poderá ajudar-me.

— A pôr-se em dia com os seus deveres antes de morrer, não é? Absolutamente, não! Ninguém aqui vai morrer. Desembarcaremos nesse promontório e estaremos a salvo antes do fim do dia.

Falei alto e firme, embora não acreditasse numa palavra do que dizia. Mas não era medo que me levava a agir assim. Não sentia medo apesar da minha quase certeza de encontrar a morte naquele tormentoso passo, onde o mar se quebrava de encontro aos recifes. Era impossível içar a vela e evitar o promontório. O vento emborcaria o bote imediatamente. Eu não tinha medo de enfrentar a minha própria morte ali adiante, a algumas centenas de metros a sotavento; mas apavorava-me a idéia da morte de Maud. Minha maldita imaginação via-a esmagada contra os rochedos e isso me horrorizava. E forcei-me a admitir que teríamos facilidade de desembarque — não que eu cresse nisso, mas porque preferia crer.

Recuei depois, em face da possibilidade dessa horrível morte, e por um momento entretive a idéia feroz de agarrá-la nos braços e lançar-me com ela ao abismo. Por fim resolvi esperar até o último momento; agarrá-la então e atirar-me-ia ao mar confessando pela primeira vez o meu grande amor.

Instintivamente nos achegamos um do outro no fundo do bote. Senti sua mão enluvada tocar a minha, e assim, sem palavras, aguardamos o fim de tudo. Não estávamos longe da linha de arrebentação — e pus-me a esperar o imprevisto. O imprevisto seria que alguma corrente marinha nos impelisse para o outro lado do promontório. Se alcançássemos aquele lado, as hipóteses de salvamento seriam mais

numerosas.

— Vamos passar de largo! gritei num tom de confiança que não me iludia a mim, nem a Maud. E uma imprecação irreverente escapou-me dos lábios pela primeira vez na vida. — Queira desculpar-me, Maud, disse logo a seguir.

— A sua sinceridade acaba de convencer-me, declarou ela com um sorriso apagado. Sei agora que vamos passar de largo.

Eu havia avistado na distância uma terra qualquer, para além do promontório, e mais e mais lhe ia apreendendo a conformação. Evidentemente uma enseada. Continuamos a ser impelidos pelo vento e ouvimos um rumor remoto e contínuo. Mais adiante a enseada apresentou-se-nos nítida aos olhos: uma meia-lua de areia branca, sobre a qual iam morrer as ondas — e coberta de focas. O rumor contínuo que ouvíamos provinha delas.

— Uma foqueira! exclamei. Estamos agora realmente salvos. Há de haver cruzadores e postos de guarda para protegê-las contra os caçadores. Fatalmente existe uma estação de guarda na costa.

Mas a arrebentação das ondas era forte e eu tive de concordar que ainda havia perigo; caso, porém, os deuses nos fossem favoráveis, poderíamos ser levados para um ponto mais distante, onde me parecia possível o desembarque sem sequer molharmos os pés.

E os deuses mostraram-se favoráveis. Fomos levados a um ponto onde não havia focas. A quilha do bote bateu areia dura. Saltei fora e estendi a mão a Maud, que pulou também — mas quando os meus dedos abandonaram os seus ela agarrou-se de súbito ao meu braço. Cambaleei como bêbedo. Era surpreendente o efeito da cessação do balanço marinho. Tínhamos estado tanto tempo sobre a rede das ondas que a terra firme nos desorientava. A cada instante esperávamos que o solo se movesse ou afundasse, e as muralhas rochosas regirassem ou ademassem como um navio — e aprontávamo-nos para contrariar esses movimentos: eles não vinham e isso nos perturbava o equilíbrio.

— Tenho que sentar-me, disse Maud com um sorriso nervoso acompanhado dum gesto tonto — e sentou-se na areia.

Pus o bote a seguro e vim juntar-me a ela. E foi desse modo que pusemos pé na ilha Endeavor — ambos a enjoar da terra, como um bicho de terra enjoa no mar.

CAPÍTULO 29

Estúpido que sou! gritei furioso, depois que descarreguei o bote e levei o que nele trouxera até o ponto escolhido para nosso acampamento. Havia lenha seca por ali e a vista duma lata de café furtada à cozinha da "Ghost" sugerira-me a idéia de acender fogo. — Estúpido, idiota que sou! repeti.

Maud chamou-me à ordem com o seu gracioso "Tut, tut"! de carinhosa reprovação e indagou do que me fazia exclamar assim:

— Não há fósforos, respondi. Esqueci-me dos fósforos — e agora, nada de café quente, sopa, chá, tudo! Superidiota!...

— Robinson não fazia fogo friccionando dois pauzinhos? Lembrou ela.

— Sim, mas li a história de dezenas de naufragos que leram Robinson que inutilmente tentaram fazer o mesmo. Lembro-me de Winters, um jornalista especializado em coisas do Alaska e da Sibéria, que encontrei certa vez em Bibelot. Contou-me que não conseguira fazer fogo com pauzinhos, por mais que se esforçasse. "Os índios dos mares do sul e os malaios podem fazer fogo assim, concluiu ele, mas isso é coisa acima das forças do homem branco" .

— Que importa? Passamos sem fogo até agora e continuaremos sem ele, advertiu Maud alegremente.

— Mas pense no café! gritei furioso, com os olhos na lata do excelente pó que eu trouxera da provisão particular de Lobo Larsen. E com tanta lenha ótima...

Nunca desejei tão ardentemente tomar café, a minha bebida predileta e também uma das fraquezas de Maud, como vim a saber mais tarde. Além disso estávamos havia tanto tempo no regime da alimentação gelada que nos sentíamos gelados por dentro. Qualquer coisa quente nos seria precioso. Entretanto, parei com as minhas lamúrias para fazer com a vela do bote a tenda de Maud.

Pareceu-me a princípio muito fácil, pois tinha os remos, o mastro, a lona e muitas cordas. Mas faltava-me prática; cada detalhe tinha de ser uma tentativa, de modo que o resto do dia lá se foi nesse trabalho. Não saiu obra decente; vi isso à noite, quando choveu e a tenda ficou alagada, forçando Maud a ir para o bote.

Na manhã seguinte completei, ou corrigi a obra com um valado de escoamento aberto em tomo da tenda. Nem assim. Uma lufada de vento forte arrancou-me aquilo dali, e mudou tudo, em pandarecos, para uns trinta pés além. Maud riu-se ao ver a minha expressão de desânimo. Para consolo propus-lhe:

— Logo que o vento amaine vou de bote explorar a ilha. Há de haver nela alguma

estação de guarda em contato eventual com os navios. Vários governos protegem estes ninhos de focas, sei disso. Mas tenho de arrumar a tenda outra vez; você não pode ficar ao relento.

— Muito melhor irmos juntos, observou ela.

— Não. Você deve e precisa ficar. Já padeceu muito e é milagre ter sobrevivido a tudo. Além disso, não é agradável navegar de bote com um tempo destes, assim chuvoso. Precisa repousar, Maud. Fique.

Os olhos da moça umedeceram ao replicar em tom súplice:

— Preferia ir. Poderei ajudá-lo nalguma coisa — um pouquinho. Prefiro isso, porque... E se alguma coisa acontece ao meu salvador e fico largada aqui sozinha?

— Nada acontecerá; tomarei todo o cuidado, respondi. E não irei tão longe que não possa estar de volta antes da noite. Muito melhor assim. Fique e descanse — durma um bom sono reparador.

Maud enfitou-me nos olhos com firmeza e suavidade. Suplicava.

— Por favor, deixe-me ir. Não posso ficar só.

Insisti na recusa e ela insistiu em fitar-me com aqueles olhos. Hesitei — e a luz da alegria começou a brilhar em seu rosto. Depois disso foi-me impossível dizer outro não.

O vento amainou à tarde, de modo que tudo preparamos para a partida na manhã seguinte. Manhã que rompeu incerta, porém calma. Levantei-me aos primeiros albores e preparei tudo.

— Estúpido! Imbecil! Idiota! gritei em dado momento de modo a despertar Maud — mas essas objurgatórias tinham uma expressão alegre muito diversas da véspera. A cabeça de Maud logo emergiu dentro da vela que lhe servia de cobertor.

— Que mais esqueceu? indagou, ainda bocejante, mas curiosa.

— Café! gritei. Que pensa duma xícara de café? Café quente? a ferver?

— Meu Deus, como é cruel! exclamou ela. Já me resignara a passar sem ele e agora vem de novo tentar-me com essa sugestão vã.

— Olhe aqui! foi a minha resposta.

Juntei gravetos e farelos bem estorricados até formar um montinho; depois arranquei uma página da minha carteira e da caixa de munições tirei um cartucho. Abri-o e despejei a pólvora sobre a folha de papel, ajeitando a isca em torno. E percuti a espoleta com uma pedra de ponta, de modo que a faísca desse na pólvora. E o fogo fez-se!

Maud bateu palmas de alegria.

— o novo Prometeu, pai do fogo, gritou ela.

Mas eu estava muito entretido com o meu foguinho para dar tento à alegria de Maud. A débil flama tinha de ser bem alimentada para crescer e viver longamente. E alimentei

com o máximo carinho aquele fogo lindo, até tê-lo transformado em fogueira duradoura. E o resto? Utensílios de cozinha? Havia as latas e o balde de esgotar o bote. Com aquilo teríamos elementos para formar uma perfeita cozinha.

Fervi água e Maud fez o café — o mais delicioso café que já tomei na vida. Minha contribuição para o almoço foi carne enlatada, com bolachas e água. Valeu por grande sucesso aquele primeiro *breakfast*, e sentados junto ao fogo prolongamo-lo por muito tempo, bebericando o café e discutindo a nossa situação.

Minha certeza de encontrar por perto um posto de guarda aos ninhos de foca aumentava, porque lera e ouvira dizer que as *nurseries* do mar de Bering eram de há muito protegidas pelos governos. Mas Maud desenvolveu uma teoria que suavizasse o meu desapontamento caso o desapontamento sobreviesse — de ser aquela *nursey* desconhecida dos homens. Ela estava alegre e a rir-se do grave da nossa situação.

— Se sua teoria for a certa, Maud, então teremos de nos preparar para transcorrer todo o inverno aqui. Alimentos teremos nas focas, e como elas deixam a *nursey* pelo outono, havemos desde já de ir armazenando provisões de carne e gordura. Vamos ter muito que fazer, se a ilha for de fato desabitada.

A teoria de Maud saiu certa. Navegamos no bote ao longo da costa em procura de novas enseadas, com desembarques ocasionais aqui e acolá, sem descobrir vestígios humanos. Mas verificamos que não fôramos os primeiros a aparecer na ilha. Breve topamos destroços dum bote foqueiro, que já se enterrara em grande parte na areia e apresentava todos os sinais duma longa vida de abandono ao léu. Dentro encontrei uma espingarda e uma faca no último grau de enferrujamento.

— Ficou o bote foram-se os homens, exclamei alegre — mas logo senti uma pontada no coração dando com ossadas perto. Não quis que Maud as visse e tratei de afastar-me dali, seguindo com o bote para noroeste da ilha. Na costa sul não existiam praias. Prossequimos. Ao meio-dia estava dada a volta à ilha inteira. Avaliei-lhe o perímetro em vinte e cinco milhas, com largura variável entre duas e cinco milhas. Quanto às focas, deveriam andar por ali umas duzentas mil. A ilha atingia a sua elevação culminante a sudoeste e vinha em declive até o mar, a noroeste. Com exceção da nossa pequena enseada, as outras praias subiam em rampa suave por meia milha mais ou menos, até dar no que poderíamos chamar prados rochosos, onde havia, a espaços, manchas de musgos e outras ervas rasteiras. Ali pasciam as foquinhas do ano, sob as vistas das focas mães, por sua vez guardadas pelos velhos machos.

A ilha Endeavor não merece que se diga dela mais que isto. Úmida e encharcada, onde não era de áspero chão pedregoso, batido de ventos rudes e com o ar de continuamente tomado pelo uníssonos da grita de duzentos mil anfíbios, era um sítio

melancólico para a imaginação humana. Maud, que me preparava o espírito para todos os desapontamentos, e que tinha estado viva e alegre o dia inteiro, sentiu-se tomada de desalento quando de novo desembarcamos na nossa enseada. Procurou ocultar-me o seu desânimo; não obstante, quando eu preparava a fogueira para nova refeição, ouvi-lhe os soluços dentro da barraca.

Chegara a minha vez de mostrar-me alegre e confiante, papel que desempenhei com tanta eloquência, que logo vi voltar nos seus lindos olhos a luz da coragem. Maud chegou a cantar antes de recolher-se. Com maravilhosa voz de artista requintada fez-me cair em êxtase ao lado da fogueira crepitante. Fui deitar-me no bote e por longo tempo fiquei desperto, a olhar para as estrelas, que apareciam, afinal, depois de muito tempo de céu encoberto. Ponderei na situação. Responsabilidade daquele vulto era coisa inédita na minha vida. Lobo Larsen tinha razão. Eu vivera a maior parte da minha vida sobre as pernas de meu pai. Meus advogados e procuradores faziam tudo por mim. Responsabilidade nenhuma, de coisa nenhuma, me coubera até ao momento do meu embarque no "Martinez" .

A "Ghost" ensinara-me tudo. Ensinara-me a arcar com responsabilidades. E agora, pela primeira vez eu arcava com a responsabilidade da conservação da vida duma segunda pessoa. E que responsabilidade! Tratava-se da vida duma criatura que se me tornara a mais preciosa de todas.

CAPÍTULO 30

Não era injustificado chamar àquela ilha Endeavor — esforço. Por duas semanas nos esforçamos seriamente na construção duma cabana. Maud insistia em ajudar-me e eu tinha ímpetos de chorar sobre as suas pobres mãos doloridas. Mas como aquilo me enchia de orgulho. Havia algo de heróico na criatura crescida no conforto suave da civilização e que agora tudo suportava, e trabalhava rijo como a mais rude mulher do campo. Maud carregou muitas vezes as pedras que empreguei na construção da cabana e isso a despeito das minhas intimações em contrário. Mais tarde fez-se mais cordata, limitando-se aos trabalhos leves da cozinha e correlatos.

As paredes da cabana foram-se erguendo sem dificuldades, mas o problema do teto aborreceu-me. Como cobri-la? Com os remos poderia ter os caibros de suporte, mas o resto — a cobertura? Musgo não servia. Com as outras ervas existentes, a mesma coisa. A vela nos era necessária no bote. Lembrei-me que Winters usara peles de elefante marinho na cobertura da sua cabana.

— Não temos elefantes marinhos mas temos focas, sugeriu Maud.

No dia seguinte começamos a caçada. Eu não sabia atirar, mas aprendi. Gastei trinta cartuchos para matar três focas, e vi que tinha de aperfeiçoar-me no tiro, do contrário ficaria logo sem munições.

Também já havia gasto oito cartuchos para acender fogo antes de adotar o sistema de conservar as brasas sob a cinza — de tudo resultando que não me sobravam mais de cem cartuchos.

— Tenho que caçar focas a marreta, anunciei depois de verificada a minha péssima pontaria.

— Elas são tão lindas! objetou Maud. Não posso suportar essa idéia. Parece-me tão diretamente brutal, tão mais cruel do que abatê-las a tiro...

— Mas o teto tem que fazer-se. O inverno não tarda, respondi nervoso. Precisamos salvar nossas vidas, Maud. Além disso acho que elas sofrem menos quando mortas a pau do que quando atiradas.

Mas Maud não se conformava.

— Bem, se você prefere ficar sem teto...

— Mas que havemos... ou que hei de fazer, diga-me? indagou ela confusa.

— Juntar lenha e preparar o jantar, respondi sério. Maud meneou a cabeça.

— Acho perigoso que vá atacar as focas sozinho, disse depois, e como eu o negasse, acrescentou: Sei, sei que sou uma fraca mulher, mas minha assistência pode ser útil dum

momento para outro.

— E... e a crueldade da matança a pau? sugeri.

— É lá com você. Provavelmente gritarei de horror.

Olharei para o outro lado.

— O perigo é muito sério, disse eu, sorrindo.

— Saberei governar-me, olhando ou desviando os olhos quando for preciso, concluiu ela com imponência.

Resultado: Maud acompanhou-me na batida às focas na manhã seguinte. Fomos de barco à enseada próxima e logo nos vimos rodeados de anfíbios, a fazerem tal barulho que para nos comunicarmos um com o outro tínhamos de gritar .

— Sei que os caçadores as matam a pau, disse eu procurando animar-me e olhando para um alentado macho que nos enfrentava a uns trinta pés dali. Mas a questão é saber de que modo eles batem nelas.

— Melhor juntarmos essa erva "tundra" e fazermos um teto vegetal, voltou a dizer Maud, que estava tão indecisa como eu, ou tão amedrontada. E tínhamos razão, porque as bocas arregaladas das focas mais próximas mostravam dentuças de cães.

— Sempre julguei que elas tivessem medo e fugissem do homem, adverti. E, momentos depois, refletindo melhor: Como posso saber se elas têm ou não medo? Quem sabe se ao penetrarmos na praia não fugirão todas?

Eu hesitava.

— Já ouvi a história dum homem que invadiu o cercado dum bando de gansos — e eles o mataram, lembrou Maud.

— Os gansos mataram o homem?

— Sim, os gansos. Contou-me isso meu irmão, quando eu era menina.

— Mas eu sei, sei, sei que os homens matam focas a pau!, insisti para encorajar-me.

— E eu sei que com a tundra seca poderemos ter um ótimo teto, contraveio Maud

Eu não poderia mostrar-me acovardado diante dela e resolvi-me.

— Quero ver isso, exclamei. embicando o bote para a praia.

Saltei em terra e avancei de marreta erguida contra um macho de dentes à mostra. Na minha esplêndida ignorância nunca tinha sonhado que o varapau usado para o ataque às focas deve medir de cinco a seis pés de comprimento. Duas fêmeas que ladeavam aquele macho afastaram-se e o alentado anfíbio ergueu-se sobre as natatórias. Havia entre nós a distância duns doze pés. Avancei firme, certo de que o monstro iria abalar.

A seis pés de distância acudiu-me um pensamento: E se não abalasse? Nesse caso eu o atacaria, foi a resposta do meu raciocínio. No meu medo esquecera-me de que estava ali para matar aquele macho e não para fazê-lo fugir. Seus olhos flamejavam; sua

boca abrira-se mais; seus dentes luziam cruéis. Sem nenhum vexame confesso que fui eu quem fraquejou e fugiu — fazendo que o macho me perseguisse a correr desajeitadamente. E sabia correr, o malandro. Estava já nos meus calcanhares quando alcancei o bote e saltei para dentro, apanhando logo o remo. O animal agarrou-o pela pá entre os dentes e moeu a madeira. Em seguida mergulhou por baixo do bote, cuja quilha sacudiu com violência.

— Meu Deus! exclamou Maud aturdida. Fugamos daqui!

Retesei-me, porém, nas minhas energias.

— Mas eu posso fazer o que outros homens fazem.

Se matam focas a cacete, poderei matá-las também. Mas creio que tenho de evitar os machos. Experimentarei de novo.

— Por favor, não experimente mais! pediu a moça. — E pelo amor de Deus não me peça mais por favor! gritei com uma ponta de cólera.

Maud calou-se, fazendo-me sentir que eu a havia magoado.

— Perdoe-me, disse eu logo — ou, antes, gritei de modo que pudesse ser ouvido naquele fragor infernal. Se quer, poderemos ir embora, mas por mim preferia ficar.

— E agora não diga que isto aconteceu porque trouxe uma mulher consigo, murmurou ela sorrindo dum modo que me mostrou não guardar nenhum ressentimento.

Remei para uns duzentos pés dali afim de recobrar a calma; depois de serenados os nervos fiz-me de volta à praia.

— Muito cuidado agora! gritou-me Maud.

Fiz que sim com a cabeça e ataquei de novo as focas, entrando pelo harém mais a jeito. Tudo correu bem e pude afinal desferir um golpe na cabeça duma fêmea isolada. Mas errei a pontaria. A foca roncou e deu de fugir.

Avancei e desferi novo golpe, que a apanhou pela espádua. — Cuidado! gritava Maud.

Súbito, vejo o sultão daquele harém avançar para mim — e novamente tive de fugir para o bote, furiosamente perseguido. Dessa feita Maud não insistiu para que eu desse fim à tentativa. Apenas sugeriu:

— Parece-me que o melhor será evitar os haréns e atacar alguma bastante afastada das outras. Li qualquer coisa a respeito num livro do Dr. Jordan, suponho. Os caçadores chamam a essas focas novas *holluschickies*, ou coisa que o valha. São ainda inofensivas.

— Oh, parece-me que o instinto da luta está a raiar em você, Maud! observei sorrindo.

Ela corou levemente e disse:

— Admito que não me seduz a idéia de ser venci da — mas continua a horrorizar-me a idéia de matar tão lindas criaturas.

— Lindas! exclamei com ironia. Nada vi de lindo no aspecto feroz do monstro que me

perseguiu.

— Faltava a necessária perspectiva, observou Maud brincalhonamente. Se não o visse tão de perto...

— Faltava, sim, um cacete mais comprido, adverti, mas tenho agora um bom, este pedaço de remo.

— Lembro-me ter ouvido ao Capitão Larsen, disse Maud, que os caçadores assaltam as colônias de focas e as levam por diante em pequenos bandos, para longe da praia — e só então as matam.

— É mas não pretendo fazer isso, objetei indeciso.

— E há as *holluschickies*, advertiu Maud. O Dr. Jordan diz que vivem separadas das adultas, e enquanto permanecem adstritas a certas zonas não são molestadas pelas focas grandes dos haréns.

— Lá está uma! exclamei para uma *holluschicky*, que viera ter ao mar. Vamos observá-la e ver para onde se dirige.

A foquinha logo tomou rumo à praia e entrou por um trecho que ficava entre dois haréns — e por esse espaço deserto seguiu para o interior da enseada.

— Lá vai ela! exclamei, saltando do bote para segui-la — embora o meu coração me pulsasse dentro do peito à perspectiva de atravessar por entre dois haréns de focas adultas...

— Amarre o bote antes, gritou Maud, que saltara para meu lado.

Olhei para seu rosto com espanto e vi-a sacudir a cabeça, resoluta.

— Irei consigo, e irei, também armada de cacete.

— Voltemos então para a nossa enseada, murmurei em tom resignado. Faremos o teto com a tundra seca...

— Não serve; você bem sabe que a tundra não dá teto. Vamos! Seguirei na frente!

Tive de resignar-me, mas meu coração encheu-se de orgulho daquela mulher. Armei-a com o remo quebrado e tomei o outro para mim. E nervosamente pusemo-nos em marcha, a caminho da zona das *holluschickies* por entre os dois haréns do caminho. Logo adiante Maud desferiu um grito de horror. Era uma foca que fizera um movimento em sua direção, arreganhando os dentes. Também eu várias vezes tive de apressar o passo por motivo idêntico. Mas afora essas curiosidades e alguns rosnados, não houve outras manifestações hostis. Tratava-se dum bando que não tinha nenhuma experiência da maldade dos homens e pois não dava tento, ou não adivinhava os nossos propósitos.

Ao chegarmos ao meio do bando o barulho fez-se ensurdecidor. Era de tontear. Entreparei e sorri para Maud, que ainda estava debaixo da impressão de medo. Ela achegou-se a mim e gritou-me ao ouvido:

— Estou terrivelmente apavorada!

Já eu não sentia medo nenhum. O comportamento das focas elevava-me o espírito. Mas Maud tremia.

— Tenho e não tenho medo, dizia ela batendo os dentes. É a carne miserável que treme, só a carne.

— Está certo, está certo, disse-lhe eu à guisa de conforto, passando-lhe o braço à cintura em gesto protetor.

Nunca me esquecerei de como naquele momento me tornei cômico da minha masculinidade. Sentia-me homem, protetor dos fracos, macho lutador. E mais que tudo sentia-me o protetor único da minha amada. Maud apoiou-se em mim, leve e frágil qual lírio humano — e quando o seu tremor desapareceu vi-me como invadido dum força imensa. Estava capaz de fazer frente ao mais forte macho do rebanho. Viesse aquele mesmo que me atacara e eu o esperaria sem recuar um passo.

— Estou bem agora, murmurou Maud com um olhar de gratidão. Podemos avançar.

Encheu-me de orgulho ver que a minha força a tinha contaminado. O vigor da raça parecia ferver em mim — um supercivilizado, que revivia os velhos tempos em que seus ancestrais se atracavam com as feras na montanha.

A um quarto de milha, terra adentro, alcançamos o campo das *holluschickies* — imenso rebanho de jovens focas a viverem fora de contato com as velhas até que por sua vez se fizessem adultas.

Tudo correu bem. Gritando, fazendo no ar largos gestos com o remo e até pisando as mais lerdas, consegui separar um lote de foquinhas a fim de tangê-las para ponto conveniente. Sempre que alguma tentava escapar na direção do oceano eu a fazia voltar ao bando à força — Maud ajudou-me muito nesse trabalho. Apesar disso notei que sempre que uma se atrasava, mostrando cansaço, Maud a deixava escapar; mas se em vez disso vinha com arreganhos ou ares belicosos, a moça dava-lhe de rijo com o pedaço de remo.

— Meu Deus! Como isto é interessante! exclamou ela, entreparando para breve descanso. Creio que vou sentar-me um pouco.

Levei por diante o meu lote de focas (uma dúzia líquida, pois muitas escaparam) até cem jardas para o interior — e quando Maud me alcançou já a matança estava terminada. Tínhamos agora de tirar as peles e atravessar de novo a zona entre os dois haréns. Por ali passamos duas vezes a carregar as peles, que eram bastante pesadas. Acomodamo-las no bote e pusemo-nos a vogar.

— Parece uma volta para casa, disse Maud quando abiquei na nossa enseada.

— E a mim me parece que sempre andei nesta vida, adverti eu. O mundo civilizado e

o mundo dos livros sabem-me agora a coisas vagas, a melhoria de sonhos antigos. Somos velhos caçadores; temos vivido a caçar e a lutar toda a nossa existência. E você sempre tomou parte na minha vida, Maud, porque você...

Quis dizer: porque você sempre foi minha mulher, minha companheira, mas não me saiu isso. Saiu apenas: — ... suporta muito bem esta vida.

Maud, entretanto, percebeu o desvio e:

— Não era isso o que ia dizendo, parece-me...

— Sim. Eu disse e queria dizer que a Mrs. Meynel americana sabia muito bem viver a vida selvagem.

— Oh... foi o que saiu da boca de Maud — uma interjeição onde o desapontamento vibrava bem claro.

Mas aquelas palavras "minha mulher, minha companheira" continuaram pelo resto do dia ressoando em meu cérebro — e por muitos dias após. Não tanto, porém, como naquela noite, enquanto eu a via amontoando musgo sobre as brasas e as soprando o fogo para a refeição noturna.

CAPÍTULO 31

Não cheirá bem, disse eu, mas nos livrará da chuva e da neve.

Estávamos completando o arranjo do teto de peles.

— Feio, desajeitado, mas serve aos nossos propósitos, acrescentei, ansioso por um elogio de Maud. E o elogio não tardou. Maud bateu palmas de alegria.

— Apenas muito escuro aqui dentro, observou logo depois, encolhendo os ombros como quando alguém se refere ao frio.

— Você bem que poderia ter-me sugerido a abertura duma janela, Maud. Fiz a cabana para você e só a você competiu dar instruções.

— Mas eu nunca sei o que é preciso, meu caro. Além disso, poderemos a qualquer tempo abrir uma brecha na paredes

— Lá isso é. Não me ocorreu, respondi. Mas lembrou-se de encomendar as vidraças? Tenho aqui o telefone duma casa — Red 4451. Basta dizer o tamanho e a qualidade dos vidros que prefere.

— Isso quer dizer que... começou Maud. — Que nada de janelas, concluí.

Eu construía uma cabana tosca, de má aparência, que em terra civilizada só poderia servir para abrigo de porcos; mas para quem como nós havia padecido o desconforto e a miséria de dias e dias de bote aberto, estava ótima. Depois de cuidar do aquecimento, que obtive por meio de toscas lâmpadas alimentadas com gordura de foca, tratei de acumular provisão de carne para o inverno. Era trabalho simples; saíamos de manhã no bote e antes da tarde voltávamos com ele cheio. O resto do tempo empregava-o na construção duma segunda cabana, enquanto Maud derretia a gordura das focas e preparava lhes a carne para o fumeiro.

A segunda cabana foi mais fácil de erguer; para economia de uma parede fi-la junto à primeira. Não obstante constituiu trabalho pesado, que nos tomou bastante tempo. À noite, quando deixávamos o serviço, era largar na cama o corpo cansado que o sono sobrevinha incontinente. Maud animava-me, dizendo que jamais se sentira tão bem de saúde, o que também comigo era verdade. Sua força, porém, era a força de um lírio, e eu receava vê-la fraquejar dum momento para outro. Muitas vezes a sua exaustão ia a ponto de forçá-la àquele modo de repouso — estirada de costas na areia, com os braços estendidos. Passava algum tempo assim, até que, subitamente, dum salto, retomava à tarefa interrompida.

Constituí para mim um mistério a fonte donde Maud tirava tanta força vital.

— Penso no descanso forçado do inverno próximo, era a sua resposta às minhas

censuras. Havemos então de gritar por alguma coisa a fazer.

Na noite em que a terminei, acendi um fogareiro na segunda cabana. Foi isso logo após uma terrível tempestade; as praias das outras enseadas reboavam ainda ao fragor da ressaca, e mesmo na nossa, tão bem protegida, o mar se quebrava com inaudita fúria. Nenhuma montanha na ilha nos resguardava do furor do vento, que silvava infrene sobre as nossas cabanas, fazendo-me recear desastre. O teto de peles, esticado como couro de tambor, fazia, apesar disso, barrigas, à pressão dos ventos, e numerosas fendas abriram-se nas paredes mal calafetadas com musgo. Mas a gordura de foca queimava bem e nos mantinha em boas condições de temperatura.

Foi uma noite agradável, aquela. Nossos espíritos haviam readquirido a calma, e não só estávamos resignados à longa reclusão do inverno como ainda preparados para ela. As focas poderiam partir para as suas misteriosas migrações sem que nos fizessem falta; os temporais, igualmente, não nos causavam medo. Não só tínhamos a certeza de nos manter em seco e bem abrigados, como possuíamos os mais macios colchões que possam ser feitos de musgo. Fora, os colchões, uma idéia de Maud, que com suas próprias mãos juntou todo o recheio necessário. Pela primeira vez depois da minha partida de São Francisco iria eu dormir em colchão macio — e colchão único, visto como feito pelas mãos da minha amada. Quando Maud se levantou para recolher-se à sua cabana, disse-me naquele seu modo todo especial:

— Alguma coisa está para acontecer — está acontecendo. Sinto isso. Algo está vindo para cá. Vem vindo. Não sei o que possa ser; mas está vindo.

— Coisa boa ou má? perguntei.

— Ignoro. Mas qualquer coisa vem vindo de qualquer parte, e apontou na direção do mar.

— Lá só há praia, disse eu sorrindo, e por uma noite destas acho melhor estar já aqui do que estar chegando. Com medo, Maud?

Seus olhos voltaram-se corajosamente para os meus.

— E sente-se bem, Maud?

— Como nunca, foi a sua resposta.

Trocamos ainda algumas palavras; até que:

— Boa noite, Maud, disse eu.

— Boa noite, Humphrey, respondeu ela.

Aquilo de chamar-nos pelos nomes de batismo viera naturalmente, sem nenhuma premeditação ou cálculo. Naquele instante eu poderia tê-la enlaçado em meus braços — e certo que seria assim se estivéssemos em nosso antigo mundo. Ali tudo mudava — e não fomos além.

Mas fiquei na minha cabana a exultar comigo mesmo, na certeza de que um liame tácito já existia entre nós — um liame que não existia antes — semanas antes.

CAPÍTULO 32

Levantei-me no dia seguinte oprimido por misteriosa sensação. Faltava qualquer coisa. Ao sair, logo depois, verifiquei, o que me estava faltando — vento. Eu deitara-me naquele estado de tensão nervosa característica de quem sofre a continuidade dum choque, ou dum som — e havia despertado ainda tenso, com os nervos armados para a continuação da luta com um inimigo que já desaparecera.

Essa primeira noite passada sob um teto depois de tantos meses, gozei-a intensamente; deixei-me ficar sob as cobertas bem secas e pus-me a analisar o efeito produzido em mim pela parada da ventania, e depois pela volúpia de estar sobre um colchão feito pela minha amada. Quando me vesti e abri a porta, pude verificar pelo movimento das ondas na praia quão forte havia sido a fúria do mar durante a noite. O sol já brilhava glorioso. Eu tinha dormido à larga, e sentia-me todo energias, ansioso por ganhar o tempo perdido — como convinha a um habitante da ilha Endeavor.

Mal pus pé fora da cabana, estaquei. Na praia, bem diante de mim, a uns cinqüenta pés, erguia-se o vulto negro dum navio desarvorado.

Mastros e vergas, emaranhados de cordas e lonas de velas rotas jaziam caídos. Esfreguei os olhos. Sim! Estava lá a cozinha tão minha conhecida — aquela popa, a cabina baixa... Era a "Ghost"!

— Que passe de mágica a tinha trazido para ali — para ali, justamente para ali? Que azar dos azares fora esse? Olhei para trás com desespero n' alma — lá estava a muralha de rochas inacessíveis. Encurralados! Não tínhamos por onde escapar! Pensei em Maud, ainda a dormir na sua cabana; recordei o seu doce "Boa noite, Humphrey"; o meu "minha mulher, minha companheira" que ainda me ressoava remoto no cérebro — e ressoava agora em tom lúgubre. Em seguida fez-se a noite dentro de mim.

Tudo coisa de segundos, ou fração de segundo, mas não posso dizer quanto tempo se passou antes que eu voltasse ao controle das minhas faculdades. Lá estava a "Ghost" enclachada na areia, desarvorada — o inferno... Algo tinha de ser feito.

Impressionou-me logo não observar nenhum movimento a bordo. Exaustos por toda uma noite de luta contra o furor dos elementos, com certeza estavam os homens vencidos pelo sono, foi a minha primeira idéia. A segunda foi que eu e Maud poderíamos ainda nos salvar. Se tomássemos o bote e fugíssemos antes que alguém a bordo despertasse? Fui acordá-la — e minha mão já estava na tranca da porta quando me representei em espírito a pequenez da ilha. Impossível ocultar-nos ali. Só nos restava um caminho — o oceano imenso. Pensei nas nossas cabanas tão acolhedoras, na nossa

provisão de carne, na gordura das focas, no musgo, na lenha e vi que era impossível sobrevivermos num mar gélido e sempre sacudido de temporais.

Fiquei hesitante, parado à porta da cabana de Maud. O pensamento selvagem de entrar e matá-la ainda no sono fulgurou-me no espírito. Em seguida, outro pensamento: Por que não penetrar a bordo da "Ghost"? Toda a tripulação estaria a dormir e eu sabia o caminho do camarote de Lobo Larsen. Matá-lo em pleno sono! Matá-lo! Depois... depois veríamos. Morto Larsen, tudo se arranjava e qualquer situação que sobreviesse não podia ser pior que a atual.

Minha faca estava na cintura. Voltei à cabana em busca do rifle, verifiquei a carga e dirigi-me para a escuna. Com alguma dificuldade, e molhando-me até ao peito, consegui meter-me a bordo. A escotilha de proa estava aberta. Parei à escuta da respiração dos homens. Nada. Quase deixei escapar uma exclamação: E se a "Ghost" estivesse abandonada? Pus-me à escuta com mais atenção. Nenhum rumor humano. Desci com prudência a escada. Boiava no ar o cheiro de mofo característico dos cômodos abandonados. Por toda a parte, lixo — roupas velhas, botas velhas, oleados velhos, trapos, todo o lixo do castelo de proa que surge no fim duma longa viagem.

Foi abandonada às pressas, concluí subindo ao convés.

A esperança renascia dentro de mim e eu já observava tudo com mais calma. Notei que os botes haviam desaparecido. Na timoneira, o mesmo que no castelo de proa. Os caçadores tinham empacotado a bagagem com igual precipitação. A "Ghost" fora abandonada. Era agora minha e de Maud! Pensei logo na despensa, com a idéia de levar alguma novidade para o nosso almoço.

A reação contra o pânico e a sensação de que já não era necessário agir como eu havia premeditado fizeram-me lépido qual um rapaz. Subi aos dois degraus a escada, sem outra coisa no cérebro a não ser o plano alegre de surpreender Maud com um imprevisto almoço pronto. Quando me aproximei da cozinha, nova alegria diante de todo aquele aparelhamento de panelas e mais utensílios caseiros. Corri para a popa e... Lobo Larsen! No ímpeto da corrida em que eu vinha, detido pela surpresa do encontro cambaleei uns passos antes de imobilizar-me. Estava Lobo Larsen de pé no portaló, apenas com a cabeça e os ombros visíveis para mim. E olhava-me. Não fez nenhum movimento. Ficou calmamente a olhar-me.

Meu corpo tremia inteiro. Senti logo aquele horrível enjôo de estômago de outrora e apoiei-me a qualquer coisa para conservar-me de pé. Minha boca secou como palha, impossibilitando-me o falar. Larsen não tirava de mim os olhos. Nada disse — nem eu. Todo o meu pavor antigo voltou, desta vez agravado cem vezes. E ficamos assim os dois, a olhar um para o outro, mudos.

Eu sentia a necessidade de agir e no entanto a minha velha fraqueza me dominava e me punha à espera da sua iniciativa. Súbito, compreendi que minha situação naquele momento era a mesma de quando estarecera diante da enorme foca de dentes arreganhados; a minha intenção de atacá-la havia sido paralisada pelo medo e por fim transformara-se em ânsia de fuga. E, como naquela ocasião, compreendi afinal que era a mim que cumpria agir.

Armei o gatilho dos dois canos da minha espingarda e apontei. E se Larsen faz um movimento, certo que eu o atiraria. Mas não fez. Continuou a olhar-me como antes. E enquanto o enfrentava com a arma em pontaria, pude observar como tinha desfeitas as feições. Estava como se um longo sofrimento o houvesse destruído. As faces fundas, todos os traços cansados; seus olhos, sobretudo, pareciam ter sofrido alguma séria alteração; estavam mudados fisicamente e na expressão.

Tudo isto apreendi num relance, com o cérebro a fervilhar de mil pensamentos; todavia não pude puxar o gatilho. Baixei a espingarda e afastei-me para um canto da cabina a fim de permitir relaxamento aos nervos. Logo depois fiz de novo pontaria. Tinha me resolvido. Era impossível errar o tiro, por pior atirador que fosse. Apesar dessa segurança, entretanto, não consegui disparar. — Então? perguntou Larsen com impaciência.

Lutei vãmente para forçar meus dedos no gatilho, como vãmente lutei para dizer algo.

— Por que não atira? indagou ele.

Pigarreei para limpar a garganta.

— Hump, disse Larsen com lentidão, você não atira porque não pode atirar. Não é medo. É impotência. A sua moralidade convencional fez-se mais forte que os seus instintos. Não passa dum escravo das idéias assentes na terra onde viveu e dos livros que leu. O código dessa terra foi embutido no seu cérebro desde a meninice, e a despeito da sua filosofia e do que aprendeu comigo nesta "Ghost", esse código não o deixará matar a um homem desarmado que não resiste.

— Estou vendo, exclamei afinal.

— E você sabe que eu mataria um homem desarmado tão calmamente como fumo um charuto, continuou Larsen. Conhece-me como sou; sabe o que valho, medido pelas medidas morais correntes. Pode chamar-me cascavel, tigre, esqualo, monstro, Calibã, e considerar-me tal, e no entretanto — boneco de pano que você é — nunca será capaz de matar-me como mataria a uma serpente ou a um tigre, só porque tenho mãos e pés e um corpo da mesma forma que o comum dos homens! Bah! Esperei que aprendesse melhor as minhas lições, Hump.

Larsen ergueu-se donde estava e dirigiu-se para mim. — Abaixei essa arma. Quero

fazer algumas perguntas.

Ainda não tive tempo de dar uma vista de olhos na escuna. Em que ponto estamos? Por que está a "Ghost" aqui? Por que está você assim molhado? E Maud onde anda ela? Perdão — Miss Brewster — ou já posso dizer Mrs. Van Weyden?

Eu havia recuado, quase a chorar de ódio da minha impotência para matar aquele homem, mas não fui estúpido a ponto de baixar a espingarda. Esperei, desesperadamente, que ele rompesse as hostilidades — e nesse caso então certo que o atiraria.

— Esta é a ilha Endeavor, respondi à primeira das suas perguntas.

— Nunca ouvi falar nela, observou ele.

— Pelo menos foi o nome que nós lhe demos, disse eu corrigindo-me.

-Nós, quem?

— Miss Brewster e eu. A "Ghost" está encalhada na praia, como pode ver.

— Há focas por aqui. Elas acordaram-me com os seus latidos — e só por isso não estou dormindo ainda. Ouvi-as quando cá cheguei, à noite. Foi o aviso que tive de estar numa costa. É uma *nursery* de focas, a coisa que vim procurando toda a minha vida. Graças a meu irmão acabo de dar sobre um tesouro. Em que posição fica?

— Não tenho a menor idéia, respondi. Mas o senhor poderá saber aproximadamente. Quais as últimas observações de bordo?

Larsen sorriu um sorriso inescrutável e nada respondeu.

— Então, e os marinheiros onde andam? indaguei.

Como acontece estar aqui sozinho?

Esperei como resposta o mesmo silêncio e surpreendi-me da prontidão com que Lobo Larsen tudo revelou.

— Meu irmão aprisionou-me por quarenta e oito horas, e não por culpa minha. Abordou-me durante a noite, quando eu estava apenas com um homem de guarda. Os caçadores voltaram-se contra mim. Morte Larsen ofereceu-lhes maiores vantagens. Ouvi-os a fazer a proposta, bem na minha frente. A tripulação virou-me as costas, como era natural. Saíram todos e deixaram-me sozinho. Morte Larsen teve a sua revanche. Um negócio de família, afinal de contas.

— Mas como a "Ghost" perdeu os mastros? perguntei. — Examine os estais, disse Larsen apontando para o mastro de mezena próximo, ou para o lugar onde fora o mastro de mezena.

— Cortados a faca! exclamei surpreso.

— Não completamente. Examine bem. Foi um belo serviço.

Examinei melhor e vi que os estais haviam sido cortados apenas em parte, de modo

que um sacão mais forte de vento o mastro viesse abaixo.

— Cooky fez isso, explicou Larsen sorrindo. Tenho a certeza de que foi ele. Vingou-se muito bem, não há dúvida.

— Ótimo para Mugridge, observei eu.

— Foi o que pensei quando tudo veio abaixo.

— Mas que fazia o senhor enquanto tudo isto se passava?

— Fiz o que pude — mas podia muito pouco, com todas as circunstâncias voltadas contra mim.

Tornei a examinar o trabalho de Mugridge, e ainda estava nisso quando ouvi Larsen murmurar: Vou sentar-me aqui para tomar um pouco de sol.

Havia uma leve sugestão de fraqueza na sua voz, mas muito leve — e tão estranho me pareceu isso que volvi rápido os olhos para o gigante. Sua mão apalpava nervosamente as faces, como a limpá-las de imaginárias teias de aranha. Parecia-me cada vez mais diferente do Lobo Larsen que eu conhecera no apogeu da força.

— Como vão as suas dores de cabeça? perguntei. — Ainda me torturam, e parece que vem vindo uma. Larsen foi aos poucos escorregando donde estava até estirar-se ao comprido no convés. Em seguida voltou-se de lado e repousou a cabeça num dos braços, pondo o outro a resguardar os olhos da luz do sol. Fiquei a olhá-lo, cheio de espanto.

— Chegou a sua vez, Hump, murmurou ele.

— Não compreendo o que quer dizer, menti eu, pois estava compreendendo tudo muito bem.

— Nada, acrescentou ele como se estivesse caindo em modorra. Você apanhou-me como queria, é isso.

— Não, absolutamente, protestei. Eu queria vê-lo mas era a mil milhas longe desta praia.

Larsen riu-se, e daí por diante nada mais disse, nem fez nenhum movimento quando passei por ele de rumo à cabina. Ergui o alçapão da despensa e por alguns instantes sondei o escuro interno. Hesitei em descer. Poderia ser vítima da astúcia do capitão, que me apanharia lá como rato em ratoeira. Voltei atrás e espiei de novo o inimigo. Estava na mesma posição de sempre. Voltei à cabina e descii à despensa, tendo a precaução de deixar trancada a porta da cabina. Inútil, isso. Voltei com a minha braçada de provisões sem que nada ocorresse.

Uma espiada em Larsen mostrou-me que não se mexera do lugar. Tive uma idéia luminosa: tomar os revólveres do seu camarote. Eram, verifiquei-o logo, as únicas armas existentes a bordo. Para maior segurança dei nova busca, chegando a tirar da cozinha até as facas de mesa. Depois me lembrei do punhal que Larsen trazia sempre à cintura e

aproximei-me dele para verificar se lá estava. Falei-lhe, a princípio em tom natural, depois gritando. Larsen não se moveu. Aproximei-me mais e tirei-lhe o punhal. Respirei. Estava ele completamente incapacitado de atacar-me à distância. Restavam-lhe apenas as mãos de gorila, mas delas eu saberia conservar-me sempre longe.

Enchi várias vasilhas com a minha pilhagem, tomei alguma louça da copa e fiz-me de volta à praia, deixando Larsen a tomar sol.

Maud ainda dormia. Assoprei as cinzas e febrilmente preparei o almoço. Ia a terminá-lo quando ouvi seus movimentos dentro da cabana. Maud arrumava-se, e assim que o café entrou em fervura o seu vulto surgiu à porta.

— Não está direito isso, foi a sua saudação. Anda a invadir as minhas atribuições. Lembre-se de que a parte da cozinha me pertence...

— É só por esta vez, Maud, justifiquei-me.

— Bem, do contrário ficarei a imaginar que não está contente com a cozinheira.

Para regalo meu ela não se voltou para a praia onde estava a "Ghost" e assim pude prolongar a brincadeira. Mas quando Maud viu café em xícaras de porcelana, e batatas fritas, e geleias de morango sobre bolachas, olhou para mim com os mais arregalados olhos que já vi — e depois voltou-os para o mar.

— Humphrey! exclamou atônita.

O inenarrável terror antigo tomara-a toda.

— Ele?!... indagou trêmula.

Fiz que sim com um movimento de cabeça,

CAPÍTULO 33

Esperamos todo o dia que Lobo Larsen descesse em terra — e foram horas de intolerável ansiedade. A cada momento púnhamos os olhos na "Ghost", certos de vê-lo surgir. Mas não surgia. Não se mostrou na amurada uma só vez.

— Talvez esteja ainda com a dor de cabeça, sugeri. Deixei-o na popa e lá ficará a noite inteira. Estou com vontade de ir espiá-lo.

Maud olhou-me com ar reprovativo.

— Não haverá perigo, observei em tom de segurança.

Levarei os meus revólveres: você bem sabe que não há mais nenhuma arma a bordo.

— Mas há os braços, os músculos daquele monstro, as suas terríveis mãos. Oh, Humphrey, tenho um medo horrível! Não vá, não vá...

E Maud agarrou-me as mãos, fazendo-me acelerar o pulso. Meu coração mostrou-se nos meus olhos. A minha amada companheira! O sol, o orvalho da minha varonilidade penetrando-a cada vez mais fundo e fortalecendo-a com a sua seiva. E meu braço foi-se erguendo para enlaçá-la, como no dia das focas; mas reconsiderei a tempo e contive-me.

— Não arriscarei nada, repliquei. Apenas espiei de longe.

Maud apertou-me com mais força a mão e deixou-me ir. A bordo notei que Larsen já não estava onde eu o deixara.

Havia descido, evidentemente.

Voltei, e aquela noite passamos em guarda, ora vigiando eu, ora Maud, porque era imprevisível o que Larsen poderia fazer.

O dia seguinte passamo-lo à espera do que desse e viesse, e também o terceiro. Larsen igualmente não deu sinal de si.

— Está com a dor de cabeça, aventou Maud no quarto dia. Talvez muito doente, talvez morto... Ou morrendo, acrescentou depois de alguns instantes, como eu nada sugerisse.

— Melhor assim, Maud..

— Melhor assim, será, disse ela — mas não sabemos.

Seria terrível se fosse. Eu não poderia nunca perdoar-me o deixar morrer perto de mim uma criatura humana sem amparo no último momento. Temos de fazer qualquer coisa, Humphrey.

Calei-me, a pensar na sua solicitude por aquele monstro, ela que pouco antes não queria nem que eu me aproximasse da escuna. Maud era muito sutil para não compreender o que me passava pela cabeça — e foi direto ao ponto.

— Você precisa ir a bordo, Humphrey, e ver o que há, disse ela. E se quer rir-se de mim, tem meu consentimento e perdão.

Ergui-me, obediente, e encaminhei-me para a escuna. — Cuidado! gritou Maud de longe.

Acenei-lhe com a mão de cima do castelo de proa e pulei para o convés. Fui direto à cabina e gritei de certa distância. Lobo Larsen respondeu de baixo. Dirigi-me a ele, mas de revólver engatilhado. Durante toda a nossa conversação mantive-me assim, sem que ele, entretanto, notasse essa atitude. Larsen pareceu-me o mesmo — abatido, lúgubre. Poucas palavras trocamos. Não perguntei por que motivo não descera à praia, nem ele inquiriu da minha presença ali. Sua cabeça melhorara, foi tudo quanto me disse.

Maud recebeu a nova com evidente alívio e a vista de fumaça na chaminé da cozinha acabou de sossegá-la. No outro dia, e ainda no subsequente, vimos a mesma fumaça na cozinha e por vezes avistamos Larsen à popa. Foi só. Não fez ele menção nenhuma de descer em terra. Nós continuamos a passar as noites de vigília, sempre receosos dalguma insídia.

Assim decorreu toda uma semana. Nossa preocupação exclusiva era Lobo Larsen. A presença ali daquele homem nos impedia de pensar noutra coisa.

Lá pelo fim da semana a fumaça deixou de aparecer e Larsen não mais se mostrou à popa. A inquieta solicitude de Maud voltou, apesar de, timidamente ou orgulhosamente, evitar pedir que eu fosse vê-lo. Tudo bem considerado, como poderia eu levar a mal essa solicitude? Era o sublime do altruísmo da mulher. Além disso, eu mesmo me sentia incomodado à lembrança daquele homem a morrer sozinho, com dois semelhantes tão próximos. Larsen tinha razão. o código da gente do meu tipo era mais forte que os instintos. O fato dele possuir pés, mãos e corpo igual ao meu, estabelecia para mim deveres que eu não conseguia iludir.

Não esperei que Maud me mandasse para lá. Notando a nossa falta de leite condensado e geleias, anunciei que iria a bordo buscar uma provisão. Mas Maud estremeceu — chegou mesmo a observar que não eram coisas indispensáveis para nós. E assim como de outra vez havia acompanhado a curva do meu silêncio, seguia ela agora no fio das minhas palavras, certa de que eu não tencionava ir à "Ghost" por causa daquilo apenas, e sim para sossegá-la da inquietação que lhe lia nos olhos.

Descalcei as botas ao chegar ao castelo de proa e caminhei sem ruído até à porta. Alcancei a cabina. Deserta. Estava fechada a porta da câmara de Larsen. Pensei a princípio em bater; depois lembrei-me da razão ostensiva da minha visita e dirigi-me para a despensa. Ergui o alçapão sem ruído. E no meio de tantas provisões separei à vontade o que me aprouve.

Quando ia saindo ouvi rumor na câmara de Lobo Larsen. Agachei-me à escuta. A porta da cabina onde me achava moveu-se e o vulto de Larsen mostrou-se aos meus olhos no momento em que me entrincheirava atrás da mesa, de revólver engatilhado. Jamais vi desespero tão profundo como o estampado em suas feições. Qual mulher em dores, o homem terrivelmente forte torcia as mãos e gemia. Depois correu os dedos pelos olhos, naquele seu gesto de afastar teias de aranha.

— Deus! Deus! Exclamou — e seus punhos fechados ergueram-se para o céu como a acentuar o desespero que vibrava na palavra.

Era horrível. Eu tremia todo, com arrepios a percorrerem-me a espinha e suor a gotejar-me da testa. Nada mais aterrorizante neste mundo que o espetáculo dum homem forte que cai.

Mas Lobo Larsen breve readquiriu o controle de si próprio num impressionante esforço de vontade. Vi que era esforço supremo. Seu arcabouço estremecera na luta. Deu-me a sensação dum homem à beira da queda. Sua face lutava para readquirir o equilíbrio, retorcendo-se num ajeitamento. Uma vez mais estorcegou as mãos e rugiu. Respirou fundo, soluçou. E voltou a si. Era de novo o velho Lobo Larsen, embora sugerindo um pouco de fraqueza e indecisão. Não se demorou ali. Fez-se de volta para a escada — e notei que também o seu andar não tinha a firmeza de outrora.

Comecei a apavorar-me. O alçapão ficava diretamente na sua passagem e se ele o visse aberto sem demora me descobriria. E descobrir-me-ia agachado, como um ladrão que se insinua em casa alheia. Ergui-me então desafiadoramente e enfrentei-o. Larsen não deu sinal de ver-me, nem notou o alçapão aberto. Caminhou para ele como se estivesse fechado, e já com um pé no buraco ia caindo quando o seu instinto o fez dar para a frente um daqueles famosos saltos de tigre. Veio cair de peito bem sobre as minhas provisões.

A expressão que lhe vi no rosto foi de compreensão integral de tudo. Mas antes que eu pudesse adivinhar o que ele havia compreendido, Larsen fechou a tampa do alçapão, supondo-me lá dentro. Estava cego, mais cego que um morcego! Pus-me a observá-lo, retendo o fôlego a fim de não ser percebido ali. Larsen dirigiu-se à sua câmara e apalpou a porta para alcançar o trinco. Aproveitei a chance e fugi da cabina. Larsen reapareceu com uma pesada poltrona, que colocou sobre a tampa do alçapão; não contente, arrastou para lá vários outros móveis. Em seguida tomou as provisões, que eu pilhara e sobre as quais ele caíra de peito, e pô-las sobre a mesa. Quando saiu dali de rumo à escada, voltei para a cabina.

Larsen ficou no topo da escada, com os braços em repouso num rebordo. Sua atitude era a de um homem que olhasse para a frente ao longo da escuna, ou que contemplasse

fixamente alguma coisa, pois não piscava. Eu me pusera a pequena distância, sentindo-me qual fantasma invisível. Aproximei-me. Agitei minha mão diante dos seus olhos, sem nenhum efeito; mas quando a sombra lhe passava pela retina vi que recebia qualquer impressão. Sua face tomava-se mais tensa, como no esforço de identificar o que era aquilo. Pressentia por ali algo móvel, sem conseguir apreender o que fosse. E moveu vagarosamente a cabeça para a frente e para trás sob a sombra, e voltou-a à direita e à esquerda, ora na parte batida de sol, ora na sem sol, comparando as duas sensações na ânsia de adivinhar o que era.

A mim também me preocupava saber como podia ter ele a sensação, cego como se achava, duma coisa tão intangível como a sombra. Se apenas os glóbulos oculares estivessem afetados e os nervos óticos ainda não de todo destruídos, a explicação seria simples. Em caso contrário, então era que a sensibilidade da pele estava tentando substituir a visão destruída. Ou tratava-se de um sexto sentido?

Abandonando a tentativa de localizar a sombra, Larsen atravessou o convés com firmeza e rapidez que me surpreenderam, embora sempre com aquela ponta de imprecisão que eu já lhe notara. Estava realmente cego.

Como nota cômica da tragédia, descobriu as minhas botas no castelo de proa e levou-as para a cozinha. Vi-o acender fogo e dar começo ao preparo da comida. Voltei então à cabina, tomei as provisões furtadas e fui contar tudo a Maud — de meias, como me achava.

CAPÍTULO 34

Foi pena que a "Ghost" perdesse os mastros; do contrário poderíamos pô-la a navegar. Não acha que sim, Humphrey?

Pus-me de pé, excitado.

— É o que eu queria saber, Maud, respondi medindo passos de lá para cá.

Seus olhos brilharam de esperança. Maud tinha tanta confiança em mim! E essa confiança aumentava-me a força. Lembrei-me da frase de Michelet: "A mulher é para o homem como foi a terra para o seu lendário filho; quando Anteu caía, bastava beijar o chão para sentir-se de novo forte". Só então percebi o valor dessas palavras, e isso porque estava a vivê-las. Maud era tudo para mim, e pois uma fonte perene de força e coragem. Bastava-me pensar nela, ou olhar para ela, para sentir-me outra vez forte.

— Pode sim, pode sim, comecei a repetir em voz alta. O que um homem faz eu posso fazer — e até o que nenhum homem fez eu posso fazer.

— Que, Humphrey? exclamou ela. Que é que pode fazer?

— Podemos fazer, repeti corrigindo-me. Podemos arrumar na escuna um novo mastro e partir.

— Humphrey!

E eu senti-me orgulhoso da idéia como se já fosse uma realização.

— Mas como é isso possível?

— Ignoro-o, respondi. Só sei que sou capaz de fazê-lo

— Sim, Sim, Sim.

E sorri para Maud cheio de orgulho — com tanto orgulho que ela baixou os olhos e guardou silêncio por alguns instantes.

— Mas... e o capitão Larsen? advertiu depois.

— Está cego e inofensivo, respondi, afastando-o das minhas cogitações como se fosse uma palha.

— Mas aquelas terríveis mãos? Você mesmo contou-me do pulo que deu sobre o alçapão da despensa.

— Mas não disse como saltei também e dele me desviei, respondi alegremente.

— E perdeu as botas...

— As coitadas não puderam escapar porque não tinham os meus pés dentro.

Rimo-nos ambos e em seguida pusemo-nos a trabalhar a sério, formando planos sobre o melhor meio de erguer na "Ghost" mastros novos.

Eu me lembrava vagamente da física aprendida em meus dias escolares, mas a

minha estada no mar tinha-me ensinado muita coisa agora útil. Devo entretanto dizer que quando voltei à escuna para examinar mais de perto o problema, desanimei. Por onde começar? A tarefa se simplificaria grandemente se tivesse ficado de pé um só mastro que fosse; serviria de ponto de apoio para o levantamento dos demais. Mas haviam tombado todos. Eu conhecia a teoria da alavanca — mas onde o ponto de apoio?

Havia o mastro-mestre, com quinze polegadas de diâmetro na base e do peso aí dumas três mil libras. Havia depois o mastro de mezena, de maior diâmetro e dumas quinhentas libras de peso a mais. Por qual deles começar? Maud ficou-se-me ao lado em silêncio, enquanto em I meu cérebro evoluía a mecânica do que os marinheiros I chamam tesoura. Embora seja coisa velha para o mundo, tive de inventá-la de novo na ilha Endeavor. Amarrando duas vigas em forma de V eu poderia obter, a certa altura do convés, um ponto de apoio para o erguimento dos mastros.

Maud sentiu-me na pista duma solução e seus olhos luziram de contentamento.

— Que vai fazer, Humphrey?

— Consertar aquilo! respondi apontando para a escuna em pandarecos.

Oh, como me foi grata aos ouvidos a energia segura daquela decisão! "Consertar aquilo!" Se era possível tal frase na boca do Humphrey Van Weyden de um ano atrás!

Devia haver algo melodramático na minha ênfase, pois Maud sorriu. O seu senso de humor era agudo e em tudo ela percebia imediatamente o ponto falso. Foi o que lhe deu tanta finura ao labor literário, fazendo-a conhecida em todos os países civilizados. A crítica, séria, com senso de humor e poder de expressão, impressiona os ouvidos do mundo. Instinto artístico das proporções.

— Estou certa de que já li isso em livros — ou a possibilidade disso — observou ela com voz de animação.

Mas também eu era dotado de senso artístico das proporções e caí — vim abaixo da posição a que me alçara, de dominador da matéria, e fiz-me humilde.

Maud apertou-me a mão dizendo: Perdoe-me, Humphrey.

— Não é caso, retorqui. Fez-me até bem a sua leve ironia, Maud. Confesso que sou bastante livresco, e que ainda tenho muito do rapaz de universidade. Mas o que me cumpre fazer é positivamente consertar aquilo. Venha comigo. Vamos começar.

— "Quando com a faca nos dentes, o lobo do mar desemaranha o cordame..." citou Maud — um verso não sei de quem — e pelo resto da tarde fizemos mil planos brincalhões relativos à tarefa sonhada.

A parte de Maud consistia em manter o bote em posição, enquanto eu desemaranhava as cordas que, como algas, pendiam pelo costado da escuna, mergulhando-se no mar. Tive de desatar, desenlear, cortar — desembaraçar, em suma,

aquele infinito cordame, como a costureira desembaraça uma maçaroca de linha. Isso custou-me muito esforço e pôs-me molhado da cabeça aos pés.

Também tive de cortar a lona das velas que por estar molhada me deu trabalho duplo. Mas antes de cair a noite pude ver toda a maçaroca desembaraçada e estendida na areia para secar. Cansamo-nos bastante. Em compensação o serviço rendeu.

No dia seguinte, sempre ajudado de Maud, subi à "Ghost" para desembaraçar a base dos mastros. Estávamos nisso quando o rumor que fazíamos chamou a atenção de Lobo Larsen.

— Olá, aí em cima! gritou ele.

O som da sua voz fez Maud chegar-se a mim — e agarrada ao meu braço ficou durante todo o curso do diálogo.

— Olá aí em baixo! respondi. Bom dia, amigo!

— Que está fazendo? perguntou Larsen. Esfuracando o meu navio para metê-lo ao fundo?

— Justamente o oposto. Estou consertado-o.

— Que é que está consertando? perguntou ele com surpresa.

— Os mastros. Vou reerguer os mastros, respondi como se aquilo fosse a coisa mais simples do mundo.

— Vejo que está agora realmente sobre as próprias pernas, Hump, disse Larsen — e guardou silêncio por algum tempo. Depois:

— Mas, Hump, você não pode fazer isso.

— Como não, se já estou fazendo? redargüi.

— Este navio é meu, minha propriedade particular. Eu o proíbo de mexer nele.

— Não poderá proibir, repliquei. O amigo esquece que já não é o pedaço de fermento que engolia os pedacinhos? Já foi, em tempos, um fermentão capaz de engolir a mim, como tantas vezes disse; mas tudo mudou e agora eu é que posso engolir Larsen. O fermento que Lobo Larsen é, embolorou, perdeu a força.

Larsen teve uma risada desagradável e disse:

— Vejo que está a lançar contra mim a minha filosofia, mas não me julgue menos do que valho, Hump. Fique avisado.

— Avisado? Oh! Virou então, agora, filantropo? foi a minha réplica. Isso de avisar-me, para o meu bem, confesse, Lobo Larsen, que é muita fraqueza...

Ele pareceu não perceber o sarcasmo e disse: Suponha que eu feche agora a escotilha. Não me enganará, então, como me enganou com a tampa da despensa.

— Lobo Larsen, respondi com severidade, bem sabe que sou incapaz de meter uma bala na cabeça dum homem desarmado e doente. Já teve a prova disso. Mas dou-lhe

agora a minha palavra de que o atirarei sem vacilação, se fizer o menor ato de hostilidade contra mim. Se dá um passo para fechar a escotilha, juro que o atiro daqui donde estou. Experimente.

— Não obstante, proíbo-o de tocar em meu navio. Proíbo-o, está ouvindo?

— Mas, homem de Deus, que história de "meu" navio é essa? Admite então a força moral do possessivo, em vez de admitir somente a força física, como outrora? Nas suas relações com os outros, Lobo Larsen jamais atendeu a direitos morais — só considerava o direito da força. E como concebe que Hump não faça agora o mesmo?

Eu me havia encaminhado para a entrada da escotilha de modo a poder guardar os seus movimentos. A falta de expressão daquele rosto, devida aos olhos largamente abertos, era apavorante.

— E ninguém aqui para me prestar obediência, rosnou ele, nem mesmo o antigo Hump.

O rosnado sarcástico estava apenas na voz: o rosto mantinha-se na mesma inexpressão.

— Como passa, Miss Brewster? disse ele depois duma pausa.

Admirei-me daquilo, porque Maud não havia feito o menor rumor, apavorada como ficara desde o primeiro momento. Seria que algum resto de visão se salvara na cegueira daquele homem? Ou lhe estava voltando a visão?

— Muito bem, capitão Larsen, respondeu Maud. E o senhor? Como passa? Como percebeu minha presença aqui?

— Ouvi a sua respiração. Escute. Vê como Hump está melhorando?

— Não sei, capitão, respondeu Maud sorrindo para mim. Eu sempre o conheci como ele é.

— Queria que o tivesse visto nos começos...

— Ingeri fortes doses de Lobo Larsen, foi o que me fez mudar, repliquei.

Larsen insistiu na ameaça.

— Mais uma vez aviso, Hump, de que o melhor é deixar as coisas como estão.

— Mas não quer salvar-se daqui, como nós? Perguntei com ar incrédulo.

— Não, foi a sua resposta. Quero morrer aqui.

— Sua alma, sua palma. Mas nós não pensamos assim, está entendendo? — e calmamente retomei minha tarefa interrompida.

CAPÍTULO 35

No dia seguinte ficaram livres os buracos de encaixe dos mastros e comecei o trabalho de ajeitá-los. Um deles tinha mais de trinta pés de comprimento e o outro, quase trinta; eu ia aproveitá-los para a tesoura de suspensão. Serviço pesadíssimo. Meti uma corda no guindaste e comecei a içar o primeiro. Maud ajudava-me na roda do guindaste.

Fiquei surpreso da facilidade com que tão pesada madeira subia. Era um guindaste ótimo, de muito rendimento. Quando o topo do mastro chegou ao nível do convés, tudo parou, num empate de forças.

— Eu devia ter previsto isto, murmurei com impaciência. Temos de recomeçar.

— Por que não amarra a corda no meio do mastro? sugeriu Maud.

— É o que deveria ter feito, concordei, descontente comigo mesmo.

Fiz o mastro descer de novo até à água e ateí a corda a um terço do comprimento, a partir da base — e dentro duma hora, contando os descansos, icei o madeiro ao máximo que o guindaste dava. Oito pés da base do mastro ficaram acima da amurada. E o resto? Sentei-me para ponderar sobre o problema. Súbito, dei um salto. Heureka!

— Está tudo resolvido, gritei. A corda deve ficar no centro de gravidade. Aprendi isso e vai servir-me muito para o diante.

O mastro foi de novo descido à água a fim de receber a corda no ponto conveniente. Erguemo-lo de novo, mas ainda errado. Subiu com a ponta para cima, como antes havia subido com a base para cima. Maud fez cara de desespero, mas sosseguei-a dizendo que estava tudo ótimo.

Expliquei-lhe como devia fazer — como devia afrouxar a corda quando eu desse ordem, e continuei na tentativa. Lentamente o mastro foi arrumado de modo a equilibrar-se em ângulo reto com a amurada, e então, com surpresa, descobri não ser necessário que Maud afrouxasse a corda; o contrário, sim, era preciso.

Expliquei-lhe como devia proceder, e que estivesse pronta para afrouxar o cabo quando eu dissesse; segurei o mastro e procurei com um balanço fazê-lo passar sobre a amurada. Quando julguei oportuno o momento, dei-lhe ordem de afrouxar o cabo — mas em vez de entrar, o mastro lá se foi para a água novamente. Tivemos de içá-lo de novo, para uma nova tentativa, já agora com um terceiro plano. Lembrei-me dos moitões e fui procurar um.

Enquanto estava a colocá-lo, Lobo Larsen reapareceu em cena. Não trocamos outras palavras senão "Bom dia!" e, embora ele nada pudesse ver, sentou-se ali por perto, a fim de seguir pelos sons o nosso trabalho.

Dando novas instruções a Maud para afrouxar a corda quando eu fizesse sinal, continuei o içamento. Aos poucos o mastro chegou à posição necessária, em ângulo reto com a amurada. Ajeitado o aparelho de espera, girei o guindaste e lentamente consegui meter o mastro dentro do convés.

Consultei o relógio: doze horas. Minhas costas doíam; a fome era grande — e todo o resultado daquele imenso trabalho não passava da mudança de lugar dum pedaço de madeira. Pela primeira vez avalei com clareza a extensão do empreendimento a que eu me propusera. Tinha de ir aprendendo e fazendo.

Voltamos ao trabalho mais tarde, depois de bem restaurados por uma excelente refeição, e agimos com muito maior eficiência.

Em menos duma hora meti no convés o segundo mastro e pude dar começo à armação da tesoura. Amarrei o topo dos dois mastros e no ponto de junção coloquei a roldana, mais os moitões, e estava pronto o rude aparelho de içar. Para que não escorregasse na madeira do assoalho, tive de segurar os pés da tesoura com cunhas de madeira pregadas ao chão. O guindaste em seguida a poria a prumo.

O crepúsculo vinha caindo quando dei por terminados os trabalhos do dia. Lobo Larsen, que sem proferir palavra por ali ficara sentado a tarde inteira, dirigiu-se à cozinha a fim de preparar a ceia. Eu me sentia com terrível dor nas costas, mas com justificado orgulho contemplava o trabalho feito. Estava ansioso qual uma criança para içar qualquer coisa na minha rude máquina de içar.

— Pena ser tão tarde, murmurei. Estou ardendo por ver como isto trabalha.

— Não seja tão guloso, Humphrey, caçoou Maud. Lembre-se de que está cansado a ponto de mal poder manter-se em pé. Amanhã prosseguiremos.

— E você? Cansada também? Olhe que trabalhou de rijo! Sinto-me tão orgulhoso de você, Maud...

— Não tanto como eu de você, Humphrey, e tenho razões para isso, murmurou ela olhando-me nos olhos com uma expressão muito sua mas que eu desconhecia, na qual um brilho estranho lhe dançava nas pupilas; e isso pôs-me em doce estado de enlevo. Em seguida Maud baixou os olhos, para logo depois erguê-los, sorridentes como de costume.

— Se nossos amigos pudessem ver-nos! murmurou. Olhe em que estado estamos! Já se deteve um momento para ver como estamos, Humphrey?

— Sim, sim, respondi, admirado da súbita mudança de expressão e de assunto. Já muitas vezes me detive para observar isso.

— Obrigada pela curiosidade, exclamou ela. E que lhe pareço?

— Um espantalho, Maud! respondi. Essas saias rotas...

Olhe só aqui este rasgão de três pontas. E essa blusa! Não é preciso ser um Sherlock para adivinhar que andou a cozinhar foca em fogão de lenha ao relento. E esse gorro, Maud! E dizer que tal conjunto se chama: a mulher que escreveu o "Kiss Endured"...

Maud fez uma reverência. — Tudo por vós, senhor... Durante os cinco minutos de conversa senti atrás desse tom de brincado algo sério e apreensivo, que só poderia relacionar-se à luz fugaz que tinha visto nos olhos de Maud. Que significava tal luz? Seria que nossos olhos começavam já a falar uma linguagem diferente da articulada? Que poderia significar aquela expressão aquela luz dançante e trêmula, aqueles infinitos nadas que a palavra não consegue descrever? Meus olhos já haviam falado diversas vezes essa linguagem nova — e, como culpados que eram, eu os forçara ao silêncio. E isso por várias vezes. Mas teria Maud entendido essa linguagem? Seria uma réplica, a luz trêmula e dançante que lhe vi nos olhos? Eu não era perito na linguagem do olhar. Eu não passava de Humphrey Van Weyden, um homem ainda ingênuo que amava. E amar, e esperar, e conseguir ser amado constituía para mim algo altamente glorioso. Nisso vim pensando ao sair da escuna, de rumo ao nosso acampamento.

— É um desastre que depois de dia tão trabalhoso não possamos ter uma noite contínua de sono, queixei-me durante o jantar.

— Mas será que ainda correremos perigo? Um homem cego, Humphrey.

— Não podemos ter nele a menor confiança, adverti, e muito menos agora que está cego. O provável é que a cegueira o faça ainda mais perverso. Amanhã, porém, já sei o que fazer. Lançar uma âncora leve, de modo que a escuna possa ficar mais longe da praia. Desse modo, quando voltarmos do serviço em nosso bote, o senhor Larsen ficará lá prisioneiro. Esta vai ser a última noite em que faremos guarda.

Levantamo-nos no dia seguinte muito cedo e já havíamos terminado o *breakfast* quando o sol rompeu.

— Olhe lá, Humphrey! ouvi Maud exclamar com desespero.

Olhei para ela. Estava voltada para a "Ghost". Voltei-me também e nada percebi de anormal.

— A nossa tesoura! exclamou Maud com voz trêmula.

Eu não me lembrava mais da tesoura. Olhei de novo e vi que a tesoura havia desaparecido.

— Se ele... comecei, mas Maud tapou-me a boca e disse: Ergueremos outra, Humphrey.

— Sim, Maud, a minha ameaça nada significa; bem sabe que não mato uma mosca, disse eu num sorriso triste. E o pior é que Larsen sabe que sou assim. Você tem razão. Se ele desfez a nossa tesoura, nada mais nos resta a fazer senão armar outra. E me

ficarei lá de guarda. Se Larsen interferir de novo...

— Mas não posso ficar sozinha nesta praia à noite, Humphrey! Que bom se ele vivesse amigavelmente conosco e quisesse ajudar-nos! Poderíamos viver a bordo os três muito confortavelmente.

— Havemos de fazer assim, assegurei com ferocidade, ainda irritado no fundo da alma pela destruição da nossa tesoura. Isto é, eu e você iremos viver a bordo, com ou sem o assentimento de Larsen. — Que infantilidade dele, fazer tal coisa! acrescentei logo depois, e que tolíce a minha de irritar-me!

Mas meu coração revoltou-se novamente quando subi à escuna e vi a revolução que Larsen operara. A tesoura havia desaparecido. Tudo mais fora destruído e espalhado pelo convés. As cordas estavam picadas. Tive um palpite — o guindaste. Corri para ele: não funcionava mais! Eu e Maud olhamo-nos consternados. Procurei os mastros e vergas e velas. Tudo desaparecido...

Vi lágrimas nos olhos de Maud e creio que por minha causa. Eu também me senti quase a chorar. Em que dera o nosso maravilhoso projeto de fazer a "Ghost" navegar novamente! A destruição de Larsen fora perfeita. Sentei-me junto à escotilha, de queixo nas mãos, numa tristeza sem fim.

— Merece, não há duvida. Ele merece a morte, murmurei, mas não sou bastante duro para fazer-me o seu carrasco...

Maud veio para o meu lado e correu os dedos finos pelos meus cabelos como se amimasse uma criança. Tudo acabará bem, disse ela. Paciência Humphrey, paciência.

Lembrei-me de Michelet; inclinei para o seu regaço a minha cabeça — e senti-me de novo forte. Aquela abençoada criatura me era uma inesgotável fonte de energias. Que importava o desastre? Uma pequena demora, nada mais. A maré não havia arrastado as mastros dali e não havia vento. Eu poderia remediar tudo — e aproveitaria a lição. Se Larsen não tivesse feito aquilo tão no começo, seria ainda pior. Talvez destrísse irremediavelmente toda a nossa obra, depois de termo-la completado.

— Lá vem vindo! murmurou Maud.

Olhei. Larsen caminhava lentamente a bombordo. '

— Finja que não dá por ele, sussurrei para Maud.

Larsen vem ver como recebemos o seu trabalho de destruição. Não lhe daremos o gosto de gozar o nosso desapontamento. Tire os sapatos — assim. Leve-as na mão.

E entramos a jogar a cabra-cega com o terrível cego. Quando vinha por um lado, passávamos para o outro — e divertíamo-nos de vê-lo perseguir-nos em vão.

Mas Larsen devia ter percebido a nossa presença a bordo, porque nos saudou com um "Bom dia!" ficando parado à espera da resposta.

— Oh, eu sei que vocês estão a bordo, disse por fim, ficando também dessa vez à escuta.

Sua atitude fez-me lembrar uma coruja que depois de desferir um grito lúgubre põe-se atenta à agitação que sua voz causa nos animaizinhos assustados. Mas nós não mostramos nenhuma agitação; não demos sinal de nossa presença e somente nos movemos quando ele se moveu. E desse modo ficamos no convés, de mãos dadas; como duas crianças que se escondem dum papão terrível, até que Lobo Larsen, aborrecido, se recolhesse ao camarote. Por fim, com os olhos dançantes de alegria e a abafar o riso, fomos calçar nossos sapatos para a retirada. Que importava o mal que ele nos tinha feito? Com os olhos em Maud, dentro do bote, eu era todo amor, e graças a esse amor não me faltariam forças para a vitória.

CAPÍTULO 36

Durante dois dias eu e Maud exploramos inutilmente o mar circunvizinho em procura dos mastros perdidos. Só no terceiro os achamos, a todos eles e também à tesoura: estavam num ponto perigoso a sudoeste, onde a ressaca rugia brava. Deu-nos grande trabalho o removê-los dali, mas já no primeiro dia de luta pudemos rebocar para a enseada o mastro grande. Fizemo-lo à força de remos, pois que reinava absoluta calmaria.

Com outro dia de arriscado e exaustivo trabalho conseguimos rebocar os outros dois. Restava o resto; ligamos tudo como jangada e num esforço inaudito tratamos de rebocar esse resto no terceiro dia. O vento voltara a soprar, de modo que esperei fazer a manobra à força de vela; mas o vento logo caiu, e foi necessário mover aquilo a remo, com lentidão de lesma. E com que esforço! Afundar o remo n'água, deitar sobre ele todo o peso do corpo — e ver a carga apenas mover-se, como que agarrada pelo mar...

A noite sobreveio, e por azar trouxe um vento que não só impediu a marcha para a frente como ainda nos começou a arrastar para longe. A pobre Maud, que dava sempre o máximo do seu esforço, teve de deitar-se à popa para descanso, de tal modo exausta se viu. Minhas mãos inchadas chegaram a não poder mais com os remos. Todos os músculos me doíam, e apesar de bem alimentado ao almoço, eu estava quase a desmaiar de fome.

Recolhi por fim os remos e curvei-me para o cabo que ligava o bote à jangada de material. A mão de Maud deteve-me.

— Que vai fazer? perguntou com voz cansada.

— Desatar a corda, respondi dando começo à obra. Mas os dedos de Maud impediram-mo.

— Por favor, não! pediu ela.

— Inútil, respondi. A noite aí está e o vento bate contra nós. Inútil qualquer esforço.

— Mas reflita, Humphrey. Se não pudermos arrumar a "Ghost" teremos de ficar para sempre nesta ilha deserta. Se ninguém a descobriu até hoje é provável que não a descubram jamais.

— Você esquece o bote velho que encontramos na praia, repliquei.

— Era um bote de caçadores de foca; bem sabe que se eles tivessem conseguido escapar daqui com vida teriam voltado para pilhar as focas da *nursery*. Mas não puderam voltar. ..

— Além disso, acrescentou Maud, a idéia de aparelhar a "Ghost" foi sua, e quero vê-lo

vencedor.

Agora eu podia resistir, pois que Maud pusera a questão em termos de lisonja pessoal. A generosidade compelia-me a resistir.

— Antes passarmos a vida toda nesta ilha do que morrermos neste bote, hoje, amanhã ou depois. Não estamos preparados para enfrentar o oceano. Não trouxemos provisões, nem sequer cobertas. Você não sobreviveria, se passasse aqui uma noite ao relento. Conheço a sua resistência, Maud. Olhe, já está tiritando.

— É nervoso, justificou-se ela. É medo de que você solte a jangada. Oh, não, Humphrey! Não desanime! Insista um pouco mais!

E não pude contrariá-la por mais tempo; ficamos no bote e passamos a noite a tiritar enregelados. De vez em quando nos vinha um acesso de sono, mas não havia dormir — o frio não deixava. Como podia Maud suportar aquilo? Chegara a tal ponto de entanguimento que eu tinha, com as poucas forças que me sobravam, de friccionar-lhe as mãos e os pés a fim de restabelecer a circulação. Mesmo nesse estado continuava a insistir para que eu não abandonasse a jangada de material. Ali pelas três da madrugada teve uma câibra de frio, e por mais que eu a friccionasse ficou entorpecida. Veio-me o medo. Coloquei os remos na forquilha e obriguei-a a remar, a despeito do exaurimento em que se achava. Era o remédio. Afinal rompeu o dia — e tivemos por algum tempo de procurar, na distância, a situação da nossa ilha. Vimo-la lá muito ao longe, no horizonte, qual manchinha negra, a umas quinze milhas. Explorei o mar em tomo com o binóculo.

— Estávamos com vento a favor, Maud, gritei com tal voz rouca que a mim mesmo me soou estranha.

Ela quis responder. Não pôde. Seus lábios estavam roxos de frio, e os olhos, lá no fundo — mas que heróica me pareceu! Que imensamente corajosa!

Pus-me de novo a esfregar-lhe as mãos e mover-lhe os braços como em ginástica, até que ela o pudesse fazer por si mesma. Em seguida forcei-a a ficar de pé — e teria caído ao erguer-se, se eu não a segurasse. Depois a fiz andar de lá para cá no bote, para desentorpecer as pernas, e finalmente obriguei-a a dar saltos.

— Que valente você é, Maud! exclamei ao ver que a vida lhe voltava ao rosto. Sabe que é absolutamente heróica?

— Nunca fui assim, Humphrey, respondeu ela. Só depois que nos conhecemos. Quem me fez heróica foi você.

— E comigo deu-se o mesmo, Maud. Você me fez o que sou...

Ela olhou-me de novo com aqueles olhos onde dançava a luz trêmula que dizia mundos. Por uns instantes só. Em seguida:

— É a situação que nos impõe isto, corrigiu-se, procurando contradizer com palavras a

linguagem dos olhos.

O vento continuou a soprar na direção da ilha, de modo que lá pelas três da tarde passamos o promontório a sudoeste. Que fome! Literalmente morríamos de fome e sede. Tínhamos os lábios rachados de tão secos, e nem sequer podíamos umedecê-los com saliva; a língua se nos secara também. Mas o vento fora caindo, e à entrada da noite tive de voltar aos remos. A marcha foi tão vagarosa que só as duas da madrugada o bote abicou na praia. Saltei em terra. Maud não podia suste-se de pé e eu estava sem forças para carregá-la. Tentei fazê-lo, entretanto, e viemos ao chão os dois. Descansei uns momentos; em seguida, com as mãos sob as suas axilas, puxei-a até à cabana.

O dia seguinte foi de repouso. Dormindo até de tarde, ou pelo menos dormi eu: quando acordei vi Maud a preparar o jantar. A sua faculdade de recuperação de energias era prodigiosa.

— Já contei que eu estava de viagem ao Japão a bem da saúde, disse ela nuns minutos em que levamos a preguiçar diante do fogo. Não me sentia forte — nem nunca fui muito forte. Os médicos receitaram-me mar, viagens de mar — e escolhi a mais comprida — ao Japão.

— Quando havia de imaginar o que estava escolhendo, Maud! interrompi-a sorrindo.

— Mas a experiência fez de mim uma criatura diversa da que fui; tomou-me muito mais forte e, ao que espero, muito melhor. Conheço mais a vida e portanto posso compreendê-la mais a fundo.

Em seguida começamos a ponderar sobre a cegueira de Lobo Larsen. Era inexplicável. Como prova da gravidade do caso, lembrei a sua declaração de que iria morrer na escuna. Quando um homem como aquele, forte, fortíssimo, amigo da vida, aceita a morte, é claro que está movido por algo mais do que a simples cegueira.

Havia ainda as terríveis dores de cabeça, e concordamos que deviam acarretar um enfraquecimento do cérebro, e que durante os ataques talvez Larsen sofresse mais do que era possível conceber.

Notei, durante a conversa, que a simpatia de Maud para com Lobo Larsen mais e mais se acentuava — e tive de compreender como era suavemente feminina tal simpatia. E eu não interpretava erroneamente os seus sentimentos. Maud concordava em agirmos com grande argúcia para nosso salvamento, embora esfriasse um tanto à sugestão de que eu poderia ser compelido a matar Lobo Larsen.

Na manhã seguinte almoçamos cedo e retomamos o trabalho. Encontrei no porão de proa uma âncora pequena, que com algum esforço arrastei até ao convés, e de lá passei para o bote, com o cuidado de bem amarrar na escuna a ponta da corda — e fui de bote lançar a âncora ao mar, no ponto conveniente. Não havia vento; a maré estava alta e a

escuna flutuava. Pensei em estirar a corda com o guindaste a fim de aproximar o barco da âncora; o guindaste não funcionou; tive de fazer essa operação a músculo. Mas a âncora era pequena demais para sustentar a escuna — o que me obrigou a deitar à água a âncora grande de estibordo. Em seguida fui-me ao guindaste. Era forçoso consertá-lo.

Três dias me ocupei nisso, sem nada conhecer de mecânica; gastei todo esse tempo para fazer o que a um maquinista qualquer tomaria três horas. Para começar houve necessidade de ir aprendendo o uso das ferramentas, uma por uma. Mas venci. Ao cabo desses três dias o guindaste pôde funcionar de novo, embora nunca mais desse o rendimento antigo.

Em meio dia icei para bordo os mastros, a tesoura e mais acessórios, como da primeira vez. E para segurança dormi na coberta. Tinha de defender o meu trabalho. Maud recusou-se a ficar sozinha em terra e veio dormir no castelo de proa. Lobo Larsen apareceu a fiscalizar o serviço; sentou-se junto a nós, a "ver-me" consertar o guindaste e a conversar sobre assuntos diversos. Não fez nenhuma referência à destruição do meu primeiro trabalho; também não insistiu na sua ordem para que abandonássemos a escuna.

À noite fui desperto por passos no convés. Estava cheio de estrelas o céu e à luz sideral divisei o vulto enorme de Larsen que se aproximava. Pulei de sob as cobertas e, sem sapatos, esgueirei-me sem ruído atrás dele. Vinha armado duma faca tirada da caixa de ferramentas, com intenção evidente de cortar a corda que amarrava as pernas da minha tesoura. Tateou-a, percebeu que não estava bem esticada. Esticou-a, então, porque só assim poderia cortá-la de um só golpe.

— No seu caso eu não faria isso, gritei-lhe com toda a frieza.

Larsen ouviu o ruído do revólver a engatilhar-se.

— Olá, Hump! exclamou ele. Eu sabia que você estava aqui — que estive aqui todo o tempo: Você não me engana os ouvidos, não.

— Mentira. Lobo Larsen mente, afirmei com a mesma calma gélida. Mas não importa; ando ansioso por uma justificativa que me permita matá-lo. Vá. Continue. Corte a corda.

— Você tem sorte, Hump, respondeu ele rindo-se. — Vamos. continue. Corte a corda, repeti ameaçadoramente.

— Não. Prefiro desapontá-lo, privando-o da justificativa que tanto deseja, foi a réplica de Larsen que, sorrindo, se afastou dali.

— Temos que agir, Humphrey, observou Maud na manhã seguinte quando lhe narrei o acontecido. Se o capitão continua com liberdade de movimentos poderá ainda fazer-nos muito mal. Poderá afundar a escuna, ou incendiá-la. Por que não metê-lo a ferros?

— Como? exclamei com desespero. Não me atrevo a chegar ao alcance dos seus

braços — e Larsen sabe que sem uma justificativa jamais o matarei a tiro.

— Deve haver algum jeito, insistiu Maud. Deixe-me pensar...

— Sim! Há um... exclamei logo depois, agarrando um varapau de abater focas. Isto não o matará, apenas o fará perder os sentidos — e antes que volte a si o terei amarrado.

Maud sacudiu a cabeça.

— Não, não. Deve haver um meio menos brutal. Reflitamos.

Mas não houve necessidade de refletir. O problema resolveu-se logo depois por si mesmo. Estava eu ocupado em içar a bordo o mastro de traquete, com Maud a governar o guindaste. Se esse aparelho estivesse na devida forma, não haveria dificuldade nenhuma na operação, mas como funcionasse mal eu era obrigado a somar com a dela a força dos meus músculos, o que me cansava, impondo amudados descansos. Ao cabo de uma hora, e com o trabalho ainda em meio, paramos ambos. Lobo Larsen aparecera no convés.

Notei imediatamente algo de estranho em seus modos. A indecisão, a fraqueza dos movimentos acentuavam-se. Tinha a marcha incerta. No começo da popa entreparou e correu os dedos pelo rosto, naquele gesto de limpá-lo de imaginárias teias de aranha. E subitamente vacilou, estendendo os braços como em procura de apoio. Firmou-se de novo, deu mais uns passos e por fim desabou no assoalho.

— Ataque! Está com o ataque! murmurei para Maud. Corremos para ele. Larsen parecia inconsciente e respirava com grande esforço. Maud ergueu-lhe a cabeça e pediu-me que trouxesse do camarote um travesseiro. Assim fiz e trouxe também umas cobertas. Tomei-lhe o pulso. Normal. O caso intrigou-me.

— E se for fingimento, Maud? Se for embuste?

Ela sacudiu a cabeça em gesto de censura. Nesse momento o punho de Larsen, que eu segurava, escapou-se da minha mão — e senti-me agarrado por tenazes de aço. O terror arrancou-me um grito inarticulado. O rosto de Larsen revelava o apogeu da malignidade triunfante, e seu braço inexorável ia-me constringindo num amplexo . de serpente.

Prendera-me de modo que eu não podia fazer nenhum movimento com os braços, e levou uma das mãos à minha garganta. Senti nesse instante o pavor da morte. Vítima da minha própria estupidez! Por que me arriscara tanto, a ponto de pôr-me ao alcance daqueles braços terríveis? Percebi o contato de outras mãos na minha garganta; eram as de Maud, que tentava abrir os dedos do gigante. Nada consegui, e soltou então um grito lancinante. Recebi-o fundo em minha alma, qual punhalada.

Gritos assim eu só ouvira durante o naufrágio do "Martinez" .

Meu rosto estava comprimido contra o peito de Larsen, de modo que eu nada podia ver. Mas ouvi Maud afastar-se a correr pelo convés. Tudo se passava com rapidez extrema. Eu ainda não perdera os sentidos. Ouvi de novo os passos de Maud. Voltava a correr. Súbito, senti que Larsen se remexia debaixo de mim. O fôlego abandonava os seus pulmões e os músculos do seu peito como que cediam ao meu peso. Sua garganta grugulejou rouca. A mão constritora abriu-se. Respirei. Seus dedos tentaram apertar-me de novo, mas apesar dum tremendo esforço de vontade Larsen esmorecia. Começava a perder os sentidos.

Os passos de Maud já se faziam ouvir bem perto quando a mão de Larsen descaiu da minha garganta, frouxa. Rolei para longe — livre, ofegante, a piscar para a luz do sol. Meus olhos procuraram Maud. Lá estava ela, muito pálida, porém firme. O varapau de abater focas que trazia consigo veio por terra. Uma infinita alegria me encheu a alma. Na realidade era ela a minha mulher, a minha companheira, a que lutava comigo e por mim, como lutou outrora a companheira do homem das cavernas. Renascera em Maud a fêmea primitiva; ela esquecera a cultura e mostrara a têmpera rija que as maciezas da civilização não tinham conseguido quebrantar.

— Minha cara mulher! gritei erguendo-me — e caímos nos braços um do outro, a chorar convulsivamente num amplexo violento. Meus olhos deslumbraram-se com a sua luxuriante cabeleira castanha, em rebrilhos ao sol como a mais preciosa das jóias. E docemente beijei-lhe os cabelos macios.

Mal voltei logo a mim. Afinal de contas ela não passava duma criatura que depois de afastado o perigo. chorava nos braços do seu protetor ou do seu protegido. Fosse eu seu pai ou irmão, e não teria agido de outro modo. Senti, portanto, que ainda não chegara o momento próprio para declarar o meu amor. Beijei-lhe de novo os cabelos e desfiz o abraço.

— Foi um novo ataque, disse eu. Uma congestão cerebral como a que o pôs cego. Começou fingindo e...

Maud já estava novamente arrumando o travesseiro sob a cabeça de Larsen.

— Não! disse eu. Não ainda! Agora que o temos vencido, havemos de conservá-lo assim. Dora em diante passaremos a morar no seu camarote e ele vai para a timoneira.

Disse e fiz. Arrastei Larsen até à escada. Maud trouxe-me uma corda que lhe corri em laçada sob as axilas e fiz o corpo inerte de Lobo Larsen descer até ao fundo. Lá o rolei para um beliche comum de marinheiro.

Mas não foi tudo. Fui buscar ao seu camarote as fortíssimas algemas que usava para meter a ferros os seus homens e algemei-o de pés e mãos. E respirei. Pela primeira vez depois de tantos dias respirei livremente. Senti-me leve, como se me houvessem tirado

das costas um peso imenso. Também senti que eu e Maud nos aproximáramos ainda mais — como nunca.

CAPÍTULO 37

Fizemos imediatamente a nossa mudança para a "Ghost", onde ocupamos as nossas velhas cabinas. Também passamos a cozinhar a bordo. O aprisionamento de Lobo Larsen ocorrera muito a propósito, visto como o verânico da estação ia no fim e a época das tempestades já se denunciava. Tínhamos bastante conforto ali. A tesoura, apesar de grosseira, dava um ar de atividade e movimento à escuna. Mas com Larsen algemado as incertezas quanto à nossa salvação haviam desaparecido. Aquele segundo ataque fora seguido de profunda queda de forças. Larsen ficava o tempo todo deitado sobre o lado esquerdo, a estorcer-se. Maud verificou isso à tarde, quando tentou fazê-lo receber algum alimento. Larsen mostrava sinais de vida cerebral, mas não respondeu às perguntas. Estava evidentemente sob a tortura das dores. Com um inquieto mover de cabeça libertou o ouvido esquerdo da pressão do travesseiro e respondeu por fim a uma das perguntas de Maud. Ela correu para onde eu estava. Chamou-me. Fui para lá. Comprimi o travesseiro sobre o ouvido esquerdo do doente e perguntei-lhe se me ouvia. Não deu sinal de nada. Removi o travesseiro e repeti a pergunta — e ele então respondeu.

— Sabe que está surdo do ouvido direito?

— Sim, foi a sua resposta em voz forte. Mas há pior.

Todo o meu lado direito está inerte, como que adormecido. Não posso mover braço nem perna.

— Fingindo outra vez, hein?

Larsen meneou a cabeça, e na sua boca dura desenhou-se o mais estranho e retorcido ríctus. Horrível, pois que só metade dos músculos faciais tomava parte nele.

— Aquela foi a última façanha do lobo. Estou paralítico. Nunca mais me erguerei daqui. Oh, só do outro lado, acrescentou, como que adivinhando a minha suspeita ao vê-lo fazer um movimento com a perna esquerda. Foi um azar, Hump, continuou ele. Eu gostaria de dar cabo de você antes que isto me sucedesse. Contei demais com o que ainda me restava de vida.

— Mas por que queria matar-me? indaguei com horror e curiosidade.

O sorriso retorcido reapareceu em sua boca.

— Apenas para demonstrar a mim mesmo que estava vivo e em ação, e me conservava o mais forte pedaço de fermento até o fim. Mas morrer desta maneira...

Larsen tentou sacudir os ombros num gesto que completasse o seu pensamento, mas só o ombro esquerdo obedeceu. Como o sorriso, foi um gesto a meio, falho.

— Mas a que atribui isso? perguntei. Qual a sede do seu mal?

— O cérebro. Foram as malditas dores de cabeça que me trouxeram tudo.

— Dores de cabeça são sintomas, objetei.

Larsen assentiu e continuou — Nada explico. Nunca fiquei doente em toda a minha vida. Há qualquer coisa torta em meu cérebro. Um cancro, um tumor, qualquer coisa assim, que me devora e destrói. Vai, atacando os centros nervosos e comendo-os, pedacinho por pedacinho, célula a célula.

— E os centros motores também, ajuntei.

— Parece que sim; e em consequência tenho de jazer aqui em estado consciente, mentalmente livre, sabendo que as cordas que me ligam ao mundo vão se rompendo aos poucos. Não posso enxergar; o ouvido e o tato principiam a morrer — não vivo, ativo e... impotente.

— O corpo está morrendo; só a alma subsiste, observei eu.

— Asneira! redargüiu Larsen. Significa apenas que o ataque cerebral poupou os mais altos centros psíquicos. Posso lembrar-me, posso pensar e raciocinar. Enquanto isto durar, viverei. Alma! concluiu, acentuando esta palavra com um riso de escárnio. Alma, nada...

Eu e Maud voltamos ao nosso trabalho, oprimidos por aquele quadro tão terrivelmente sinistro. O inexorável duma retribuição como que se realizava. Nossos pensamentos fizeram-se profundos e solenes, e inconscientemente passamos a conversar em tom baixo.

— Hump, pode tirar estas algemas, disse Larsen à noite quando fomos vê-lo. Não corre perigo de mais nada. Estou parálítico. Só tenho a esperar as dores da imobilidade.

E Lobo sorriu o seu sorriso de esgar, tão pavoroso que Maud foi compelida a voltar o rosto, cheia de horror.

— Sabe que o seu sorriso está contorcido? disse eu, para que Maud fosse poupada de o ver novamente.

— Nesse caso não sorrirei mais, respondeu Larsen com calma. Ignorava-o. Minha face direita adormeceu hoje. Sim, tive prenúncios dessa morte parcial nestes três últimos dias. Todo o lado direito vai adormecer. Já sinto a morte, ora aqui, ora ali, ora na mão, ora no pé. — Com que então meu sorriso está torto? disse ele alguns momentos depois. Bem. Sorrirei por dentro daqui em diante — com a minha alma, se me faz favor — minha alma! Saiba que neste momento estou sorrindo.

E durante vários minutos ficou imóvel, a dar-se àquele grotesco divertimento.

O homem que havia em Larsen não mudara. Sempre o terrível, o indomável Lobo Larsen, mas agora aprisionado dentro duma carne que morria. Aquela mesma carne gloriosa e esplêndida de tempos atrás o emparedava na imobilidade, segregando-o do

mundo que lhe fora um permanente tumulto de ação. Nunca mais conjugaria o verbo "fazer" em qualquer modo ou tempo que fosse. "Ser" era o verbo que lhe restava — ser, mas sem movimento; querer, sem execução; pensar e raciocinar e estar vivo por dentro como sempre — mas morto por fora, na carne.

E apesar disso, logo que lhe tiramos as algemas, custou-nos aceitar a sua condição. Algo em nós se revoltava. Ele ainda era para nós uma força, e não sabíamos de que seria capaz se a vida interna rompesse a prisão da carne e seus músculos pudessem de novo agir. Como a dura experiência nos pusera neste estado de espírito, volvemos ao trabalho cheios de inquietação.

Eu havia resolvido o problema decorrente da insuficiência da minha tesoura. Por meio dum moitão icei o mastro de traquete até à amurada e depois o fiz descer à coberta; em seguida, por meio da tesoura, meti a bordo a verga principal, que tinha o comprimento necessário para a suspensão do mastro. Por meio dum segundo moitão, que ajustei à tesoura, consegui pôr o mastro em posição vertical.

Dois dias levei nesse trabalho e só na manhã do terceiro pude começar o desbaste da base do traquete, a fim de que penetrasse no encaixe — e nisso mostrei-me desajeitadíssimo. Serrei, cortei, desbastei a enxó a madeira empapada d'água, a qual ficou com aparência de roída por algum rato gigantesco. Não serviu.

— Vai sair certo, vai sair certo, gritava eu radiante. — Conhece o teste do certo concebido pelo Dr. Jordan? perguntou Maud.

Fiz com a cabeça que não, enquanto ia tirando uns cavacos que se me meteram pela camisa adentro.

— "Podemos fazê-lo operar? Podemos confiar-lhe a nossa vida?" Eis o teste.

— E é o seu teste favorito, Maud, adverti.

— Quando desfiz o meu velho Panteon e dele expulsei Napoleão, César e o resto, erigi um novo, e o primeiro herói nele instalado foi o Dr. Jordan, disse ela gravemente.

— Um herói moderno.

— E justamente por isso muito maior que os velhos, acrescentou. Os heróis da idade antiga não podem comparar-se aos nossos.

Concordei de cabeça. Éramos afins em nossas idéias, sobretudo no conceito geral da vida.

— Como críticos que somos, andamos muito emparelhados, exclamei sorrindo.

— E como consertadores de navio também, replicou Maud no mesmo tom.

Mas havia pouco rir naqueles dias, não só por causa do nosso pesadíssimo trabalho como ainda por motivo da morte lenta de Lobo Larsen.

Sobreviera-lhe nova congestão e perdera a voz, ou começara a perdê-la. Só

intermitentemente ainda falava. Como ele mesmo dizia, as cordas da sua voz estavam como os títulos da bolsa, ora em alta, ora em baixa. Quando em alta, ele falava tão bem como outrora, apesar de em tom mais pesado e vagaroso. Súbito a fala o abandonava, às vezes no meio duma frase — e tínhamos de esperar horas pelo restabelecimento da ligação. Larsen queixava-se de grandes dores de cabeça, e durante um dos intervalos de melhoria combinamos um sistema de conversa por meio de sinais para quando perdesse completamente a palavra. Um aperto de mão significaria "sim", dois apertos, "não". Foi boa providência, porque naquela mesma tarde a sua voz morreu de vez. Desde então só responderia às nossas perguntas assim — ou garatujava com a mão esquerda numa folha de papel o que queria dizer.

O inverno afinal chegou, e rigoroso. Temporal sucedia a temporal, com muita chuva, neve e granizo. As focas partiram-se todas para a sua anual migração rumo sul; a *nursery* ficou praticamente deserta. Mas o nosso trabalho não foi interrompido. Apesar dos rigores do tempo ficávamos na coberta o dia inteiro, trabalhando sem cessar.

Depois de bem firmado o mastro de raquete com o arranjo do cordame, restava a colocação das velas — e tantas coisas mais... Quanto trabalho! As velas tinham de ser refeitas, e na costura da lona muito trabalhou Maud. A lona, dura e grossa, tinha de ser cosida com uma grande agulha triangular, que logo deixou as suas lindas mãos calosas e feridas. Nem por isso desistiu da tarefa, que acumulava com a da cozinha. E ainda cuidava do nosso doente.

— Nada de superstições, disse eu uma sexta-feira.

Este mastro tem que ficar de pé hoje.

E o segundo mastro foi erguido.

Maud bateu palmas quando o trabalho terminou, gritando:

— Está firme, está ótimo! Podemos confiar-lhe nossas vidas! E afinal de contas não foi tão difícil. Mas custa-me a acreditar que o suspendemos da água, que o volteamos no ar, que o levantamos a prumo, que o encaixamos... Trabalho titânico!

— E os titãs inventam muita coisa, comecei alegremente, mas interrompi-me para farejar o ar. Olhei para a lanterna: não estava fumegando. Farejei de novo o ar.

— Alguma coisa está queimando! disse Maud fazendo o mesmo.

Pulamos a um tempo para a escada. Vinham saindo rolos de fumo pelo portaló da timoneira.

— O Lobo não morreu ainda, murmurei comigo mesmo enquanto descia por dentro da fumaça.

Encontrei-a tão espessa no acanhado compartimento que tive de tatear como um cego — e a funda impressão que Lobo Larsen deixara cunhada em meu ser fazia-me

reçar que dum momento para outro o monstro ressurgisse e viesse agarrar-me a garganta outra vez. Hesitei, com ímpetos de tomar ao convés; mas a imagem de Maud interpôs-se entre mim e essa fraqueza — e prosseguem.

Sentia-me já meio asfixiado quando alcancei o beliche de Lobo Larsen. Estendi a mão em sua procura. Estava deitado na posição de sempre. Tateei por baixo e por cima das cobertas. Não havia calor, nem outro sinal de fogo. Aquela fumaça, entretanto, tinha uma origem. Perdi momentaneamente a cabeça e precipitei-me para o porão. Um choque violento de encontro a uma trave fez-me voltar a mim e raciocinar que um aleijado, um paraplégico só poderia deitar fogo a algo que estivesse junto de si.

Voltei para o beliche de Lobo Larsen. Maud lá estava. — Suba já ao convés, Maud! ordenei peremptoriamente.

— Mas, Humphrey... começou ela a protestar com a voz rouca.

— Por favor, Maud, suba! gritei-lhe autoritário.

Ela obedeceu e retirou-se. Ao vê-la sumir-se calculei que poderia não encontrar a escada de saída e corri para guiá-la. Não a vi de pronto e parei à espera, no começo da escada. Nisto chegou-me aos ouvidos o seu apelo:

— Humphrey, estou perdida!

Atirai-me na direção da voz e encontrei-a tateando as paredes a ré. Agarrei-a e levei-a dali. Estava apenas estonteada pela fumaceira. Ficou deitada no convés e desci de novo.

A origem da fumaça devia estar perto de Lobo Larsen e pois me dirigi diretamente para o seu beliche. Quando de novo lhe apalpei a cama, senti calor. Compreendi tudo. Com os últimos movimentos que lhe restavam ele ateava fogo ao colchão. A palha úmida, acesa por baixo e sem ar suficiente para alimento da chama, fizera arder lentamente e com todo aquele fumo. Quando saquei o colchão para fora do beliche ele esfarelou-se e chamas enormes irromperam incontinentemente. Removi a palha solta e abafei a já acesa, sufocando desse modo o começo de incêndio. Depois voei para o convés em busca de ar.

Alguns baldes d' água foram o bastante para completar o serviço, e dez minutos depois, quando a fumaça se esvaiu toda, deixei que Maud descesse novamente. Lobo Larsen, que perdera os sentidos, foi voltando a si. Pediu, passados uns momentos, papel e lápis.

— "Por favor não me interrompam", escreveu ele.

"Estou sorrindo. Sou ainda um bocado de fermento".

— Muito me alegra ver que é um fermento já no fim, foi a minha resposta.

— "Obrigado", escreveu ele ainda, num último assomo de orgulho; "mas pense, Hump, que raciocino ainda com mais clareza que outrora. Nada me perturba. A concen-

tração é perfeita. Sou eu mesmo mais do que nunca".

Era como mensagem vinda da noite do túmulo, porque o corpo daquele homem se transformara em seu próprio mausoléu. Ainda ali, naquela estranha sepultura, o espírito de Lobo Larsen adejava e vivia. E adejaria e viveria até que a última fibra de ligação à vida se rompesse — e depois disso quem poderia dizer por quanto mais tempo seu espírito continuaria adejando e vivendo?

CAPÍTULO 38

Creio que meu lado esquerdo está morrendo, escreveu Lobo Larsen na manhã seguinte. A dormência cresce. Dificilmente posso mover a mão. Fale mais alto. Já ouço com dificuldade.

— E sente alguma dor? perguntei, tendo de repetir a pergunta em tom mais alto.

— Nem sempre.

A mão esquerda que isso escreveu no papel atuou com penoso esforço, forçando-nos a decifrar os garranchos. Era qual uma mensagem espírita.

— Mas ainda estou aqui, estou todo aqui, continuou a mão a escrever com dificuldade crescente. Por fim o lápis escapou-se e caiu; tivemos de repô-lo entre os seus dedos.

— Quando não vem a dor sinto uma perfeita paz de calma. E penso com grande clareza. Posso filosofar sobre a vida e a morte como um sábio hindu.

— E a imortalidade? perguntou Maud gritando-lhe ao ouvido.

Três vezes a mão de Lobo Larsen tentou escrever a resposta. Não pôde. O lápis fugiu-lhe dos dedos e inutilmente tentamos repô-lo. Os músculos não conseguiam sustentá-lo. Maud então manteve o lápis entre aqueles dedos quase mortos, e com extrema dificuldade, um minuto quase para cada letra, Larsen escreveu

— TOLICE.

Foi a derradeira palavra de Lobo Larsen, cético e indomável até o fim. Os braços descaíram-lhe. Um pequeno tremor no corpo — e só.

Maud abandonou-lhe a mão. Seus dedos afrouxaram levemente. O lápis rolou.

— Ouve ainda? gritei bem alto, segurando-lhe a mão esquerda a ver se havia alguma leve resposta. Nada senti. Estava inerte a mão terrível.

— Os lábios agitam-se imperceptivelmente, observou Maud.

Repeti a pergunta. De fato, os lábios agitavam-se. Maud colocou neles a ponta do dedo, enquanto eu formulava de novo a mesma pergunta.

— Sim! Diz que sim! traduziu Maud, a olhar-me esperançosa.

— De que adianta? Que mais poderemos querer saber agora?

— Perguntarei se... e Maud hesitou.

— Pergunte alguma coisa que peça como resposta um "não", sugeri. Teremos desse modo a certeza de que nos ouve.

— Sente fome? perguntou Maud.

Os lábios de Larsen moveram-se, como a dizer "sim".

— Quer comer algo? foi-lhe perguntando em seguida

— "Não", traduziu Maud.

— Quer caldo de carne?

— Sim, diz que quer caldo de carne, exclamou Maud olhando-me. Enquanto lhe restar ouvidos poderemos nos comunicar com ele. E depois...

Enfitou-me de um modo estranho. Vi seus lábios tremerem e vi-lhe lágrimas nos olhos. Seu corpo descaiu como em começo de vertigem.

— Oh, Humphrey, quando acabará isto? soluçou ela. Estou tão cansada...

Aquela cabeça linda conchegou-se ao meu ombro enquanto todo o frágil corpo da minha querida companheira se agitava, sacudido de uma crise de choro. Parecia uma pluma em meus braços, de tão leve, tão etérea. "Partir-se-ia alguma mola de sua alma?" pensei comigo.

"Que fazer, agora, sem o seu concurso"?

Mas consegui acalmá-la, e Maud recuperou-se da crise d' alma tão depressa como se recuperava dos abatimentos físicos.

— Eu devia ter vergonha de mim mesma, murmurou sorrindo, mas não passo duma mulherzinha...

A expressão "mulherzinha" feriu-me como um raio. Era a expressão favorita que meu amor usava em seus solilóquios.

— Onde aprendeu essa expressão? perguntei-lhe com um ímpeto que a espantou.

— Que expressão?

— "Mulherzinha"...

-É sua?

— Sim, respondi exultante. Minha! Eu a concebi... — Então é que ma transmitiu quando estava dormindo, explicou Maud num sorriso encantador.

Vi de novo em seus olhos aquela luz que dançava e tremia. Os meus olhos também estavam falando a sua linguagem de luz. E, naturalmente, sem que a vontade me impelisse, inclinei-me para ela como a árvore que o vento dobra — e unidos ficamos uns instantes. Mas Maud sacudiu a cabeça como para arrancar-se dum sonho, dizendo:

— Sempre conheci essa 'expressão. Meu pai a usava para com minha mãe.

— Pois é a minha palavra diletta, repeti.

— Para com sua mãe também?

— Não... foi a minha resposta — e Maud nada mais perguntou. Em seus olhos pareceu-me ver brilhar algo levemente irônico.

Uma vez metido a bordo o mastro do traquete, o meu trabalho prosseguiu normalmente. Quase sem o perceber, consegui metê-lo de pé no encaixe. Graças a um omitam armado no mastro grande realizei com facilidade a tarefa; e em mais alguns dias

todos os estais e cordames foram devidamente ajustados. Velas de mastaréu não me pareceram providência aconselhável; representavam muito perigo para uma tripulação de duas pessoas; ficaram empilhadas e amarradas no convés.

Mais alguns dias gastei no arranjo definitivo das velas, que eram apenas três, a bujarrona, a melena e a vela grande. Remendadas que estavam, encurtadas, engrouvinhadas, pareciam grotescas num barco de boa estrutura como a "Ghost" .

— Mas servem! exclamava Maud rejubilante. Havemos de fazê-las trabalhar e poderemos confiar-lhes as nossas vidas.

De todos os trabalhos que tive de executar o de que me saí menos bem foi esse do velame; mas em compensação eu sabia lidar com velas. Não duvidei, pois, da minha capacidade de levar a escuna a algum porto ao norte do Japão. Já conhecia alguma coisa da arte de navegar e ademais estava na posse dos livros de bordo e do aparelho de marcar inventado por Lobo Larsen. Era na realidade tão simples que tomava a tarefa acessível a uma criança.

Quanto ao seu inventor, tinha havido pouca modificação em seu estado geral, conquanto lhe fosse crescendo a surdez e diminuindo a faculdade de mover os lábios. O dia em que terminamos a colocação das velas foi o dia do nosso último contato com ele.

— Ainda se sente vivo? perguntei-lhe.

— Sim, foi a débil resposta.

Era o derradeiro estremeção da vida consciente. Em qualquer parte naquele túmulo de carne ainda vibrava a sua alma.

Emparedada pela argila viva, aquela prodigiosa inteligência que conhecêramos no esplendor da sua lógica selvagem continuava a arder. Inteligência sem a sensação objetiva do corpo. Larsen já não conhecia corpo. Já não existia para ele o mundo das realidades. Mas Larsen ainda existia, em sua essência, na vastidão e na profundidade das trevas.

CAPÍTULO 39

Chegou afinal o dia da partida. Nada mais nos detinha na ilha Endeavor. Os rudes mastros da "Ghost" estavam a postos, suportando as velas grotescas. Eu fizera tudo forte, firme, sólido — mas sem nenhuma elegância ou beleza. Iria entretanto funcionar, iria salvar-nos e senti-me cheio de orgulho e força ao contemplar a obra realizada.

— Fiz tudo! Fiz tudo com as minhas próprias mãos! era o que eu tinha vontade de gritar bem alto.

Eu e Maud tínhamos a faculdade de expressar um ao outro os pensamentos mais íntimos, de modo que quando nos preparávamos para içar a vela mestra foi Maud quem disse:

— Pense, Humphrey, que foi você quem fez tudo isso com as suas próprias mãos!...

— Minhas só? Havia ainda mais duas mãos, respondi. Duas "mãozinhas"... Não me diga que seu pai também usava esta expressão.

Maud sacudiu a cabeça, rindo-se, e espichou-me as mãos, dizendo:

— Nunca mais as terei macias e perfeitas. A marca do trabalho e do mau trato ficará para sempre.

Segurei-as carinhosamente entre as minhas.

— Nesse caso essas marcas ficarão como pendões de glória — e se as não beijei naquele momento foi porque Maud as recolheu a tempo.

A nossa camaradagem começava a vacilar. Até ali eu conseguira pôr freio ao meu amor, mas já ele agora entrava a dominar-me. A princípio desobedeceu-me e fez que meus olhos me traíssem; agora fazia que minhas palavras me traiçassem também. E também meus lábios se sentiam vencidos e loucos por beijar as mãozinhas queridas que tanto haviam mourejado. Todo eu me sentia vencido — louco. Meu ser vibrava num imenso clamor pela amada. Forças estranhas me propeliavam. Não pude mais resistir. Não sabia o que fazia — mas Maud compreendeu tudo — e me fugiu com as mãos.

Por meio dos moitões icei a vela grande e o mais: ficou serviço feio, mas que daria bom resultado. Depois pensei na âncora que estava em terra.

— Será possível metermos a bordo aquela âncora? murmurei pensativo.

— Como pretende fazer? perguntou Maud.

— Arrastá-la, respondi. E enquanto a arrasto, você trabalhará no guincho. Temos de cuidar disso e ao mesmo tempo manobrar a bujarrona.

A manobra da partida foi bastante estudada, e vi que com a ajuda de Maud poderia

ser feita. Um vento vivo estava a soprar e, embora o mar se mostrasse calmo, tínhamos de agir com rapidez para sermos bem-sucedidos.

Quando dei ao guincho, a corrente da âncora roncou. Saltei para a roda do leme. A "Ghost" parecia ir renascendo, ao mover-se ao primeiro impulso do vento. A bujarrona encheu-se, e a proa da escuna virou, tendo eu de dar forte ao leme para firmá-la.

Havíamos arrumado uma vela auxiliar, automática, que passava através da bujarrona de modo a não ser preciso que Maud lhe atendesse à manobra — e ela estava ainda içando a bujarrona quando dei ao leme para baixo. Foi um momento de ansiedade, porque a "Ghost" se fez de proa para a praia; mas logo obedeceu a minha guinada e entrou na posição que eu queria. Houve um grande panejar de velas e rizes, muito grato aos meus ouvidos — e a escuna rumou para fora da enseada.

Maud concluíra a sua manobra e viera ter à ré, onde se pôs ao meu lado, com uma pequena boina enterrada na cabeça loura. Tinha as faces coradas do esforço feito, os olhos amplamente abertos e vivos de entusiasmo, as narinas aflantes ao bafejo do ar salino. Seus olhos castanhos lembravam os da corça arisca. Neles vi um toque agudo e selvagem que eu jamais percebera. Seus lábios entreabriam-se e sua respiração parou no momento em que a "Ghost", depois do avanço para a praia, se fez de volta, e de velas cheias penetrou na água alta sem mais perigo.

O meu aprendizado de primeiro oficial duma escuna de caça foi-me então precioso. Manobrei com segurança, fazendo a escuna meter-se de rumo ao mar alto. A "Ghost" aflava finalmente ao ritmo poderoso do oceano, subindo e descendo com o movimento das vagas. O dia começara calmo e encoberto, mas num prenúncio feliz o sol acabava de irromper dentre as nuvens, brilhando sobre a praia onde havíamos desafiado os sultões dos haréns de focas e caçado dúzias de *holluschickies*. Toda a ilha Endeavor enchera-se de sol.

O próprio promontório que ficava a sudoeste, de tão feroz aspecto, perdera a catadura hostil; nos pontos onde a água do mar empapava o solo havia cintilações de prata.

— Sempre me recordarei de tudo isto com imenso orgulho! murmurei para Maud, comovido.

Ela sacudiu a cabeça loura e exclamou:

— Querida ilha Endeavor, que infinita ternura sempre terei para contigo!

— E que direi eu? acrescentei com ímpeto.

Parecia que nossos olhos fossem encontrar-se num derrame de simpatia — mas fugiram uns dos outros ainda dessa vez.

Houve um silêncio incômodo, que rompi com uma observação:

— Olhe lá aquelas enormes nuvens a barlavento! Bem vi ontem que o barômetro

estava caindo.

— E o sol começa a desaparecer, disse ela com os olhos ainda fixos na ilha onde havíamos provado a nossa força de dominação da matéria e alcançado o máximo de camaradagem possível entre homem e mulher.

— E vamos de caminho ao Japão. Um belo vento e uma vela cheia é tudo.

Amarrando a roda do leme, corri à bujarrona e à vela grande, que manobrei de modo a apanhar a brisa de quarto que tínhamos no momento. Era uma brisa muito viva, que resolvi aproveitar o mais que pudesse. Infelizmente quando se corre à toda não é possível deixar a roda do leme amarrada — e tive de passar a noite inteira no governo. Maud insistiu em render-me, mas logo verificou não possuir a força necessária para sustentar a roda em mar grosso. Desapontada com isso, foi enrolar cordas, cabos e estais que andavam por ali em desordem. Incumbia-lhe ainda preparar as refeições, arrumar as cabinas e atender a Lobo Larsen.

Fiquei a noite inteira ao leme sem um instante de folga; o vento crescia e o mar ia-se fazendo cada vez mais grosso. Às cinco da manhã Maud trouxe-me café com bolos por ela mesma preparados e às sete horas um excelente almoço deu-me vida nova.

Durante o correr do dia o vento foi subindo de ponto. Aquilo impressionava — aquela firme determinação de soprar, soprar, soprar sempre. E a "Ghost" corria deixando atrás de si uma longa esteira de espuma. Carreira excelente, que avalei em dez nós por hora. Mas ao cair da tarde senti-me exausto. A despeito do meu ótimo estado de saúde, um esforço contínuo de trinta e seis horas era demais para a minha resistência. Além disso Maud suplicou-me que descansasse, e eu sabia que se o vento crescesse durante a noite todo o repouso tornar-se-me-ia impossível. Assim, tratei de pôr a escuna em repouso com relação ao vento.

Mas eu não havia medido às certas o trabalho colossal que seria para um só homem rizar três velas, e quando o barco voava com o vento a favor não pude calcular-lhe a força; mas assim que parou de correr vi com desespero que era vento muito mais forte do que eu supusera. Impossível manobrar o velame; a violência do ar arrancava-me a lona das mãos, inutilizando todos os meus esforços.

Às oito da noite apenas havia conseguido meter o segundo riz na bujarrona. Continuei a insistir e às onze não havia dado um passo a mais. E com as mãos em mísero estado, sangrentas, as unhas lascadas, chorei de dor e desespero às escondidas de Maud.

Depois, desesperado, desisti da tentativa de rizar a vela grande, resolvendo experimentar com a bujarrona. Três horas lutei nessa empreitada e às duas da manhã, semimorto, com a vida quase a abandonar-me, vi-me apenas com o alento necessário

para compreender que tinha conseguido o desejado. A bujarrona ia funcionar com três rizes — e funcionou. A "Ghost" escorou o vento, sem tendências para ademar.

Eu estava verdadeiramente faminto; no entanto Maud tentou vãmente alimentar-me. Tamanho era o cansaço que eu cochilava com a boca cheia. Cabeceava de sono quando levava a comida à boca; mastigava a meio e readormecia — e acordava de sobressalto para prosseguir na mastigação. Maud teve de segurar-me na cadeira; do contrário eu teria vindo ao chão dez vezes.

Nada percebi na ida da cozinha para a cabina. Tomara-me um sonâmbulo guiado por Maud. E de fato de nada mais tive consciência até que despertei, depois de não sei quanto tempo, em minha cama. Era noite escura e eu me sentia ainda enrijado e esmoído, a ponto de gemer de dor quando as pontas dos meus dedos esfolavam as cobertas. Ainda não amanheceu, pensei e adormeci de novo.

Logo depois acordei novamente. Risquei um fósforo. Meu relógio marcava meia-noite. Que história? Eu recolhera-me às três... Mas logo compreendi tudo: havia dormido quase vinte e quatro horas. Fiquei ainda na cama a atentar no movimento da "Ghost"; o vento esfuziava na cobertura; as ondas batiam. Voltei-me sobre o outro lado e ainda dormi até dia claro.

Quando me levantei às sete horas e deixei o camarote, não vi sinal de Maud. Imaginei que estivesse na cozinha a preparar o almoço. Na cobertura notei que a escuna estava a comportar-se magnificamente. Fui à cozinha: fogo aceso, água a ferver, mas nada de Maud.

Fui encontrá-la na timoneira ao lado da cama de Lobo Larsen. Olhei para ele — para o homem terrível que fora projetado dum ápice supremo de vida para aquele miserável fim, pior que a morte. A expressão do rosto estava como que parada. Maud trocou um olhar comigo e tudo compreendi.

— Sua vida soçobrou durante o temporal, murmurei. — Não! Ele ainda vive, quis Maud com um infinito de fé na voz.

— Seu corpo tinha força demais.

— Sim, mas agora essa força excessiva não o atormenta. Seu espírito está liberto da prisão da carne.

— Acredito, concordei — e tomando-lhe a mão levei-a para o convés.

A tempestade atingira o apogeu durante a noite e ia no fim. Na manhã seguinte, quando icei para a cobertura o cadáver de Lobo Larsen já preparado para a imersão na sepultura do oceano, ainda soprava vento forte e havia mar grosso. O convés era com frequência lavado a relhadas de ondas. Súbito, um sacão mais forte de vento, uma guinada violenta e tivemos na cobertura água até à altura dos joelhos

— Lembro-me só duma parte do serviço fúnebre, murmurei, e é: "E o corpo será lançado ao mar".

Maud olhou-me surpresa e desconcertada; mas o espírito da cena a que eu havia assistido meses antes estava pairando sobre mim, e impelia-me a dar a Lobo Larsen o mesmo serviço fúnebre que ele dera a outro homem. Ergui a extremidade da prancha na qual estava o cadáver ensacado em lonas — e de pés para a frente lá deslizou ele para dentro do mar. Um peso de ferro levou-o ao fundo. E Lobo Larsen foi-se...

— Adeus, Lúcifer, espírito do orgulho! murmurou Maud tão baixinho que o vento lhe absorveu as palavras; adivinhei-as apenas pelo movimento dos lábios.

Enquanto nos agarrávamos à amurada, de rumo à proa, aos cambaleios, aconteceu-me olhar para sotavento, num instante em que a "Ghost" era erguida por uma grande onda — e vi ao longe a mancha dum vaporzinho. Um vaporzinho pintado de preto — e logo me veio à mente o que ouvira aos marinheiros sobre contrabandistas e barcos de perseguição a contrabandistas. Evidentemente tratava-se dum "cutter" do governo americano. Apontei-o para Maud e conduzi-a em atropelo para um lugar seguro na popa.

Corri para o armário onde se guardavam as bandeiras de sinais — a caminho, porém, lembrei-me que ao armar os mastros me esquecera de meter as adriças onde são içadas as flâmulas.

— Não precisamos içar sinal de socorro, sugeriu Maud. Basta que eles vejam a nossa escuna para que compreendam tudo.

— Estamos salvos, murmurei sóbria e solenemente; e depois, na exuberância da alegria: Mas não sei se deva ficar contente ou não...

Olhei para Maud. Nossos olhares dessa vez não se evitaram. Inclino-nos um para o outro — e antes que eu pudesse refletir já meus braços a enlaçavam.

— Será preciso que eu... fui dizendo; mas Maud interrompeu-me:

— Não é preciso dizer nada, embora me fosse tão delicioso ouvi-lo.

Seus lábios correm ponderam à pressão dos meus — e nesse momento, por não sei que estranho passe de imaginação, a cena da cabina da "Ghost" fulgurou em minha memória. Ela, porém, pôs os dedos sobre os meus lábios, ciciando: "Hush, hush"!

— Minha mulher, minha única mulherzinha! sussurrei, acarinhando-lhe a face num gesto de amor que todos os apaixonados conhecem de intuição.

— Meu homem! respondeu ela — e suas pálpebras trêmulas velaram-lhe os olhos enquanto a loura cabeça descia a apoiar-se em meu peito.

Olhei na direção do "cutter". Vinha perto. Um bote estava sendo arriado.

— Um beijo, querida, murmurei. Um beijo mais antes que eles nos salvem

— Antes que nos salvem de nós mesmos! Completou Maud, iluminada dum sorriso de puro amor.

FIM